

Romance Espírita

Alma Gêmea de Minha Alma

Ultrapassando os limites da vida física

José Antonio Sola Gomes



Confraria dos Livros Bons



Alma Gêmea de Minha Alma
Ultrapassando os limites da vida física

Confraria dos Livros Bons

© 2013, Direitos de Publicação: GEEC Publicação

É proibido a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio ou procedimento, incluindo a reprografia e os programas informáticos, sem a autorização por escrito da editora.

Revisão: Mauro Eustáquio Ferreira

Projeto gráfico/ desenho gráfico e idealização de capa: Elis cordeiro Dias

Produção do e-book: Schaffer Editorial

▪

684a

Gomes, José Antônio Sola

Alma gêmea da minha alma / José Antônio Sola Gomes - Divinópolis: Grupo Educação, Ética e Cidadania, 2013.

ISBN 978-85-98107-30-1

1. Literatura brasileira - Romance. 2. Romance espírita. I. Alma gêmea de minha alma

CDD: B869.3

▪

Confraria dos Livros Bons

Pensando na educação, na ética, na cidadania, na paz, nos direitos humanos, na democracia, na alteridade e em outros valores universais, por meio da racionalidade, promovendo a vida do cidadão de hoje e suas futuras gerações, foi que pensamos em apresentar a você livros espíritas de excelente qualidade e diversidade.

Aproveite e viaje na leitura dos livros:

doutrinários, romances e infantis.

Boa viagem!

Saiba mais em:

www.geec.org.br

Confraria dos Livros Bons

Descrição da Capa

A CAPA DA PRESENTE OBRA POSSUI UM ROMANTISMO ENVOLVENTE QUE TRANSMITE PARA OS LEITORES A REFLEXÃO SOBRE PSICOMETRIA.

O AMOR REVELADO SUPERA TODAS AS BARREIRAS DA VIDA FÍSICA, QUE É A PROVA DA GRANDE HISTÓRIA ESCRITA PELO AUTOR .

Nesta versão eletrônica, a numeração de algumas das páginas não segue rigorosamente a da versão impressa, pois as páginas em branco e as meramente ilustrativas foram removidas.

Confraria dos Livros Bons

Sumário

Primeiro capítulo

Compromissos assumidos

Segundo capítulo

A Lei Divina não castiga, mas corrige

Terceiro capítulo

Retorno

Dedicatória

Meu infinito e eterno amor, divinamente apaixonado por você, escrevi este romance, que fala de duas almas apaixonadas, assim como nós o somos.

Meu anjo, eu não posso viver sem você! Sem você, a minha vida não tem sentido, minha eternidade é vazia.

Para que me serviria uma eternidade se você não estivesse ao meu lado, porque é você, amor eterno de minha vida, que me complementa, que me completa a existência. Só você tem a magia divina desse amor que me inebria as fibras mais íntimas da alma.

Mas, embora eu não seja escritor e tampouco poeta, inspirado em você, eu me supero. Descubro valores que, provavelmente, já os haja vivido em vidas anteriores. E, então, me atrevo a tentar. E, tentando, eu consigo. Porque você é e será sempre a fonte eterna das minhas inspirações.

Meu eterno amor, escrevi um verso singelo, mas que, na singeleza dele, irradia infinito amor pela linda mulher que Deus me deu.

Você, moreninha jambo de olhinhos puxadinhos, de minha eternidade!

Alma gêmea

▪

Em minha juventude eu te aguardava,
mas sequer tua imagem podia definir.

E nesta incerteza me demorava,
esperando que a incerteza viesse dirimir.

E à noite incerto me demorava
a auscultar estrelas no infinito.

Na certeza de que numa delas te encontravas
e tranquilizarias meu coração aflito.

Quando minhas esperanças desvaneciam-se,
eu imaginava, selada, estivesse minha solidão.

Eis que, como um anjo de luz, me aparecias,
fazendo minha alma vibrar de amor e emoção.

Alma gêmea de minha alma! Razão de ser de minha vida!

A flor mais linda no jardim de minha eternidade és minha, mulher querida!

Sublime estrela descida das belezas da amplidão!

Dos esplendores do infinito, é teu meu coração.

Em meu caminhar na solidão,

chegaste devagarinho,

enchendo minha alma de emoção,
quedando-te eternamente a mim juntinho.
Alma querida! Sem ti não posso viver.
A eternidade, sem ti, seria vazia.
Sem ti, minha eternidade seria um eterno sofrer.
Sequer posso imaginar minha vida sem ti, pois feliz eu jamais seria.
Mas, por que devanear nas possibilidades incertas,
pois sabemos nos pertencer à eternidade?
És definitivamente minha, somente minha.
Na eternidade sou teu e tu és a minha sublime realidade.
Estarás comigo na eternidade,
serás minha para todo o sempre.
Estaremos eternamente juntos, meu amor!
É verdade.
Serei teu eternamente.
Meu infinito amor,
viestes à Terra reencontrar-te comigo
no dia vinte e oito de março,
pois essa é a data do teu aniversário.
E eu dedico a ti este romance,
como homenagem à linda mulher que Deus me deu.

Parabéns, meu eterno amor!

De seu infinito e eterno apaixonado.

Prefácio

■

Prezados leitores, finalmente somos apresentados com o primeiro livro lançado pelo já conhecido escritor José Sola. Isso porque, comumente, temos os artigos dele – por vezes polêmicos –, divulgados na revista Espiritismo & Ciência, na revista O Consolador e noutros órgãos divulgadores da doutrina espírita. Sempre defendendo os postulados básicos do Espiritismo.

Este romance informa-nos que temos o livre-arbítrio e que o transformamos em libertinagem porque abusamos dessa liberdade. Vivemos os prazeres ilusórios da matéria. Entretanto, acabamos sofrendo as consequências dessas transgressões nas trevas.

Mas, como a misericórdia de Deus é infinita, somos socorridos e é-nos ofertada a bênção de continuarmos nossa ascensão a caminho da eternidade.

Mediante o romance Alma gêmea de minha alma, Sola convida-nos a uma viagem que se inicia em 11 de outubro de 1729 na Fazenda Sol da Primavera. Viagem essa que nos leva ao Brasil da época da escravidão, em que, sob as diretrizes da Igreja Católica, tratávamos nossos irmãos como animais.

Teremos a oportunidade de presenciar temas políticos como o Comunismo, mesmo que a palavra em si tenha surgido apenas em 1827. Contudo, o conceito de comunismo já existia muito antes disso.

Embarcaremos também num pluriforme mundo além da vida física, através das

zonas umbralinas e de colônias espirituais, trazendo-nos à percepção o quão grandioso é o trabalho desenvolvido pela espiritualidade antes de nosso reencarne.

Deus ofereceu-nos e oferece-nos todos os meios para evoluirmos mediante a Providência Divina. Ele colocou a Terra na órbita do Sol, o qual nos fecunda a vida. Ele nos facultou o livre-arbítrio, outorgando-nos o direito de construirmos a felicidade que nos está reservada como uma fatalidade eterna na vida.

Mas, infelizmente, demoramo-nos, arredios aos desígnios do Criador, preferindo mergulhar nossas almas em trevas, acalentando os mais torpes vícios e as mais obscuras paixões.

Aqueles de nós que, mais amadurecidos, utilizamos nossa inteligência para oprimir, para subjugar os que se demoram maturando este atributo outorgado por Deus. Escravizamos. E não nos referimos aqui tão somente à escravatura negra, pois tivemos escravos de todas as raças, principalmente aqueles povos que eram denominados de bárbaros.

E será que nós somos verdadeiramente livres? Quando o formos, desataremos os irmãos que nos rodeiam, de quem exigimos preferências e atenções. Haveremos maturado o amor. E apenas quem ama é verdadeiramente inteligente, porque entende os desígnios de Deus na vida e sabe que qualquer transgressão da Lei Divina redundará em sofrimentos e trevas.

Sobretudo, o romance Alma gêmea de minha alma convida-nos à responsabilidade pelas nossas atitudes, essas que muitas vezes ninguém vê, mas que jamais passam despercebidas pela Providência Divina.

Ao ler este romance, senti-me envolvida por ele. Em alguns momentos pareceu-me que eu fazia parte da história.

Fique à vontade e faça um bom proveito dessa leitura, porque, além de ser um enredo embriagante, também é rico em informações. Muitas delas fogem à ortodoxia viciada em que nos demoramos, mas, com certeza, estão sempre atentas à lógica e à razão.

Sandra Joyce



Primeiro capítulo

Compromissos assumidos

Foi numa manhã de primavera, um lindo domingo, 11 de outubro de 1729. A luz do Sol clareava os prados, as árvores e os jardins. As flores estavam presentes, aromatizando a vida.

Aquela manhã tornou-se inesquecível em minha eternidade, porque foi nela que encontrei minha alma gêmea.

Eu digo encontrei, mas foi um reencontro. Reencontro que deveria definir a nossa caminhada.

Entretanto, não soube vencer meus ímpetos de paixão e aventurei-me a um amor que, de momento, eu não poderia manifestar, permitindo-nos aos arrojos da paixão. O amor de minha eternidade e eu. Porque nós éramos comprometidos com outros parceiros. Estávamos ligados a outras almas, almas que havíamos prejudicado em vidas anteriores, e tínhamos que lhes devolver o que lhes havíamos roubado: o respeito, a dignidade e a paz.

Traímos, porém, os nossos compromissos e arrojamo-nos a uma aventura amorosa, que nos levaria ao crime nefando, covarde, mesmo.

Mas vamos fazer um interregno em nossa narrativa, pois estou descrevendo as aventuras e desventuras de nossa vida sem fazer a necessária apresentação.

E entendo que é desagradável ouvir relatos em que não se defina a fonte.

Vou apenas apresentar os protagonistas principais deste enredo – quisera Deus não o fôssemos! –: eu, minha alma gêmea e os nossos cônjuges. Os demais personagens serão definidos no desenrolar dos acontecimentos.

Naquela existência eu respondia pelo nome de Júlio César Carraro. Era professor. Minha profissão, na época, era respeitada, era sinônimo de cultura e de saber. Casado com Maria Antonieta Carraro, mulher dinâmica, irrequieta, mesmo, que se demorava envolta com a política da época, partidária fanática do Comunismo, embora ele ainda não houvesse acontecido na vida política. Usando essa terminologia – pois a palavra comunismo surgira em 1827 mediante Robert Owen –, ela estava sempre insatisfeita com o regime político vigente, o que nos causava muitos desentendimentos. Eu discordava da ideologia dela, embora desejasse a libertação do Brasil, vendo-o livre do jugo dos portugueses.

Eu não percebia no socialismo a solução para os problemas intrincados da nossa pátria, porque, embora na época, não houvesse ainda desenvolvido as minhas percepções para o campo da filosofia espírita, percebia que a vida a manifestar-se de Deus nos propiciava o livre-arbítrio e não entendia como um regime político que correspondesse à evolução da sociedade pudesse ser realmente bom se ele cerceava a liberdade do ser humano em benefício da vontade de uma única pessoa, mesmo que associada à vontade de alguns outros indivíduos.

Minha alma gêmea chamava-se Isabel Cristina Gomes da Silva. Era uma fazendeira latifundiária, herdeira de muitas terras. Mesmo sendo possuidora de uma imensa fortuna, não era uma mulher de índole má, gananciosa, embora estivesse sempre à frente das atividades que os latifúndios exigem.

Era uma mulher tolerante, paciente, mesmo. Tratava os escravos com humanismo. Entretanto, deixava claro que quem governava os bens que possuía era ela. Sem dúvida que o esposo, Joaquim Antunes Gomes de Oliveira, participava das ações. Mas as decisões cabiam a ela, porque ele não era muito dado ao trabalho.

Isabel Cristina herdara a Fazenda Sol da Primavera dos próprios pais. Era uma herança de família.

Os bisavós paternos eram portugueses. Quando chegaram ao Brasil, adquiriram a fazenda com algumas reservas que trouxeram da pátria-mãe. O casal teve um único filho, Manuel da Silva, o avô paterno de Cristina.

A cor tentadora de meu eterno amor, porém, ela a havia herdado da avó, que era uma índia bugre, por quem o aventureiro avô se apaixonara, adquirindo-a. Ele a obteve com presentes ofertados ao pai da moça. Dez cabeças de cavalo puro-sangue.

O avô de Cristina estava, mesmo, apaixonado pela índia, pois o presente fora de um valor significativamente alto. Mas, com certeza, ela valia tudo aquilo e algo mais, porque, graças à beleza que a herdeira Cristina apresentava, valia a pena até, mesmo, presentear o pai da moça com a fazenda e ir morar com ela debaixo de uma tenda bugre.

Os pais de Isabel eram brasileiros. O pai chamava-se Antônio da Silva e a mãe, Luzia Gomes da Silva. Desencarnaram logo após o casamento da filha única.

Meu amor era filha única, herdeira absoluta da fazenda. O desencarne dos pais

dera-se por causa de um acidente que sofreram quando se dirigiam à cidade numa carruagem, conforme as informações que Isabel me passara.

Uma cobra teria assustado os animais, que dispararam e, como consequência, a carruagem despencara num abismo, tirando a vida dos pais de Isabel.

Nosso amigo Joaquim Antunes tinha as próprias origens na plebe. No entanto, era um aventureiro arrojado e, pelo porte esbelto e forte, despertou em Isabel uma grande paixão, a qual acabou por levá-los ao enlace matrimonial. Essas coisas acontecem muito na craveira humana, pois comumente nos apaixonamos pelas aparências físicas, não nos atentando para os dotes morais, para o sentimento do amor puro, ou seja, amor-essência, aquele amor que não se esmorece, não se extingue, quando a forma física vai perdendo a beleza, o vigor. Ao contrário, independentemente das aparências do corpo, de matéria, o amor se fortalece sempre mais.

Após as necessárias apresentações, continuemos apresentando nosso enredo.

Eu dizia, a princípio, que a manhã de 11 de outubro de 1729 tornara-se a manhã inesquecível de minha vida. E realmente é.

Havíamos reencarnado com compromissos assumidos na espiritualidade maior. Havíamos compreendido que nos amávamos muito um ao outro. Entretanto, ainda não merecíamos a bênção de permanecermos juntos, usufruindo as delícias do amor sem limites, porque, em nossa existência anterior, nos havíamos demorado egoístas, no que se concerne à felicidade. E enlaçados pelos laços de um amor que deveria ser sublime, transformamos em um inferno triste e doloroso a vida de almas que compartilhavam conosco a bênção da existência. Causamos muitas infelicidades.

Exploramos aquelas almas, por entender, em nosso egoísmo e em nossa vaidade, que possuíamos direitos especiais à felicidade, como sucede a muitos que acreditam que são privilegiados por Deus.

Estávamos vivenciando o nosso primeiro encontro naquela nova existência física. O encontro, porém, não acontecia para permitir-nos o relacionamento amoroso de imediato, mas, para revermos nossas transgressões. Infelizmente, eu entendi tudo errado.

Não necessito dizer – e tampouco me é possível – o que senti quando lancei o meu olhar naquela mulher. Meu coração parecia que ia sofrer uma disritmia. A presença dela fez minha alma fremir com uma emoção incontida e inexplicável. E foi natural que isso acontecesse, porque somos almas gêmeas.

Entretanto, eu não devia dar asas ao meu sentimento. Eu era casado e ela, também.

Devia procurar conter minhas emoções, mas o sentimento que trazia na alma, associado à beleza física de que ela era dotada – morena jambo, como dizem alguns homens, da cor do pecado – me acordaram as paixões inferiores que ainda dormitavam em minha alma. E mais uma vez a minha fraqueza espiritual se apoderou de mim. E permiti que a minha mente se detivesse em devaneios proibidos.

Notei que Isabel também havia sentido algo a meu respeito, porque, após alguns momentos em que se demorou com os olhos fixos em mim, notando que eu também a observava, desviou o olhar e, por ser uma mulher digna, fiel ao esposo... ou ela era mais resistente às tendências do passado ou houvera

desenvolvido menos a sensibilidade e as lembranças intuitivas se manifestavam com menor intensidade... Então, procurou ausentar-se de minha presença, afastando-se para outra parte do átrio, deixando-se quedar em confabulação com a amiga Marieta, esposa de Jean Bernard, o amigo que me havia convidado para aquele passeio à fazenda.

Independentemente de haver desenvolvido uma menor sensibilidade, temos a considerar que a mulher acordada para a dignidade e para o respeito é mais contida e mais atenta aos compromissos matrimoniais do que o homem. Ela sofre em decorrência dos sentimentos incontidos em que se demora envolta, mas luta contra eles no intento de cumprir os votos de fidelidade que manifestara aos pés do altar.

Vejamos! Eu disse uma mulher digna e honesta. Não me reporte a qualquer mulher. Mas, como a paixão que eu desenvolvera momentaneamente em minha alma era avassaladora e porque Isabel percebera isso, ela resistiu às minhas investidas, embora não lhes fosse indiferente. Prometi a mim mesmo que a teria em minha vida, pois minhas percepções masculinas me diziam que ela me amava.

– Vamos dar um passeio pela fazenda? – disse-nos nosso amigo Joaquim Antunes –. Vamos apreciar as belezas que ela nos oferece!

Ao apresentar-nos esse convite para que percorrêssemos a fazenda, descobrindo as maravilhas com que ela nos presentearia, Joaquim Antunes o fez de uma maneira tão cortês que seria impossível rejeitá-lo.

Mas, por que não confessar?! Eu adorei a oportunidade, pois nenhum de nós poderia ocultar-se. Estaríamos todos expostos. E eu poderia apreciar melhor aquela mulher que, havia pouco, me era desconhecida e que, agora, me era o

centro único das atenções, porque ela havia se tornado o objeto exclusivo do meu pensamento.

Infelizmente, minha mente já começava a maquinar uma possibilidade de estar a sós com ela. E como o homem é fraco!... Em minha mente eu já desenvolvia imagens em que me demorava a beijá-la.

Aproveitando uma oportunidade melhor que surgira, apresentei um galanteio a ela, dizendo-lhe:

– Isabel, saiba que você é uma mulher linda?! Nunca em minha vida eu encontrei uma mulher tão linda quanto você! A sua beleza me deixou extasiado – com todo o respeito! –, porque nunca vi ninguém igual. Você é, sem dúvida alguma, uma obra-prima do Criador! Não sei se já lhe disseram, mas você é uma deusa!

Ela, corando, me respondeu:

– Júlio, agradeço. Você também é bonito e simpático. Entretanto, os galanteios dos homens eu já os conheço. E, além do mais, eu já sou casada. E você o sabe. Somos casados. Pois você também o é. Então, aceito o seu galanteio como um ato de simpatia da sua parte, mesmo porque, você o fez de uma forma respeitosa.

Eu notei que a minha declaração de beleza havia mexido com as sensações mais íntimas daquela mulher. Então, disse a ela:

– Eu desejo voltar mais vezes a esta fazenda. Você concorda? Ou não sou bem-vindo aqui? Não quero aborrecê-la, porque isso seria a última coisa que eu faria na vida. Meus sentimentos me dizem que eu a amo muito. E, com certeza, não estou enganado. Espero, um dia, receber dos seus lábios uma declaração igual a esta que lhe apresentei.

– Júlio, eu sou casada e não pretendo quebrar o juramento que fiz ao pé do altar. Não sei do futuro, mas, de momento, não desejo encorajá-lo, pois vejo que é impossível qualquer aventura amorosa entre nós. Mas – se o que vou lhe dizer servir de consolo – também sinto uma sensação de amor por você. Infelizmente, porém, o nosso encontro aconteceu tarde. Se estivéssemos livres, eu lhe responderia sim. Eu o amo! Mas, como somos comprometidos, vamos conter nossos sentimentos para não ferir os nossos cônjuges.

– Isabel, eu acredito que pensar é viver. E eu a conheci ainda hoje, há poucos momentos. Entretanto, eu não consigo parar de pensar em você. Como já lhe disse, você me ocupou a mente, me envolveu a alma, me dominou o coração. E isso que lhe estou afirmando não é fruto de um galanteio destituído de sentimentos verdadeiros. Tenho certeza de que não me demoro atraído apenas pela sua beleza, que é divina! Sinto que, assim, procedo por amá-la de todo o meu coração. E pelo que já percebi – e você já me confirmou este fato –, você também me ama. Por que fingirmos fidelidade aos nossos cônjuges?

– Júlio, realmente, negar que sinto amor por você seria negar a verdade. Entretanto, embora hajamos despertado este sentimento um pelo outro, entendo que, se não nos dermos fisicamente um ao outro, não estaremos vivenciando a infidelidade. Ela aconteceria se nos lançássemos um nos braços do outro. Por favor, compreenda e facilite a nossa situação! O melhor para nós dois é não nos vermos mais. Temos que resistir à tentação que nos envolve.

Aquelas palavras fizeram-me feliz, encantado, mesmo, porque ela havia declarado que me amava. Entretanto, estava apresentando resistência, por ser

uma mulher digna e honesta. As palavras e a atitude dela fizeram-me ainda mais apaixonado. Eu sentia que, realmente, era ela a mulher da minha vida.

Mas tivemos que modificar o curso da nossa conversação, porque o esposo dela se juntara a nós, dando-lhe um beijinho no rosto, o que me provocou ciúmes, como se eu fosse o homem da vida de Isabel. Era-o perante a eternidade. Mas, no momento, não.

– Isabel! Está tudo bem, querida?

– Tudo, Joaquim, meu amor!

– Precisamos fazer isto mais vezes, só nós dois juntos! – disse Joaquim.

– Pois, então, não percamos tempo! Porque a minha vida sempre esteve ao seu dispor. Você é que não tem sabido explorá-la.

– Tudo bem! Conversamos sobre as nossas particularidades mais tarde. Agora vamos voltar à nossa atenção para os nossos visitantes.

Fiquei um pouco abalado, porque esse diálogo me pareceu tão aconchegante e, ao mesmo tempo, tão promissor...

Então, para aliviar as minhas incertezas, vieram-me, de imediato, as palavras de Isabel, quando ela afirmou que me amava, mas que, infelizmente, eu houvera

chegado tarde. E eu entendia que isso não era um problema. A gente, com jeitinho, resolveria.

Terminamos o passeio, por sinal muito bonito, porque a fazenda, embora destinada à plantação de café, era também muito rica em plantações de cereais, verduras, frutas e outras variedades.

No entanto, as minhas intenções de reaproximar-me de Isabel foram frustradas. Noutras oportunidades em que tive de aproximar-me dela, apresentei-lhe alguns galanteios, mas eles foram respondidos com educação e respeito, sempre evasivos, sem qualquer encorajamento a uma investida mais direta, mesmo porque sempre havia alguém por perto, embora eu me apercebesse que ela estava subordinando os sentimentos, a moral e a dignidade de que era possuída, porque a expressão dela, a inquietude quando estava na minha presença, lhe traía os sentimentos. O meu olhar fixo tornava-a corada, embora não desejando. Mas ela deixava claro que a minha declaração de amor havia mexido com os próprios sentimentos.

Voltamos para o casarão. Assim era conhecida a casa de Joaquim e Isabel.

Iniciamos um almoço delicioso, daqueles que só acontecem quando a comida é feita em fogão a lenha e, principalmente, quando preparada pelas mãos de uma preta velha, que aplica todo o capricho no desejo de continuar contando com a graça dos próprios escravocratas. Mas, muitas vezes, quando os patrões eram complacentes – nem diremos amorosos, mas humanos –, quando tratavam bem os escravos, estes se lhes afeiçoavam e passavam a amá-los, se tornavam os proprietários da vida deles, porque o escravocrata tinha o negro como um objeto de posse, exceto raras exceções.

Em muitas fazendas do Brasil os escravos esposos eram separados das esposas

como se fossem animais. Rompia-se o enlace sentimental desses homens e mulheres. Apenas era permitido às mulheres relacionarem-se com um escravo escolhido. Escolhia-se um negro sadio e forte, que era tratado como se trata um animal reprodutor, puro-sangue, e os filhos do relacionamento ou se tornavam os futuros escravos para trabalhar na fazenda ou eram vendidos sem piedade, como se fossem animais.

Entretanto, na fazenda de Isabel esse tipo de procedimento não acontecia, porque ela era totalmente oposta à prática dessas atitudes, que ela considerava cruéis.

Terminamos o repasto suculento e saboroso e já àquela hora o Sol começava a declinar-se no horizonte. Tínhamos que nos despedir do casal para voltar aos nossos lares, porque no dia seguinte a vida iria dar curso. E competia-nos desempenhar nossa tarefa, exercer nossa atividade profissional.

Mas eu já havia premeditado voltar. Não poderia desistir assim tão fácil da mulher que se tornara o objeto da minha obsessão.

Então, na minha despedida, elogiei muitíssimo a fazenda, o trabalho dos proprietários, e pedi a Joaquim a oportunidade de voltar outras vezes. Ele, sem atentar para a víbora que eu alimentava na alma – pois meu amor associado à paixão cega se transformara numa serpente venenosa – aquiesceu.

Após as despedidas, pegamos a carruagem que nos levaria de retorno para casa. Meus amigos estavam exultantes de felicidade, porque o passeio fora realmente agradável, permitindo-nos fugir um pouco da burocracia e do burburinho da cidade – embora não fosse uma cidade grande, possuía um cartório, uma igreja, uma escola etc. – e propiciando-nos um dia maravilhoso junto à natureza.

Minha mente, porém, estava ocupada com outros pensamentos, demorava-me taciturno, não aceitava a possibilidade de perder a mulher que se transformara para mim numa obsessão. O fato de ela não ter me correspondido de forma direta fazia-me sentir humilhado, pois, no meu entender, ela deveria haver me aceitado de imediato.

Para que me reservar esperanças futuras? Além do mais ela não me confiara esperanças, apenas afirmou que me amava. Nosso relacionamento era impossível...

Eu estava sem vontade alguma de conversar durante a viagem de volta.

Meu amigo e a esposa dele deixaram-me à porta de minha casa. Despedi-me dos amigos, alegando uma enxaqueca qualquer, no intento de justificar minha pouca disposição para o diálogo. Os amigos recomendaram-me melhoras e eu entrei.

Eram 19h30min. Notei que minha esposa ainda não havia voltado de alguma reunião política. Entretanto, não me sentia preocupado, porque essa atitude da parte dela era contumaz. Deixei-me jogar no sofá e dei asas ao pensamento. Alguns pensamentos de remorso pela minha atitude tentaram antepor-se à minha intenção infeliz. Entretanto, eu os rechacei, não dando a mínima oportunidade para que aqueles pensamentos me mudassem o comportamento da alma. Como antídoto a esses vírus que eu considerava nocivos, apresentei as mais diversas justificativas que buscara nas convenções sociais. E tudo me levava para a ideia-chave: você é homem.

Naquele tempo – e mesmo há alguns anos – a sociedade vivia o preconceito machista de que o homem podia tudo, podia viver aventuras extraconjugais, sair e voltar quando bem entendesse, porque a concepção em que a sociedade se demorava era a de que o homem é superior à mulher. E eu, sendo homem, estava

no direito de viver aventuras com outra mulher. Tanto que isso eu já vivia, embora fossem aventuras passageiras. Aquela que eu pretendia viver, porém, não seria passageira. Tanto é verdade que jamais outra mulher escravizaria o meu pensamento e a minha alma, como estava acontecendo naquele momento.

Eram 29h30min quando Maria Antonieta chegou em casa. Resmungou-me um “boa noite!”, ao que eu respondi também sem muito entusiasmo. Sentou-se no sofá ao meu lado e, tentando manter as aparências, deu-me um selinho e eu correspondi.

Perguntou-me como havia sido o meu dia e se havia valido a pena o meu passeio à fazenda. Eu lhe disse que sim, comentei a beleza da fazenda, a cordialidade dos proprietários dela, enfim, disse tudo que eu poderia dizer e que se adequasse ao que ela queria ouvir. Em seguida ela começou a falar das reuniões políticas e eu me dispus a ouvir. Mas não estava em condições emotivas para contrariar nada. Em outras palavras, acredito que ela deva ter entendido que eu estava aceitando os propósitos políticos dela.

E como não nos demoramos abandonados pelo plano divino, temos sempre em nossos momentos de fraqueza mentores amigos que intercedem a nosso favor. Naquela noite minha esposa estava mais ferosa. Ou, pelo menos, eu assim a percebia. Era como uma tentativa da espiritualidade de acordar em meu âmago um interesse maior por ela, no intento de esfriar-me a louca paixão que Isabel me acordara na alma. E acredito que a medida alcançou um êxito momentâneo, que me acalmou um pouco o ímpeto, porque a minha esposa era bonita, também morena.

Sabemos que, quando estamos vivenciando rugas no relacionamento, o sexo tem a função de levar-nos um de encontro ao outro. E instados pela necessidade de relacionarmos-nos, acabamos rearmonizando-nos.

Não resisti e disse a Beatriz:

– Você está bonita e atraente com esse vestido. Você me lembra a mulher que eu tive em meus braços em nossa lua de mel.

– Júlio, você também está elegante e atraente. Sinto por você os desejos que senti quando você me enlaçou nos braços pela primeira vez e me fez mulher.

Não resistimos.

Ditas aquelas palavras, nós nos atiramos um nos braços do outro, iniciando o nosso relacionamento. E assim nos demoramos até altas horas da noite. E, ao embalo da paixão avassaladora que nos envolveu, adormecemos.

No dia seguinte acordamos radiantes. A impressão que causávamos é a de que tudo estava bem entre nós, que não havia qualquer nuvem de desentendimento. Embora a imagem daquela deusa ainda ocupasse minha mente, comecei a repensar minhas atitudes, e detive-me mais moderado em meus pensamentos. Começava a pensar, mesmo, em lutar para esquecer aquela aventura, porque havia minha esposa, que também era bonita e atraente.

Para que me projetar numa aventura que provavelmente me causaria complicações e amarguras?

Enquanto me deixava quedar envolto em meus pensamentos, Maria Antonieta interrompeu-me, apresentando-me a seguinte pergunta:

– Júlio, não lhe parece que as forças celestes estão atuando a nosso favor, porque não me lembro de termos sentido esta atração um pelo outro, exceto em nossa lua de mel?

– Maria Antonieta, não sou muito afeito às religiões, mas, com sinceridade, eu acredito na intervenção do poder divino. O que eu não posso é acreditar no dogma do inferno eterno, do céu agraciado, principalmente, porque quem destina as almas para o céu ou para o inferno é o próprio ser humano. Deus, aceitando a decisão da representante dEle, a Igreja, só assina embaixo. Mas, mesmo assim, pensar em ir para o inferno me arrepia, me faz estremecer. Eu acho que deveria me aprofundar mais, procurando os porquês do sofrimento e da dor, porque eu tenho me demorado numa condição cômoda.

Eu não acredito no que afirmam as religiões, mas, infelizmente, não procuro a verdade. E acredito que ela esteja ao alcance de todos, não apenas a favor de alguns privilegiados. Sim, meu amor, as forças celestes se derramam sobre nós! Também sinto uma paz interior muito forte e vejo você com olhos de amor. Sinto um desejo ardente de possuí-la, de tê-la para sempre em meus braços. A sua presença de mulher me provoca uma sensação, um desejo, que há muito não acontecia.

Foi uma semana promissora. Em todas as noites, ao chegarmos em casa, Maria Antonieta e eu, após o jantar, nos demorávamos como um casal de namorados, reativando, mesmo, aquela paixão dos primeiros meses de casamento. Íamos a um salão assistir a um concerto musical ou passeávamos na praça da matriz. Voltávamos para casa e demorávamo-nos vivendo os preparativos que antecedem ao relacionamento íntimo. Amávamo-nos e adormecíamos agarradinhos. Parecia que estávamos em lua de mel. Era a intervenção dos mentores divinos, tentando fortalecer nosso relacionamento e auxiliando-nos para que déssemos um novo rumo ao destino de nossas vidas.

E naquele clima de apaixonados nós nos detínhamos.

Mas, se os mensageiros da luz nos auxiliam, trabalhando no sentido de encaminhar-nos para o bem, entidades infelizes não deixam por menos. Estão sempre atentas, no desejo de manter-nos presos à ignorância. Evidentemente que, juntando-se a essas entidades, outros espíritos, a quem prejudicamos em vidas anteriores, somam força no intento de perder-nos.

E o clima nas reuniões que minha esposa frequentava era negativo. Elas se desenvolviam num clima de vibrações pesadas. Não eram espíritos da envergadura espiritual de um anjo Ismael, de um Emanuel ou de outra qualquer entidade de luz. Eram espíritos ainda infelizes, que pleiteavam pelo atraso da humanidade, e outros que inadvertidamente abraçavam propósitos contrários à Lei Divina.

Temos o livre-arbítrio. Então, toda e qualquer política que expresse a intenção de cercear a liberdade do indivíduo está em contradição com as leis naturais.

Era natural que aquelas entidades não desejassem a nossa união, porque eu era contrário ao comunismo e à violência. E, se a minha esposa se afeiçoasse a mim, poderia deixar de viver a ideologia comunista. Então, instigaram os dirigentes do movimento a marcarem uma reunião para o domingo, cientes de que eu me sentiria contrariado e de que estariam afastando-nos um do outro, porque, afinal, eles não queriam a nossa felicidade. Se continuássemos nos entendendo, com certeza o programa de vingança que eles haviam traçado fracassaria.

Naquele íterim, Bernard, dialogando com o nosso mentor maior, disse:

– Amigo maravilhoso, eu acredito que já aplicamos a medida possível na intenção de socorrer nossos protegidos dos desvios que estavam tomando quanto aos propósitos de evolução que foram traçados para eles. Embora respeitando o livre-arbítrio deles, estivemos aguçando-lhes a atração sexual, o que, até certo ponto, funcionou. Acredito, porém, que não será suficiente o bastante para solidificar o sentimento de ambos e libertá-los de uma investida das sombras. As entidades interessadas em perdê-los estão programando uma nova investida.

– Amigo Bernard, embora nossa intercessão sempre os favoreça, nem sempre nos leva de imediato ao programado por nós e por eles, porque – embora se esqueçam – eles assumiram um compromisso. O que não devemos é esquecermo-nos de que eles – tanto quanto nós – estão contidos no mecanismo inexorável da evolução. Bernard, a evolução não dá saltos, não se faz legando lacunas ao passado. Ela requer experimentações e maturação de conhecimentos, a ponto de o ser eterno saciar-se de todo o conhecimento que um fenômeno ou um momento possa propiciar a ele. Apenas assim ele pode buscar novos valores no concerto da vida. Entretanto, ofertamos a Júlio e a Maria Antonieta apenas alguns momentos de aconchego. É natural que não puderam assimilá-los. Não nos esqueçamos de que o campo vibracional elaborado pelos dois é de um teor negativo, o que os torna mais predispostos a assimilarem as vibrações negativas do que as positivas. Meu amigo, jamais devemos tentar apressar o processo de evolução de quem quer que seja, porque essa atitude de nossa parte seria uma tentativa de violar o mecanismo da evolução. Verifique que o próprio Deus nos aguarda, sem pressa, pois não ignora que o mecanismo por Ele apresentado estará levando-nos à assimilação dos valores que a vida nos apresenta. Infelizmente, também sinto que vamos ter que esperar por novas oportunidades. Enquanto isso, devemos aproveitar as oportunidades do momento, o tanto quanto nos for possível. Elas não serão inúteis. Se eles não alcançaram ainda o de que necessitam para libertar-se das experiências dolorosas, é porque existem lacunas vazias no campo das vivências em que se demoram, aguardando ser preenchidas. Fiz-me entendido?

– Sim, mentor amigo! Esta é uma questão complexa. Mas, ao mesmo tempo, é maravilhosa! Realmente, não temos como burlar o mecanismo da evolução e os desígnios da Lei Divina, ainda que o queiramos, porque, como você disse,

estamos contidos neste contexto.

Enquanto isso, as entidades sombrias, cientes de que o campo vibracional as favorecia, programavam, entusiastas, outra investida, a qual, com certeza, não seria muito difícil. Entre aquelas entidades infelizes havia uma que se destacava que liderava o programa de vingança. Era um homem, que, infelizmente, na Terra fora um mau-caráter, violento e mau, a quem Isabel e eu, em vida passada, havéramos prejudicado. Fazendo prevalecer, na época, a nossa supremacia política, tiramos as terras que ele possuía, fraudando a documentação e apossando-nos dos bens dele. O ódio que ele desenvolvera por nós levou-o a perverter-se ainda mais nas trevas e a fazer-nos uma perseguição implacável. Ele se tornou um perseguidor frio e metódico. Foi ele que me esperou de futuro nos portais da morte, para, cinicamente, lançar-me a sentença de condenação eterna. O nome dele era Venceslau.

Na sexta-feira à noite, ao chegar em casa, Maria Antonieta disse-me:

– Amor, terei uma reunião no domingo. Será uma reunião extraordinária, que será realizada no intento de atender a intervenções imediatas. Perdoe-me, mas não posso faltar. Nela serão tratadas questões fundamentais do movimento.

Isso foi motivo para provocar uma tempestade entre nós, porque aquelas reuniões aconteciam uma vez por mês. Entremente, eles se comunicavam em encontros realizados noutro dia da semana, os quais eram rápidos.

– Mas, ficar presa mais um domingo todo... – retruquei.

Aquelas reuniões começavam de manhã e terminavam à noite. Era intolerável!

Pelo menos eu assim pensava.

– Maria Antonieta, você vai trocar os nossos momentos amorosos por uma reunião política? E logo agora que estamos reativando a nossa paixão! Pense bem na decisão que vai tomar, porque ela definirá para sempre o nosso relacionamento.

Infelizmente, porém, a paixão pela ideologia política prevaleceu. Naquele momento eu odiei a ideologia dela. E não sei se a aversão que sinto por ela não seja resquício daquele momento, apesar de que hoje entendo que ela não corresponde à lógica e à razão, sendo distante por completo das leis naturais e do livre-arbítrio concedido por Deus à criatura.

Instigados pelas entidades infelizes, nosso relacionamento ficou agravado, a ponto de eu decidir dormir no sofá, na sala. Aos sábados não trabalhávamos, ficávamos em casa, tanto eu quanto ela. E não é preciso dizer como foi o nosso sábado.

Por causa da minha pouca resistência vibracional e à minha intolerância ao movimento socialista ou comunista, as entidades das sombras haviam vencido a primeira batalha. Minha mente estava em turbilhões de vibrações negativas por segundo.

Novamente a lembrança de Isabel se despertava em minha mente, agora mais intensa, pois, no meu entender, aquele comportamento da minha esposa era uma traição, um menosprezo ao amor que eu lhe estava dedicando.

E confesso que eu chorava e odiava ao mesmo tempo, porque percebia esvair-se

uma oportunidade de reativar o nosso relacionamento, amadurecendo-o, para sermos felizes.

É natural que, quando estamos vivendo um momento de desequilíbrio, assediados pelas entidades, agravamos a culpa – se é que existe culpa –, acusando nosso parceiro de infidelidade, embora, no fundo de minha alma, eu soubesse que não existia qualquer atitude menos digna da parte de minha esposa. Pelo menos assim eu acreditava.

E naquele estado d’alma em que me demorava, levantei-me no domingo, disposto a visitar a fazenda, com a esperança de encontrar um espaço. Então, aproveitaria a oportunidade, declarando a Isabel Cristina o louco amor que eu sentia por ela.

Procurei arrumar-me de maneira impecável. Vesti uma roupa-esporte – calça e camisa de boiadeiro – e calcei botas caprichadas, tudo ao estilo do campo. E saí sem sequer me despedir de minha esposa. Fui até o largo da matriz e aluguei uma carruagem para levar-me à fazenda. Combinei com o condutor o horário do meu retorno, pedindo a presença da carruagem para as 18h30min, pois pretendia ficar o maior tempo possível junto à mulher dos meus sonhos. Talvez houvesse alguma oportunidade, a qual, no meu entender, seria divina!

Mal sabia eu o que estava reservado para mim no futuro. Mesmo sabendo, provavelmente eu ignoraria as consequências, porque, muitas vezes, assim o fazemos.

Embora a fazenda não fosse distante da cidade, parecia-me que a viagem estava demorando uma eternidade. Eu parecia um garoto ansioso quando sai para um passeio.

Mas a minha ansiedade chegou ao fim. Estávamos chegando ao portão das terras de Isabel e Joaquim.

Agora eu guardava um pensamento distante, ressentido, de minha esposa. Parecia haver esquecido por completo aqueles momentos promissores e perdido, mesmo, o interesse por ela. Mas, com toda a sinceridade, não a odiei, senti piedade dela, porque estava sofrendo um fascínio por aquela ideologia.

Distraído por esses pensamentos, não percebi que havíamos chegado. O porteiro aproximou-se, reconheceu-me e permitiu-nos o livre acesso. Andamos ainda, aproximadamente, durante meia hora para chegar ao casarão, porque a fazenda era muito grande.

Ao chegarmos, sem sequer verificar se eu seria aceito, dispensei a carruagem, lembrando ao condutor que ele retornasse às 18h30min, como combináramos.

Parei na entrada do átrio, chamei por Joaquim e aguardei. Passados alguns minutinhos, para minha surpresa, não era Joaquim que me viera atender, mas, Isabel.

Vista à penumbra da sala – que era o cômodo da casa subsequente ao átrio –, o amor de minha vida assemelhava-me a uma deusa, cabelos soltos, vestindo ainda uma camisola azul clara. Atendeu-me gentilmente, informando-me que o esposo não estava.

Senti uma alegria maliciosa, mas contive-me.

Ela me pediu para aguardá-la, porque estava vestindo uma roupa inapropriada; estava ainda vestida com as roupas de dormir. Mas, no intento de aproximar-me dela, pedi-lhe desculpas por haver chegado tão cedo e que me permitisse cumprimentá-la, ao que ela aquiesceu.

– Por favor, Isabel, permita-me a felicidade de cumprimentá-la, segurar-lhe as mãos e dar-lhe um beijinho no rosto.

Ela, meio indecisa, aquiesceu ao meu pedido, aproximou-se de mim e deixou o rosto de boneca para que eu o beijasse. Aproximei-me, dei-lhe um beijo no rosto e apresentei-lhe um galanteio, dizendo-lhe, quase aos ouvidos:

– Você está uma deusa!

Ela se corou e me respondeu:

– Como posso estar bonita, se estou com os trajes de dormir? Você é que está elegante, bem arrumado.

Ao ouvir essas palavras dos lábios dela, encorajei-me, puxei-a para um dos bancos instalados no átrio, sentei-a e sentei-me ao lado, porque a maravilhosa mulher da minha vida demonstrou que eu lhe era notado, que também ela sentia algo mais forte por mim.

Quis, de imediato, abraçá-la, beijá-la, enlaçá-la em meus braços!

Mas é evidente que, se tomasse essa atitude, meu comportamento estaria sendo o de um jovem irresponsável e eu estaria pondo tudo a perder. Então, procurei acalmar o meu ímpeto de apaixonado e principiei um diálogo, perguntando-lhe:

– Isabel, aonde foi Joaquim assim tão cedo?

Haveria partido cedo, diante da necessidade urgente de resolver algum negócio urgente da fazenda? – pensei. E desculpei-me, porque sabia não ser de minha alçada. Mas a minha curiosidade em saber quanto tempo ficaríamos sozinhos, juntos, era infinita. E ela, dando um suspiro profundo, como alguém que guardava uma mágoa e esperava ansiosamente por um momento para expressá-la, desabafando, pondo para fora tudo aquilo que lhe comprimia o peito, me respondeu:

– O Joaquim, Júlio, em quase todas as noites de sábado, sai à procura de mulheres e do jogo, retornando apenas na segunda-feira de manhã.

Eu comecei a compreender que a situação estava favorável para mim e pedi-lhe que continuasse desabafando, porque eu era mais que um amigo, eu a amava.

Ela me olhou espantada.

Entretanto, a espiritualidade maior ainda não havia desistido de amparar-nos.

Naquele momento entrou no átrio a escrava Ana, a camareira do casal,

lembrando à senhora de alguns deveres que ela realizava todos os dias, os quais eram referentes à saúde e ao bem-estar.

Isabel repreendeu a escrava de maneira dócil, informando-a de que, no momento, não podia.

Como estava interessada em desabafar – e, por que não dizer, de estar junto a mim? –, porque ela também sentia uma atração forte com a minha presença, pediu à escrava que fosse desempenhar algumas tarefas que a mantivesse distante por um bom tempo.

Mais uma vez descartamos a intervenção dos espíritos amigos. Entanto, foi Isabel que tomou a iniciativa.

A escrava saiu e eu reatei a conversação, procurando ser mais íntimo. Eu lhe disse:

– Deusa da minha vida, você estava me contando sobre algo que a magoa, que lhe oprime o peito. E, pelo que tudo indica, é a respeito do seu esposo. Pode ficar à vontade, porque, como eu estava lhe dizendo, sou seu amigo. Mais do que isso, eu a amo muito, quero a sua felicidade, não quero vê-la sofrer. Pode ter certeza! Eu não entendo como um homem se dá ao luxo de desprezar uma mulher linda como você. Pode estar certa, eu morreria para fazê-la feliz.

Ao apresentar-lhe esse galanteio, olhei-a bem no fundo dos olhos e ela fixou o olhar nos meus. E começamos a acariciar as mãos um do outro. E não posso negar, eu sentia, mesmo, um amor profundo, uma paixão sem limites por aquela mulher. Meus galanteios não eram vazios de amor, alimentados apenas pela

libido. Ela representava para mim a paixão, o amor, a vida, tudo! É, pois, ainda hoje, o meu eterno vir-a-ser, a razão de minha vida eterna.

Ouvir aquelas palavras dos meus lábios mexeram com o sentimento de Isabel, porque ela deu um sorriso, lindo, ficou corada e continuou a narrativa sobre o esposo.

– Desde que nos casamos, eu notei que meu esposo não me era sincero, não vivia só para mim, porque, aos domingos, ele me deixa na fazenda e vai para a cidade viver aventuras com outras mulheres. Sou sua esposa como os negros são nossos escravos. Joaquim entende que pertença a ele como se eu fosse um objeto, que devo estar pronta para satisfazer o desejo dele, quando ele bem entender. Entretanto, não sei por qual motivo, me enchi de ânimo e de coragem e afirmei que ele apenas me estaria tendo como esposa quando ele desejasse viver somente para mim. Brigamos muito. Ele afirmou que não vai trocar a própria liberdade por mim. E continua se ausentando aos domingos, apenas retornando na segunda-feira. E, por demorar-se com outras mulheres, nem sequer sente falta de relacionar-se comigo. A nossa vida a dois é, em síntese, isso que eu lhe narrei.

Em seguida eu apresentei a ela o meu desabafo – lógico, exagerando os acontecimentos – e conversamos durante aproximadamente uma hora.

Durante o nosso diálogo eu fui aproximando-me, aos pouquinhos, da mulher amada. Percebendo que já havia criado um campo sentimental para envolvê-la fisicamente, para enlaçá-la em meus braços, aproximei-me ainda mais e segurei a mãozinha dela, receando que Isabel fosse retirá-la a qualquer momento. Mas, para a minha surpresa, ela se permitiu ser acariciada. E mais, correspondeu-me às carícias. Com essa atitude da parte de ambos, criamos um clima para o relacionamento íntimo.

Isabel levantou-se e pegou-me pela mão. Atravessamos o átrio, a sala de estar e, então, percebi que ela estava conduzindo-me para o aposento íntimo. Não preciso nem posso dizer o que aconteceu a seguir. Apenas lembro aos meus amigos que nos sentíamos ambos no paraíso.

Entretanto, aquele paraíso foi o princípio de uma estrada que nos conduziu a um abismo de sofrimentos e dores. Se fosse apenas a infidelidade... Mas o ato criminoso que iríamos praticar foi o motivo maior de nossos sofrimentos e de nossas amarguras.

Muitos homens e mulheres acreditam que a infidelidade seja um acontecimento na vida, que não afeta a moral divina. E, entre esses, alguns confrades espíritas.

Lê-se no livro Espinhos do tempo, escrito pelo espírito de Lucius por intermédio da médium Zíbia Gasparetto, que a esposa trai o esposo com o cunhado. Eles desencarnam, indo para o plano da espiritualidade. Acontecem alguns desentendimentos momentâneos, seguidos de desculpas e arrependimentos. Momentaneamente tudo se resolve. Todos ficam em paz. Entretanto, não é assim tão simples quanto parece. A infidelidade, tanto quanto qualquer outro desrespeito ao sexo gera desarmonia e sofrimento. Sabemos que o sexo é um patrimônio divino, que Deus manifesta na vida. E nós, seres humanos, acordados para a razão, temos uma soma maior de responsabilidade na vivenciação da sexualidade.

Acontece comumente nos núcleos espíritas sentirmos atração por um indivíduo do sexo oposto. Começamos a vivenciar um relacionamento e, no intento de justificar nossa atitude, atitude que está em contradição com a moral evangélica – e por que não dizer, com a dignidade do ser humano? –, afirmamos que vivemos juntos numa vida passada ou dizemos que somos almas gêmeas.

Isto é bravata!

Quem já viu acontecer um relacionamento indevido entre um homem jovem, sarado, com uma mulher idosa e pobre?

Se a mulher idosa for rica, porém, é possível que isso aconteça, porque entra em jogo o interesse pelo dinheiro.

Geralmente o homem sente atração por uma mulher esbelta, bonita e atraente. Enfim, bem dotada. E a mulher sente-se atraída por um homem forte e sarado. Exceto se ele for rico, porque, então, a mulher se interessa pelo dinheiro. Mas podemos ter a certeza de que ela, muito em breve, mata o velho.

Havermos vivido juntos em outras vidas não justifica nossa atitude irresponsável. Se somos comprometidos com alguém, podemos, é lógico, sentir amor, seja a mulher por um homem ou o homem por uma mulher, como acontece muitas vezes. Então, sentimos aquele amor puro por alguém do sexo oposto, como o sentimos por alguém do mesmo sexo. Nessa atitude, os velhinhos e as velhinhas estão incluídos, eles também participam desse sentimento bonito.

Quanto a afirmar que somos almas gêmeas... Desculpe-me, mas não é verdade. Somos almas algemadas, espíritos ainda presos às paixões torpes, às inferioridades que trazemos na alma. Demoramo-nos algemados, sim, a espíritos obsessores que nos aguçam a libido e, gostosamente, usufruem o momento de paixão em que nos demoramos, porque eles nos utilizam como um objeto – não vou dizer médium, porque médium é um instrumento de trabalho, é uma pessoa preparada para a assistência e para o socorro em favor dos necessitados – e, com essa atitude de simbiose em que nos deixamos quedar – porque a entidade nos está obsedando, tanto quanto nós obsedamos a entidade –, ligamo-nos

vibracionalmente a ela. Para libertarmo-nos das vibrações negativas a que voluntariamente nos entregamos, temos que reencarnar, manifestando essas vibrações na condição de distúrbios psíquicos, ou seja, neuroses, psicoses e traumas, que se exteriorizam como depressão. Tanto quanto reencarnamos com afetações em nossos órgãos genéticos – entre as quais, a impotência sexual, os desajustes no campo do sexo –, teremos que suportar ao nosso lado o companheiro de aventuras que escolhemos, até que nos curemos ambos dessas anomalias, que nós próprios criamos. Afinal, estamos enlaçados um ao outro, provavelmente por muitos séculos.

Provavelmente alguém considere exagerado o meu relato, alegando que não é bem assim. Podem ter certeza de que não é bem assim, é muito pior, porque apresento apenas as consequências superficiais.

Mas, por que acreditar em mim? Embora eu haja vivido essas consequências, não tenho um documento registrado em cartório para apresentar-lhes.

Entretanto, nosso amigo André Luiz, no livro *No mundo maior*, relata-nos que ele não pôde descer às zonas trevosas com a equipe socorrista – que estava visitando a região em que se agrupam os espíritos transviados do sexo –, por não ter ainda o preparo espiritual necessário. Esta informação diz-nos que a condição daqueles espíritos é precária. E não é apenas no livro supracitado, mas, em vários outros, que o nosso amigo nos alerta quanto às consequências da atitude infeliz em que nos deixamos demorar.

Mas, fazer o quê?

Tenho certeza de que muita gente que já leu os livros de André Luiz passou sem dar muita atenção a esse relato ou se justificou, afirmando – no que concerne ao capítulo sobre sexualidade – que André Luiz exagerou.

Amigo, é hora de parar de brincar de faz de conta, porque tem gente que teima em acreditar que não vai morrer. Entretanto, morre.

Mas, momentaneamente, vamos deixar para lá as consequências que a infidelidade acarreta e voltemos ao enredo deste romance.

Isabel e eu nos demoramos num êxtase indescritível. Naquele momento não pensávamos em consequências, sentíamos-nos no paraíso. Afinal, tínhamos nos entregado um ao outro. E esse era o nosso sonho, o nosso maior desejo.

Após a concretização do nosso sonho, demoramo-nos enlaçados, como se não desejássemos que ele terminasse. Ficamos assim por um período que não sei mensurar.

Foi Isabel que quebrou o encanto, porque pretendia apresentar-me mais encantos, convidando-me a tomar um banho para irmos passear pela fazenda, afirmando-me que possuía uma revelação para apresentar-me. Mais alguns beijinhos, e fomos tomar nosso banho.

Eu estava atordoado. Não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Longe estava a minha mente de pensar em Maria Antonieta. E posso afirmar que nenhuma nuvem de remorso me invadia a mente. Para mim, estava acontecendo um momento paradisíaco. Algo encantador estava acontecendo em minha vida. A intervenção dos deuses! E, de fato, havia mesmo alguns “deuses da libertinagem” envolvendo-nos, usando-nos para satisfazer os prazeres deles e provocando o nosso delírio sexual.

Ao sairmos do banho, Isabel pediu-me para que eu aguardasse na sala, porque ela ia pedir para prepararem um bom lanche, o qual comeríamos em outro lugar qualquer da fazenda, pois voltaríamos para casa apenas à noite.

Aguardei. Poucos momentos após minha amada chegou com uma cesta nas mãos e eu, procurando ser o mais cortês possível, peguei a cesta e saímos a pé. Ao perguntar-lhe porque não montávamos um cavalo, ela me respondeu que queria evitar a curiosidade dos escravos, os quais moravam em senzalas agrupadas, formando um pequeno vilarejo, sendo as casinhas bem feitas e asseadas, evidentemente que muito simples. Elas ficavam localizadas a uns vinte minutos de caminhada, na direção da saída da fazenda.

Isabel e eu, porém, caminhamos no sentido contrário. E, embora nos demorássemos discretos, com certeza que os escravos observavam a nossa presença, percebendo uma magia diferente a envolver nossas almas, a magia do amor, combinada com uma louca paixão.

Quando nos afastamos do casarão e já não podíamos mais ser observados pelos escravos que ali trabalhavam, demos as mãos e caminhamos juntinhos, enlaçados um ao outro. Primeiro visitamos uma cachoeira lindíssima, um espetáculo da natureza, oferecido aos olhos daqueles que se aproximavam dela. E aos nossos olhos, naquele momento, aquele fenômeno da natureza era esplendoroso, porque estávamos divinamente apaixonados um pelo outro. Ficamos ali durante, pelo menos, uma hora, trocando carícias e beijos. Nada mais nos preocupava.

Então, ela quebrou aquele enlevo em que nos demorávamos e convidou-me para conhecer outro recanto, o qual, conforme ela, doravante seria o nosso ninho de amor.

Como se não quisesse ser ouvida, ela me sussurrou baixinho aos ouvidos:

– Júlio, preste bastante atenção, porque a partir de domingo você virá direto para este recanto e será ali que você receberá as minhas carícias de amor, tanto quanto eu estarei a cobrar as suas.

Isabel deu um sorriso lindo. Em seguida me convidou a segui-la por uma trilha. Um pouco adiante encontramos uma caverna. Penetramos nela e andamos uns vinte minutos, mais ou menos. Estava escuro, mas o amor da minha vida houvera pensado em tudo. Isabel pegara uma tocha na entrada da caverna, que parecia não ter saída. Do lado esquerdo, porém, havia uma entrada secreta, que a minha amada me informou que era desconhecida de todos.

Senti um orgulho gostoso, porquanto a entrada secreta era desconhecida de todos e Isabel revelara o segredo para mim em nosso primeiro encontro.

Mas, um pouco desconfiado – como me era de direito, porque aquele recanto jamais fora descoberto pelos negros –, então eu a questioneei sobre o porquê de os escravos nunca terem descoberto aquela caverna, tampouco o recanto que ela iria mostrar-me.

Isabel disse-me:

– Vamos entrar, porque é mais seguro. Poderemos conversar mais tranquilamente lá dentro.

A seguir, pediu-me que a ajudasse a empurrar uma área da parede do lado esquerdo, a alguns metros antes do fim do túnel. Como pedido, obedeci. E a minha surpresa foi ainda maior quando a parte da parede que empurramos se moveu para dentro, apresentando uma abertura, por onde entramos. A seguir, empurramos a mesma parede no sentido contrário. E mesmo do lado interno não havia qualquer vestígio que permitisse a alguém perceber que ali havia uma passagem secreta, porque a parede da caverna era irregular e a porta, também. Na irregularidade das pedras, a abertura acontecia de acordo com as ranhuras entre as pedras.

Caminhamos um pouco mais, e deparamo-nos com uma abertura enorme, que havia na caverna interior e que era protegida por um abismo. Para complementar a proteção, uma catarata derramava-se do alto da serra, formando uma cortina de água.

Um pouco mais adiante havia uma construção razoavelmente grande, que se compunha de uma sala, uma cozinha, um quarto e um banheiro, tudo construído com pedras, deixando claro que era uma construção antiga, que não correspondia às construções da atualidade. Era tosca, mas, limpa e arejada.

Minha amada sentou-se num banco da sala e começou informando-me que aquela construção já era de conhecimento dos antepassados dela. O bisavô descobrira-a por acaso, quando estava escalando a montanha, porque ele imaginava que houvesse pedras preciosas naquelas paredes. E, à procura de um tesouro, encontrou aquele recanto que se nos oferecia às vistas.

– A maior parte era obra da natureza. O homem participou construindo a casa, porque, sem dúvida alguma, era uma construção humana. Desconhecemos sobre quando ela foi construída e sobre qual a finalidade dela, mas, que é fruto da inteligência humana, não restava dúvidas.

Minha amada interrompeu a narrativa, porque, pelo visto, ela tampouco sabia das origens mais remotas daquelas preciosidades.

– Júlio, estar em seus braços, neste recanto em que brinquei quando menina, me parece um sonho. Entendo que nenhuma princesa das histórias de fada, jamais viveu um momento como este. Este momento é encantador para mim. Só me falta descobrir a fonte da juventude eterna. E, então, poderei pronunciar o “felizes para sempre!”.

– Isabel, como não temos a certeza de que vamos encontrar a fonte da juventude, aproveitemos ao máximo este momento. Vamos eternizá-lo em nossa alma!

E, enlaçados um ao outro, demoramo-nos por um período que nos pareceu minutos, porque estávamos lua de mel. Demoramo-nos entre abraços e beijos. Àquela altura dos acontecimentos, estávamos estirados numa cama, amando-nos uma vez mais. Mas o tempo estava sendo um carrasco conosco. Parecia até que estava com ciúmes do nosso amor. Corria rápido, sem trégua.

Ao olharmos através da cortina de água que protegia a abertura, vimos que o sol estava declinando-se. A noite aproximava-se.

Trocamos mais alguns beijos. Eu não desejava parar, mas o meu amor disse-me com tanto carinho e convicção:

– Júlio, vamos parar por hoje. Amanhã será um novo dia. Não se esqueça de que o nosso amor é eterno. Serei sua para sempre, meu amor!

E respondi-lhe:

– Com certeza, meu anjo! Tanto quanto eu serei seu para a eternidade.

E pusemo-nos a caminho de volta, o qual me pareceu muito curto, porque eu desejava caminhar mais com ela.

Depois de caminharmos tranquilos, posso dizer que a nossa atitude se assemelhava a de dois colegiais que não se preocupam com as consequências, porque, de acordo com Isabel, o esposo dela... ou ex-esposo, não sei – pois, pelo visto, dele não havia sequer lembrança e tampouco receio –, porque Isabel não estava nem um pouco preocupada com a possibilidade de Joaquim chegar mais cedo e encontrar-nos juntos. Apenas uma coisa interessava a ela, estar comigo.

Talvez ela soubesse que não havia perigo. Entretanto, eu não o conhecia, não sabia como era o comportamento dele. E ter que encará-lo e contar-lhe que eu amava a mulher dele era para mim uma preocupação.

Mas o amor que eu sentia por Isabel era muito maior.

Chegamos à fazenda quando já começava a escurecer.

A carruagem chegou conforme havíamos combinado.

Despedimo-nos de acordo com as regras de etiqueta, porque a nossa despedida já

havíamos feito de forma caprichada antes de chegar ao casarão.

Ao passar pelo escravo porteiro, despedi-me dele, apresentando-lhe minhas atenções, chegando mesmo a perguntar-lhe o nome, ao que ele me respondeu radiante:

– Tenório.

E isso eu fazia com naturalidade, pois, embora houvesse um interesse em cativar a atenção dele, sempre achei que o ser humano, independentemente das condições sociais, merece o nosso respeito.

Daquela vez voltava para casa radiante, como se a minha vida estivesse começando, embora eu já tivesse 34 anos.

Cheguei em casa completamente desinteressado em Maria Antonieta, porque o nosso relacionamento era por mim lembrado como um acontecimento equivocado. Eu entendia que havéramos cometido um grande engano ao casar-nos.

Então, independentemente da hora em que ela chegasse, ou não, era a mesma coisa, porque, agora, eu não sentia mais nada por ela.

A escolha que ela fizera, com certeza, esteve separando-nos para sempre. Mas, enquanto assim pensava, ela chegou.

Um cumprimento convencional, nem mais aquele beijinho para fazer de conta. E, destemida, ela foi ao assunto. Desejava separar-se de mim, porque o nosso casamento não existia mais.

Eu senti um alívio, mas devia fazer de conta que me sentia contrariado.

Então, com uma fisionomia de que não gostei, eu lhe pedi uma semana para pensar, porque havia sido pego de surpresa.

Embora estivesse feliz, porque ela não poderia dar-me uma notícia melhor, não esperava que ela tivesse tanta pressa em separar-se. Pensei comigo mesmo que eu era muito insuportável ou, talvez, que ela tivesse encontrado outro alguém.

Pedi-lhe uma semana para pensar, ao que ela aquiesceu.

Após alguns momentos, porém, comecei a pensar que aquela decisão fora muito repentina, porque havia dois dias estávamos maravilhosamente bem. Com certeza ela já vinha tendo um caso com outra pessoa. E a ideia de que estava sendo chifrado revoltou-me.

Então, eu questioneei:

– Maria Antonieta, há quanto tempo você está relacionando-se com esse homem? Porque não acredito que se conheceram hoje e se decidiram casar-se!

Maria Antonieta olhou-me com um ar de menos caso e respondeu-me:

– Júlio, faz um bom tempo que o nosso casamento ruiu. Na semana passada tentamos reativar o nosso relacionamento, mas, como vimos, é impossível. Pensamos muito diferente um do outro. Mas pode ficar tranquilo, porque não vivemos qualquer tipo de relacionamento ainda. Eu mantive a minha fidelidade a você. Só vou pertencer a você quando eu sair de casa. Antes, não.

Confesso que, ao ouvir isso, eu senti vergonha e remorso, porque eu não tivera idêntica atitude para com ela.

– Então, pode ficar sossegado, porque eu não maculei o seu nome. Entretanto, espero que você compreenda que o nosso relacionamento acabou e me libere para que eu possa tentar uma nova vida, Posso contar com a sua compreensão?

Calei-me. Aquele calar-me era um sim, meio inconformado, porque, mesmo não havendo mais nada entre nós, parecia-me que aquela mulher ainda me pertencia. Pensei muito nos últimos acontecimentos. Percebi que não havia mais retorno, porque eu me demorava apaixonado por Isabel e seria impossível que qualquer outra mulher a substituísse.

E comecei a pensar que eu houvera me precipitado. Não respeitara os meus votos de fidelidade à minha esposa.

Respondi-lhe:

– Maria Antonieta, pode ficar tranquila. Facilitarei a sua nova vida, para que você possa ser feliz com o seu novo amor. Você tem razão. A nossa vida a dois acabou. Só restam lembranças. Não desejo inimizar-me com você. É natural que não estarei a visitá-la nem você a mim. Se porventura, porém, eu a encontrar na estrada da vida, vou tratá-la com respeito e amizade.

Ela me respondeu com o mesmo desejo.

– Eu, desta data adiante, só conversarei a respeito da documentação que legalize a nossa separação.

A separação naquela época era uma façanha quase impossível, porque a Igreja Católica era contra e todos os órgãos públicos – e alguns privados, mesmo – se submetiam aos dogmas da Igreja. Obedientes às determinações dela, eles dificultavam a solução do problema. E os cartórios complicavam, o quanto podiam, os trâmites da separação, para manter-se simpáticos aos olhos da Santa Sé, para confirmar a aliança com ela.

Entretanto, eu disse à minha ex-esposa que, se eles não desejassem esperar a solução cível, não haveria problema, porque nós já havíamos decidido a questão. Éramos adultos e sabíamos o que queríamos.

Ela, sensibilizada pela minha compreensão, agradeceu.

A semana seguinte passou sem que eu me percebesse. Estava radiante, porque a minha esposa se antecipara na solução do meu problema. É lógico que a resposta que eu lhe daria seria: concordo. Aliás, iria simplesmente confirmar, porque já houvera respondido que sim.

Mas eu queria, primeiramente, dar a notícia à minha amada e pedir-lhe que apresentasse ao esposo dela uma proposta de separação.

Entretanto, acreditava que não seria tão fácil.

Quanto ao meu caso, Maria Antonieta tinha uma tese.

Encontrando alguém que se correspondesse com ela, agarraria a oportunidade, ao passo que Joaquim, infelizmente, era um libertino.

Enfim, o domingo tão esperado chegou.

Eu me arrumei e fui ao encontro da minha amada.

O porteiro estava ainda mais amável. Entrei, passei pela casa, não fiz alarde nem chamei ninguém, como havíamos combinado.

Encaminhei-me para a caverna e fiquei aguardando a presença de Isabel. Não demorou muito e ela chegou.

Não vou mais descrever a nossa intimidade por hora, porque os leitores são inteligentes e sabem perfeitamente o que fazíamos na intimidade. Fazíamos o que fazem todos os casais que se amam.

Abrimos a porta de pedra, entramos, começamos a conversar e, após as primeiras carícias, eu apresentei a novidade a ela.

Isabel ficou exultante de felicidade. Então, eu fiz um pedido – que ela se desvencilhasse do esposo, porque eu pretendia casar-me com ela. Não desejava continuar aquela vida, tendo-a somente aos domingos.

Ela ficou mais radiante ainda.

Se não houvesse dito mais nada, eu teria entendido tudo.

Ela concordou, afirmando-me, entretanto, que não iria ser tão fácil, mas lutaria para libertar-se dele o mais rápido possível.

Meu grande amor, a causa de minha felicidade. Mas que seria também a minha desgraça, como eu seria a dela, não por culpa de Isabel ou mesmo minha, mas porque nós não soubéramos manter-nos atentos aos desígnios divinos. Faltávamos a maturidade espiritual para evitar aquele relacionamento proibido.

Isabel informou-me que já havia trazido o nosso almoço no dia anterior e que iríamos modificar um pouco o nosso relacionamento. Passearíamos primeiramente. A seguir almoçaríamos e teríamos a tarde livre para a nossa intimidade.

Eu aceitei. Por que discordar? Parece que o amor à tarde é mais amor. Não havia

sobre o que reclamar. Tudo estava acontecendo “como o diabo gosta”. E eu estava adorando.

Passeamos a manhã toda. Encontramo-nos com poucos escravos, porque, como era domingo, eles tinham o dia livre para descansar e a maioria ficava na senzala, aproveitando para ficar junto aos filhos e às esposas. Por isso, era difícil encontrar um deles. Mesmo assim, porém, eu perguntei à mulher da minha vida:

– Eles já se aperceberam do nosso idílio amoroso? Eles são simples, mas, das coisas do coração eles entendem maravilhosamente bem! Não comentam nada com o seu esposo?

Isabel respondeu-me que não.

– Eles detestam o Joaquim, porque ele, muitas vezes, os tem maltratado. Não os maltrata mais porque eu não permito. Entendo que eles são seres humanos e merecem o nosso respeito e – por que não? – e o nosso amor.

Chegamos à caverna (assim a denominava por falta de outro nome que pudesse definir melhor aquele recanto da natureza). Tomamos um bom banho e, brincando, ela me disse que trouxera a toalha na semana antecedente.

– Não era do meu bisavô. Pode ficar sossegado. Não está com mofo.

Então almoçamos. Após o almoço, sentamo-nos um pouco no sofá. E não é necessário explicar que, ali, começamos a nossa tarde de amor. E quando nos

demorávamos amando, não víamos as horas passarem.

Estávamos deitados, enlaçadinhos um nos braços do outro, na maior intimidade possível, quando verificamos, através da abertura na rocha, que o sol estava declinando. Isso queria dizer que era hora de parar e voltar para casa.

Confesso que não gostava disso. Mas, fazer o quê? O tempo não obedece a ninguém.

Eu, porém, ainda estava curioso para descobrir quem houvera construído aquela obra e sobre o porquê de ela ter sido construída naquele recanto da natureza. Qual a finalidade daquela construção? Algumas árvores eram nativas ainda,

Quis voltar a esse assunto, mas considerei que Isabel não saberia mais nada, porque, se soubesse, teria me revelado. Estava claro que ela era sincera comigo.

Então, considerei que, por motivos de segurança, alguém a houvesse construído. E quanto ao método, calei-me, porque as pirâmides ainda não foram explicadas. E não sei se um dia alguém as explicará.

Ajeitamo-nos e saímos de retorno, Isabel para o casarão e eu para a minha casa. Caminhamos lentamente, como se não quiséssemos nunca chegar ao casarão. Uma paradinha, um beijo gostoso. Mas o caminho, embora longo, tornou-se curto.

Havíamos chegado. E as paradas que fizemos para amar-nos foram longas, pois

nos demoramos realmente apaixonados. Mas, mesmo assim, havíamos chegado.

Despedimo-nos conforme os moldes convencionais. Não queríamos chamar a atenção dos escravos.

Mas será que eles realmente não haviam notado alguma coisa diferente acontecendo?

O caminho de volta foi tranquilo. Eu não me deixava demorar com preocupações. Quando algum surto de preocupação surgia, eu o dissipava, voltando meu pensamento para o romance gostoso em que me demorava com Isabel, vivendo uma paixão delirante, cheia de esperanças novas, pois tinha a certeza de que a minha alma gêmea estaria pedindo a separação ao esposo dela. Afinal, Isabel estava tão ansiosa em ficar comigo quanto eu com ela.

Encostei-me no sofá, aguardando a chegada de minha esposa. Estaria a dizer-lhe sim, concordo com a nossa separação. E pensava em como são as coisas.

Um dia eu disse o sim diante do altar, para que a nossa união acontecesse. E hoje eu diria um sim, para romper a união, que, aliás, de há muito já se houvera rompido, se é que um dia ela aconteceu de verdade.

Enquanto assim me demorava a pensar, Maria Antonieta chegou.

Entrou, deu-me um boa-noite – como era de se esperar, frio –, sentou-se ao meu lado e foi direta ao assunto.

– Como é? Você já pensou na proposta de separação que eu lhe apresentei? Apesar de você já haver deixado claro que concorda, ficou para hoje a sua confirmação.

Eu respondi:

– Sim. Acredito que o melhor, mesmo, para nós dois é nos separarmos. Infelizmente o nosso casamento não deu certo.

Ela retrucou:

– Mas a culpa é sua. Você jamais me entendeu.

Percebi que ela ia começar uma discussão, justificando-se. Então, para evitar isso – porque não seriam alguns supostos esclarecimentos que iriam alterar o nosso relacionamento – eu perguntei:

– Se eu apresentar-lhe alguns esclarecimentos, há esperanças de alterar o nosso relacionamento?

Ela respondeu:

– Jamais.

Então, calmo como convinha, respondi:

– Não percamos nosso tempo. Vamos assumir que não deu certo e pronto. O que depender de mim, pode ter certeza de que estarei facilitando as coisas. Mas responda-me uma pergunta. Se você quiser, é lógico. Você está amando outro homem?

Ela suspirou fundo e disse:

– Estou amando o Filipe. Ele faz parte do nosso grupo Ideológico Social – este era o nome que davam ao agrupamento deles –, nos entendemos em tudo e acabamos nos aproximando o bastante para descobrirmos que nos amávamos. Entretanto, só vamos começar a relacionar-nos a partir do momento em que eu e você nos separarmos. A partir do momento em que começamos a dormir separados a nossa separação aconteceu. Eu aguardava por este momento. Quis manter minha fidelidade a você. Somente quando você aceitasse o meu pedido e me liberasse, então, me lançaria nos braços que me aguardam com ansiedade e paixão.

Assim ela se justificou.

Mas eu não estava preocupado. O que eu desejava, mesmo, era a separação. E, pelo visto, o meu caso já estava resolvido.

Agora apenas faltava a burocracia, que era demorada. Com um pouco de calma, porém, tudo se resolveria. Entendi que o meu caso estava bem encaminhado.

Embora nos desentendêssemos, quanto ao comportamento político eu houvera sido um esposo bem comportado, pelo menos de acordo com as convenções sociais da época.

Embora eu houvesse dado as minhas escapadinhas escondidas – eram escapadinhas justificáveis, porque eu era homem –, no demais eu era um esposo exemplar. Nosso problema era apenas o que os psicólogos ou psicanalistas chamam de incompatibilidade de gênios. Pensávamos diferentemente. Talvez, se eu fosse um pouco mais paciente e tentasse compreender a paixão ideológica em que Maria Antonieta se demorava, teríamos vivido uma vida razoável. Mas, infelizmente, eu era intolerante àquele movimento e não concordava com ela. Tampouco tinha condições para mostrar em que eles estavam errados, o que não deixou de ser um erro meu.

O caso de Isabel era diferente, pelo menos perante as convenções sociais, porque Joaquim era um libertino, irresponsável, não dava umas saidinhas às escondidas, saía sem esconder que estava indo atrás de mulheres e ainda se dava ao luxo de afirmar à esposa que não ia perder a liberdade dele por causa dela.

Tolo! Foi buscar lá fora objetos que jamais lhes pertenceria, porque aquelas mulheres se vendem a todos àqueles que desejam um momento de prazer.

Enquanto isso, garimpendo na fazenda dele, eu encontrei uma joia rara, uma mulher que seria somente dele, se ele fosse honesto e digno, pelo menos de acordo com as convenções sociais. Com certeza, Isabel não teria sido infiel a ele.

Nem por isto seríamos justificados perante a Lei Divina. Tivéssemos tido um pouquinho mais de paciência e tudo se resolveria, conforme os desígnios

divinos.

Vamos agora ver como está saindo-se a minha amada quanto ao pedido que ela faria a Joaquim, propondo a separação.

Será que a solução do caso de Isabel seria simples como o foi o meu?

Mas, embora me demorasse ansioso para saber dos acontecimentos, teria que esperar o domingo seguinte, porque antes seria impossível. E, com toda aquela mudança que acontecera em minha vida, desejoso como me sentia de encontrar-me com o meu amor, os dias pareciam não passar. Tudo, porém, não passa de uma questão psicológica. O tempo é inalterável.

Afinal, o domingo tão esperado chegou. Confesso que já me havia acostumado àquela rotina gostosa.

Cheio de emoção e de ansiedade, fui ao encontro do meu amor. Então, além de aguardar as carícias e os afagos de Isabel, aguardava uma resposta sobre a separação dela, pois nada me importava mais do que estar com ela. Não apenas aos domingos. Eu queria acordar ao lado dela, vê-la descabelada, senti-la mal-humorada, enfim, apreciar nela aquelas coisas que comumente acontecem com as mulheres quando acordam.

Envolto nesses pensamentos, quando me apercebi, estava à porta da fazenda. Cumprimentei o guarda com muito humor e ele me respondeu da mesma forma. Desci até a porta do casarão e encaminhei-me para o nosso recanto de amor. Aguardei na caverna. Não demorou muito, a mulher de minha vida chegou.

Entramos para não ficar expostos àqueles que por ali passassem, o que seria muito difícil de acontecer, por causa da superstição dos escravos. Mas, pela fisionomia de Isabel, notei que a separação dela e de Joaquim não seria tão simples quanto eu pensara.

Interessado no relato de Isabel, perguntei:

– Como foi? Ele aceitou o seu pedido? Deve ter aceitado, porque vocês já não estão vivendo mais juntos há um bom tempo.

– Não vai ser tão simples assim – disse-me Isabel –.

No domingo à noite, mesmo, apresentei a Joaquim a proposta de nos separarmos. Inclusive, ofereci a ele uma parte de meus bens. Ele, porém, não quis aceitar, respondendo-me cinicamente que ele já possuía tudo. Por que ficaria com apenas com a metade? Além do que, ele teria que dirigir esses bens. E ele não teria condições para isto, não se sentia em condições de pensar, de estar sempre atento aos negócios, como eu me demoro.

Diante daquele impasse, eu não sabia qual atitude tomar. Para acalmá-la, respondi:

– Fique tranquila. Iremos resolver esta questão juntos, custe o que custar.

Confesso que eu já esperava por aquela notícia, porque não acreditava que ele

quisesse perder a mordomia. Joaquim tinha dinheiro para jogar e beber com os amigos, para gastar com as mulheres, sem trabalhar, sem a mínima preocupação. Era natural que não aceitasse a proposta de Isabel.

Embora a manhã estivesse ensolarada, o dia estivesse bonito, uma nuvem negra envolveu-nos, tanto a minha amada quanto a mim. Passamos a odiar aquele homem leviano.

E começamos a matutar sobre como nos livraríamos dele, porque isto nós faríamos.

E no estado d'alma em que nos encontrávamos, saímos a passear pela fazenda, conforme o nosso programa já traçado. Mas, infelizmente, naquela manhã as nossas intenções eram outras. Maquinávamos um plano para livrar-nos de Joaquim. A única solução que víamos de momento era tirar a vida dele. “Nosso amigo” estava demais na Terra. Tínhamos que o despachar para o mundo dos mortos.

Meu Deus, como nossas mentes são volúveis e incertas! Alimentávamos um pelo outro um amor infinito, mas, contrariados em nossos planos amorosos, desenvolvíamos em paralelo um ódio imenso pelo homem que se colocava como empecilho de nossa felicidade.

Isto nos acontece porque acreditamos que o parceiro ou a parceira seja um objeto de nossa posse. Demoramo-nos presos à matéria, acreditando que ela seja a causa suprema da nossa felicidade.

Entretanto, se raciocinásemos melhor, entenderíamos que nos pertencíamos um

ao outro em essência e que ninguém nos tiraria jamais um do outro, porque as nossas almas haviam se doado uma à outra. Desenvolver o ódio, alimentar a criminalidade, estaria levando-nos ao sofrimento e tornaria mais difícil a nossa união, retardaria a nossa felicidade por um período longo. E isso, infelizmente, acontecia conosco naquele momento. A imaturidade espiritual, porém, impunha-nos viver aquela experiência.

Hoje, sabemos que o caminho para a nossa felicidade infinita e para a nossa união eterna nos pede sacrifício, renúncia e amor verdadeiro, aquele amor que não se submete ao jugo da paixão.

O grande amor de minha vida arquitetou um plano que seria infalível. Não é preciso dizer que, àquela altura, as entidades infelizes se demoravam em plena simbiose conosco. Seria muito difícil para quem estivesse apreciando o nosso pensamento definir quem estava pensando, se éramos nós ou aqueles espíritos.

Havia uns três meses – informou-me Isabel – Joaquim, na intenção de intimidar os escravos (porque esta é a única coisa que ele sabe fazer muito bem), amarrara o escravo André ao pelourinho, porque este havia desobedecido às ordens daquele.

– E estava chicoteando-o a ponto de André haver perdido os sentidos uma vez. E acredito que o desgraçado o levaria à morte, se não me houvessem avisado. Corri ao local, dei ordens para que soltassem o negro, mandei que lhe curassem as feridas e, ali mesmo, adverti Joaquim que, se ele usasse outra vez de uma atitude como aquela, eu tomaria providências muito sérias. E os escravos, como que a confirmar minhas palavras e afirmando que estavam todos a meu favor, caminharam para o meu lado e foram unânimes. Depois, em casa, brigamos muito, porque Joaquim entendeu que os negros poderiam escalpelá-lo a um simples pedido meu. André, depois de curado, agradeceu-me e disse-se que, se eu precisasse, poderia contar com ele, pois me devia a vida e tinha por mim uma admiração e um respeito eternos. Por isto, eu acho que chegou a hora.

A manhã houvera terminado, não com o mesmo encanto das anteriores. Mas, na alegria ou na dor, nós queríamos estar juntos. Isto era o que importava. Tanto que estávamos tomando uma atitude infeliz, atitude que, embora não atinássemos, nos traria muita dor e sofrimento.

Voltamos para o nosso recanto e almoçamos. A tarde estava toda a nosso dispor.

Entretanto, em momentos assim, ocupávamos a mente com as ideias que nos dominavam o pensamento. Mesmo no momento de relacionarmo-nos, aquelas ideias predominavam, tornando o relacionamento do casal um ato mecânico, porque o sexo acabava sendo apenas uma necessidade física, atração da matéria.

Antes do retorno ao casarão, minha alma gêmea pediu-me para que eu ficasse uns vinte dias sem comparecer, pois, na semana a seguir, estaria tomando as providências necessárias para eliminar o desgraçado.

– Você já fez a sua parte, já se separou da sua esposa. Agora compete a mim fazer o mesmo.

Eu devia tentar impedi-la, mas também participava das intenções dela. E fui conivente com o ato criminoso que ela estava preste a praticar. Permaneci calado. Em algumas oportunidades, incentivei-a, mesmo.

– Não pretendo que você seja incriminado, se algo der errado em meus planos – disse-me Isabel.

Confesso que, ao ouvir essas palavras, senti medo, porque, se algo acontecesse a ela, eu me sentiria culpado e sofreria muito.

Então, disse a ela:

– Deixe que eu resolvo. Eu faço isto por você, porque eu a amo muito e não pretendo que mal algum suceda a você. Mas, minha querida, queria sentir o gostinho da vingança.

A mulher, quando ama, ama extremadamente, sofre pelo amor até o fim. Mas, quando odeia um homem, quer ver derramada a última gota de sangue dele.

Percebendo que ela não mudaria de ideia, pedi-lhe para que tomasse muito cuidado, ao que ela me respondeu:

– Fique tranquilo quanto a mim! Vai dar tudo certo. Mas, para ficar sem você, prefiro sofrer no inferno.

Estremeci – e calei-me – com essas palavras proferidas pelo meu amor. Senti no fundo de meu ser que aquela mulher morreria por mim, se fosse preciso, e que jamais

me negaria o amor dela, por mais que tivesse de sofrer. Ela era realmente minha, de corpo e alma.

A despedida foi mais caprichada. Demoramos muito mais até o casarão.

Despedíamos-nos, sempre, de maneira convencional, para não chamarmos a atenção. Mas, naquela noite, ela me deu um longo beijo, acompanhado de um abraço caprichado. Meu amor manifestou, naquela despedida, toda a paixão e todo o amor por mim, querendo dizer-me que me amava, que nada mais tinha importância e que faria tudo para estar comigo.

A viagem de volta naquela noite teve um aspecto diferente. Era como o sabor do ódio. O fel, que, de alguma forma, se mistura com o néctar do amor. Então, nossa alma sente uma sensação estranha, indefinível. São as vibrações do bem e do mal que se misturam, acabando por dominar sempre aquelas a que abrimos as portas do coração.

Se maturamos o amor nas vivências em que o espírito se demora na caminhada eterna, este sentimento divino prevalece, arejando-nos a alma.

Se, porém, ainda nos demoramos imaturos em nossa caminhada de almas eternas, o ódio prevalece e nossas vidas transformam-se num inferno de sofrimento e de revolta.

E eu me demorava mais propenso ao mal. Em minha mente fervilhavam as ideias vingativas e criminosas, que não me deixavam espaço para um sentimento pequenino de amor e compaixão.

Minha ex-esposa chegou em casa. Estava bem-humorada. Cumprimentou-me

com um ar de triunfo, de alegria, mesmo, ao que eu respondi que não estava em condições de ser muito cortês. Entretanto, esforcei-me para tornar-me o mais simpático possível, pois já sabíamos abertamente que nada existia entre nós. Então sorri, e confesso que senti um desejo de relatar a ela as minhas dificuldades amorosas. Mas preferi calar-me. Não podia imaginar quais seriam as reações dela.

Cheia de emoção, Maria Antonieta informou-me que André arrumara uma casa e que, durante a semana, ela se mudaria, porque entendera – disse-me – que eu a houvera liberado dos compromissos antes mesmo de saírem os documentos de anulação do casamento.

Ao ouvir isso, eu senti uma ponta de inveja do André, mas reagi a esse sentimento, porque ele não tinha qualquer responsabilidade de culpa a respeito das minhas dificuldades com Joaquim. Sorri, respondendo:

– Maria Antonieta, sim, eu realmente fiz esta afirmativa e a confirmo, porque papéis não podem unir duas almas. Querida, seja feliz ao lado de seu novo amor! E eu me demorarei à procura de minha felicidade. Espero que Deus me ajude a encontrá-la.

E essa atitude foi sincera, pois, quando pronunciei essas palavras, pensava nas bênçãos de Deus a favor do meu idílio amoroso com Isabel.

Maria Antonieta ficou-se calada, pensativa. Provavelmente estranhara a minha atitude. Após breves minutos de silêncio, ela respondeu:

– Júlio, você vai encontrar a felicidade, porque você não é um homem mau.

Confesso que essas palavras me feriram a consciência, porque eu estava pensando em matar.

Procurando mudar de assunto, perguntei a Maria Antonieta como fora o dia para ela.

– Foi bom! Discutimos assuntos de interesse comum do grupo e esperamos colher bons frutos em futuro breve.

Minha ex-esposa, porém, silenciou-se. Acho que se lembrara de que nada daquilo me interessava. E mudou de assunto, perguntando-me à queima-roupa:

– Você visitou a fazenda outra vez. Se o Joaquim não fosse seu amigo, daria para pensar que você está interessado na esposa dele. Entenda. Não estou julgando. Estou apresentando uma suposição.

Ao perceber que ela estava usando o sexto sentido e plantando verde para colher maduro, raciocinei rápido e apresentei uma mentira, porque não achava conveniente que ela descobrisse a verdade.

– Não. Hoje eu mudei um pouco o meu roteiro. De manhã fui ao Museu de Arte para apreciar algumas pinturas maravilhosas ali expostas. Depois, almocei e fui assistir a um concerto musical.

Ela me olhou com um ar de desconfiada, como quem não acredita. Mas,

provavelmente, entendeu que o momento não lhe permitia mais que estivesse a cobrar-me fidelidade. Ainda conversamos durante algum tempo antes de nos deitar.

Lembro aqui que, desde o desentendimento último que pusera fim ao nosso relacionamento, não dormimos mais juntos. Eu houvera optado por dormir na poltrona, porque, no meu entender, não fazia sentido mantermos um relacionamento sexual. Se isto acontecesse, seria o sexo pelo sexo, um ato mecânico, embora me mantivesse num patamar de inferioridade. Eu entendia, porém, o suficiente para discernir que seria uma atitude indigna, baixa, torpe, mesmo. Eu entendo que o relacionamento de um casal deve ser solidificado por um sentimento, se, não, o do amor, pelo menos o da paixão. A experiência sexual sem esses sentimentos torna-se extremamente material. Não vou sequer chamá-la de animalidade, porque entendo que os animais, quando se relacionam, o fazem por uma atração provocada pelo instinto.

Lembrei-me das minhas experiências extraconjugais e senti vergonha de mim mesmo. Com a mente envolta em ódio, revolta e incertezas, demorei para dormir. Mas o cansaço venceu-me afinal e eu adormeci.

Mas vamos verificar o que acontecia na fazenda, porque a minha amada estava tomando decisões que nos levariam a sofrer muito. Entretanto, é preciso entender que estávamos tomando juntos aquelas decisões. Com um pouquinho mais de vontade para modificar os pensamentos de Isabel, eu teria conseguido. Mas eu preferi calar-me, porque esta atitude me favoreceria. Confesso que agora me sentia um covarde, porque cabia a mim agir. Eu não devia, mas, porque a apoiava, também desejando a morte do esposo dela, eu devia realizar o trabalho.

Na segunda feira, bem cedo, Isabel procurou André e disse a ele que Joaquim iria matá-lo, porque o odiava muito, atribuindo-lhe a causa das brigas, alegando que o haviam humilhado muito, prometendo que o mataria e que a mataria a seguir. É evidente que André se propôs a matá-lo primeiro. Matando-o, levá-lo-

ia para a mata. Assim, ninguém saberia do paradeiro dele.

Embora fosse um bom plano, Isabel tinha um plano próprio. Ela queria a vingança. Não suportava o cinismo do marido. Pensava na condição de mulher trocada por outras mulheres. Teria de ser ela a tirar a vida daquele miserável, porque ele a usara como se ela fosse um objeto para atender aos prazeres dele.

Por isso, opôs-se a André, lembrando-o de que dariam falta de Joaquim. Levando a questão à polícia, descobririam o crime e o puniriam. Preferia que ele fugisse. Ela mesma mataria o marido. Se houve implicações, diria que André o matara, tentando defender-se. Para que André pudesse viver um tempo distante, ela daria a ele uma quantia em dinheiro. O escravo não quis aceitar, mas Isabel insistiu. Agradecendo, disse-lhe que o que ele queria fazer era inesquecível. Pediu-lhe que ficasse atento às informações. Quando tudo houvesse se tranquilizado, ele poderia voltar. Seria sempre bem-vindo.

O escravo, além de devedor àquela linda mulher, era também apaixonado por ela. Apenas se continha graças ao respeito e à condição de subalterno. Prometendo a Isabel que ficaria escondido durante o dia, sem se deixar ser visto, fugiria à noite.

André já havia fugido. Era quarta-feira e Joaquim, antegozando o direito à surra que daria nele – porque, daquela vez, tinha motivos de sobejo –, preparava-se para tomar as providências necessárias, anunciando uma recompensa para quem trouxesse o escravo de volta à fazenda.

Nesse ínterim, porém, Joaquim foi informado pela esposa de que, antes de qualquer providência, ela desejava falar com ele. Apresentando um ar de mistério, Isabel disse a Joaquim que o aguardava às três horas no topo da montanha.

– Por favor, não se atrase.

Joaquim aquiesceu e, cínico como sempre, respondeu:

– Então, você está pronta para assistir à surra que o seu protegido vai levar?

Isabel, usando de um cinismo maior, perguntou:

– Por quê? Você está pronto para morrer?

E sorriu.

Entretanto, Isabel considerou interessante que Joaquim anunciasse aos escravos sobre a recompensa pelo fugitivo, porque isto fortalecia os planos dela, levando os escravos a entenderem que fora André quem matara Joaquim. E eles jamais se colocariam em defesa de Joaquim e contra André.

Então, Isabel disse a Joaquim que ele devia anunciar a recompensa aos escravos antes de comparecer ao encontro com ela.

A montanha a que ela se referia era a mesma que guardava o mistério da caverna. A água que se derramava cobrindo aquela abertura nascia no topo da montanha, enquanto a caverna se localizava, mais ou menos, na metade dela.

Isabel premeditara matar Joaquim lá em cima.

Sobre quais os motivos que a levaram a escolher aquele recanto, eu não sei explicar.

Eram três horas quando Joaquim chegou. Isabel disse-lhe:

– Até que enfim você foi pontual! Parece-me, porém, que a sua pontualidade de hoje está atrasada no tempo. Mas responda-me. O que eu representei para você desde quando nos casamos? Eu sempre me senti como um objeto, objeto que você usava quando queria. Mas, para sentir-se realizado, você procurava outras mulheres. Eu sempre fui para você apenas uma fazendeira, alguém que lhe oferecia segurança, que lhe sustentava, pagando, inclusive, pelo direito de você usufruir outras mulheres. E mais. Os jogos com os amigos e todas as farras que, durante estes aproximados dez anos, você viveu às minhas custas. E menosprezando a mim. Algumas vezes em que o procurei com a intenção de conversarmos, de nos entendermos, você, com o seu cinismo, desconversava e saía. Hoje, com certeza, você não vai fazer prevalecer o seu cinismo. Joaquim, você é um crápula que deve morrer!

Montando no cavalo, Isabel perguntou:

– Você está armado?

Ele respondeu que sim.

– Pois, então, use a sua arma, porque eu vou matar você.

Dito isto, ela o avisou:

– Vou contar até três. Quando eu disser três, atire e me mate, porque eu vou atirar. Não pense duas vezes.

E começou a contagem.

Joaquim sentiu um frio estranho pelo corpo, porque percebeu que a esposa não estava brincando. E sabia que ela, diferentemente dele, aprendera desde jovem a usar uma arma. Ele, infelizmente, só sabia beber e farrear com as mulheres da vida. Então, tentou ainda mais uma vez utilizar-se do cinismo, desconversando, dizendo a ela:

– Eu sei que você não faria isso, pois você me ama.

Isabel disse “dois”... E naquele rápido segundo em que ela demorava para contar – e um segundo, às vezes, nos parece muito longo –, o esposo aventureiro reviu os dez anos vividos ao lado de Isabel e pensou que ela, com certeza, iria matá-lo.

Nisto, Isabel, dizendo “três”, apertou o gatilho da arma e atingiu a cabeça de Joaquim com um tiro. Para completar, outro no coração. Joaquim não teve tempo sequer para pensar em sacar a própria arma. Primeiramente, porque ele era lento. Ademais, o medo paralisara-o.

Em alguns segundos, apenas um corpo de homem rolava pela montanha abaixo. Mas, como sabemos, a Lei Divina registrou tudo.

Isabel jogou a arma em uma cratera da montanha – não podia mensurar a profundidade dela, mas sabia que era impossível retirá-la de lá – e, procurando esquivar-se de ser notada, voltou para a fazenda, deixando um corpo insepulto, exposto à natureza. Naquele momento ela sentia prazer por haver se vingado e, ao mesmo tempo, um sentimento de remorso, porque, embora católica por convicção, quando foi à missa em algumas oportunidades, ela ouviu essas palavras da boca do sacerdote: “não matarás”. E ela havia acabado de matar.

Entretanto, ela fez aquilo que fazemos comumente. Justificamo-nos e apaziguamos a nossa consciência. E, aparentemente, resolve-se a questão. Mas não é assim. E é bom que não seja assim, porque, se assim fosse, não aconteceria a evolução do ser humano. Toda transgressão à lei acaba gerando desarmonia, desarmonia esta que se manifesta em dificuldades e dores. Então, vemo-nos necessitados de fazer a nossa mudança de comportamento, a tão afamada reforma íntima.

Os dias passaram e os escravos notaram a ausência de Joaquim. Ele se ausentava quase todas as tardes e chegava de madrugada, mas na parte da manhã ele estava presente. Sendo detestável para os escravos a presença de Joaquim, tornava-se mais notada a ausência dele. Os escravos, porém, não tinham por que reclamar. Antes, agradeciam a Deus e, com certeza, esperavam que ele não mais voltasse.

Quanto às autoridades da lei, elas somente interviriam se houvesse qualquer reclamação, se alguém as procurasse para intervir. Caso contrário, não tomariam sequer conhecimento, mesmo porque Joaquim era conhecido como um homem leviano, um homem que vivia às custas da esposa, das amantes e dos amigos. Embora sentindo a falta dele, os escravos não queriam envolvimento com a polícia.

Assim, passaram-se os dias e as semanas, e jamais alguém apresentou uma queixa no intento de descobrir o paradeiro de Joaquim.

Passaram-se os vinte dias que eu e Isabel havíamos combinado antes do nosso reencontro, vinte dias que foram um martírio para mim. Eu imaginava que o crime provocaria alarido. Entretanto não fiquei sabendo de nada, ninguém se pronunciou. Eu matutava um amontoado de coisas que pudessem ter acontecido, como, por exemplo, o plano de minha amada não haver dado certo e ele a houvesse matado ou, possivelmente, a estivesse maltratando. Ou Isabel não tivera coragem para consumir o plano.

Então, pronto para qualquer acontecimento, arrumei-me e fui à fazenda, porque a minha ansiedade não me permitia esperar mais. Nem preciso dizer que os meus pensamentos se alternavam, vivendo os mais loucos acontecimentos.

Cheguei à porteira da fazenda e um escravo sorriu-me. Correspondi-lhe, pensando que estava tudo normal – então, meu grande amor não havia concretizado o plano – e confesso que senti um alívio. Tomaríamos outro caminho para a solução do nosso problema. Não precisávamos tomar uma atitude tão drástica, da qual não podemos sequer imaginar as consequências.

Um pouco mais e eu estava às portas do casarão. Meu grande amor, quando me viu, ficou espantada, porque não era o domingo programado, era sexta-feira. Ainda faltavam dois dias. E foi ela que me perguntou:

– Aconteceu alguma coisa?

Respondi que não.

– Eu não soube de nada, não ouvi qualquer menção sobre os seus planos e fiquei muito preocupado. Não resisti e resolvi encarar a situação de perto, houvesse o que houvesse.

Ela me deu um sorriso e me convidou a entrar. Então, contar-me-ia tudo.

Segurou-me pela mão ao entrarmos. Pensei que isso significava que o caminho estava livre, porque, na presença dele, ela não seria assim tão espontânea, tomaria mais cuidado.

Minha amada pediu-me para que eu me acomodasse na sala, enquanto ela fosse buscar duas taças com suco de uva, antes de me colocar a par dos acontecimentos. Eu aguardei. Confesso que estava ansioso, mas tudo levava a crer que as coisas haviam corrido bem.

Minha alma gêmea retornou, sentou-se ao meu lado, segurou-me a mão e começou a narrar os acontecimentos. Contou-me tudo, com detalhes, mesmo, e informou-me que ninguém havia reclamado pela ausência de Joaquim. Os escravos estavam mais felizes, trabalhavam melhor. Os amigos e as amantes, provavelmente com receio de serem retidos pela polícia – pois não tinham uma boa índole –, não se atreviam.

– Então, temos o nosso caminho escancarado para o amor!

E, dizendo isto, pegou a taça de minhas mãos e enlaçou-me nos braços dela, dando-me um longo beijo na boca, ao que eu respondi gostosamente.

Conversamos durante um bom tempo. Isabel pediu-me para que eu assumisse a fazenda ao lado dela. Respondi-lhe que não sabia administrar uma fazenda. Ela sorriu.

– Mas, com certeza, você não sabe gastar em jogos com amigos ou em farras com outras mulheres.

Rimos.

Isabel também me disse para que eu ficasse tranquilo, porque ela me ensinaria. Apresentou-me ainda a oportunidade de trabalho em minha área. Construiríamos uma escola para que eu ensinasse aos filhos dos escravos a lerem e escreverem. Fiquei muito contente e pensei comigo mesmo: que mulher maravilhosa! Mata quem se interpõe no caminho dela, mas pensa no bem-estar dos semelhantes.

Convidando-me para almoçar, disse que logo a seguir iríamos dar uma volta pela fazenda, para ser notados pelos escravos, porque, no domingo, ela me anunciaria como o futuro marido e falaria da escola que iríamos construir.

Almoçamos e passeamos.

Em breve teríamos que organizar um cerimonial, oficializando nossa união. A Igreja abençoar-nos-ia. Perante a lei civil, porém, demandaria mais tempo, em

virtude da burocracia vigente para se casar no cartório. Todavia, naquela época era suficiente estarmos casados pela Igreja para que pudéssemos morar definitivamente juntos.

Mas, quanto a Isabel apresentar-me como marido já no domingo seguinte, ponderei que seria imprudência de nossa parte, porque Joaquim acabara de desaparecer. Então eu disse a ela:

– Meu amor, vamos dar uns três meses de prazo. Eu estou ansioso para ficar ao seu lado para sempre, mas precisamos tomar muito cuidado para não provocarmos suspeitas. Temos a vida inteira pela frente!

Isabel manifestou um ar de contrariedade, mas entendeu os meus motivos e aceitou a minha proposta.

– Eu prometo a você, minha querida, que estarei presente em quase todos os dias que nos separam da nossa união permanente.

A partir daquele dia passei a frequentar a casa de Isabel todos os dias. Evidentemente que nos amávamos, nos acariciávamos, mas aguardávamos a bênção do padre, para que o nosso relacionamento não passasse como um adultério. (Que preocupação idiota!) Era preciso tomar muito cuidado para não sermos discriminados pela Igreja e pela sociedade.

Passados três meses, fomos juntos falar com o sacerdote. Explicamos nossa situação para ele. Isabel prometeu uma excelente doação para a Igreja. Quando minha futura esposa falou sobre o valor da doação, o padre não perguntou mais nada. Marcamos a data, a partir da qual estaríamos a conviver no mesmo lar.

A cerimônia foi marcada para o sábado da semana subsequente, às dezoito horas, na capela da fazenda. Saindo da igreja, levei Isabel para a respectiva casa e fui para a minha casa dormir, feliz, porque estávamos prestes a dormir juntos, o que nunca fizéramos. Estivemos muitas vezes juntos, mas sempre acordados, o que, com certeza, é a melhor parte da noite.

Eu, porém, desejava tê-la em meus braços para adormecer com ela, trocando carinhos um com o outro, e ter os mais belos sonhos ao lado da mulher que me acordava os sentimentos de amor mais profundos da alma. Acalentando esses pensamentos, adormeci.

No dia seguinte, domingo, acordei-me como um jovem apaixonado que não vê o momento de estar junto à noiva amada. Arrumei-me e fui para a fazenda. Quando cheguei, meu amor estava tão radiante como eu ou – acredito – talvez mais.

Entrei. Já me sentia íntimo. Nem esperei ser convidado. Trocamos as primeiras carícias. Ela me convidou para o café da manhã e, brincando, disse:

– Alimente-se, porque o seu dia, hoje, será sacrificante!

Tomamos o café e ela me convidou para sairmos. Havia convocado os escravos para comparecerem ao quintal do casarão, o qual, felizmente, era grande. Havia escravos ali reunidos que não acabavam mais.

Isabel foi diretamente ao assunto, sem preâmbulos:

– Convoquei a presença de vocês, porque tenho algo muito importante a declarar. Vocês sabem que o Joaquim desapareceu. Acredito, mesmo, que a maioria esteja feliz com a ausência dele, porque o meu ex-esposo era preconceituoso e muitas vezes maltratou vocês. Ele não judiou mais de vocês porque eu o impedia. E eu, durante dez anos, sofri, porque ele vivia uma vida de vícios, passava a maior parte do tempo com outras mulheres. Acredito que tenha morrido, mas, se estiver vivo, eu não o quero mais. Vou casar-me com o Júlio César no próximo sábado e convido vocês a participarem da prosperidade desta fazenda. Eu os informo que o Júlio é professor e que vamos construir uma escola aqui na fazenda, para que os seus filhos estudem e apreendam.

Àquela altura os escravos a aplaudiam muito. Alguns agradeciam a Nosso Senhor. Confesso que me senti sensibilizado ao ver a alegria daqueles homens e daquelas mulheres e prometi a mim mesmo fazer o melhor por aquela gente tão sofrida.

Meu amor informou-os ainda que estavam todos convidados a almoçar com ela. Mas, como não era possível acomodar a todos no casarão, estaríamos providenciando mesas, que seriam montadas no quintal.

Ela disse a todos:

– Este almoço é o início de uma nova era para todos nós. Então, mãos à obra! Vamos lá!

Nem é necessário dizer que aquela multidão de homens e mulheres entrou em delírio. Agradecidos, voltaram a louvar a Nosso Senhor.

Enquanto os escravos arrumavam o banquete, Isabel e eu fomos passear na fazenda, porque, com certeza, o almoço apenas ficaria pronto às duas da tarde. Passeamos e, depois, fomos para o nosso recanto escondido na natureza. Amamo-nos como manda o figurino, então já convictos de que havíamos conseguido o aval divino para viver o nosso relacionamento.

Quando estamos amando-nos, não vemos o tempo passar. Tomamos um belo banho e voltamos para o casarão. As bancadas já estavam prontas. O almoço começou a ser servido num clima de paz e felicidade. Felicidade que estava estampada em cada face presente. Parecia que até as crianças compreendiam a bênção do momento, porque elas também saltitavam alegres, participando da alegria geral.

Almoçamos. E o almoço foi demorado. Quando terminamos, o sol já estava declinando no poente. Minha amada informou aos escravos que eles não precisavam desmanchar as bancadas, porque iriam precisar fazer ainda mais para a festa de sábado. E retiramo-nos, para ficar alguns momentos a sós, pois, mais tarde, eu ainda teria que voltar para a minha casa.

Entramos e trocamos carícias na intimidade.

Afinal chegou a hora de partir. Entretanto, se eu ficasse, não mudaria em nada os acontecimentos, porque os escravos não estavam nem um pouco preocupados com a nossa atitude. Embora simples, tolos eles não eram; eram amigos e sabiam que o meu relacionamento com Isabel já estava acontecendo.

Na semana seguinte, como pede a Bíblia, compareci religiosamente ao casarão todos os dias.

Enfim chegou a data tão aguardada por mim e pela minha amada. Não tínhamos pais, nem Isabel, nem eu. Minha amada achou por bem convidar algumas fazendeiras com quem mantinha algum vínculo de relacionamento, informando-as de que poderiam trazer, se desejassem, além da família, escravos de confiança. Todos seriam bem-vindos, encontrariam na fazenda ambiente propício para eles, porque os escravos da nossa fazenda também iam participar da festa. O momento seria de muita felicidade. Todos eram aguardados para completar a nossa felicidade.

É dando que recebemos. O ambiente estava todo enfeitado. Os escravos estavam felizes e esperançosos. Gostavam muito de Isabel e haviam enfeitado tudo com flores que trouxeram, algumas plantadas na fazenda, outras trazidas de fora, dos prados, tornando o ambiente deslumbrante.

O sacerdote Antônio já se encontrava na capela. Aproximei-me dele respeitosamente, ficando à frente, aguardando a chegada de minha deusa.

Eram 17h55min quando a mais bela mulher que eu já conhecera saiu pela porta da sala. O sol, já declinando no horizonte, projetava os últimos raios de luz. Luz que envolvia o átrio e preenchia a paisagem de fundo com um amarelo-ouro, tornando a cena ainda mais divina.

Minha alma gêmea caminhava lentamente, envolta por aquela luz, usufruindo aquele momento como o mais maravilhoso de sua vida. E eu sentia meu coração bater acelerado. Admirava cada movimento dela e me deliciava.

Embora a distância fosse pequena, meu infinito amor demorou-se bastante, porque caminhava calma, sorridente, a passos cadenciados, expondo todas as

características femininas. E eu não tinha pressa alguma, apenas admirava a aproximação daquela deusa em forma de mulher. Afinal, teria para sempre o amor de minha vida em meus braços.

Ela chegou, segurou as minhas mãos e o sacerdote começou a cerimônia, muito bonita por sinal. Após as palavras tradicionais da cerimônia religiosa, ele a encerrou, dizendo:

– Estais sendo unidos pelo Pai Misericordioso para todo o sempre. Nem a morte vos separará, porque o amor é mais forte do que tudo. Estais casados. Eu vos declaro marido e mulher.

E autorizou-me a beijar a noiva. Confesso que eu tive de conter-me para não exagerar, porque o momento pedia moderação.

Terminada a cerimônia, começou a festa. Muitos comes e bebes. Contudo, não havia bebidas alcoólicas. Eram apenas chás e sucos de frutas, acompanhando os mais variados petiscos. O cardápio era realmente rico e variado. Meu amor caprichou. Com certeza, teve uma ajuda muito grande da escrava Ana.

A festa estendeu-se até a meia-noite, quando todos se retiraram. Os escravos entenderam que era hora de dormir, porque a festa acabara.

Então, peguei a noiva em meus braços. Ela estava mais linda do que nunca. Levei-a para a cama, para continuarmos a nossa lua de mel, pois – como sabemos – fazia um bom tempo que Isabel e eu já a havíamos iniciado.

Afinal eu estaria morando ao lado dela para sempre. Acordaria naquele domingo nos braços dela. Eu estava vivendo o júbilo de um garotão apaixonado. E acredito que ela também.

Aquela festa nunca será esquecida, porque se misturaram naquele momento escravos negros e senhores fazendeiros, embora preservada a necessária distância. Não ocorreu aquele preconceito que transforma os senhores em carrascos e os escravos em animais, como, infelizmente, acontecia na época. Os escravos da nossa fazenda sentiram a verdadeira felicidade naquela noite, porque foram tratados como iguais pelo meu grande amor. Eles, antes, nunca tinham sido tratados assim. Naquele momento foram cativados para sempre, porque todos desejamos respeito e amizade. E isto não faltou a eles, nem naquele momento, nem no decorrer do nosso convívio nos dias futuros.

No dia seguinte acordei assustado. Ao meu lado estava o meu grande amor a olhar para mim sorridente. Confesso que, ao acordar, eu não sabia ao certo se estava sonhando ou se aquele momento era uma realidade. Foi a minha amada que me tirou daquele estado de incerteza, dizendo:

– Acorde, meu amor! Você não está sonhando! Estamos juntos para sempre!

Acabei de acordar-me, aproximei-me um pouco mais de Isabel, no intento de relacionarmo-nos, mas ela me conteve.

– Calma, Júlio! Eu o amo muito e não quero matá-lo. Ontem deitamos tarde. Ficamos acordados ainda um tempo, nos amando. Com certeza, você tem esgotadas as suas energias, amor! Estamos começando nossa vida a dois. Vamos ter o dia todo pela frente. E, mais, nos teremos um ao outro até o fim da vida. Se as religiões estiverem certas, com certeza nós nos teremos para a eternidade. E eu acredito nesta possibilidade, porque, se o amor de Deus é infinito, como

infinito é o nosso amor, para que o amor de Deus, tanto quanto o nosso amor seja infinito necessariamente deve existir uma eternidade. Um tempo limitado limitaria o infinito e, naturalmente, o infinito seria uma utopia.

Isabel calou-se por alguns instantes e eu me demorei a raciocinar sobre as palavras que ela havia pronunciado, considerando-as lógicas. E pensava comigo mesmo que aquela mulher era uma deusa.

Entretanto, mais uma vez, foi ela que me tirou dos meus devaneios, dizendo:

– Vamos nos levantar, tomar um lanche reforçado, passear um pouco pela fazenda e, em seguida, continuar a festa que começamos ontem, com a diferença de que, hoje, a festa acontecerá na intimidade, apenas nós e os nossos amigos escravos, que não deixam de fazer parte de nossa família. Às duas horas vamos almoçar juntos outra vez. Júlio, estes escravos têm sido a minha família.

– Se eles são a sua família, também é a minha, porque o que é seu é meu e o que você respeita e admira, eu também.

Demos um beijinho rápido e levantamo-nos. Já eram 7h30min. Fomos até a cozinha. Meu amor pediu a Ana que nos preparasse um lanche reforçado, e a escrava sorriu maliciosa.

– Mas, antes, peça ao Tadeu para que faça uma convocação geral, porque preciso falar a todos sobre um assunto muito importante para mim e para eles.

Fomos aguardar o nosso lanche na copa. Não demorou muito e estávamos servidos. Tomamos café com leite e comemos pão caseiro e ovos fritos. Alimentamo-nos bem. Em seguida, minha amada disse:

– Vamos para fora, porque, com certeza, o pessoal está todo presente. Convoquei vocês para lhes dar uma notícia agradável. Ontem, a festa foi generalizada, aberta a convidados que não fazem parte da família do casarão. Hoje, a festa vai continuar, mas iremos participar na intimidade, apenas o Júlio, eu e todos os nossos amigos trabalhadores desta fazenda. Os homens ajeitem as mesas. As mulheres preparem os alimentos. Mas não fiquem petiscando, senão estragam o almoço, que acontecerá às quatorze horas.

Todos sorriram felizes. Acho que não estavam acreditando no que estava acontecendo. Minha esposa, no intento de quebrar aquele clima de admiração com que os escravos a envolvia, disse-lhes:

– Agora, o Júlio e eu vamos dar um passeio pela fazenda. Podemos?

E todos responderam ao mesmo tempo:

– Deus a abençoe, sinhá! Louvado seja Nosso Senhor!

Alguns se ajoelharam, outros permaneceram em pé, mas todos sorriram. A felicidade estava estampada na face de todos os escravos. Confesso que me fazia muito bem ver aquela gente sofrida vivendo momentos de felicidade, felicidade que eu não podia avaliar. Para eles, minha esposa era a misericórdia de Deus.

Meu amor segurou em minha mão e disse:

– Vamos passear um pouquinho, curtir estes momentos felizes que Deus nos propicia.

Não respondi nada. Encontrava-me vivendo aquele momento num êxtase divino. Parecia estar num paraíso. E foi ela que, mais uma vez, me disse:

– Vamos brincar um pouco nas águas da cachoeira. Depois iremos para o nosso esconderijo abençoado de amor.

E, sorrindo:

– Não vai me dizer que, agora que sou todinha sua, você já não me quer mais?!

Só então eu rompi aquele estado de êxtase em que me demorava e respondi:

– Meu infinito amor, hei de querê-la até o final dos meus dias. E, se depois da morte a vida continuar, desejarei você eternamente.

Ela me deu um sorriso de satisfação e continuamos o nosso passeio.

Chegamos, afinal, na cachoeira. Isabel propôs:

– Júlio, vamos aproveitar o sol que nos aquece e vamos brincar na água?!

Eu fiquei um tanto espantado, porque entendi que ela quisesse entrar na água com roupa e tudo. Ela estava com um vestido azul celeste, de um tecido que, se molhado, se tornaria transparente. Perguntei:

– Mas, de roupa e tudo?!

– Não, Júlio! O meu vestido molhado torna-se transparente. Isto depõe contra a minha dignidade de mulher. Não poderíamos sair daqui enquanto o meu vestido não secasse. E você ficaria meio estranho com a roupa grudada ao corpo.

E, sorrindo:

– Não se esqueça de que a sua amada é prevenida, pensa em tudo. Eu trouxe minha roupa de banho e um calção para você. Mas fique tranquilo, meu anjo, porque, mesmo que nos despíssemos para tomar este gostoso banho, ninguém nos veria, pois nós estaríamos a vê-los muito antes que eles chegassem aqui.

Depois de brincarmos como duas crianças felizes, pegamos uma toalha que ela havia trazido, enxugamo-nos mais ou menos, colocamos a roupa, e fomos para o nosso ninho de amor, o nosso recanto encantado. Trocamos muitas carícias, como todo casal que está em lua de mel. Amamo-nos, agora mais tranquilos. Sabíamos que éramos um do outro até o final de nossas vidas.

Minha esposa, mais atenta do que eu aos compromissos, disse:

– Está na hora de irmos. Com certeza, o almoço já esta pronto, esperando para ser servido. Vamos, Júlio! Não os façamos esperar.

Caminhávamos a passos lentos. Eu entendia que ainda estávamos em tempo. Não precisávamos apressar os passos. Mãos dadas, dando-nos um beijinho carinhoso de momento a momento, parecia que estávamos no paraíso. E, com toda a certeza, aquele momento era um paraíso para as nossas vidas. O que mais poderíamos desejar? Nosso desejo maior, nossa felicidade, era estarmos um ao lado do outro.

Afinal chegamos. Saudamos os escravos e eles nos responderam conforme o costume que havia. Então, antes de iniciarmos o almoço, meu grande amor fez-me uma surpresa. Ficou de pé e anunciou a todos os presentes:

– Como bem todos sabem, Júlio é meu esposo. Estaremos juntos até o final de nossas vidas. Ele vai participar da direção da fazenda. Embora se demore desempenhando um trabalho específico, dando aulas para as suas crianças, também estará ao meu lado, auxiliando-me, para que tornemos a nossa fazenda mais próspera e feliz.

Isabel sentou-se. Os escravos aplaudiram-na. E eu tinha que falar.

Confesso que me senti meio perdido. Eu não esperava por aquele convite. Pensava que o meu amor fosse desejar sempre o direito à palavra. Venci aquele impacto primeiro, fiquei de pé e comecei:

– Embora os escravocratas – e entre eles está a Igreja Católica – entendam que os escravos devam ser maltratados, espezinhados pelos senhores proprietários, em nossa fazenda pensamos de forma diferente, porque, no entender de Isabel e também no meu, somos todos iguais perante Deus. Apenas vivemos um momento diferente de ser. Pelo que eu tenho visto, vocês estão sendo tratados com direito à cidadania, são respeitados e amados por Isabel, e também sabem corresponder ao tratamento que ela oferece a vocês. Com muito respeito e com muito amor por ela, eu tenho a certeza de que, se eu tentasse feri-la, vocês se apresentariam em defesa dela. Nossa convivência é maravilhosa, graças à mulher maravilhosa com quem me casei. Estarei junto a ela, ampliando a nossa amizade e o nosso respeito de uns para com os outros. Enfim, seremos todos por um e um por todos. Muito obrigado a todos pela recepção calorosa que me deram nesta fazenda, porque a acolhida amiga de vocês me faz sentir muito feliz! Vamos estar juntos nos momentos alegres e tristes de nossas vidas. Podem ter esta certeza.

Sentei e eles me presentearam com uma salva de palmas, enquanto o meu amor me presenteava com um beijinho no rosto.

Iniciamos o almoço. A felicidade pairava no semblante daqueles homens e daquelas mulheres. E os filhos daquele povo também comungavam com aquela felicidade, sem saber sequer por quê. Que bom, meu Deus!

Eram aproximadamente dezesseis horas quando terminamos de almoçar. Mas antes de nos levantarmos da mesa, minha esposa confabulou comigo quanto à possibilidade de estendermos a festa até as 21 horas. Respondi a ela:

– Por que não?! Estar ao seu lado é bom até quando estou trabalhando. Quanto mais em uma festa!

Isabel ficou de pé. As atenções voltaram-se para ela. E o amor de minha vida mais uma vez encheu de felicidade aqueles corações, anunciando que a festa se estenderia até as nove horas da noite. A mesa ficaria posta, para que comessem e bebessem à vontade. Brincaríamos. Cantaríamos. E a mesa só seria retirada nas primeiras horas da manhã de segunda-feira. Houve uma explosão de alegria e alguns louvores e hurras foram gritados. Pedindo licença a todos, saímos da mesa.

Isabel convidou as crianças para brincarem de roda. Iria ensinar para elas algumas cantigas que aprendera na escola, quando criança. Meninos e meninas, dando as mãos a Isabel, formaram uma roda imensa – pois havia muitas crianças – e começaram a cantar. A princípio, era apenas meu amor que cantava, mas, aos poucos, quase todas as crianças estavam cantando também. Depois de um bom tempo junto às crianças, Isabel parou, pedindo, entretanto, que elas continuassem a cantar, aproveitando aquele clima de liberdade.

Um escravo mais idoso pediu licença para falar com o meu amor, que, naquele momento, mais parecia uma menina. Estava divina, pois não precisava de pinturas para ficar bonita. Era bonita por natureza.

Isabel aquiesceu.

– Fique à vontade e fale, meu bom velho!

Então, o escravo, gaguejando a princípio, pediu se poderiam cantar e dançar algumas cantigas que cantavam na África.

Isabel respondeu:

– É claro que podem! Fiquem à vontade! Afinal, vocês são a maioria.

E sorriu.

O preto velho, com lágrimas nos olhos, agradeceu. E começaram a escolher quem cantaria.

Depois de alguns preparativos rápidos, começaram a cantar. E alguns, a princípio, demoraram um pouco, inibidos, mas, aos poucos, foram desinibindo-se e reforçaram o coro. Cantaram uma canção longa e dançaram muito. Minha esposa e eu não entendemos o que queria dizer. Acompanhamos a música e também demos alguns balanços. Confesso que sem saber o que aquele som musical queria dizer.

Passados alguns minutos, terminaram a canção. Então, minha amada e eu aplaudimos – e fomos acompanhados por todos os presentes –, não porque houvéssemos entendido algo, mas, para demonstrar nossa simpatia por aquela gente simples, que, entendo, não precisava ser maltratada para trabalhar. Quando compreendidos, trabalhavam muito mais.

A festa continuou animada. Cantávamos, Dançávamos. As crianças brincavam de roda até não querer mais. Ao enjoarem, iam divertir-se com outras brincadeiras. De vez em quando, petiscávamos alguma coisa das variadas opções que havia à mesa. E nós, os pombinhos, além de petiscarmos alguns quitutes, não deixávamos de roubar um beijinho um do outro. Afinal, éramos o motivo de todo aquele acontecimento.

Mas sabemos que as horas alegres e felizes passam rápido. Eram 21h15min quando a minha deusa disse a todos:

– Amigos, a festa terminou. Esteve muito boa, inesquecível, mesmo. E tivemos quinze minutos a mais. Agora vamos dormir. Amanhã será outro dia.

Todo o movimento parou. Todos se recolheram nas senzalas e nós, repletos de felicidade, enlaçados fomos deitar-nos. Que dia maravilhoso tivemos todos!

Na segunda-feira as mulheres retiraram os alimentos, os homens desmontaram as mesas e depois voltaram para o trabalho. Mas a expressão estampada nas faces era de tranquilidade, de paz. Aquela gente descobriu que era respeitada por nós, que não aninhávamos na alma os preconceitos cruéis que pairavam na terra brasileira, em virtude dos quais os escravos eram tratados como animais. A certeza de que não seriam maltratados propiciava a eles condições para viverem felizes. E trabalhavam alegres, produziam muito mais do que aqueles que trabalhavam sob a opressão de um capataz de azorrague na mão.

O tempo foi passando e, como é natural acontecer algumas rugas entre os casais – e não éramos diferentes –, elas aconteciam conosco. Mas tudo se resolvia com tranquilidade, porque a força de um amor verdadeiro prevalece. E terminávamos sempre um nos braços do outro.

Quanto à escola, eu tinha uma boa reserva em dinheiro. Como estaríamos a trabalhar juntos, entreguei-a à minha alma gêmea. Começamos o nosso projeto. Não chegava a ser um colégio moderno, porque não havia esta necessidade, pelo menos no começo. Ela se constituía de um pátio, uma sala para atendimento aos pais – escravos – e de duas salas para aulas, sendo que, a princípio, utilizaríamos

apenas uma.

Quanto às senzalas, construimos outras muito melhores, com acomodações mais amplas e confortáveis. Procuramos profissionais especializados e, com a ajuda de alguns escravos, realizamos o nosso trabalho.

Havíamos desenvolvido um clima de paz e harmonia na fazenda, a qual prosperou muito, porque todos trabalhavam com prazer, sem opressão de nossa parte.

Isabel convocou todos os escravos – sinceramente, este nome já não lhes cabia bem, acredito que o mais apropriado era chamá-los de colonos – e informou-os de que iria derrubar o pelourinho, porque, enquanto ela vivesse, jamais alguém seria punido daquela forma. Entretanto, também informou que qualquer um que transgredisse as normas estabelecidas, praticasse algum erro grave, seria dispensado da fazenda. E, em caso de crime, seria entregue à justiça. Ela, porém, confiava em todos e aguardava retribuição a seus propósitos.

Tudo transcorreu maravilhosamente bem. Embora tivéssemos que dispensar dois escravos, não dispensamos as respectivas famílias, acreditando que todo ser humano é capaz de superar as fraquezas, vencer-se a si mesmo e aproveitar as oportunidades que Deus oferece na vida. Seria inocência, mas Isabel e eu, que houvérmos tido um começo negro, felizmente reencontramos o caminho e transformamos algumas vidas que Deus nos confiara, melhorando-lhes as condições.

Começamos de maneira errada a nossa vida a dois, mas, por felicidade, parte do que havíamos prometido ainda nos foi possível cumprir. E a nossa fazenda cresceu, prosperou, permitindo àquelas almas – a maioria delas ainda primitivas – compreender a misericórdia de Deus nas próprias vidas, desenvolvendo um

pouco mais as potencialidades de inteligência e de amor.

Já se haviam passado dois anos de casamento. O que comumente acontece com os casais que se unem unicamente pela atração física, ou por interesses materiais, é o afrouxar dos laços de união, a paixão extingue-se, o amor extingue-se e o casal separa-se ou vive junto apenas representando para a sociedade que está tudo bem, mas, por detrás de quatro paredes, a vida é um inferno insuportável. Entretanto, o nosso relacionamento tornava-se cada vez mais sólido. Naturalmente que o nosso relacionamento físico houvesse diminuído, já não era como nos primeiros meses, mas bastava a presença da minha deusa para que eu me realizasse. Com certeza, a nossa união fortaleceu-se muito, nosso amor tornou-se cada vez mais infinito. Relacionávamos fisicamente, mas apenas como complemento do nosso amor, porque o aconchego – o querer estar junto um com o outro – propicia a prática do sexo.

Minha esposa era uma mulher linda. Ela sabia disto! Às vezes, como fazem todas as mulheres – porque toda mulher é linda para o próprio homem–, ela usava a beleza para subornar-me. E sempre o conseguia. Não sei se os homens são fracos, ou, se eu é que era fraco, mas jamais resistia ao charme de Isabel. Ser bela, para o meu grande amor, era uma condição natural. Ela já estava acostumada, embora nunca se tenha pronunciado a respeito. Entretanto, eu notava que ela se sentia bela. Mais tarde, utilizando-se deste sentimento, os inimigos do passado iriam praticar a vingança.

Havíamos construído a escola. Eu já estava lecionando, quando, numa segunda-feira, aproximadamente às 11h30min da manhã, o padre Antônio fez-nos uma visita. Minha esposa atendeu-o, informando-o de que eu estava em sala de aulas. Se fosse algo que ela pudesse resolver sozinha, ele podia falar. Se fosse com o Júlio, poderia ir até a escola, porque, em breves minutos, a aula iria terminar. Então, padre Antônio informou-a de que desejava falar com ambos, mas pedia licença para visitar a escola. Minha esposa conduziu-o a mim. Eu o cumprimentei e pedi que aguardasse um pouquinho mais, porque a aula estava para terminar. O sacerdote esperou pacientemente. A aula terminou e minha

esposa antecipou-se:

– Querido, o padre Antônio veio à fazenda para conversar conosco.

Eu respondi:

– Seja bem-vindo! E como já é hora do almoço, vai felicitar-nos, almoçando com um pobre professor e uma rica fazendeira.

Sorrimos e fomos almoçar. Conversaríamos durante o almoço.

Começamos a almoçar e padre Antônio disse-nos:

– O trabalho que vocês estão realizando nesta fazenda é um trabalho muito bonito e humanitário. Eu gostaria de participar mais de perto. Mas, infelizmente, a Igreja não vê tudo isto com bons olhos. Por hora, ela é a favor da ignorância dos escravos, da submissão deles aos ricos e poderosos. Oficia as bênçãos em favor destes. Se eu tomar partido, unindo-me ao trabalho que vocês estão realizando, serei expulso da Igreja e colocado num calabouço. Se eu tiver muita felicidade, serei queimado na fogueira. Eu digo se tiver muita felicidade, porque a morte na fogueira é rápida, embora dolorosa. Ela é a condenação preferida pela Igreja, porque o martírio serve de exemplo para outros que queiram imitar os passos do condenado, enquanto a morte num calabouço é lenta. O filho de Deus que cai nesta infelicidade definha, apodrece aos poucos, morre devagarinho, sentindo-se morrer a cada dia, aguardando ansiosamente que a morte bendita o liberte do martírio terrível em que se demora. Nunca cometam a asneira de afrontar a Igreja, ainda que pensando diferentemente dela. É melhor ficar calado, para que se possa conservar a própria vida. Embora estejam corretos nos seus

pensamentos e ações – como vocês estão neste momento –, não vale a pena indispor-se contra a Igreja, porque, com certeza, não modificarão nada e morrerão.

Padre Antônio mais falava do que comia. Já havíamos acabado e ele ainda estava na metade. Mas o bom velhinho alimentava-se bem.

Isabel foi quem interrompeu o sacerdote, dizendo:

– Padre Antônio, o senhor veio fazer-nos uma visita e nós nos sentimos satisfeitos com a sua presença. E percebo que a visita tem um objetivo. Fique à vontade para revelar-nos o que o senhor deseja. Júlio e eu estamos prontos para ouvi-lo e faremos tudo o que estiver ao nosso alcance no sentido de atendê-lo. Não é, meu amor?!

– Lógico, querida!

– É um assunto desagradável para mim. Preferiria não ter que tocar neste assunto, porque eu quero muito bem a vocês. Admiro-os, mesmo. O trabalho que vocês desenvolvem nesta fazenda cativa-me o coração. Mas, infelizmente, eu estou subordinado à direção da Igreja. E os arcebispos estão cobrando-me mais ação. Em outras palavras, eles exigem mais dinheiro. Alegaram, na última reunião que tive com eles, que eu estou acomodado, que não estou pressionando os fazendeiros no sentido de doarem mais. Disseram que, se eu não melhorar a arrecadação, vão substituir-me, transformando-me num inválido. Então, como somos amigos e percebo que a fazenda está prosperando muito – graças a Deus e ao trabalho inteligente e repleto de amor de vocês –, venho pedir-lhes, se for possível, uma cooperação mensal, ou anual, como preferirem.

Padre Antônio continuou:

– Vocês já devem ter percebido que sou amigo de vocês e que os protejo, porque, quando os casei, eu não pedi nenhum documento legal que comprovasse a morte de Joaquim, nem mesmo perguntei sobre o paradeiro dele. Entendi que, se vocês estavam me buscando para se casarem, é porque tinham certeza de que Joaquim havia morrido. Não perguntei como, se alguém o matara ou se fora um acidente. Apenas me senti feliz por ver Isabel liberta daquele homem, que, para mim, era um crápula. E mais. Vocês sabem que isto calou a sociedade, porque a palavra de um sacerdote ainda é a última palavra. Isto fora da Igreja.

E sorriu.

Isabel olhou-me e com o olhar quis dizer-me: “Júlio, o nosso amigo está em apuros”. Mas, em palavras, disse-me:

– Júlio, vamos colaborar com o padre Antônio, porque não temos dúvidas da amizade que ele nos dedica.

Eu respondi:

– Concordo em cooperar com o nosso amigo sacerdote, mas por ele, não pela Igreja. Vamos fazer uma doação mensal e procuraremos fazer uma bela doação. Padre Antônio merece.

Os olhos do sacerdote encheram-se de lágrimas. Ele nos agradeceu e nós

ficamos felizes, porque podíamos ajudar aquele homem, que usou da própria autoridade para evitar que sofrêssemos muitos transtornos, transtornos que poderiam impedir a nossa felicidade.

Nosso bom amigo terminou de almoçar e já saiu do casarão com uma quantia razoável em dinheiro. Explicamos a ele que não gostávamos de ir à missa. Por isto, ele poderia vir à fazenda uma vez por mês. Almoçaria ou jantaria conosco e receberia o dinheiro da doação. O sacerdote saiu radiante.

Embora fôssemos felizes, faltava-nos alguma coisa para completar a nossa felicidade. De vez em quando tocávamos neste assunto e fazíamos com muita psicologia, para não nos magoarmos um ao outro.

– Júlio, você sabe que, independentemente de qualquer coisa, você é o amor de minha eternidade. Mas, com toda a sinceridade, eu desejo dar-lhe um herdeiro, porque eu sei que você também o deseja. E, de preferência, um herdeiro homem, bonito e inteligente como o pai. Acredito, porém, que haja alguma anomalia em meus órgãos genitais. Perdoe-me a lembrança desagradável, mas fiquei dez anos com outro homem e não tive filhos. Já estou há quase dois anos com você e não temos evitado de forma alguma. Entretanto, nem sinal. Mas não julgue que eu esteja triste por isto. Apenas entendo que lhe dar um filho faria você mais feliz.

– Isabel, tê-la comigo é a felicidade maior da minha vida. Jamais fui tão feliz como o sou agora. E tanto quanto você deseja me dar um filhinho, eu desejo recebê-lo de suas entranhas. E não tem importância se for menino ou menina, porque uma menininha linda, inteligente e dinâmica como você será um presente de Deus. Não importa que seja menino ou menina, mas que venha com saúde. E ficaremos gratos ao Criador. Não se sinta responsável pela ausência de um herdeiro nosso, porque eu me demorei casado com Maria Antonieta aproximadamente o tempo que você ficou com Joaquim e tampouco tive filhos. Não se preocupe, porque, com filhos ou sem filhos, eu amo você com toda a minha alma. Um herdeiro apenas complementaria a nossa vida. Mas, se não for

possível, nem por isto nos amaremos menos, meu eterno amor!

– Amor, temos em nossa fazenda a escrava Zulmira. Ela é a preta velha que realiza o parto das escravas e que indica ervas para curar as enfermidades deles. Nas mãos desta pretinha velha nunca morreu uma criança no momento do parto. Os que buscam essa mulher para a cura de uma enfermidade sempre a têm encontrado. O que você me diz, meu amor?! Acha certo que eu vá procurá-la, que conte para ela sobre a minha dificuldade? Quem sabe...

Eu interrompi Isabel:

– Meu amor, não vejo nada contra. Muitos remédios elaborados pelos laboratórios não são outra coisa que não a essência das plantas e dos minérios. Quanto à realização do parto pelas mãos desta preta velha, uma vez que ela os realiza com tanto êxito, é porque tem um dom que Deus concedeu a ela, porque os partos que ela realizou são inúmeros. E, como você me afirma, todos com êxito! Meu amor, eu acredito que os pretos velhos trazem em si uma ciência natural, que não adquiriram numa faculdade de pedra, mas, na faculdade da natureza, e conhecem raízes e plantas que curam. Acredito que desenvolveram os instintos dos animais, porque nós sabemos que, quando um cão está passando mal, seja um desarranjo no estômago ou no intestino, busca ervas e as mastiga. Por exemplo, o capim. Que pena que os homens brancos, principalmente aqueles que trazem um conhecimento mais vasto por haverem estudado em uma faculdade, sejam tão preconceituosos a ponto de ignorar a existência de algo que é um fato! Amor de minha vida, você tem a liberdade de procurar esta mulher, porque o máximo que pode acontecer em contrário é não acontecer nada. Procure-a, mas não o faça com desespero. Se ela não conseguir ajudar você, é porque não havia de ser. Mas isto não vai mudar em nada a nossa vida. Eu amo você!

E abraçamo-nos um ao outro, encerrando o assunto.

Isabel ficou felicíssima, porque imaginava que eu iria reprovar a intenção dela. Se eu tomasse outra atitude, seria um ignorante. Poderia ter cultura, haver estudado numa faculdade, mas faltar-me-ia a maturidade, instrumento este que abre a mente humana para a busca de novos conhecimentos. Infelizmente, muitos homens, porque possuem o conhecimento de uma matéria científica, consideram-se como um deus. Que ilusão mais tola! Que preconceito mais inocente! Provavelmente eles não ouviram nunca o pronunciamento de Sócrates: “Chamam-me de sábio, porque sei que nada sei”. Mas, um dia, eles se aperceberão disto. E eu acredito que, se eu não houvesse concordado com o pedido de Isabel, ela arranjará um jeito de visitar a preta velha. Ela, porém, queria o meu consentimento. Não queria fazer nada oculto, nada de que eu não soubesse.

Naquele mesmo dia, no período da tarde, Isabel fez uma visita inesperada à preta velha, porque longe estava esta de imaginar que seria consultada pela proprietária da fazenda, mulher a quem conhecia desde pequenina. Meu amor chegou e Zulmira pediu-lhe que entrasse na humilde casa. Minha querida, sem preâmbulos, foi logo ao assunto:

– A senhora sabe que a respeito muito e tenho pela senhora uma grande estima.

A escrava respondeu:

– Sim, minha senhora.

Então, meu grande amor contou a ela, com detalhes, a dificuldade em que nos demorávamos, porque queríamos um herdeiro, mas não o conseguíamos. A bondosa preta velha afiançou a Isabel que faria todo o possível para ajudar-nos

na realização do nosso sonho. É óbvio que Zulmira – tanto quanto os outros escravos – se pronunciavam, usando uma linguagem que é uma mistura do idioma africano com a língua portuguesa, como, por exemplo, *sinhá* e *vosmecê*. Ela disse que prepararia uma garrafada e a levaria ainda naquela tarde. Recomendou um banho de assento, de flor de beijo branco e de camomila, e disse que deveríamos relacionar-nos apenas três vezes por semana. E que devíamos aguardar pela vontade de Deus.

Naquela mesma tarde Zulmira trouxe, pessoalmente, o preparado de ervas e minha esposa procurou os ingredientes para o banho de assento. Ao jantar contou-me tudo o que a bondosa preta velha lhe dissera, inclusive que devíamos praticar o sexo, apenas três vezes por semana. Desta parte eu não gostei muito, mas, na intenção de possuir um herdeiro – porque sabia que ele nos faria felizes –, concordei em fazer o jejum sexual. Enfim, fizemos tudo para atender ao que nos fora pedido pela mãe Zulmira – como a chamavam os escravos – e, de resto, aguardamos o tempo, porque sabíamos que as coisas não acontecem de um momento para outro.

Atendendo às exigências propostas pela mãe Zulmira, aguardamos esperançosos que uma novidade qualquer acontecesse. No primeiro mês, o ciclo menstrual de Isabel manifestou-se inalterável. Todavia, minha esposa estava fazendo o tratamento havia apenas um mês. No segundo mês, a menstruação veio normal e começamos a ficar desesperançados. No terceiro mês, porém, meu amor ficou entusiasmada, porque o ciclo menstrual se interrompera. E começamos a acreditar na possibilidade da gravidez.

Nos dias em que deveria ter ocorrido a menstruação, já era quase certo de que a minha esposa estava grávida. Vivíamos aquela alegria, mas, ainda preocupados com que pudesse ser um engano, qualquer anomalia nos órgãos reprodutores de Isabel, ou qualquer distúrbio no campo hormonal dela.

Demorávamo-nos nesta incerteza, quando Isabel me disse:

– Meu amor, eu acho que estamos com medo de saber a verdade, principalmente se ela for contrária ao nosso desejo. Acredito que mãe Zulmira nos pode tirar desta incerteza. Vou visitá-la agora, mesmo. E seja o que Deus quiser.

Dito isto, vestiu uma blusa.

Lá fora uma brisa fria se manifestava, convidando-nos a vestirmos um agasalho ou a ficarmos recolhidos dentro de casa.

Meu amor rumou para a casa da preta velha. Lá chegando, a mulher bondosa recebeu-a com muito carinho e, sorrindo, disse-lhe:

– Entre, minha filha!

E, sem tocá-la sequer, sem fazer qualquer outro tipo de análise, afirmou:

– Graças a Deus, minha filha! Você está grávida.

– Mas, como a senhora sabe disto, se nem sequer me tocou?!

Mãe Zulmira respondeu:

– A sua gravidez está estampada na beleza do seu rosto, tanto quanto de todo o seu ser. Com a graça de Deus, nós conseguimos, minha filha! Agora, temos que cuidar para que o pequenino se desenvolva com saúde. Se a senhora me permitir, irei preparar outra garrafada. A senhora toma e o neném fica forte.

– É claro que sim, minha bondosa preta velha!

E, chorando de emoção, Isabel abraçou mãe Zulmira, que a ajudava a viver a felicidade de ser mãe, dizendo:

– Mãe Zulmira, a senhora será a minha parteira. Se a senhora me permitir, eu receberei esta oportunidade como uma bênção de Deus em minha pobre vida.

Quando minha esposa entrou em casa não precisou dizer-me nada, porque a alegria que trazia estampada no rosto dizia tudo. Eu logo entendi. Fui ao encontro dela e abracei-a. Isabel, chorando de emoção, disse-me:

– Júlio, conseguimos! Você vai ser pai e eu vou ser mãe, graças a Deus! Quando Zulmira me viu entrar, sem qualquer exame, afirmou que eu estava grávida. Reconheceu minha gravidez no rosto. Se eu houvesse tido a coragem de visitá-la antes, antes teríamos esta certeza, meu amor. Júlio, será que estarei pedindo muito, se eu desejar fazer outra festa no domingo, convidando a nossa família africana para compartilhar de nossa alegria?

– Você é, mesmo, uma festeira! Gosta de fazer uma festa para comemorar cada um dos nossos momentos felizes! Eu entendo, querida, que este momento merece uma festa, sim. Concordo com você. Como não concordar?! Acredito, mesmo, que muitos dos escravos aguardam por este acontecimento e vão ficar

muito alegres.

Tivemos a certeza da gravidez na quinta-feira. Os dois dias subsequentes passaram rápido e o domingo chegou. Os escravos não sabiam do que se tratava, mas tinham a certeza de que a notícia seria boa, porque eles, obviamente, também notavam a alegria que minha esposa trazia estampada no rosto. E nenhuma notícia ruim merece uma festa.

Daquela vez, diferentemente das vezes anteriores, não fomos passear antes do almoço. Ficamos no casarão, observando o movimento alegre dos escravos.

Os homens montavam as mesas e as mulheres preparavam os alimentos.

Isabel e eu trocávamos carinhos. Eu percebia a beleza de minha esposa manifestar-se com um toque divino de magia, que a tornava mais bela. Meu carinho perdera aquela intensidade sensual, não porque Isabel deixasse de ser sensual aos meus olhos, mas, porque o amor que eu sentia por ela era mais forte do que tudo. Se ela não mais pudesse corresponder aos meus ímpetos sexuais, eu a amaria mesmo assim. É pesaroso que muitos homens não percebam a beleza divina que envolve uma mulher quando ela está vivenciando uma gravidez. Alguns, presos ainda à animalidade, durante a gravidez das respectivas esposas, procuram por outras mulheres que satisfaçam os apetites sexuais deles, os quais são inteiramente animais, um prazer momentâneo, que se extingue quando é satisfeito.

Aguardávamos a presença de padre Antônio. Nós o estimávamos muito e o havíamos convidado para comemorar aquele momento de felicidade conosco. Não demorou muito e o sacerdote chegou todo sorridente, pois manifestava sempre uma alegria natural e espontânea.

Tudo já estava arrumado. Antes de começarmos a almoçar, meu amor propôs-se a apresentar a feliz notícia, começando por dizer:

– Amigos! Sim, amigos, porque somos amigos.

Ao ouvirem estas palavras, pronunciadas pela boca de minha amada, todos abanaram a cabeça num gesto de confirmação e se postaram genuflexos num ato de admiração e respeito.

– Hoje estamos festejando um momento muito importante, muito feliz, mesmo, para Júlio e para mim, porque, graças a Deus e com a ajuda prestimosa de mãe Zulmira, vamos ter um herdeiro. Pedimos a Deus que o conserve desprovido dos preconceitos que acometem a sociedade. Ensinaremos a ele a respeitar e a amar o próximo. Júlio e eu consideramos todos vocês como integrantes da nossa família. Por isto, ensinaremos ao nosso herdeiro a amar vocês. Pedimos a Deus que ele continue a nossa humilde, mas, maravilhosa, obra aqui na fazenda. E daqui a sete meses, aproximadamente, mãe Zulmira estará fazendo o parto do meu filho, trazendo-o para apreciar a luz do mundo.

Olhamos para a bondosa preta velha, que estava chorando de felicidade e gratidão. Então, todos os escravos ajoelharam-se novamente e disseram a uma só voz:

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, sinhá!

Minha esposa, padre Antônio e eu respondemos:

– Louvado seja!

Sentamo-nos e começamos a almoçar.

O almoço terminou às cinco da tarde. Estávamos todos felizes. Conversamos ainda durante um bom tempo. O sacerdote amigo distraía-nos com histórias interessantes.

Ao cair da tarde, quando o manto da noite começava a estender-se sobre a terra, o padre Antônio disse que necessitava ir embora, pois havia algumas obrigações a serem realizadas. Concordamos com ele e lhe agradecemos a presença. Quando nos preparávamos para entrar, mãe Zulmira pediu-nos licença para aproximar-se de nós. Minha esposa disse a ela:

– Aproxime-se, mãe Zulmira. A senhora não precisa guardar esta distância toda.

E a bondosa preta velha, num ato de espontaneidade, aproximou-se e beijou a mão de minha esposa, que retribuiu.

– Mãe Zulmira, a senhora não sabe a alegria que nos propiciou, tanto ao Júlio quanto a mim.

Eu olhei para aquela velhinha e, agradecido, beijei-lhe a mão. A escrava ficou muito feliz, a ponto de notarmos a felicidade estampada naquele rosto. Com os olhos rasos d'água, afastou-se feliz.

Num instante, as mulheres retiraram as panelas, nas quais ainda havia comida, e os homens, rapidinho, formando um mutirão, desmontaram as mesas. Tudo voltava à normalidade.

Aqueles momentos de felicidade que vivenciávamos tornavam-nos ainda mais enlaçados uns aos outros. Os dias seguintes transcorreram com naturalidade. Minha esposa tornava-se uma grávida lindíssima. Aquela beleza proporcionada pelas curvas do corpo aos poucos ia dando lugar a uma beleza divina, da qual apenas não se apercebem os brutos, maníacos pelo prazer. Não apenas os homens; muitas mulheres, porém, que não desejam ser mães, para não perder a feminilidade, trocam a felicidade de ser instrumentos de Deus na Terra pelas noitadas de prazeres. Outras mergulham num abismo de sofrimentos no decorrer de muitos séculos, ao provocar o aborto, martirizando o rebento sagrado que desejava renascer, para redimir-se do próprio passado transgressor e construir uma vida nova.

Numa regressão quase que absoluta dos valores humanos, há movimentos abortistas, estimulados por alguns partidos políticos, que colocam o aborto em pauta de discussão para a aprovação de lei que libera a prática dele, o que, graças a Deus, ainda não foi aprovado.

Persistem alguns movimentos feministas, porém, que alteiam a bandeira da liberação do aborto. O mais triste é a existência de religiosos que acreditam que Moisés, Jesus e outros vultos da espiritualidade maior se equivocaram ao advertirem: “não matarás”. Muitos apoiam políticos abortistas, fazendo apologia do aborto, como se esta ação criminosa não significasse nada.

O pior é que muitos espíritas encontram-se incluídos entre os religiosos indiferentes, que afirmam “eu elegi tal político, mas não tenho responsabilidade alguma sobre a aprovação da lei que libera o aborto. Se nós sabemos da paixão

em que se demoram esses políticos em aprovar uma lei criminosa, é evidente que estamos fazendo apologia do crime. Até mesmo os ateístas – quando têm um pouquinho de humanismo – desaprovam a prática desse crime violento, covarde, mesmo.

Com o avanço da Ciência, os geneticistas e os ginecologistas promoveram uma evolução nos próprios estudos, a ponto de conseguirem praticar algumas cirurgias em bebês enquanto estes ainda se encontram no útero materno. E essas cirurgias não são realizadas sem que, antes, os pequeninos sejam necessariamente anestesiados. Sabendo que fetos sentem dores idênticas às que sentimos, os próprios cientistas consideram o aborto como uma atitude desumana. Os fetos já têm o sistema nervoso e os músculos em processo de desenvolvimento. Nervos e carne já estão, em grande parte, revestidos pela pele, o que indica que os fetos têm a sensação de dor. Por isto, assim como os cientistas sentiriam uma dor imensa ao ser triturados por uma grande engrenagem, é óbvio que o feto sofre terrivelmente, quando triturado por equipamentos utilizados na realização de um aborto.

Todavia, devemos aguardar esperançosos pelo despertar das mentes humanas, principalmente dos religiosos. E, particularmente, dos espíritas. O que há de espíritas apoiando o aborto por tabela não está escrito.

Não obstante, retomemos mais uma vez o curso da história do meu relacionamento com a minha lama gêmea.

Isabel, no sexto mês de gestação, estava linda. A barriga crescera bastante. De acordo com as orientações de mãe Zulmira, ela não parou de movimentar-se. Embora existam mulheres que tenham a necessidade de resguardo durante quase toda a gravidez, felizmente a de Isabel respondia às leis naturais. O organismo da minha amada estava em condições perfeitas. Se não houvesse a necessidade de cortar o cordão umbilical, o neném nasceria exatamente aos nove meses sem necessitar do auxílio de qualquer pessoa.

Os dias transcorriam em plena normalidade. Graças a Deus, minha esposa estava tendo uma gravidez feliz. Ao chegarmos ao nono mês, quando aconteceram as primeiras contrações e a dilatação em minha amada, mãe Zulmira foi chamada. Aproximadamente uma hora depois, a preta velha apresentou-me o rebento retirado das entranhas do meu grande amor. Era um menino, para o qual já havíamos escolhido o nome Estevão.

Entrando no quarto, abracei minha amada e disse-lhe:

– Deus nos abençoou, meu anjo! Recebemos um presente do céu!

Os dias foram passando. Então, éramos três a amar-nos, porque Isabel e eu dávamos muita atenção e carinho ao nosso herdeiro. Era um menininho, mas, muito parecido com a mãe, inclusive no comportamento psicológico.

Éramos felizes. Afora esse acontecimento sublime em nossas vidas, de resto tudo corria bem, sem grandes mudanças.

Aliás, a única mudança mais acentuada que aconteceu foi o desmoronamento da montanha, soterrando a parte mais baixa, que nós chamávamos de abismo. Com o desmoronamento, perdemos a preciosidade com qual a natureza nos havia presenteado, aquela abertura na rocha, oculta por um lençol d'água e complementada por mãos humanas que ignoramos e que jamais saberemos a quem pertenceram. Há fenômenos referentes à humanidade que a Ciência tenta explicar, mas, infelizmente, não consegue, como, por exemplo, a construção das pirâmides egípcias e outros tantos, que nos levam a perguntar se foram propiciados pelos “deuses-astronautas”.

Isabel e eu ficamos tristes, porque aquele recanto, com aquela catarata, guardava segredos maravilhosos do nosso idílio amoroso. Entretanto, a natureza é sempre sábia e maravilhosa e renova a vida, apresentando-nos sempre novos quadros, que nos encantam a alma e nos embelezam a visão. Aquela nascente que se demorara como uma catarata a derramar-se do topo da montanha, propiciando-nos momentos calorosos, transformou-se num riacho, cujas águas se espalharam, inundando uma região mais baixa da fazenda. Antes de ser canalizado, o riacho atravessava a fazenda. Outras nascentes, outras águas juntavam-se a ele, tornando-o, a cada passo do percurso, mais caudaloso. Dirigindo-se para a região sul do estado de Mato Grosso, ia banhar outras terras. Procuramos por vários espécimes de peixes de água doce e os soltamos no riacho. Em pouco tempo ele nos oferecia um espetáculo maravilhoso. Cardumes nadavam naquelas águas serenas, ladeadas por árvores frondosas, o que nos propiciava horas de encantamento e felicidade, principalmente porque estávamos juntos um do outro.

Não sabemos quem construíra aqueles monumentos maravilhosos. Mas de uma coisa temos certeza. Eles foram construídos por mãos humanas, porque a lógica nos diz que as pirâmides e outros monumentos que a nós legados pelos povos antigos – a maioria, pelos egípcios – não são obras da natureza. Percebemos neles a aplicação de uma tecnologia extraordinária. Provavelmente tenham sido erigidos pelos exilados de Capela. Pelo menos esta é a explicação mais coerente.

Deus presenteou-nos com uma nau completa; ofereceu-nos e oferece-nos todos os meios para evoluirmos mediante a Providência Divina; colocou a Terra em órbita do Sol, que nos fecunda a vida; facultou-nos com o livre-arbítrio, outorgando-nos o direito de construir a felicidade, que está reservada para nós como uma fatalidade eterna na vida. Mas, infelizmente, nós nos demoramos arredios às determinações do Criador, preferindo mergulhar nossas almas em trevas, acalentando os mais torpes vícios e as mais obscuras paixões. Há, entre nós, quem esteja mais amadurecido e utiliza a inteligência para oprimir, para subjugar os que se demoram maturando os dons concedidos por Deus, para escravizar. E não nos referimos aqui tão somente à escravatura negra, porque existiram escravos de todas as raças, principalmente os povos denominados

bárbaros.

Será que nós somos verdadeiramente livres? Quando o formos, desataremos os irmãos que nos rodeiam, de quem exigimos preferências e atenções. Haveremos maturado o amor. E apenas quem ama é verdadeiramente inteligente, porque compreende os desígnios de Deus na vida e sabe que qualquer transgressão à Lei Divina resulta em sofrimentos e trevas.

A vida continuava serena e tranquila em nossa fazenda. Isabel e eu nos amávamos muito e nos compreendíamos um ao outro. Os escravos trabalhavam felizes, porque eram bem tratados. Prosperávamos cada dia mais.

Entretanto, não ouvíamos o ruído de uma tempestade que se aproximava, porque, muitas vezes, basta pensar diferente, ser diferente, e isto é motivo para que algumas pessoas nos odeiem nos queiram mal.

O nosso comportamento referente ao tratamento que dávamos aos escravos diferia muito do tratamento oferecido aos negros de Angola pelos fazendeiros da região e da maioria das fazendas brasileiras. Este motivo levou um dos fazendeiros da vizinhança a manifestar-se contra a nossa atitude, considerando-a um crime e uma heresia, afirmando que a legislação – tanto quanto a Santa Igreja – proibia que se ensinassem os escravos a ler e escrever, porque eles não eram seres humanos. E se deu ao luxo de enviar uma missiva ao padre Antônio, intimando-o a que nos fizesse parar, “porque estávamos afrontando a soberania da Igreja, a qual não aceitava os escravos como humanos, tanto que lhes proibia o acesso à missa”. Se ele não tomasse uma atitude, seria organizada uma invasão à nossa fazenda.

Certa tarde, padre Antônio veio à fazenda. Ainda não era o dia de buscar o dinheiro da nossa doação. Apresentou-se, dizendo:

– Meus filhos, senti vontade de jantar com vocês hoje e tomei a liberdade. Aqui estou.

Respondi-lhe:

– Seja bem-vindo, padre. A sua presença é sempre um prazer para nós. Sente-se!

Sentamo-nos e, enquanto a cozinheira Ana preparava o jantar – ainda era um pouco cedo –, eu tomei a iniciativa, dizendo:

– E então, padre, o senhor nos traz notícias boas ou ruins?

Ele, com franqueza, me disse:

– Júlio, boa e ruim. A boa é que os bispos concordaram com a minha permanência nesta paróquia. Vamos continuar juntos e farei de tudo para ajudar vocês. A ruim é que o Belmiro, um dos fazendeiros da região, homem rude, grosseiro e violento, acostumado a espancar os escravos, soube que, aqui, vocês ensinam os filhos dos escravos a lerem e a escreverem. Ele está cobrando uma atitude da minha parte. Pede-me que os proíba, alegando que vocês estão afrontando a Igreja. Afirmou que, se eu não tomar providências, ele irá invadir as suas terras. Entretanto, respondi a ele que não estou no direito de apresentar nenhuma proibição referente ao assunto, porque a Igreja não apresenta nada por escrito que me outorgue esse direito. E adverti a ele que, quanto à invasão, a legislação desaprova tal atitude. Enviei esta nota a ele e aos demais fazendeiros da redondeza.

Isabel interveio:

– Júlio, meu amor, considerando estas informações apresentadas pelo padre Antônio, devemos nos prevenir. Se o fazendeiro Belmiro quiser a nossa terra e nossos trabalhadores, ele vai ter que passar por cima dos nossos cadáveres, porque não vamos deixar de tratar o nosso povo como o estamos tratando. Não vamos parar de ensinar as crianças a lerem e a escreverem. Se for necessário, morreremos todos, lutando.

Primeiramente, vou ensinar você a atirar. Depois, escolhemos uns dez homens e os ensinaremos também. Vamos perguntar a eles sobre quais armas preferem usar para se defenderem e vamos armá-los. Se o fazendeiro Belmiro quiser vir, ele que venha, porque eu entendo que é covardia entregar nossa fazenda e os trabalhadores dela para serem maltratados por um indivíduo perverso.

Jantamos. Padre Antônio regressou para a respectiva residência. Isabel e eu ficamos confabulando.

– Júlio, será que não temos sequer o direito de tratar bem os nossos trabalhadores? Temos que, forçosamente, agir com a mesma maldade que os outros utilizam? Responda-me, amor! O que é que estes homens, mulheres e crianças fazem de mal? Eles trabalham com amor para o crescimento da nossa fazenda. Eu não vejo porque separar os esposos, como se fossem animais, e espancá-los no pelourinho. Embora escravizados, quando os tratamos bem, eles correspondem ao nosso bom tratamento. Querido, amanhã reuniremos todos e informaremos a eles sobre os acontecimentos. Como eu já disse, vou treinar uns dez homens. Então, serão vinte, porque você vai atirar mais que os dez juntos.

Isabel sorriu e continuou:

– Amanhã você fará o anúncio. Concorda comigo, meu grande amor?

– Sempre.

No dia seguinte levantamos cedo e, como havíamos combinado, convocamos todos os escravos, exceto as crianças. Daquela vez elas não poderiam participar.

Isabel dirigiu-se a todos, sem preâmbulos.

– Estamos sofrendo algumas ameaças e vamos tomar as providências necessárias. O Júlio vai explicar para vocês sobre os nossos planos. Pode falar, meu amor. Agora a palavra é sua.

– Obrigado, querida!

E comecei falando àqueles homens e àquelas mulheres, que já manifestavam a preocupação estampada nas faces.

– Amigos, a maneira humanitária com que temos tratado vocês, a correspondência de vocês em trabalho dedicado e na afeição com que nos tratam e a escola que construímos para ensinar os seus filhos a lerem e a escreverem têm provocado o ódio e o rancor em alguns fazendeiros da região. Entre eles, o que nos faz uma ameaça direta, prometendo invadir a nossa fazenda, destruir

tudo, matar vocês ou aprisioná-los, é o fazendeiro Belmiro.

Quando pronunciei esse nome, os escravos sentiram um mal-estar.

– Por isto, Isabel e eu já conversamos e decidimos reagir. Não vamos nos entregar com facilidade. Conforme me disse Isabel – e eu concordo com ela –, para tomar as nossas terras e aprisionar vocês, vão ter que passar por cima dos nossos cadáveres. Não é, meu anjo?

Isabel, querendo inflamar o ânimo daquela gente, gritou sim e ergueu os braços. Foi como uma injeção de ânimo, porque todos gritaram com Isabel:

– Sim! Ou venceremos e seremos felizes, ou morreremos lutando!

“Um por todos e todos por um”, lembrou um deles as minhas palavras no almoço festivo do meu casamento com Isabel. E todos repetiram várias vezes estas mesmas palavras.

– Agora eu vou passar a palavra à minha esposa, porque ela será minha professora e de alguns homens, que ela selecionará para apreenderem a manejar uma arma. Esta heroína vai nos ensinar a atirar. Eu, por exemplo, só sei usar o lápis.

Todos riram. Eu percebia que, para eles, era apenas mais uma aventura, porque aquele povo era sofrido e não demonstrava uma preocupação maior.

Isabel reassumiu a palavra.

– Iremos nos preparar para a possibilidade de Belmiro tentar invadir a nossa fazenda. Quem vier em paz será sempre bem recebido. Entretanto, quem nos invadir, tentando nos prejudicar, vai levar bala. Como disse o Júlio, eu vou ensiná-lo a atirar. E farei uma seleção rápida entre os homens, aproveitando de imediato quem apresentar mais habilidade para aprender. Mas, prometo que ensinarei a todos. Entretanto, lembro a todos que não devemos utilizar uma arma para tirar a vida de quem quer que seja, exceto num momento como este, em que querem nos matar e perpetuar a escravidão. E embora ainda estejam aqui como escravos, vocês são livres, porque não os obrigamos a ficarem e porque propiciamos a vocês condições de vida razoável. Mas peço para não fazerem comentário algum sobre este treinamento, porque estou contrariando a lei cívica. Se as autoridades souberem disto, com a pressão que fazem os fazendeiros, me prendem, porque estou ensinado vocês a se defenderem com armas de fogo.

Confesso que, embora Isabel e eu demonstrássemos entusiasmo, como se nada de especial estivesse para acontecer, em meu íntimo se manifestava uma preocupação intensa. E acredito que minha amada sentia idêntica preocupação. Não era nossa intenção matar ninguém. Nem provavelmente morrer. Além do que, muitos que nada tinham a ver com aquilo estariam perdendo a vida. O que desejávamos, mesmo, era continuar a nossa vida, trabalhando, amando, construindo algo a favor daquela gente humilde e sofrida, a quem havíamos aprendido a amar e respeitar. Mas, infelizmente, as circunstâncias não nos deixavam alternativa, porque qualquer demonstração de fraqueza de nossa parte instigaria ainda mais aquele homem, que já havia desenvolvido a fama de ser mau e perverso, a subjugar-nos. Então, tínhamos que confiar em Deus. Independentemente do que acontecesse, necessitávamos defender-nos.

– Isabel, estou muito preocupado com os acontecimentos. Eu sei que estaremos prontos para nos defender. Mas, quantos perderão a sua vida? E mais, se algo acontecer a você e ao nosso pequenino Estevão, eu vou procurar vingá-los e, em seguida, vou me permitir matar, porque a minha vida sem você e sem o nosso

filhinho perde a razão de ser, não tem sentido. Não tenha dúvida. É o seu amor, são os seus carinhos que dão vida à minha vida. Por favor, não se arrisque, não se exponha, deixe que eu vá na frente!

Isabel olhou-me fundo nos olhos, enlaçou-me nos braços e deu-me um longo e demorado beijo. Em seguida me disse:

– Júlio, compreendo que o momento é difícil. Também me demoro preocupada, porque não sou insensível à dor que sucederá a este acontecimento. Mas entendo meu infinito amor, que, infelizmente, não temos alternativa. Neste momento só nos resta rezar... e matar... ou morrer. Mas, tenhamos coragem. Não podemos nos demorar incertos em nossas atitudes. Eu entendo que temos que encarar o momento.

E, sorrindo, também disse:

– Quanto a mim, não se preocupe. Sei atirar com as duas mãos. Sou eu, meu querido, quem estará a defendê-lo!

Naquela mesma tarde, logo após o almoço, os escravos compareceram para o exame seletivo. Minha esposa pediu a eles para estirarem o braço direito, permanecendo naquela postura por cinco minutos. Durante aquele período o braço não deveria tremer. Segundo a minha amada, para ser um bom atirador é preciso ter o pulso firme. Foram separados, a princípio, 25 homens. Então, ela repetiu o teste, só que o tempo de sustentação do braço foi de dez minutos. Do segundo exame seletivo foram aprovados os dez futuros atiradores.

Fizemos o primeiro treinamento, ao final do qual alguns já haviam alcançado um

ótimo êxito na pontaria. Depois de uma meia hora de treino, foram dispensados, porque deviam voltar ao trabalho.

A seguir, a sós, meu amor, com muito carinho, estive a treinar-me. Disse-me ela que eu houvera me saído muito bem, mas não me era possível acreditar, porque ela me ama muito. Entretanto, como acertei várias vezes o alvo, acho que não fui de todo ruim.

– Terminamos o treinamento! Júlio, temos que ir até a cidade comprar as armas e as munições. Ainda bem que há quatro lojas que vendem armas e munições, porque, se tivéssemos que comprar tudo numa única loja, o vendedor poderia desconfiar. Vamos comprar um pouco em cada uma delas e, assim, dispersaremos a curiosidade, a imaginação e mesmo os comentários dos lojistas.

Atrelamos um cavalo à charrete e saímos para as compras. Compramos onze espingardas e dez quilos de bala. Depois de comermos um lanche gostoso, voltamos para casa. Estávamos preocupados, mas, felizes, porque tudo em nossa vida era motivo para manifestarmos o nosso amor.

Nos quatro dias subsequentes continuamos a treinar tiro ao alvo, havendo melhorado muito. Alguns de nós já estavam muito bons no exercício de atirar. Também havíamos montado vários postos de vigilância, porque não sabíamos quando e por onde os invasores invadiriam os nossos domínios. Então, todo cuidado era pouco.

Enquanto, porém, nos preparávamos para receber os inimigos à bala, sequer fazíamos uma prece, rogando ao Plano da Luz que nos amparasse, porque não afinávamos com a religião. Por este motivo não tínhamos o hábito de buscar a proteção de Deus, por intermédio dos assessores divinos. Chegávamos a acreditar na intervenção divina, mas entendíamos que ela acontecia sem que nós

a pedíssemos, que ela ocorria apenas por determinação de Deus. E era o que estava acontecendo, porque, embora houvéssimos nos desviado dos propósitos da espiritualidade ao casar-nos, praticando atos não condizentes com a Lei Divina, com os desígnios do Criador, colocamos em prática parte do nosso projeto e estávamos indo muito bem. Então, a espiritualidade superior, os que nos avalizaram a reencarnação, começaram a intervir a nosso favor.

– Isabel, não desejaria que o embate acontecesse. Mas, já que tem que acontecer, porque os que agem com maldade se intrometem em nossa vida, então eu desejo que ele aconteça logo, pois daríamos um desfecho a esta incerteza. Não acha, meu amor?!

– Júlio, aguardemos serenos, porque a serenidade e a tranquilidade nos oferecerão os benefícios da vantagem. Nossos inimigos virão desesperados, odiando, não terão a bênção do raciocínio. Nós devemos estar tranquilos, para planejarmos melhor a nossa defesa. Não se aflija, apenas aguarde, sem ansiedade.

Enquanto confabulávamos sobre os preparativos para enfrentar aquele desafio, os mentores divinos buscavam o padre Antônio, na intenção de utilizarem-se daquele homem bondoso para eliminar o perigo, que era um perigo para a nossa existência material, porque poderíamos perder a vida, e um perigo para a nossa alma eterna, porque, embora estivéssemos agindo em defesa própria – o que amainaria a nossa responsabilidade de culpa –, estaríamos retardando a nossa evolução espiritual, porque assimilaríamos vibrações negativas, as quais teríamos que diluir nas condições densas do meio ambiente em que permanecem e onde vivemos nós, os encarnados e desencarnados na Terra.

Equivocadamente, alguns irmãos da catolicidade acreditam que a extrema-unção oferecida pelo sacerdote ao moribundo, na hora da morte, livrará este dos respectivos pecados, ou seja, das respectivas vibrações infelizes. Entretanto, ninguém nos pode livrar das vibrações negativas que nós mesmos

desenvolvemos. Nós temos o livre-arbítrio, somos os construtores do nosso destino, voluntariamente adulteramos nossa vibração, tanto quanto a que nos rodeia. Então, compete a nós devolver à condição natural a nossa vibração, tanto quanto aquela que se manifesta na natureza, na vida, da qual fazemos parte. A desarmonização acarreta-nos muitas instabilidades e desajustes. A nós compete devolver à condição natural a vida em âmbito geral e a nossa própria vida.

Enquanto isto, nosso amigo padre Antônio, recordando-se de acontecimentos que poderia evocar para impedir a tentativa de invasão, saiu em direção à fazenda de Belmiro. (Não nos é necessário dizer que o bondoso velhinho estava arriscando a própria vida, porque aquele fazendeiro era perverso e não hesitava em tirar a vida a quem quer que fosse, uma vez fosse contrariado nas intenções criminosas e torpes.) A amizade e o amor quase filial por Isabel, porém, que era quase uma filha para o padre Antônio, estimularam nele a coragem necessária para arriscar-se naquela empreitada. Além disto, o sacerdote estava envolto e inspirado por espíritos divinos, que pretendiam auxiliar-nos a salvar o nosso projeto.

Padre Antônio estava sendo um instrumento da Luz, do Bem e do Amor. Sem dúvida alguma era auxiliado, o que não quer dizer que não estava exposto ao perigo, porque sabemos, através da História, que muitos vultos de luz perderam os corpos de matéria, enquanto o desejo maior deles era o de transmitir amor e luz à humanidade.

O nosso amigo não era um avatar divino, mas era uma alma boa, um homem dedicado ao bem. Ele chegou à fazenda ao anoitecer. Foi recebido por Belmiro de maneira pouco amistosa, porque padre Antônio já se havia oposto a qualquer intromissão nos assuntos da nossa fazenda. Tampouco o sacerdote fez questão de ser simpático. E foi logo dizendo:

– Belmiro, tenho uma proposta para lhe fazer, a qual eu acho que vai interessá-lo.

O fazendeiro respondeu:

– Se for do meu interesse, eu aceito. Mas, aviso de antemão, que a sua vida estará em perigo, se for algo que possa prejudicar-me.

O sacerdote respondeu:

– Já vivi bastante, realizei muitas coisas boas. Então, a morte não me causa medo. Com certeza, Deus me reserva um lugar melhor na vida espiritual. Mas, logicamente, não desejo perder a minha vida de matéria sem uma razão que justifique eu morrer. E apenas morrerei pelo bem ao semelhante, sabendo que você pode me tirar a vida, porque a minha vida não é a primeira. Eu tomei as precauções necessárias. Escrevi uma missiva, falando sobre a minha empreitada e os motivos dela e entreguei-a ao bispo, sendo que uma cópia está nas mãos de uma pessoa que presenciou o acontecimento daquela noite triste de domingo, quando você praticou um estupro e, em seguida, matou a sangue frio a adolescente Yara, jovem bonita e atraente, que tivera a infelicidade de ser escrava na fazenda de um malfeitor como você.

O fazendeiro gritou:

– Não me provoque, porque eu o mato aqui, mesmo!

Padre Antônio respondeu:

– Será que você tem esta coragem?! Acho que não, porque as consequências serão graves. Se tiver coragem, mate-me.

O fazendeiro bufou e abaixou a voz. Então, o sacerdote disse a ele:

– Vamos definir nossa atitude perante a vida?

– Padre, o senhor só teve conhecimento de eu haver matado a escrava Yara por intermédio da pessoa que presenciou o fato.

– Não. Fiquei sabendo antes, mediante o seu ex-capataz, o Alcibíades. Foi ele que me contou em confissão, antes de morrer. Você se lembra de que ele me mandou chamar, dizendo-me que queria confessar os pecados dele? Principalmente este, em que ele envolveu a cabeça da jovem num saco e a arrastou para longe, entregando-a a você. E, então, você tirou o saco da cabeça de Yara e abusou da jovem. Ela pediu-lhe piedade, mas você não deu a mínima atenção. Quando você satisfez a sua voracidade de fera irracional e inconsequente, apontou o revólver para a cabeça dela, que, mais uma vez, lhe pediu misericórdia, afirmando que não contaria a ninguém. Você, simplesmente, riu. E lhe deu um tiro certo na cabeça, matando-a. Mas o confesso detalhou os acontecimentos para mim, os quais eu registrei em minha missiva para o bispo. E a pessoa que presenciou aquela cena brutal e miserável, confirmando cada detalhe, foi o falecido Alcibíades. Belarmino, o inferno o espera. Entretanto, você pode ir para lá um pouco mais cedo. Basta que o bispo e eu apresentemos estas revelações. E entendo que você sofrerá uma perseguição implacável por parte da Igreja. Para não me esquecer, o confesso também afirmou que você ainda levou para a sua casa, para habitar ao lado de sua esposa, a bela escrava Bartira, tornando-a sua amante, com desrespeito àquela que deveria ser a sua companheira, mas que não passa de um objeto em suas mãos.

– Sacerdote, o senhor sabe demais! E fique sabendo que isto é muito perigoso.

Sem se intimidar, padre Antônio disse:

– Belmiro, é perigoso para quem? Para mim ou para você?

A este desafio, Belmiro calou-se. Então, o sacerdote lembrou a possibilidade de fazer um acordo e o fazendeiro, depois de pensar por alguns momentos, perguntou sobre o acordo que padre Antônio desejava fazer.

– Você se esquece da sua intenção de invadir a fazenda de Júlio e Isabel e eu lhe prometo que tudo o que sei ao seu respeito fica comigo. O bispo tampouco abrirá a boca. Exceto se eu pedir uma atitude da parte dele. A pessoa que conhece os seus segredos malditos é fiel a mim e só fará a revelação se algo me acontecer. Isto eu faço por não querer o derramamento de sangue da parte de pessoas inocentes.

– Eles estão com medo de mim? – perguntou o fazendeiro.

– Não. Pelo contrário, eles estão esperando por você. Direi, até com certa ansiedade. Se você fosse, seria bem provável que eu morria ali, indo mais rápido prestar contas ao demônio.

Naquela altura dos acontecimentos Belmiro tremia de ódio. E, para despedir-se, o padre ainda fez um lembrete:

– Se você, de tocaia, traiçoeiramente ferir alguém da fazenda, eu desencadeio o processo de denúncia contra você. Muito cuidado!

O fazendeiro levou várias vezes as mãos à cintura, na intenção de sacar e atirar, mas conteve-se. Padre Antônio despediu-se e foi para casa feliz, porque havia obtido uma vitória contra o mal. E os amigos da espiritualidade também estavam felizes com o desfecho dos acontecimentos.

Na manhã seguinte, bem cedo, porque havíamos acabado de levantar-nos, o nosso amigo sacerdote chegou todo sorridente.

– Vim tomar um café! Será que ainda dá tempo?!

Isabel respondeu bem humorada:

– A qualquer momento o senhor toma café, almoça ou janta em nossa casa!

O sacerdote sorriu e disse-nos:

– Hoje venho trazer uma boa-nova para vocês! Irão ficar meio chateados, porque sei que treinaram muito tiro ao alvo. Fiquei sabendo que o Júlio está matando um mosquito a cinquenta metros de distância, e em movimento!

Assim brincou o sacerdote e nós rimos. Ele se sentou à mesa, aguardando pelo café. Sentamo-nos também. Isabel, não suportando a curiosidade, porque

nenhuma mulher não resiste, quis saber logo sobre o que ele guardava como segredo e perguntou:

– Mas, por favor, conte-nos a boa-nova! O que o faz feliz? Porque sinto que o senhor está feliz! E queremos participar dessa felicidade! Somos seus amigos!

– Se é assim, então eu vou contar!

Padre Antônio apercebeu-se da curiosidade aguçada em que o meu amor se demorava e disse:

– Mas você quer que eu conte antes de tomar o meu café?! Não é necessário ter tanta pressa!

– Nós esperamos, não é, Júlio?!

Eu sorri e respondi:

– Sim! Não temos pressa!

Mas o sacerdote quis aliviar a minha querida da curiosidade angustiante em que se envolvera e começou a narrar para nós os acontecimentos.

– Inspirado pelo poder divino, pelos anjos benditos do Senhor, ontem, enquanto me demorava a pensar nos acontecimentos futuros, no derramamento de sangue da parte de pessoas inocentes, preocupado com o futuro de vocês, porque são como meus filhos e aprendi a amá-los... E os amo muito!... – Isto, dito pelo sacerdote sensibilizou-nos o mais profundo da alma! – ... Eu me recordei que possuía em mãos um trunfo muito grande, porque eu sei de alguns crimes violentos e brutalizados realizados pelo Belmiro. Tomei coragem, escrevi uma carta e enderecei-a ao amigo bispo Pierre. E sai a caminho da fazenda de Belmiro. Cheguei à noitinha e ele, logicamente, recebeu-me de malgrado, porque eu o contrariei na intenção de invadir a fazenda de vocês. Ele fez algumas ameaças de morte, mas eu respondi que já aguardava aquela atitude da parte dele. Conteí a ele sobre a missiva que enviei ao bispo e informei-o, ainda, que uma pessoa que presenciou um ato criminoso da parte dele também guardava consigo uma cópia da mesma missiva. Se ele quisesse matar-me, não haveria problema para mim, porque já havia vivido a minha vida, e só para o Bem. Entretanto, se algo me acontecesse, todos saberiam que foi ele que me matou. Depois de muita conversa, algumas vezes aos gritos do Belmiro, concordamos em que ele não tentaria invadir a fazenda de vocês e, em contrapartida, eu não levaria o caso dele adiante.

Belmiro perguntou-me ainda se vocês estavam com medo e eu respondi que não, que estavam até aguardando por ele com ansiedade. Se ele fizesse alguma tentativa, provavelmente iria mais cedo para o inferno.

Estávamos felizes, tanto Isabel quanto eu, porque aquela briga não estava em nosso programa. Tínhamos um filhinho para criar, um propósito de trabalho a desenvolver. E o nosso projeto era um sonho lindo em nossas vidas.

Perguntei para Isabel:

– Meu amor, você está feliz?

Ela olhou para mim. Trazia os olhos cheios de lágrimas. E respondeu:

– Tanto quanto você, meu querido, porque não corremos o risco de morrer e tampouco teremos a necessidade de matar alguém. Muitos inocentes poderiam morrer. Obrigado, meu Deus!

Levantamo-nos num impulso. Foi como se houvéssemos combinado aquele ato. Pegamos o sacerdote, um em cada braço dele, erguemos padre Antônio, abraçamos com imenso amor aquele herói do bem e derramamos lágrimas de gratidão pelo homem corajoso que arriscara destemidamente a própria vida para salvar outras vidas. Sentíamos, então, um alívio. Foi como um pesadelo que se desvanece e se transforma num sonho divino de amor e vida.

Eu disse:

– Padre, Deus o abençoe! É só o que posso dizer, porque, de resto, o senhor sabe, mora em meu coração!

O sacerdote sorriu e disse:

– Júlio, morar em seu coração é bom demais, porque você é uma alma nobre!

Convidamos padre Antônio para que ficasse e almoçasse conosco. Ele aceitou, porque não recusava um convite para alimentar-se. O velhinho também era bom de garfo.

Avisamos os escravos que, logo após o almoço, teríamos uma informação boa a passar para eles. O padre bondoso acompanhou-me até a escola. Daquela vez apresentei-o às crianças e brinquei, dizendo que ele era o meu mais recente aluno. Os garotos sorriram. Percebemos que as crianças não precisam de muito para fazer uma arruaça. Eu estava tão feliz que não os repreendi. Enfim, aquietei-os e iniciamos a aula. Tivemos aula de Matemática, de Geografia e de Português. As crianças haviam adquirido um bom aprendizado. O sacerdote deu-me os parabéns e exclamou, feliz e satisfeito:

– Valeu a pena! Meu Deus, obrigado!

Terminadas as aulas, o sacerdote, entusiasmado, ainda fez alguns comentários a respeito e eu agradeci a ele, porque também estava satisfeito. Confesso que, em meu interior, eu estava radiante.

Mais uma vez convidei padre Antônio para almoçar. Quando chegamos em casa, a mesa já estava posta. Minha esposa já se desincumbira das tarefas e fizemos nossas refeições felizes. Conversamos e brincamos muito. O ambiente era de paz e felicidade.

Quando o sacerdote nos informou que teria de ir embora, porque havia algumas tarefas a realizar na paróquia, minha amada disse a ele:

– Padre, fique só mais um pouquinho, porque vamos dar a feliz notícia que o senhor nos trouxe e gostaríamos de contar com a sua presença.

Padre Antônio aquiesceu. Saímos e Isabel dirigiu-se aos nossos amigos da fazenda:

– Temos uma notícia feliz para vocês.

Os escravos aquietaram-se. Mesmo assim, percebíamos certa ansiedade nos semblantes deles, como quem diz, “fale logo, queremos saber do que se trata!”. Mas o mais interessante é que aqueles homens e mulheres e crianças permaneceram em silêncio, prestando absoluta atenção ao pronunciamento do meu amor, que era de se admirar. Ela os envolvia com uma magia divina, que os levava a um êxtase de felicidade, porque sabiam que Isabel, quando lhes falava, era para dizer alguma coisa boa e bonita.

Isabel, porém, surpreendeu a todos nós, dizendo:

– Mas, quem vai lhes dar a notícia é o Júlio!

Eu, que sentia um momento de felicidade por aperceber-me do encanto que o meu eterno amor transmitia àqueles homens, mulheres e crianças, respondi:

– Não, meu amor! Este momento é seu! Você plantou esta árvore de amizade, de amor e de respeito junto a esta gente. Nada mais justo do que ser você a portadora da boa-nova, que o nosso amigo padre nos trouxe.

Padre Antônio olhou-me com um ar de aprovação e de satisfação, reforçando ainda mais a minha intenção de deixá-la falar, ao que acrescentei:

– Este momento foi conquistado por você, meu grande amor!

– Tudo bem, querido! Para atender ao seu pedido, eu falarei.

Coisa interessante. O sol brilhava como em todos os dias, as árvores tinham o mesmo verdor de sempre, mas o meu estado interior havia se modificado. Eram, aproximadamente, 12h30min. O sol apresentava-se resplandecente, parecia ter mais fulgor, os raios luminosos refletindo-se sobre a cúpula das árvores, cintilavam, formando um cenário sublime de beleza e esplendor. As árvores pareciam-me mais verdes! O céu, mais azul! E o amor, mais amor! E perguntava a mim mesmo por qual motivo eu nunca me apercebera de que pertencia àquele quadro de belezas sublimes, porque tudo aquilo, sem dúvida, era a manifestação de Deus no Universo.

Eu me demorava extremamente sensibilizado. Então, os nossos amigos da espiritualidade aproveitaram-se daquela minha sensibilidade emocional para reavivar em meu âmago os compromissos que havia assumido na espiritualidade. Longe, porém, estava eu de aferir a presença dos amigos da Luz. Ao voltar daquele devaneio maravilhoso, em que me pareceu percorrer, penetrar – fundir-me, mesmo, em simbiose divina – toda a beleza que me rodeava, olhei para o sacerdote, parecendo que ele estava acompanhando o meu raciocínio, minha paixão pela beleza da vida. Fixei o olhar no amigo e ele simplesmente sorriu para mim.

Entretanto, Isabel já houvera iniciado o pronunciamento dela. Naquele momento da fala, ela dizia:

– Há uns vinte dias, convocamos vocês para informá-los de que o fazendeiro

Belmiro havia prometido invadir a nossa fazenda. Preparando-nos contra isto, ensinei a alguns de vocês a atirarem com armas de fogo. Também nos preparamos fisicamente para a possível invasão. Entretanto, nem Júlio nem eu elevamos uma vez sequer o pensamento a Deus, implorando-Lhe a misericórdia divina. Infelizmente, confiamos mais em nós do que no poder divino. Mas, entendo hoje com maior clareza que a misericórdia do Criador é infinita, porque, enquanto nos demorávamos confiando nas nossas próprias forças, o nosso querido amigo padre Antônio, confiando em Deus, amparado pelos anjos da Luz, foi até a casa do fazendeiro Belmiro e demoveu-o do intento criminoso em que se demorava. Felizmente, não teremos mais que matar nem tampouco morrer, porque, numa briga sangrenta como a que estava para acontecer, matamos e morremos, muitos inocentes perdem a vida. O perigo acabou. Confiemos no poder divino e maravilhoso, que nos evitou o pior. E continuemos a vida, prosperando, progredindo, como estamos a fazer, porque o futuro ainda nos reserva muita prosperidade e muita felicidade!

Notei que, em meu amor, também havia acontecido uma mudança interior.

Para finalizar, Isabel disse, apontando para padre Antônio:

– A este homem devemos a felicidade deste momento e a que teremos no futuro!

Os escravos curvaram-se perante o padre. Aquela postura deles representava um gesto de gratidão. Em seguida, com os rostos radiantes de felicidade, voltaram para o trabalho.

Antes de padre Antônio partir, Isabel chamou-me a um canto.

– Júlio, quero falar com você em particular.

Brincando, eu disse para ela:

– Você quer casar comigo mais uma vez?

Sorrindo, ela me respondeu:

– Não posso, porque já casei com você para sempre!

– O que é então, querida?

– Júlio, depois deste acontecimento eu senti algo novo em minha vida. Se, antes, eu acreditava que Deus existe, agora eu acredito que, além de existir, Ele nos ampara por intermédio dos santos e dos anjos. Ele se utilizou de padre Antônio para nos amparar. Sei que você não gosta da religião católica, por não acreditar que Deus nos castiga, que se zanga conosco quando não correspondemos aos desígnios dEle. Tampouco eu acredito nisto. Mas o padre Antônio é diferente, tanto que ele mesmo nos afirmou discordar de muita coisa ensinada pela Igreja. O que você acha, meu grande amor, de comparecermos, de quinze em quinze dias, à igreja do nosso amigo sacerdote, no período da tarde, para apreender mais a respeito da vida? E eu não me refiro a este momento, mas, à vida eterna!

– Meu sublime amor, concordo com você, porque, também em meu íntimo, algo diferente se implantou. Pouco antes de você começar a falar, eu me senti embriagado pela beleza que se manifesta de Deus na natureza. Senti que eu fazia

parte de tudo o que nos rodeia. Foi um envolvimento fácil de sentir, mas, impossível de descrever.

Isabel abraçou-me. Chamamos o sacerdote e comunicamos a ele sobre a nossa decisão. Padre Antônio, derramando lágrimas de alegria, disse-nos:

– Vocês serão sempre bem-vindos, porque as portas do meu coração e da minha alma estão escancaradas para vocês, meus filhos!

Então, ainda mais feliz, partiu rumo à própria paróquia. E nós dissemos a uma só voz:

– Ali vai um homem santo.

Como combinado, passamos a frequentar a paróquia de padre Antônio de quinze em quinze dias. Aquele velhinho era maravilhoso, era maduro em espírito, não aceitava a crença do Inferno eterno, do Paraíso beatífico, da Imaculada Conceição e outras. Ele nos ensinava Deus como sendo fonte originária da vida, informando-nos de que, equivocadamente, a Igreja acreditava que Deus tivesse forma humana. E dizia-nos que não queriam reduzir Deus apenas à configuração humana, mas, aos conceitos infantis em que demora o homem na Terra, atribuindo-Lhe todos os tipos de paixão e de vicissitude humana.

Pelo fato de termos pensamentos semelhantes ao do sacerdote, era fácil assimilar os ensinamentos dele. Continuando os nossos estudos, pedimos ao sacerdote que nos desse a bênção, porque entendíamos que ele tinha autoridade moral e espiritual para isto.

Nossa fazenda continuava a progredir cada vez mais. Onde era a cachoeira – já dissemos –, com o desmoronamento que acontecera, tivemos ali a nascente de um rio, que um pouco mais adiante no próprio percurso se tornara um rio caudaloso. Mas, antes de a água se canalizar na formação do rio, formara um brejo de enormes proporções, o que nos permitiu fazermos lá uma plantação de arroz. Fizemos, ainda, algumas melhorias nas senzalas, que de senzalas já não tinham quase nada. Também melhoramos a escola. E o relacionamento entre os fazendeiros e escravos melhorou muito mais, porque manifestávamos compreensão mútua, respeito e amizade. Os anos de convivência tornaram-nos uma família. Em nosso recanto abençoado – graças ao bom Deus –, tudo era felicidade.

E assim percorremos nossa caminhada. Os anos haviam passado. Já estávamos maduros em idade. Meus cabelos tornaram-se grisalhos, minha barba e meu bigode, também. Eu já contava 74 anos, mas ainda me sentia fisicamente bem. E minha esposa, alguns aninhos mais nova do que eu, ainda não possuía cabelos brancos.

Cortava o pepino e passava-o no rosto, no pescoço, nos braços e nas mãos. Isabel era vaidosa, não pretendia perder a beleza que Deus lhe dera. O corpo dela, apesar da idade, continuava bonito. Obviamente, apresentava algumas modificações de quando era jovem, mas ainda se parecia com uma deusa, mantendo a beleza e o porte feminil. Vivíamos uma vida de felicidade plena, ela, nosso filhinho, Estevão, e eu.

Entretanto, a nossa felicidade na Terra é passageira. Felizes aqueles que acreditam que depois da morte a vida continua. Quem ama verdadeiramente continuará a manifestar o amor à pessoa amada, porque ninguém permanece na Terra pela eternidade.

Sem que eu esperasse – porque a morte não manda avisos –, uma noite eu me deitei para dormir, mas não acordei mais para a vida material. No outro dia, minha alma gêmea foi surpreendida ao encontrar o meu corpo frio estirado ao lado.

Pude perceber a reação de desespero de minha amada alma gêmea... Eu, porém, não percebia nada mais.

Antes de lançar um torrão de terra sobre o meu esquife, minha alma gêmea pensou em convidar um sacerdote para que ele encaminhasse a minha alma. Mas desistiu da ideia, porque era outro sacerdote que oficiava na paróquia, outrora dirigida pelo padre Antônio, o qual, muito velhinho, houvera desencarnado havia alguns anos, deixando um vazio em nossas vidas, porque ele era muito querido por nós.

Assim, eu parti. Mas a alma gêmea de minha alma e o meu filho continuaram a nossa obra.

Aos poucos, a vida na fazenda foi perdendo aquele encanto maravilhoso para a minha alma gêmea, que já não manifestava mais o sorriso jovial de outrora.

Meu filho, que já era jovem, também muito sentiu a minha morte. Por necessidade das circunstâncias, encontrou forças para superar o acontecimento.

Mesmo aquela gente humilde guardou saudades minhas nos corações, porque, com a minha alma gêmea, eu houvera sido um amigo de todos.

Todos os membros de nossa família buscaram forças, encheram-se de coragem e continuaram a trabalhar e a progredir.

Estevão substituiu-me nas aulas para as crianças dos escravos e a minha alma gêmea colocou-o a par dos negócios, preparando-o para dirigir a fazenda no futuro. O meu menino já estava namorando e iria ficar noivo muito em breve. Isto era muito bom!

Minha alma gêmea inesquecível fez um altar dedicado à minha memória na capela da fazenda. Todos os dias, às dezoito horas – horário em que nos casáramos –, ela depositava uma flor em minha homenagem, derramava algumas lágrimas, fazia uma jura de amor eterno, enxugava as lágrimas e prosseguia vivendo.

No pardieiro de sombras em que me encontrava, eu percebia um refrigerio, o qual me envolvia a alma. Mas não percebia de onde ele provinha, sequer sabia por que aquilo acontecia.

Na fazenda não se esqueceram de mim, mas arquivaram-me no inconsciente, exceto a minha alma gêmea. Seguindo o curso da vida, todos trabalhavam com aplicação. O lema era apenas um: progredir!

Estevão ficou noivo de Matilde. Após um ano de noivado, casou-se com ela. Tudo corria de acordo com os desígnios da Espiritualidade Maior.

Matilde era uma jovem dinâmica, educada e prestativa. Minha alma gêmea amava-a como a uma filha.

Vinte anos passaram-se desde a minha morte, quando Isabel adoeceu e começou a sentir uma dor forte no peito, uma tosse incessante. Procurou-se socorro na Medicina, a qual, naquela época, não dispunha de muitos recursos. Diagnosticou-se uma infecção aguda nos pulmões. Meu filho questionou o médico, perguntando se era tuberculose.

– Acredito que não. É uma infecção provocada por vários nódulos, dos quais não sei explicar a origem. Sinceramente, não tenho um remédio para curar sua mãe. Vou apenas prescrever um medicamento para aliviar as dores que ela está sentindo.

Estevão, obviamente, chorou ao ouvir estas palavras. Mas o esculápio não podia dizer outra coisa.

Meu filho levou a própria mãe para casa. Quinze dias depois ela se desencarnou.

Na fazenda, todos choraram. Escravos velhinhos que conviveram com ela, jovens que, desde a infância, haviam aprendido a idolatrá-la. E, naturalmente, Estevão e a esposa dele. Todos derramaram lágrimas de saudades antecipadas por aquela mulher, que nascera na fazenda e que, desde menina, se tornara uma amiga dos escravos e os defendera com todas as forças da própria alma.

Minha alma gêmea apreendera a amar aquela gente, se é que já não nascera amando.

Contudo, de acordo com o ciclo da vida, apagam-se as luzes dos nossos olhos de

matéria, para descerrar-se, aos nossos olhos espirituais, um cenário novo, belo, resplendente ou sombrio, de acordo como o houvermos pintado.

O processo da evolução sempre marca presença em nossas vidas.

Minha alma gêmea e eu deixamos um herdeiro para continuar a nossa tarefa.

Estevão preparava-se para ser papai de um filhinho, que Matilde lhe deu em breve.

A memória referente à minha alma gêmea também foi depositada no arquivo morto, no inconsciente.

A vida cobra-nos continuidade, porque assim é o ciclo da vida.

Estevão, que muito herdara da personalidade da minha alma gêmea, soube continuar a nossa obra.



Segundo capítulo

A Lei Divina não castiga, mas corrige

Como sabemos, a morte do corpo é implacável. Ninguém escapa da morte no momento fatal.

Entre os protagonistas deste enredo, eu fui para a espiritualidade, porque ela veio buscar-me quando eu não esperava por ela, embora já estivesse bem maduro, pois contava com meus 74 anos. Mas não estava doente e eu imaginava fosse durar mais algum tempo. Entretanto, na calada da noite, sem pedir licença ou perguntar para mim se eu desejava, não sei explicar o método que ela utilizou, mas um ataque fulminante do coração despiu-me do corpo físico e, logo a seguir, senti-me projetado para uma região sombria. Confesso que tudo me parecia um pesadelo. Eu desejava, desesperadamente, acordar. No entanto, meu acordar teria que ser para a realidade da vida, pois, no corpo de matéria, eu não acordaria mais.

Demorei-me semi-inconsciente por um tempo que não me é possível precisar. Tentei concatenar as ideias, entender o novo momento, mas era-me impossível. Então, permiti-me ser arrastado por aquela força irresistível, que me levava de roldão para onde eu não podia imaginar. Tampouco pude perceber por quanto tempo assim me demorei.

Aos poucos, a minha mente foi voltando devagarinho. Comecei a ter vagas lembranças de minha vida. Ouvia vozes e percebia vultos ao meu redor. Então, compreendi que havia morrido.

A percepção trouxe-me medo e revolta, porque, embora eu não fosse católico praticante, acreditava em que, ao morrer, vamos para o Céu ou para o Inferno eterno. E o recanto sombrio em que me demorava não me parecia o Céu.

Infelizmente, a religião católica, na intenção de subjugar os respectivos fieis, esteve inserindo na mente deles o dogma do Inferno Eterno. A seguir, a religião reformista, ou protestante, embora houvesse apresentado algumas mudanças, não se desvencilhou deste dogma, provavelmente porque ele ajuda a amedrontar e a manter obedientes aqueles que ainda não se acordaram para a luz da lógica e da razão.

Embora eu já houvesse superado esta crença – como cada um dos leitores estarão a ver –, entretanto, de momento, eu carregava as influências da matéria e não me permitia ter sequer um vislumbre do meu passado na espiritualidade. Não me era possível aperceber que eu tinha vivido momentos maravilhosos no mundo espiritual e que a misericórdia divina me havia permitido reencarnar-me, para rever os meus erros na existência anterior.

Carregamos para a vida espiritual a bagagem que preparamos na Terra. Embora eu não houvesse sido um espírito perverso ou mau, fora um espírito irresponsável e egoísta. Pensava mais em mim mesmo do que nos outros. Se realizei alguma coisa de bom a favor dos escravos, fui inspirado pela minha alma gêmea, porque me tornara obsedado por aquela mulher. Assim como a Terra orbita em torno do Sol, eu orbitava em torno de Isabel. Favorecer os escravos era favorecer a mim mesmo, porque o retorno era certo. Infelizmente, eu trazia o agravante de ter conhecido a verdade. Havia prometido construir..., revendo os meus erros... Mas distrai-me e falhei.

Disse-nos Jesus que muito lhe será pedido a quem muito lhe foi dado. Eu já havia vivido uma estadia na Espiritualidade Maior. Havia prometido aos espíritos superiores que voltaria para realizar um trabalho a favor dos meus semelhantes, o que redundaria em meu próprio crescimento espiritual. Mas,

infelizmente, sucedeu-me o que sucede a muitos. Distraí-me, deixando-me envolver pelas paixões da matéria. Consorciei-me com uma mulher com quem mantinha alguns débitos do passado. Deveria tê-la auxiliado a libertar-se da paixão doentia em que se projetara, porque ela se deu de corpo e alma à prática do comunismo, tornado-se completamente fechada a qualquer outro tipo de comunicação. Entretanto, eu apenas não concordei com ela; achei-a intragável, intolerante, quando me cabia, mediante a minha compreensão, libertá-la daquele engodo. E quanto aos valores espirituais, eu negligenciei. Devia ter procurado, em meio à ganga das paixões em que as religiões se demoravam envoltas, o diamante divino da verdade. Mas observei apenas a parte externa delas e não me apercebera senão da ganga, das mentiras que elas apresentavam. E me perdi. Mas a espiritualidade esteve encaminhando-me – como me encaminhou – ao encontro de padre Antônio, de quem eu deveria ter extraído mais informações sobre a espiritualidade. Permiti, porém, que eu me envolvesse num crime covarde, para obter a mulher dos meus sonhos. Entretanto, aquela mulher veio aos meus braços por intervenção da Espiritualidade Maior. Minha responsabilidade de culpa foi enorme.

Assim, minha ignorância cobrava do Poder Divino uma condição melhor. Não houvera eu auxiliado os escravos, realizando um trabalho que beneficiasse os filhos deles. Não havia tratado bem a eles, cooperando com Isabel na compreensão e no trato amigo que ela concedia a eles.

É interessante por que me perguntava a causa de ter sido lançado ao sofrimento; eu não parava um instante para pensar no crime praticado, para o que apoiara a minha amada a fim de tirar a vida de seu ex-companheiro. Fosse eu um espírito ignorante da verdade divina, sem dúvida, as consequências de meus atos infelizes seriam menores, mas infelizmente eu já sabia, mas, embora soubesse, não quis saber.

O que eu ignorava é que todo o bem por mim realizado, de alguma forma, amenizava o meu sofrimento. Não fosse isto, estaria sofrendo muito mais. As vibrações positivas, as vibrações de amor por mim apresentadas, atenuavam as

vibrações negativas e sombrias que eu houvera exteriorizado. O que nós não entendemos, ou não queremos entender, é que nós, vidas eternas, somos as fontes de nossas vibrações. Não temos como destruir uma vibração, seja negativa ou positiva, esta se demora pairando no meio ambiente, tanto quanto nos impregna o corpo energético, ou perispírito. O que temos a fazer, quando exteriorizamos uma vibração negativa, é reabsorvê-la – e esta, ao ser reabsorvida, nos vai causar desajustes, sofrimento, angústia, dores –, modificando-lhe as condições, devolvendo-lhe o princípio de naturalidade. O que estava acontecendo comigo demorava-me, absorvendo as energias negativas que emitira, somadas às energias que se demoravam em simbiose associadas ao meu corpo energético, e estas, por lei de sintonia, me arrastaram para uma região em que se demoravam espíritos que traziam uma vibração símile à minha, teria que me modificar ali, e essa modificação dependia de mim, de mais ninguém.

No momento, minha alma sentia um terror imenso, eu não via qualquer possibilidade de fuga, pois uma força irresistível me dominava a fibra mais íntima da alma; sequer eu intentava este ato. Sabia que minha atitude seria inútil. Eu me houvera ligado a essa zona vibracional negativa, tanto quanto a essas entidades, por meio de meu comportamento vibracional. Não foi Deus, Jesus ou outros espíritos que me derrubaram nas trevas; fui eu que, pelos meus atos, me projetara nessa região, pois os semelhantes se atraem, semelhança atrai semelhante, e o que me prendia a essa região era a minha própria vibração e, nesse mesmo momento, um espírito vestido todo de negro, com manto e chapéu também escuros, chegou-se a mim – este espírito era o Venceslau, que me aguardava para a vingança final –, mas eu não o reconheci, pois sua aparência houvera se modificado por causa da sua perversão e dureza de espírito, e mesmo porque não era sua intenção ser reconhecido de início. Cumprimentou-me com uma voz rouca e cavernosa, pelo menos foi assim que eu a interpretei, e disse: “Seja bem-vindo à nossa “Colônia Trevas Eternas”. Quando ouvi esse pronunciamento, confesso que me apavorei, mas tentei manter a aparência de tranquilidade. Entendi que não deveria mostrar minhas fraquezas a esse desconhecido, pois, se ele se apercebesse de que eu estava com medo, poderia ser pior. Infelizmente, o recém-chegado não inspirava confiança; era evidente a condição de maldade a irradiar-se de sua alma. Dizem, mas acredito, mesmo, que os olhos sejam o espelho da alma, pois o seu olhar era apavorante; auscultava-me o mais fundo do meu ser, era como se estivesse observando o interior de minha alma, paralisando todas as minhas reações ou

manifestações. Em momento algum, nosso amigo teve a intenção de revelar-se, provavelmente o faria quando houvesse exercido sua vingança. E começou a falar-me com uma frieza e uma naturalidade que o tornava ainda mais assustador, pois esta atitude lhe dava ares de superioridade e domínio de seus atos. Continuou a falar-me como quem me conhecia os sentimentos e pensamentos mais íntimos.

– Vejo que na Terra você não foi um excelente trabalhador das sombras, mas demorou-se sempre arredio à religião, esse ópio que torna os espíritos fracos e covardes, e isto é um bom começo, entretanto quero dar-lhe um tempo para raciocinar, mas pretendo deixar-lhe algumas indagações, para que você as analise. Se Deus fosse misericordioso, por que Ele não levou em consideração os atos de caridade que você realizou a favor dos escravos. Sei que esses atos não tiveram como foco primeiro a caridade, mas, uma linda mulher que o fascinou. Mas raciocine. Seja por este motivo, ou outro qualquer, você praticou o bem, e eu entendo que, se misericordioso fosse, haveria levado em conta os seus bons atos. Bem apresentarei um prazo de seis meses, então volto para buscá-lo; a sua decisão não me incomoda, ela poderá levá-lo ao sofrimento, ou às glórias de servir ao senhor das trevas, pois, como o informei, jamais sairá daqui; dentro deste âmbito de pensamento, escolha o lhe convém. Até mais!

Venceslau estava vivendo uma atitude sádica, pois ele sabia que eu não teria maldade suficiente para servir ao senhor das trevas. Essa fase já houvera sido superada. No momento eu me demorava fraco, pusilânime, subjugado pelas paixões; não teria mais a coragem para praticar um crime, para destruir alguém que não me houvesse prejudicado. Provavelmente mesmo me havendo prejudicado tampouco, confesso que nesse momento eu me lembrei do assassinato de Joaquim, e estremeci.

As palavras proferidas por aquele espírito, que, no meu parco entendimento, era um ser frio, metódico, que guardava em seu âmago uma maldade raciocinada, mexeram com os meus sentimentos, pois eu até então não tinha parado para pensar, mas, embora má, a entidade tinha as suas razões, porque Deus me teria

enviado para o inferno. Afinal, eu tinha praticado ações boas; esclarecera as crianças, filhos dos escravos; houvera cooperado com Isabel no sentido de melhorar o nível de vida deles. Se Deus tivesse um mínimo de misericórdia, teria levado meus atos em conta. E uma gargalhada, filha da revolta e do sadismo, explodiu de minha alma ignorante, levando-me a pensar: ora Deus é tão mal quanto eu, senão pior.

Os dias iam passando, e a minha revolta intensificava-se cada vez mais, pois eu me justificava em minhas atitudes, passei a acreditar que eu fora bom, mesmo, e atribuía toda a responsabilidade de meu infortúnio a Deus. Enquanto minha alma lutava enceguecida contra as realidades supremas da vida, a misericórdia infinita do Eterno permitia que uma mulher, em forma de anjo, descesse as furnas escuras em que me demorava e me estivesse tentando acordar para a verdade. Eu não podia vê-la, entretanto podia sentir-lhe as vibrações de paz com que me envolvia. Senti um alívio em minha alma. Aquela revolta, e porque não dizer ódio, mesmo, amainou-se. Sem acreditar no que sentia, sosseguei um pouco minha alma angustiada e aguardei. Estava na condição de quem espera um milagre. Então ouvi uma voz que pronunciou estas palavras: “meu filho”.

Apesar do tempo que nos separava um do outro, eu reconheci aquela voz inconfundível, era a minha mãe que se fazia presente a meu lado. Eu, envergonhado e angustiado, pois no meu entender, eu jamais sairia daquele recanto sombrio, lhe respondi em prantos:

– Mamãe Lurdes, o que faz aqui, neste antro de trevas, junto a um demônio como sou, embora eu a ame e queira estar com a senhora? Entretanto, um abismo de sombras nos separa para sempre.

Minha mãe me respondeu:

– Meu filho, você acredita que a inteligência suprema e o amor eterno de Deus nos estariam relegando a um abandono eterno nas trevas e no sofrimento? Observa a vida, meu filho. Você viveu numa fazenda, esteve mais próximo da natureza, das matas verdejantes, das fontes cristalinas, dos córregos, as noites estreladas, a mulher linda e maravilhosa que Deus lhe deu; tudo fala de uma harmonia e de um amor infinito a manifestar-se em todos os elementos da vida. Acredita, porventura, que quem alimenta as aves, que não semeiam nem ceifam, unicamente por amor, vá permitir que o homem, sua realização mais perfeita, se destrua nas trevas para toda a eternidade? E como poderia existir para mim um paraíso? Entenda, meu filho, eu jamais seria feliz, ainda que estivesse num recanto iluminado, cheio de flores lindas e perfumadas, pois eu amo você com toda a minha alma. Se existisse o inferno eterno, o paraíso seria uma utopia; acredita, porventura, que eu pudesse ser feliz, sabendo que você estivesse em sofrimento eterno? Meu filho, você será socorrido, entretanto terá que aceitar o socorro que lhe estará sendo prestado pela espiritualidade superior, rompendo os laços vibracionais que você mesmo criou com essa zona inferior e os espíritos infelizes, que comandam essa região das trevas, pois não foi Deus quem lançou você nas trevas em que se demora; foi você mesmo, por meio de sua vivência na Terra, não se iluda, meu filho, não valem as aparências, pois estas enganam o homem, mas, não, a Lei de Deus. Lembre-se de que quando você fizer sua transformação íntima, a sua vibração se modificará e, assim como você se projetou nas trevas, estará a projetar-se de encontro à luz e à harmonia que se manifestam de Deus na vida, e então será feliz. Comece a reforma interior, a dor visitará você, que será maltratado por essas entidades infelizes por discordar de suas ideologias sombrias e tristes, mas a eternidade, repleta de felicidade, aguarda você, ao lado de sua amada, e é lógico que eu estarei a amá-lo também para sempre.

As palavras de minha mãe imantadas pelo amor divino que ela irradiava trouxeram-me uma paz e uma felicidade tão grandes, que pode parecer utopia eu dizer que me sentia feliz em plenas zonas trevosas. Entretanto, para quem imaginava que estava perdido para sempre, receber a notícia de que o sofrimento em que me demorava iria ter fim, que só dependia de mim, é algo que somente quem se demora nessa situação pode avaliar, e a partir desse momento, procurei recompor-me, iniciando uma reação interior que mexia com os meus mais profundos sentimentos. Entendi que não basta nos modificarmos, e num repente, estaremos sendo projetados no paraíso, como me explicou a minha mãe, era

preciso modificar o meu estado vibracional, e isto não acontece num repente; seria preciso provar essa reforma interior, por meio da vontade aplicada, trabalhando e sofrendo, mesmo, para depurar as minhas vibrações, e naturalmente a minha alma.

Eu não tinha a noção de tempo, não sabia avaliar quando era dia ou noite. Parecia já estar nessa região por uma eternidade, na condição triste e miserável em que me encontrava. Perdera por completo a noção de espaço e de tempo, mas este se manifestava invariável em seu curso. E apresentou-se o momento do testemunho, o sacerdote das trevas compareceu, como prometera, ao meu encontro e fez-me esta pergunta à queima-roupa:

– E então? Você quer ser feliz ou pretende ser um desgraçado?

Eu lhe respondi:

– Pensei bem, e prefiro ser um desgraçado por algum tempo, mas, chegar mais cedo à felicidade eterna que me está reservada por Deus, pois eu pensei muito no que você me disse a respeito do Criador e cheguei à conclusão de que Ele não tem nenhuma responsabilidade por este momento sombrio em que me demoro. Analisei tudo de bom que me foi concedido pelo Eterno, e o mau uso que fiz dos bens que me foram dados, e conclui que sou eu o responsável pela minha desgraça. Então, você pode mandar punir-me, pois me podes fazer sofrer, mas, não, matar; sou imortal.

A entidade sombria que houvera se mantido calada apenas me respondeu:

– Imbecil, poderia ganhar honra e glória, servindo ao senhor das trevas, mas

– Você preferiu a atitude dos covardes que se deixaram aliciar pelas palavras do Cordeiro. Então, encare a dor e o martírio que o aguardam, e quanto à sua esperança de sair daqui, de habitar um paraíso, não existe, pois nós deteremos você nesta região para sempre.

Embora ciente de que aquela entidade me estaria fazendo sofrer, respondi-lhe:

– Não se iluda, fui eu que mergulhei nesta região de trevas, por meio de minhas vibrações negativas, e quando eu me modificar, modificarei minhas vibrações e estarei rompendo as correntes que me prendem aqui.

A entidade vociferou:

– Maldito adepto do Cordeiro! Você se arrependerá no mais fundo de sua alma dessa decisão que tomou.

– Agora, Rafael (pois este era o meu nome numa reencarnação anterior à que vive como Júlio), você está em minhas mãos e sua esposa, Esmeralda, virá em breve. Você não me reconheceu, mas eu sou o Venceslau, a quem você e sua esposa usurparam os bens; na época, você tinha poder, fama, fortuna, mas, ambicioso, queria mais e teve o que desejava. Você me levou a sofrimentos amargos e tristes; por sua causa, minha família passou necessidade, e eu morri, odiando-o. Agora você vai arrepender-se por existir, vai rogar a Deus a morte de seu espírito, e o pior para você é que não morrerá jamais. Você acredita que irá sair desta região quando se redimir, modificando suas vibrações. Entretanto, eu o fustigarei tanto, que você não conseguirá deixar de me odiar, e desta forma estará preso a mim e às trevas para sempre.

E eu lhe respondi:

– Venceslau, tanto você quanto eu estamos subordinados a esta Lei, e sabe que não podemos modificar-lhe os princípios. Temos que nos submeter a ela. Fui eu que construí a minha desgraça, e a mim competem o direito e o dever de construir a minha felicidade, e você sabe, tanto quanto eu, que não existe ninguém nas trevas para sempre. Tenho a certeza de que, se você procurar, não vai encontrar ninguém que esteja nas trevas desde a eternidade, e para a eternidade.

Ele deve ter chamado alguém, provavelmente por meio de um sinal, e dois brutamontes inescrupulosos, pegaram-me, um em cada braço, e lançaram-me numa cela. Confesso que aos sopapos, mesmo, a partir desse dia sofri muitas agressões que chamarei de físicas, por não saber que outro nome lhes daria, aplicações magnéticas negativas que me faziam a alma estremecer, e me tornava desfalecido, mas eu pensava em Deus em sua misericórdia infinita, que eu havia desprezado. Pedia forças para suportar o momento. Pedia misericórdia para o meu verdugo; eu o fizera sofrer, fui eu quem o fez meu inimigo. Aos poucos, a reação da hipnose desses espíritos começou a tornar-se mais fraca, menos intensa, pois eu estava aos poucos melhorando meu estado vibracional. Esse processo redentor, mas, amargurante, com certeza levou anos, apercebendo-se de que eu estava reagindo e o processo de libertação estava iminente. Então eles resolveram apelar para o processo da sugestão, informaram-me de que Isabel havia morrido, e estava vivendo um sofrimento terrível, pior que o meu, e isto me abalou um pouco as forças, pois, embora eu soubesse que ela estava vivendo apenas um momento de sofrimento na sua evolução, imaginá-la sofrendo me fazia sofrer intensamente. Era uma dor incomparável que me envolvia as fibras mais íntimas da alma, e senti remorso, pois eu poderia ter evitado o crime que ela praticou, pelo menos assim pensava eu, e este sentimento enfraqueceu-me um pouco. A ideia de tê-la sofrendo amargurava-me. Pensei: se meu amor está sofrendo, precisa de mim mais do que nunca. Então uma força interior me acordou para a necessidade de superar-me em minhas fraquezas. Livre, eu teria a oportunidade de buscá-la no inferno e conduzi-la para a felicidade. Lembrei-me das palavras amorosas e sábias de minha mãe e continuei resignado, oferecendo minha mudança vibracional. Embora eu não soubesse definir o tempo que me

demorei nesse sofrimento, que para mim parecia uma eternidade, sofri amargamente o assédio de meu inimigo. Em algumas oportunidades perdi as forças energéticas, chegando, mesmo, a demorar-me desfalecido, mas resisti. Afinal me senti livre. Foi quando um espírito maravilhoso me disse:

– Vim buscá-lo. Você rompeu os laços que o prendiam a esta região. Sou seu irmão Bernard. Vamos, nova vida espera você.

– Anjo misericordioso, por Deus, liberta-me deste sofrimento. Reconheço, embora tardiamente, os meus erros. Mesmo não sabendo a causa do meu sofrimento, sei que fui eu quem o construiu, e a mim competem a responsabilidade e o dever de libertar-me dele, mas, sem a sua ajuda divina, faltar-me-ão as forças necessárias para esta empreitada, que, com certeza, vai exigir de mim muita força de vontade e muito sacrifício.

– Amigo Júlio, não sou um anjo de Deus, sou Bernard. Sou seu irmão. Venho em nome de um amigo que se demora numa condição evolutiva maior que a nossa buscar você para que possa rever o seu passado, recuperando-te no presente, para construir um futuro de paz e felicidade, trabalhando e construindo, no campo do amor e do bem. Pode ter a certeza de que terá a felicidade eterna, junto à sua bem-amada.

Senti um alívio, mas não pude deixar de sentir compaixão daqueles espíritos que ali se demoravam. Meu novo amigo deu-me a mão, senti uma força e um vigor interior, que não podia de momento entender e, envolto por essa energia, sem saber como, eu volitava a caminho de uma colônia socorrista. Meu novo amigo apresentou-me aos espíritos encarregados de receberem os recém-chegados, recomendando-me a aproveitar a oportunidade e estudar bastante, pois em breve estaríamos visitando Isabel. No intento de retirá-la das regiões sombrias, essas palavras, ao mesmo tempo em que doíam fundo em minha alma, também me enchiam de esperança, e dispus-me à vontade dos meus novos amigos. Queria aprender, crescer, tornar-me preparado para a maior empreitada de minha vida,

buscar minha alma gêmea. Pensava comigo mesmo: “Jamais nos separaremos outra vez”.

Permaneci nessa colônia. Estudei, comecei a trabalhar, realizando algumas tarefas que estavam ao alcance de minhas possibilidades. Apliquei-me bastante. Meu objetivo maior era libertar Isabel das trevas e dar-lhe a felicidade infinita. Às seis horas da tarde, a colônia reunia-se para as preces, e eu aproveitava esse momento para agradecer a Deus por sua misericórdia infinita, e para pedir ao Criador que fortalecesse minha amada, lhe desse sustentação, para que ela não se mergulhasse na revolta e compreendesse que somos nós que nos projetamos nas trevas e no sofrimento. Nesse novo comportamento em que me demorava, minha vida seguia curso, e eu pensava: “Quando será que meu amigo e protetor pretende descer às zonas trevosas para retirarmos meu infinito amor do sofrimento?”. Eu já estava nessa colônia havia um bom tempo, assistido, amparado, enquanto ela continuava a sofrer, e sofria, pois é impossível deixar de sofrer, mesmo quando estamos bem. Quando sabemos do sofrimento da pessoa amada, mas resignava-me, pois sabia que ele tanto quanto eu desejávamos a felicidade de Isabel. Com certeza, ele teria motivos importantes para aguardar por mais tempo.

Antecipando-me, pois essas informações eu as obtivera de minha amada depois de sua libertação, vamos ver como foi seu desencarne, e sua estadia nas trevas.

O amor absoluto de minha vida desencarnou com uma infecção aguda nos pulmões. Essa infecção provocou-lhe muitos vômitos, muita falta de ar; ela sofrera bastante em seu desencarne, emagreceu, ficou muito fraca e fez a longa viagem. Dizer que seu ingresso na espiritualidade aconteceu numa região sombria é desnecessário, pois tanto ela como eu havíamos transgredido a Lei Divina; havíamos tirado a vida de seu primeiro esposo; havíamos sido infiéis aos nossos cônjuges. Embora Joaquim fosse um homem devasso, mulherengo, essa atitude não justificava nossos atos, pois um erro não justifica o outro, e a revolta que meu grande amor vivera, pois era uma mulher linda, dotada de um belo corpo, e ver-se reduzida a uma condição que ela interpretava como o de uma

megeira, a revoltava, fazia-a amargurada. Aproveitando-se de seu orgulho e de suas vaidades, as entidades trevosas não tiveram dificuldade em fazê-la sofrer; bastava-lhes pronunciar a frase “megeira criminosa”, e ela, em sua vaidade, se amargurava, sofria muito e justificava o seu ato criminoso, pois entendia não haver praticado um crime, tirando a vida a um crápula. Além disso, havia o sofrimento natural, provocado pelo ambiente sombrio, fétido e úmido em que se demorava.

Dizer de minha angústia, de meu sofrimento, por saber que meu grande amor ainda se encontrava nessa região sombria, é desnecessário, mas não adiantava exigir nada, nosso protetor e amigo sabia o que estava fazendo e, além do mais, eu não estava em condições de exigir nada. Entendia agora, com maior clareza, as palavras de minha mãe, pois eu estava num recanto da espiritualidade, que era um pedacinho de céu. Entretanto, sabendo que meu amor divino demorava-se em sofrimento, eu sofria por ela e pensava: “Quando ela estiver recolhida a meu lado, a minha felicidade será completa; então estarei no paraíso”.

Era manhã de 11 de outubro de 1843. Eu, embora cheio de esperança, continuava triste, pois pensava no sofrimento em que se demorava meu amor, quando nosso mentor querido entrou e me informou de forma direta:

– Vamos agora realizar a maior tarefa de sua vida, iremos buscar sua amada, pois ela já apresenta sinais de arrependimento; não lhe importam mais as características de beleza; começa a sentir um tédio pela vida, compreendendo que a forma física é mutável. Todos têm o mesmo fim; e, além de tudo, ela tem méritos adquiridos, pois o trabalho que ela realizou entre os escravos foi meritório. Não fosse o passado criminoso em que se demorou, com você, enquanto reencarnada na Terra, e o crime que praticou, outra seria a situação dela, tanto como a sua.

Mais alguns comentários da parte do mentor, chegamos à região. Nosso amigo Bernard pediu-me silêncio e informou-me que eu estaria a apresentar-me a ela,

pois, em virtude da diferença vibracional, ela não poderia vê-lo, por enquanto.

Quando me deparei com a minha alma gêmea, antes de me fazer presente, chorei amargamente. Confesso que levei um choque, pois, quando eu desencarnei, ela já era uma mulher madura, conservava, porém, os traços de beleza, e porque não dizer um corpo elegante. Entretanto ali estava ela, parecia apenas uma sombra de mulher. Enquanto eu me derramava em lágrimas, Bernard dirigiu-me a palavra e falou-me enérgico:

– Por que você se desespera por haver perdido aquela mulher linda em seu corpo de matéria? Este é o momento de seu testemunho. Será que você amou apenas a beleza externa, a roupagem física de que ela estava revestida, ou será que você ama o ser eterno, a essência, a vida que deriva da vida do Criador?

Esse questionamento esteve acordando-me para a realidade; eu amava o ser inteligente, uma vida que Deus tinha me ofertado para alegrar-me os meus dias na eternidade. Então eu lhe respondi, embora com a voz embargada:

– Eu amo a mulher eterna, que de momento se demora, vivendo essa configuração.

Auxiliado pelo mentor amigo, fiz-me presente, pois, embora não fosse um espírito evoluído, o tempo de permanência na colônia e o desejo que eu vivia de espiritualizar-me para ajudar a minha amada me despojaram das influências mais grotescas da matéria. Por esse motivo foi necessária uma intervenção da parte de Bernard, e a minha presença provocou nela um sentimento de vergonha, misturado com revolta, provocando-lhe uma reação agressiva:

– Que você faz aqui? Veio fazer o que fazem os demais que por estas zonas se encontram? Rir de mim, zombar do momento infeliz em que me demoro?

E eu, chorando copiosamente, me aproximei, a enlacei em meus braços e lhe disse:

– Não, venho buscar a mulher mais linda do Universo em minha vida, meu anjo. Sem você a meu lado, não existe paraíso; a felicidade torna-se uma utopia. Você e só você é meu paraíso; é a luz radiante de meu viver. Venho em nome da misericórdia divina para levá-la comigo, pois estamos juntos na eternidade.

– Por Deus, suas palavras expressam a verdade, Júlio?

– Isabel, minhas palavras, meu sentimento de amor infinito por você, é a minha maior verdade. Eu a amo na essência. Não me demoro na forma que é perecível, mesmo porque, ao recuperá-la, você continuará sendo tão linda como é.

Minhas palavras solidificadas pelo meu sentimento infinito de amor sensibilizaram-lhe a alma e, então, ela se enlaçou em meus braços e murmurou:

– Meu anjo, então não me esqueceu; não lhe causa repulsa a minha condição de mulher no momento?

Eu lhe respondi;

– Jamais eu esquecerei você. Eu não a amo na aparência, mas, na essência, no espírito eterno, na mulher maravilhosa que Deus me ofertou. Você é meu patrimônio sagrado para a eternidade.

Choramos abraçados por um tempo que não sei definir. Só nos repusemos quando nosso amigo espiritual nos convidou a partirmos, pois as entidades trevosas já estavam desconfiadas e poderiam dificultar a nossa retirada:

– Não que elas possam nos reter aqui, mas desejo evitar um confronto desnecessário com as elas.

Ela segurou a mão de Bernard e partimos para nosso recanto, e eu pensava: “Agora eu encontrei o paraíso!”, paraíso este que, por algum tempo, eu imaginava houvesse perdido.

Ao chegarmos, nosso mentor apresentou Isabel aos mesmos amigos, aos quais eu fora apresentado, e brincou:

– Cuidem bem desta mulher, pois ela é o patrimônio sagrado de nosso amigo Júlio.

Sorrimos todos e, graças a Deus, eu já tinha motivos de sobejo para sorrir, como disse Bernard, eu já tinha meu patrimônio divino a meu lado. Entretanto, antes que Bernard se fosse, eu me arrisquei a questioná-lo quanto à possibilidade de ser eu o enfermeiro direto de minha amada, e ele me respondeu:

– Não, às vezes o amor desorientado nos atrapalha em determinados momentos. Ela precisará da orientação segura dos amigos que vão cuidar dela. Haverá momentos em que estes discordarão de sua alma gêmea, apresentando-lhes informações de que, a princípio, ela discordará, mas você, meu amigo, não saberá e não terá forças para discordar dela em nada; então pode visitá-la, passar um bom tempo a seu lado, mas não se descure do aprendizado e do trabalho. Namore com responsabilidade.

Deu um sorriso, um adeus, e se foi.

Os dias foram passando, eu visitava meu amor em seu leito, pois ela estava fazendo um tratamento intensivo, para curar-se da infecção dos pulmões. Importa ressaltar que a enfermidade não era patológica, mas era a resultante das influências da matéria, pois, quando desencarnamos, levamos conosco para a espiritualidade as influências materiais, e é evidente que sentimos, depois da morte, as dores que nos arrancaram a vida ao corpo físico – exceto quando o espírito é desprendido da matéria –, e o tratamento neste caso fazia-se por meio de aplicações magnéticas ao paciente, com orientações no sentido de elevar o padrão vibracional do espírito enfermo, no caso, minha amada. Algumas vezes, em minha visita, meu amor falava-me do quanto sofrera com essa enfermidade durante sua estadia nas trevas, e eu a ouvia com atenção e carinho, mas, com psicologia e com amor, eu mudava o rumo da conversação, pois relembrar a enfermidade é sustentá-la por mais tempo a fustigar-nos a alma. Graças a Deus e à intervenção dos amigos espirituais que cuidavam dela, no prazo de seis meses, ela ficou completamente curada, liberta dessas influências.

Finalmente eu me sentia no paraíso, pois estudava e trabalhava ao lado de minha alma gêmea. Conseguimos por nosso esforço, e pela confiança que nosso mentor maior depositara em nós, pois nos avalizara a aquisição de uma casinha que nos recolhia, embora não passássemos muito tempo acolhidos nela. Trabalhávamos bastante, queríamos evoluir, reparar nossos erros, mas entendíamos agora que voltar com a cabeça cheia de idealizações, sem o preparo necessário, não resolvia o problema fundamental da alma; é preciso maturar as potenciações de

inteligência e de amor que herdamos de Deus, prepararmo-nos suficientemente. Então as nossas chances de sucesso quando reencarnados são maiores. Demorávamos neste roteiro já havia alguns anos. Fizemos um bom aproveitamento dos estudos e obtivemos frutos preciosos com nossa aplicação no trabalho. Quando fomos chamados por nosso mentor, ficamos surpresos, mas sabíamos de antemão que nosso amigo espiritual só nos apresentava oportunidades excelentes, no caminho de nossa evolução.

Ao chegarmos, Bernard recebeu-nos em sua sala e dirigiu-se a nós nestes termos:

– Filhos, tenho acompanhado o aproveitamento que vocês têm feito, tanto no estudo, quanto no trabalho, entretanto importa lembrá-los de que terão que reencarnar novamente, para que possam ascender a planos superiores, pois estiveram imantando o ambiente da Terra com as suas vibrações infelizes. Importa lembrar que a harmonia de Deus se manifesta no Universo infinito, e que todo pensamento ou ato negativo por nós emitido, ou praticado, gera desarmonia, desarmonia esta que necessitamos retificar. Reencarnando, nós reabsorvemos essas energias e nos modificamos, devolvendo ao ambiente as condições harmônicas naturais. Foi por essa razão que Jesus nos informou que não sairíamos da Terra enquanto não pagássemos até o último centil. Nessa oportunidade vocês reencarnarão e terão um facho luminescente de luz a guiá-los pelos caminhos da vida, a luz da doutrina espírita. Estarão aproveitando os conhecimentos aqui adquiridos, as experiências vividas, como sustentação dos ideais sagrados que estarão abraçando. Apresentarão uma proposta de trabalho, que observaremos com muito carinho e, com certeza, estaremos a aparar algumas arestas, pois, quando recebemos a dádiva sagrada da reencarnação, nos embriagamos de felicidade, e prometemos muito, mas, infelizmente, algumas coisas que prometemos fogem-nos à capacidade de realização. Lembro a vocês que não atingirão a felicidade legítima enquanto reencarnados, como já vimos, imantaram o ambiente da Terra com vibrações desarmônicas. Essas vibrações, tanto quanto as que carregam ainda em seu eu eterno, tendo como campo de assimilação o perispírito, estarão manifestando-se em suas vidas, não lhes permitindo aperceber com clareza o amor que vocês têm um pelo outro e os une para sempre. Entretanto, perseverem no trabalho, guardem sempre a fidelidade

de um com o outro, pois essa existência será para vocês o marco definitivo de união de vocês, mas, se desperdiçarem a divina oportunidade, vocês se separarão por séculos, antes que lhes seja ofertada uma oportunidade sublime como a que estão vivendo. Entretanto terão ainda um prazo razoável antes de reencarnar; acredito que aproximadamente 68 anos, pois os seus futuros papais estão preparando-se para o retorno e, entre outros espíritos, vocês farão parte dos agraciados. Lembro-os de que deverão aproveitar ao máximo que puder o seu precioso tempo para angariar conhecimentos para fortalecer-se, pois a tarefa que empreenderão será árdua e requererá muita aplicação e, em algumas vezes, sacrifício, mesmo. Não terão a facilidade da fortuna, nascerão filhos de pais pobres, lutarão para atingir seus ideais. Peço-lhes muito cuidado para não se desviarem do propósito que aqui assumirão, lembrando-os ainda de que muitos companheiros de jornada da sua última existência na Terra, entre estes a Maria Antonieta, estarão reencarnados com vocês, fazendo parte de convivência de vocês. Alguns estarão aceitando o Espiritismo, outros ainda não terão maturidade para abraçar a doutrina dos espíritos, mas o importante é que vocês estejam atentos, lembrem-se destas palavras de Jesus: “Que te importa a ti, segue-me tu”. O Joaquim não reencarnará ao lado de vocês, pois ele já está reencarnado, e me vocês me perguntarão: “Mas por que o Joaquim já reencarnou? Possuía mais méritos? Não foi um jogador, um libertino com as mulheres, um esbanjador?”. Sim foi, entretanto importa levarmos em conta que a Lei Divina não tem por propósito castigar a criatura, mas corrigi-la, conduzindo-a para a evolução, e em sua aplicação encerra meios para apreciar a maturidade do espírito por meio da sua consciência, pois a consciência do ser é um parâmetro de aferição de que se utiliza a Providência Divina, perante a consciência Cósmica do Criador. Não podemos nos esquecer de que a consciência é elaborada pelo espírito eterno por meio da evolução do ser, em sua passagem pelos reinos inferiores da natureza; no animal, a consciência está em fase de desenvolvimento. Alguns espiritualistas dizem que o animal não sente complexo de culpa, o que não é verdade. Vejamos um exemplo evidente dessa realidade no João-de-Barro, quando a fêmea se relaciona com outro macho que não seja o seu companheiro; ela se permite ser punida, pois o macho fecha a porta de sua casinha e, se ela não se sentisse culpada, poderia voar, fugir, entretanto ela se submete à punição. No homem primitivo a consciência tem uma abrangência de aferição ainda embrionária, em virtude da infância de espírito; já no homem dito civilizado, a consciência está mais aperfeiçoada, pois esta vai aprimorando-se por meio da evolução do ser; quanto mais evoluído for o espírito, mais desenvolta é a consciência deste. E nosso amigo Joaquim é uma criança espiritual, embora haja sofrido, pois se demorou dezenove anos nas

trevas, não tinha a maturidade de espírito para que lhe exigíssemos de imediato compromissos de responsabilidade, uma vez que ninguém pode dar aquilo que não tem. Então, embora Joaquim haja vivido a corrigenda por meio do sofrimento, recebeu como misericórdia divina a bênção da reencarnação, pois voltou para a Terra, filho e um descendente afro, e terá muito em breve uma companheira da mesma raça, que exigirá muito dele. Será aquela mulher que lhe estará cobrando disciplina e fidelidade, para a maturidade do Joaquim. Os compromissos que vocês estarão assumindo ainda são prematuros.

Aproveitamos a oportunidade que nos era apresentada e pedimos a Bernard a oportunidade de voltar à fazenda, rever nosso filho, nossa nora e nosso netinho. Este pedido já havéramos feito quando tínhamos um ano de aprendizado e trabalho, entretanto nosso amigo Bernard, com muita delicadeza, informou-nos que ainda não estávamos preparados para essa visita, que aguardássemos mais um tempo, pois as lembranças fortes que estaríamos ali vivendo não nos faria bem ao espírito, e ainda que a contragosto nos calamos, mas agora já se haviam passado quatro anos que havíamos começado a estudar e a trabalhar; será que não tínhamos adquirido ainda as condições necessárias?

– Amigo Bernard, já se passaram quatro anos desde o momento em que começamos a estudar e a trabalhar e, como você mesmo o disse, temos nos esforçado bastante no intento de aproveitar a oportunidade e evoluir. Acreditamos, Isabel e eu, que já temos merecimento para visitar a fazenda, pois nos demoramos com uma saudade imensa de nosso filho, de nossa nora e nosso netinho. Se acha que sejamos merecedores desta bênção, conceda-nos a graça desta visita.

– Filhos, aguardem um momento, estarei apresentando o pedido de vocês ao dirigente maior de nossa colônia. Existem questões que eu mesmo não posso resolver, entretanto nosso amigo José de Mococa tem demonstrado um interesse especial nas suas vidas, pois, embora vocês tenham fracassado em duas reencarnações, não deixa de assisti-los de perto, e foi ele quem programou a volta de vocês à Terra. Após um período longo em que vocês se demorarão,

preparando-os para o retorno, chego, mesmo, a acreditar que existam laços fortes entre vocês e este amigo maravilhoso, embora ele jamais haja comentado algo a respeito; aliás, ele fala muito pouco, procurando sempre ser objetivo.

Enquanto nosso amigo ausentou-se para apresentar ao patrono da Colônia nosso pedido, minha esposa e eu parecíamos dois colegiais. Aguardávamos esperançosos o retorno de Bernard. Passados alguns minutos, que nos pareceram séculos, nosso amigo entrou na sala e disse-nos, sorrindo, pois se apercebia de nossa ansiedade:

– O nosso patrono entende que ainda é prematura a visita de vocês.

Essas palavras foram como um balde de água fria. Ele continuou:

– Entretanto, ela servirá como experiência e aprendizado na caminhada eterna de vocês, e ele me pediu que eu estivesse acompanhando-os nesta empreitada, pois vocês vão precisar de muita orientação e assistência. Então escolhemos a ida à fazenda no domingo, pois nesse dia vocês não estudam nem trabalham e, assim, viverão um aprendizado extra, sem atrapalhar o curso de caminhada de vocês já programada. No domingo, pois, antes do raiar do sol, estaremos na fazenda.

Era uma quinta-feira quando Bernard marcou a nossa ida à fazenda. Faltavam apenas dois dias para a data marcada. Entretanto, estávamos ansiosos e parecia que o domingo nunca chegava. Mas, como passar mais rápido ou demorar mais para passar o tempo é uma questão psicológica, o domingo tão aguardado por nós chegou.

Chegamos ao Ministério do Estudo, às 5h30min. Nosso amigo Bernard já nos

aguardava. Nós nos cumprimentamos, e saímos rumo à fazenda. Já havíamos dominado o controle da mente e nos era possível dominar a faculdade de voitar. Esta não é resultante da evolução, como muitos o imaginam, é um domínio da mente, tanto assim que entidades infelizes também volitam, com a diferença de que estas estão limitadas a voitar em regiões inferiores, em virtude de sua condição vibracional ser densa. Viajávamos lentos, entretanto, diferentemente de outras oportunidades, nosso amigo espiritual demorava-se calado, deixando-nos entender que estava dando asas à nossa imaginação, pois realmente nossas mentes já entreviam na tela da memória as cenas pitorescas que a fazenda nos apresentaria. Passados mais alguns minutinhos, chegamos.

Bernard convidou-nos a irmos à nascente, hoje, como sabemos, um brejo, outrora, a montanha. Ali chegando, aconteceu-nos algo inusitado, algo que nunca havíamos sentido, nossa mente começou a levar-nos de retorno ao passado. Não víamos mais ali um brejo, mas, a montanha que encerrava mistérios maravilhosos, tanto quanto lembranças lindas, mas que, ao mesmo tempo, não se adaptavam agora ao comportamento sexual em que nos demorávamos na vida nova. Naquele momento nós nos complementávamos, permutando vibrações de amor. A nossa presença um ao lado do outro bastava. Havia rememorações da mente que pareciam ter vida própria, algumas delas relembravam-nos momentos infelizes por nós vividos. E foi a minha amada quem pediu socorro primeiro, dizendo:

– Amigo Bernard, ajude-me, pois não vejo a fazenda presente; vejo aquela que eu presenciei durante a minha vida, mas, principalmente, os momentos mais marcantes e, entre estes, verifico o momento infeliz em que tirei a vida do meu primeiro esposo.

Falava com o rosto coberto pelas mãos, como se quisesse desvencilhar-se daquela cena e, acredito, das demais também. Ela chorava. Embora eu não houvesse presenciado esse acontecimento, reproduzia-o na mente. Confesso que essa rememoração era um castigo para mim. Entendi, então, com mais clareza as palavras de Jesus: “O céu ou o inferno está dentro de vós mesmos”.

– Filhos – exclamou Bernard –, descentralizem a mente, pois esta se demora presa ao passado. Hoje vocês estão vivendo uma vida nova. A fazenda foi palco de um cenário que viveram na caminhada evolutiva de vocês. Embora este cenário seja lindo, acabou sendo adulterado por vocês em sua harmonia e beleza, e agora vocês demoram com a alma voltada para ideais divinos. O ambiente de nossa colônia propicia-nos paz, amor, luz e felicidade legítima. Lembrem-se da noite maravilhosa em que vocês mergulharam num êxtase divino, ao relento da noite, perante o templo do Universo, pois hoje esta é a sua realidade.

Ficamos espantados, pois não havíamos dito a Bernard, nada a respeito desse acontecimento. Nosso amigo querido sorriu e disse-nos:

– Nossa mente na espiritualidade fala muito mais do que as nossas palavras. Na espiritualidade, a comunicação por meio da palavra articulada é muito lenta; conforme vamos evoluindo, utilizamos menos o verbo expresso e muito mais o verbo divino, a manifestação da mente, pois mente é espírito.

Nesse momento, Isabel e eu já tínhamos voltado à condição normal. E perguntei:

– Amigo Bernard, o que foi que nos ocorreu, porque rememoramos o passado, de maneira tão intensiva a ponto de fazer-nos sofrer com as lembranças infelizes que praticamos?

Nosso amigo respondeu-nos que havíamos vivido uma autorregressão de memória:

– A emoção forte de vocês decorre do desejo de rever o recanto que lhes propiciou muitas felicidades. Enquanto encarnados, vocês fizeram o que fazemos todos. Nós selecionamos os acontecimentos e os enviamos para o campo do inconsciente passado aqueles que não nos agradam, pensando que apagamos a sua existência, e permitimos que permaneçam no campo do consciente apenas os acontecimentos que correspondam à nossa maneira de pensar do momento. Bastou a presença do cenário em que vocês gravaram no livro de memória os atos com que escreveram a história de vida de vocês neste recanto para que essas lembranças aflorassem para o campo do consciente. Então, não afloram apenas as lembranças bonitas e boas, mas, também, as tristes. Essa regressão de memória pode acontecer quando nos reencontramos com um inimigo do passado, um pode estar encarnado e o outro desencarnado ou ambos desencarnados, vivendo configurações físicas diferentes. O que está encarnado, quando adormece, desloca-se do corpo, mantendo, portanto, a configuração física do corpo que se demora em repouso; quanto ao outro, vivendo ainda a configuração da existência em que se inimizou, quando acontece esse encontro, seu espírito vive uma regressão da memória. O encarnado toma as configurações da existência anterior, o que, se demorar em desvantagem por carregar o complexo de culpa, procura fugir muitas vezes. E é por isso que, em muitas oportunidades, volvemos ao corpo assustados, por haver vivido um “pesadelo”. É por esta razão que os inimigos do passado nos reencontram, pois, no estado de vigília, o corpo nos oculta de nossos inimigos, e isto acontece como uma trégua em nossa caminhada eterna – é a misericórdia de Deus presente em nossas vidas. Mas essa regressão acontece também quando reencarnados. As vicissitudes ou virtudes vão manifestando-se como tendências e, embora não se apresentem nítidas como no caso de um encontro entre dois espíritos, ou como sucedeu com vocês quando chegaram à fazenda, entretanto manifestam-se o suficiente para envolver-nos nos vícios. Enfim, para repetirmos os mesmos atos, vai depender da força de vontade do espírito, da maturação espiritual que este haja alcançado para que supere o momento ou reprise os mesmos atos de outrora, levando-se em conta que o palco continua o mesmo; as mesmas oportunidades apresentam-se a nós, pois os cenários da vida levarão ainda alguns séculos para se modificar. Não acontecerão num repente. Um exemplo do que estou tentando oferecer-lhes foi a regressão de vocês quando reviram a fazenda, com a diferença de que estão desencarnados e, nesse caso, a lembrança manifesta-se mais viva, mais autêntica. No futuro vocês regressarão várias vezes à fazenda, mas, então, não existirá mais aquela ansiedade que viviam e, cientes de que demoram, de que mesmo a saudade, se não estiver contida pelo dique do equilíbrio, pode remexer o lodo de nossas paixões, e provocar danos em nossas vidas. Vocês visitarão a fazenda

com tranquilidade, cientes de que sua passagem por esta região foi apenas uma experiência a mais em sua caminhada evolutiva na eternidade. Filhos, aguardemos o tempo, procurando, por meio de nossas boas obras, purificar as águas de nossas lembranças e, então, límpido estará o leito em que estas repousam, e nossas lembranças serão sempre de felicidade, de amor.

Bernard continuou:

– Júlio e Isabel, já faz mais de uma hora que estamos aqui. Agora vamos entrar no casarão para que revejam seus entes amados, no entanto procurem transformar as saudades em motivos de alegria. Não se demorem ansiosos, angustiados, pois sabem que esses momentos de separação são breves perante a eternidade. Já vivi os seus sentimentos da hora em outros tempos, mas, orientado por um amigo mais esclarecido, contive-me. Se nos deixarmos envolver com nossas ansiedades e angústias, estaremos no momento em que os estamos envolvendo com nosso amor, envolvendo-os também com essas vibrações, pois elas estarão associadas ao amor, e com isso estaremos transmitindo sofrimento aos que tanto amamos. Isso acontece sem que o desejemos, mas, por ignorância de fatos. Procurem enlaçá-los em seus braços, procurando envolvê-los com lembranças bonitas, saudáveis de felicidades. Então a presença de vocês se justificará, pois não se justifica visitarmos as pessoas a quem amamos para fazê-las sofrerem.

Entramos, e outra surpresa, pois não havíamos parado para pensar que nossos queridos filhos houvessem envelhecido. Nossos filhos, Estevão e Matilde, haviam se modificado fisicamente com o transcorrer dos anos, estavam ambos já com os cabelos bem grisalhos, e várias rugas denunciavam-lhes a maturidade do corpo. Só então nos lembramos de que nosso netinho Rafael estava moço, entretanto ele ainda dormia; teríamos que aguardar que ele acordasse. Respiramos fundo e, fortalecidos pelo sorriso amigo de Bernard, aproximamo-nos. Isabel foi a primeira a abraçar nossos filhos e, infinitamente agradecida, aconchegou-se a Matilde, envolveu-a em seus braços, dizendo-lhe estas palavras:

– Deus a abençoe, minha filha, pois, pelo andamento das coisas nesta fazenda, você tem sido para o meu filho o anjo de sua vida. Eu o tenho em meu coração como um filho bem amado, mas você, minha filha, não o é menos.

Isabel derramava lágrimas que orvalhavam Matilde. E ali, mesmo, derramava-se do plano maior uma energia que parecia uma névoa e envolvia a ambas. Matilde não ouvia a voz de Isabel de forma articulada, mas, pela sensibilidade, permitiu-se inspirar pela sogra, e o que é mais interessante, lembrou os mais belos momentos que houveram convivido juntas.

– Estevão, estou sentindo neste momento uma saudade forte de sua mamãe, e manifestaram-se em minha mente lembranças agradáveis de quando convivíamos juntas. Querido, sua mãe foi como uma mãe para mim e ensinou-me muitas coisas, entre outras, a dirigir a fazenda, pois, se hoje eu auxílio você nesta empreitada, é porque eu adquiri dela o conhecimento necessário, embora hajam existido momentos raros de desentendimento, mas os momentos de união e de amor prevalecem em minha alma.

– Matilde, eu também sinto algo em meu ser, algo como se eles estivessem presentes aqui conosco, mas, como nós sabemos, pois o sacerdote nos informa em suas missas que os mortos não voltam para visitar os vivos: morreu, vai para o céu ou para o inferno eterno. Nossos mortos queridos viveram uma vida digna, honesta, repleta de amor ao próximo, embora não voltem, mas com certeza eternizam sua permanência na Terra por meio da lembrança e, como você, recordo-me dos meus pais com muito amor, sentindo saudades infinitas por eles.

Já houvera, então, enlaçado meu filho e o sensibilizava, fazendo-o reviver as mais belas recordações de nossa passagem juntos pela Terra.

Nesse momento, nosso netinho Leonardo acordou e veio para junto de seus pais, que o colocaram a par do que estavam pensando; falaram-lhe das saudades que estavam sentindo, do tempo em que Isabel e eu estivemos presentes em suas vidas. O rapaz, concordando com os pais, respondeu:

– Que bom! Sinto-me feliz em saber que vocês recordam lembranças bonitas, pois recordar meu avô e minha avó é realmente uma recordação maravilhosa.

E volveu sua memória em busca das lembranças. Entretanto, foi a minha esposa quem assomou à tela de sua memória, pois ele convivera com esta uma longa etapa de sua caminhada.

Com nosso amigo Bernard fizemos uma vistoria na fazenda, e foi com muita felicidade que notamos que ela havia progredido. Haviam melhorado ainda mais a condição de vida dos escravos; a escola estava mais bonita, e notamos que as duas salas construídas estavam sendo utilizadas. Passeamos junto dos escravos, muitos deles também já haviam partido para a espiritualidade, e foram substituídos por outros; pudemos apreciar que estavam felizes, não havia pensamentos de medo ou de ódio entre eles, e todos se sentiam esperançosos. Uma felicidade imensa envolveu-nos, pois nosso projeto teve sequência. A fazenda havia prosperado bastante, nossos entes queridos amavam-se e estavam vivendo uma religião que, embora lhes passasse informações equívocas como a do inferno eterno, ensinava-os a amarem a Deus e ao próximo como a si mesmo. Verificamos que realmente a nossa angústia havia sido desnecessária. Nosso amigo Bernard, percebendo-nos a felicidade e a paz estampadas em nossas faces, sorriu como que a nos dizer “estou feliz por vocês”.

Havíamos visto bastante, recordado o nosso passado, visto e influenciado nosso familiares, envolvendo-os com nosso carinho e nosso amor. Já era quase meio-dia, e dissemos ao nosso mentor:

– Estamos satisfeitos e felizes, mesmo. Quando o senhor achar necessário voltar para a colina, estamos prontos.

Bernard disse-nos:

– Com a vantagem de nossa locomoção muito mais rápida, foi-nos possível fazer uma vistoria na fazenda em meio dia. Nesse curto prazo, nós vistoriamos tudo. Quando encarnados, se vocês tivessem que fazer essa vistoria, levariam pelo menos uma semana – e sorriu. Depois continuou:

– Se vocês estão satisfeitos, com a disposição para voltar, então se despeçam dos entes bem amados e voltemos para a colônia continuar nosso trabalho.

Voltamos para o casarão, mas, antes de nos despedirmos, demos um abraço e um beijo em todos. Concordamos que não estaríamos a provocar-lhes a sensibilidade, levando-os a lembranças de nosso passado. Deixaríamos que todos vivessem o presente, pois neste eles eram felizes, e nós nos sentíamos felizes com sua felicidade. O amigo espiritual que nos acompanhava também demonstrou contentamento. Então enlaçamos os nossos bem-amados num amplexo de amor divino, dando-lhes um beijo carinhoso, cientes de que voltaríamos muitas outras vezes a revê-los e transmitir-lhes o nosso amor.

No caminho de retorno à nossa colônia, Bernard deu-nos um incentivo, pois nos disse haver ficado muito feliz com o nosso comportamento perante as recordações de nossa vida, e muito mais pelo fato de havermos valorizado o patrimônio eterno que Deus nos havia ofertado, os entes queridos, atribuindo-lhes atenção absoluta:

– Naturalmente ainda felicito vocês por tudo estar correndo maravilhosamente bem na fazenda. Enfim, vocês souberam, mesmo, colocar a felicidade deles acima da sua. Passarei estas informações ao nosso patrono e, com certeza, ele ficará muito feliz, pois o que ele mais deseja é a felicidade de vocês. E para que continuem consolidando o seu conhecimento, um pouco mais adiante lhes falarei ainda da Lei Divina e suas manifestações, e lhes passarei, conforme o aproveitamento de vocês, outras informações importantes para que façam uso da lógica e da razão, pois a doutrina que será codificada, e que será a doutrina dos espíritos, é lógica e racional. Entretanto, os que se demorarão a interpretá-la nem sempre estarão vivendo essa desenvoltura de raciocínio e, com certeza, vão adulterar-lhes algumas questões, e vocês farão parte do número dos espíritas que estarão preocupados em manter a pureza doutrinária do Espiritismo. Filhos, estamos sendo chamados ao trabalho, unamos nossas forças para que transformemos a Terra num paraíso. Em breve, depois de uma longa estadia no paraíso, vocês descerão para junto da humanidade. Não nos reservemos a felicidade com exclusividade, pois todos temos o mesmo direito perante a vida. Podem ir. Continuem estudando e trabalhando, e podem intensificar, se isso for possível, o seu amor – e sorriu.

Havíamos chegado à colônia. Despedimo-nos do amigo querido, agradecidos por haver-nos assistido mais uma vez e por haver nos ofertado tantos ensinamentos. Com certeza, essa manhã de domingo foi para nós um tempo de aprendizados, de bênçãos, mesmo, pois apreendemos muito, revimos nossos entes amados, aliviámos as nossas saudades.

Saímos felizes com a nova proposta de trabalho, mas, preocupados, pois sabíamos por experiência própria que, quando encarnados, esquecemos nossos compromissos e nos permitimos envolver pelas paixões torpes, por interesses mesquinhos. Ficamos um pouco preocupados, entretanto tínhamos ainda aproximadamente 68 anos pela frente. E resolvemos aproveitar nosso precioso tempo, aplicar-nos intensamente ao estudo e ao trabalho, e procuramos o dirigente do departamento de estudos para expor-lhe nosso desejo de aplicar-nos mais ao nosso aprendizado, pois necessitaríamos muito do conhecimento quando de nosso regresso à Terra. Nosso amigo espiritual que dirigia os estudos em nossa colônia atendeu-nos, prometendo-nos intensificar nossa carga horária de

estudos. Explicou-nos, entretanto, que procurássemos aplicar-nos mais ao trabalho, esclarecendo-nos que o estudo é como uma lâmpada que nos ilumina a mente, mas, para que nossa alma se torne radiante e o aprendizado se solidifique em nossas vidas eternas, necessitamos utilizar o trabalho como uma oficina bendita em que colocamos os nossos conhecimentos teóricos em prática. Intensificamos o estudo, o trabalho e por que não dizer o nosso amor, pois vivíamos cada momento de nossa existência como se fosse único. A esta altura nós nos esquecíamos de que estávamos juntos para a eternidade; estudávamos, trabalhávamos e nos amávamos intensamente.

E como tínhamos a tarde de domingo livre e estávamos irradiantes de felicidade, aproveitamos mais essa oportunidade divina para amarmos nos bosques, que nos propiciavam sombra e beleza. E se já estávamos felizes, esses recantos tornavam-nos ainda mais felizes, e uma paixão divina, inexplicável –, pois só a conhece quem a sente, esta é uma questão de foro íntimo – invadia-nos os domínios mais íntimos da alma, e nós nos mantínhamos ora a premeditar o nosso futuro na Terra, ora permanecíamos calados, apenas sentindo nossas almas, inebriadas de amor de um pelo outro.

De vez em quando, acredito que conforme a disposição de tempo que possuía, nosso amigo Bernard nos convidava à sua presença e nos passava informações maravilhosas. Esclarecia-nos do porquê dos acontecimentos que se deram em nossas vidas, afirmando-nos que iríamos necessitar de muitas informações, pois nossa tarefa iria ser difícil, mas desta vez iríamos completá-la, afirmava-nos ele, encorajando-nos e, continuando, disse-nos:

– Sei que não entenderam bem a aplicação da Lei Divina e, embora tenham aceitado a sua intervenção, vocês interrogam quanto ao seu sofrimento depois da morte, pois perguntam: “Mas não nos demoramos quando encarnados, trabalhando a favor dos escravos, melhorando-lhes o padrão de vida? Esse trabalho que realizamos não foi computado pelo mecanismo da Lei Divina? Esta somente computou nossos erros e transgressões?”. Nós falamos de maneira sintetizada da consciência como um parâmetro de aferição de nossas atitudes

praticadas. Explicamos que, no Universo infinito, se manifesta a harmonia do Criador, e que todo e qualquer ato que adultere essa vibração de harmonia universal nos exige rearmonização, e é natural que a manifestação de vibrações opostas, vibrações negativas, nos provoquem dores e sofrimentos em nosso espírito eterno, pois nós somos uma centelha divina do Criador, vidas derivadas, ou manifestas da vida de Deus. Por princípio, nós somos harmônicos, e importa lembrar que essas vibrações desarmônicas não se retificam num repente. Embora hajamos modificado nosso comportamento vibracional, as vibrações positivas vão modificando aos poucos as vibrações negativas, por nós elaboradas, mas vocês podem ter a certeza de que seus atos de amor a favor dos escravos foram computados, sim, tanto assim que vocês foram socorridos e estão recebendo o bem que plantaram, estão efetuando um estudo primoroso a respeito da vida eterna, da Lei Divina etc. Vocês estão ainda vivendo a oportunidade do trabalho, e mais, embora o ato infeliz que praticaram, estão juntos na vida espiritual. Se o trabalho de vocês junto aos escravos não tivesse sido computado, ainda estariam sofrendo nas trevas e estariam separados um do outro, por vários séculos. Então, a boa semente está dando frutos, sim; o trabalho de amor de vocês a favor dos necessitados foi computado. Com certeza, não tenham entendido ainda porque vocês se reencontraram quando já estavam ligados a outros parceiros. Por que não antes? Entretanto era necessário, pois os seus parceiros de matrimônio da última existência foram vítimas de ambição desmedida de vocês. Numa reencarnação anterior vocês os levaram à separação e à miséria, lhes tolheram a liberdade, e o sofrimento deles foi a resultante de atos criminosos de vocês, mas, na espiritualidade, já estava tudo preparado. Maria Antonieta demoraria mais oito meses a seu lado, mas, inquieta como era, não conseguiria permanecer muito tempo como sua companheira, mesmo porque ela abraçava uma ideologia em que o direito do livre-arbítrio era tolhido, e você discordava, mas o seu dever como esposo era auxiliá-la quanto possível, para que ela pudesse assimilar alguns valores positivos a respeito da vida e das leis naturais. Infelizmente você precipitou o processo e nossa amiga mergulhou mais fundo na paixão doentia que trazia na alma, pois abraçou o socialismo como um meio de buscar a justiça, por causa das atitudes egoístas imperantes na sociedade, e principalmente a sua, Júlio. Quanto ao nosso amigo Joaquim, vocês se precipitaram e praticaram um ato que os comprometeu muito com a Lei Divina, pois ele estaria desencarnando seis ou sete meses depois do ato infeliz que vocês praticaram. Esse desencarne estaria acontecendo por causa de uma infecção no fígado, infecção esta provocada pelo vício da bebida alcoólica, e o abuso na prática do sexo. Vocês se precipitaram sem necessidade, acreditando na justiça praticada por suas próprias mãos. Vocês quiseram solucionar seus problemas, infelizmente de forma

equivocada, e fizeram tudo ao contrário. Vocês iriam conhecer-se e, sem dúvida, o amor estaria manifestando-se, mas caberia a vocês auxiliarem os seus parceiros até o momento final, aliviando-lhes o sofrimento, e só então estariam livres para o seu amor eterno. Vejam, se não fosse o trabalho que desenvolveram a favor dos escravos, computado a favor de vocês, com certeza ainda estariam sofrendo, e o que lhes faria sofrer ainda mais é que estariam separados um do outro, por alguns séculos. Entenderam agora que o trabalho de vocês a favor dos escravos lhes evitou muitos sofrimentos?

– Amigo Bernard, eu vivi certa intolerância para com o sistema comunista, ou socialista, como queiramos, pois a diferença entre uma ideologia e outra é mínima, mas, por entender que essas ideologias não correspondem à lógica e à razão que se manifestam evidentes na vida, eu desejaria uma informação mais aclarada; será que eu estou sendo exagerado em minha interpretação, ou realmente essas ideologias se confrontam com as leis naturais da vida?

– Júlio, você está correto quanto à incoerência dessas ideologias para com os desígnios do Criador, pois elas não respondem à lógica e à razão, mas temos que ser tolerantes para com aqueles que ainda não conseguem discernir o equívoco em que essas ideologias se demoram, pois este momento faz parte da evolução do ser, exceto os socialistas que se demoram no comando; a maioria acredita que exista realmente uma intenção humanitária, e por que não dizer caridosa, mesmo, e não desenvolveram ainda a maturidade de espírito para aperceberem-se de que essas ideologias confrontam as leis naturais, a Lei Divina, como veremos a seguir. Concordo plenamente que nós todos temos o mesmo direito na vida, e não poderia ser diferente, pois somos todos vidas derivadas da vida de Deus, e herdamos dEste a inteligência e o amor, entretanto facultou-nos com o livre-arbítrio para que estejamos através da eternidade maturando essas potenciações. Tudo o que tínhamos que herdar do Criador já herdamos, mas, independentemente de nos haver dotado de seus atributos divinos, oferece-nos ainda por meio da Providência os meios necessários para que façamos nossa evolução, transformando-nos em construtores de nosso próprio destino. A partir do momento em que recebemos de Deus seus atributos divinos e o legado divino de liberdade, a vida pertence-nos, e temos que fazer por merecer o acordar dessas potenciações, trabalhando no sentido de exteriorizar esses valores por

meio do trabalho construtivo e edificante, pois, se não movimentarmos a força de vontade, desejando uma vida melhor, nos demoraremos estagnados na ignorância e no sofrimento. Deus não vai coagir-nos a modificar-nos, trabalhando para o nosso bem-estar, isto é algo de nossa competência; do contrário, o livre-arbítrio seria uma utopia, e essa realidade foi apresentada por Jesus: “Ajuda-te que o céu te ajudará”, ou ainda, quando nos afirma: “A cada um segundo suas obras”. Como podemos ver, o direito à vida é idêntico para todos, entretanto, dependendo de nossas obras, diferentes são os momentos de viver de cada um, pois depende do aproveitamento que hajamos feito de nossa vida, e não me reporto à vida material, pois esta é apenas um segundo perante a eternidade. Faço aqui referência à vida eterna. Se, em vidas anteriores, fomos perdulários ou avaros, fizemos mau uso dos bens que Deus nos outorga como material didático na grande escola da vida, em que Jesus é o Mestre amado. É natural que estejamos vivendo como consequência de nossa transgressão à Lei Divina. Há dificuldade e, às vezes, há miséria, para rearmonizarmo-nos com a harmonia que se manifesta de Deus na vida. Sem dúvida alguma, é natural e caritativo, mesmo, que estejamos mitigando o sofrimento e a miséria de nossos semelhantes, pois não temos o direito de julgar, mesmo porque não temos parâmetros para analisar o passado de quem quer que seja. Ignoramos nosso próprio passado, mas, entre aliviar o sofrimento e a miséria destes e pretender equalizar as condições sociais de um povo, vai uma distância enorme.

Bernard respirou fundo e continuou:

– Este comportamento político foge às leis naturais e à Lei Divina, pois haverá aqueles que estarão beneficiando-se com o socialismo, beneficiando-se momentaneamente com os bens materiais, mas, prejudicando-se, pois não precisam estudar, esforçar-se para progredir profissionalmente, independentemente de suas condições intelectivas. Basta-lhes realizarem a tarefa que lhes for ordenada, e estarão recebendo a mesma remuneração que outro indivíduo que estuda e se esforça para progredir. Isso o torna refratário, transformando-o numa máquina, e sua evolução fica anulada, lógico que temporariamente, pois estamos todos fadados à evolução. Lembramos ainda que este sistema político retarda a evolução de uma sociedade em suas bases, pois aqueles que poderiam apresentar mais à sociedade, não sendo reconhecidos no

trabalho que realizam, perdem o estímulo, se acomodam, não veem motivos para esforçar-se, acabam desestimulados na busca de aquisições de novos conhecimentos, mas, infelizmente por falta de uma lógica e uma racionalidade maior, alguns homens acreditam que esse regime traga a evolução. Muitos, sem atentarem para as consequências futuras, acreditam que estarão vivendo melhor, principalmente aqueles menos favorecidos da sociedade, e acabam subjugados, perdendo o que há de mais sagrado na vida, o livre-arbítrio, pois este é um direito outorgado por Deus à humanidade. E ainda que este sistema propiciasse algumas vantagens, não há dinheiro que pague a nossa liberdade. Vejamos a lógica, aplicada por um pai, ao responder a uma filha que, iludida, demorava-se quanto aos benefícios da ideologia socialista. O pai era empresário e sua filha, uma estudante de faculdade. Alguns professores socialistas pregavam os benefícios do socialismo, e esta jovem de vez em quando investia no pai com o intento de convertê-lo, e o pai sempre se esquivava, procurando fugir ao assédio da filha neste sentido. Entretanto, no final do ano, quando a jovem, voltou a insistir, o pai lhe perguntou, filha como é que você esta em matemática, a filha lhe respondeu que estava bem seria aprovada, então o papai lhe perguntou, e sua amiga Matilde, e a filha lhe respondeu, ela esta mal, vai ser reprovada. E então o pai lhe propôs que ela dividisse sua nota com a amiga, e ambas passariam de série, embora com dificuldade, ao que a filha lhe respondeu: “Eu, não; eu me mato de estudar, estudo aos sábados e domingos, enquanto ela fica o tempo todo nas baladas, sem se interessar pelo estudo; não se esforça para estudar”. Então o pai lhe respondeu: “Sede bem-vinda ao capitalismo, minha filha!”. Essa ideologia política transforma a sociedade numa máquina programada, pois o indivíduo perde o interesse pela iniciativa, pelo conhecimento; nada vai adiantar-lhe saber mais ou menos que os demais, pois a remuneração que vai perceber será idêntica àquele que nada conhece, nada sabe, não se esforça. E nós sabemos que é necessário um estímulo para que o homem se esforce, pois, enquanto o espírito não se matura, isto é, não evolui, não adianta que estejamos a informá-lo que o trabalho auxilia a evolução do espírito, que este não atende apenas às necessidades da matéria, pois infelizmente bem poucos homens estão acordados para a evolução do espírito eterno. Analisando a manifestação da vida no Universo, apercebemo-nos de que esta se manifesta de maneira democrática, pois temos o livre-arbítrio que nos oferece a liberdade de agir, e esta liberdade outorgada por Deus é absoluta. Temos o direito de errar quantas vezes quiser, para acertar quando bem nos aprouver, e buscamos o acerto acordados pela dor, pelo sofrimento, entretanto a nós compete a iniciativa dessa transformação. Se essa ideologia estivesse coerente com a Lei Divina, esta não teria por que cobrar a evolução do ser, redimindo-se, fazendo a reforma íntima, desenvolvendo seus

valores em potencial; estaria simplesmente outorgando a todos os seres uma condição nivelada. Não haveria os Avatares divinos, pois estes, embora hajam se esforçado para conquistar essa condição evolutiva, deveriam demorar-se nivelados àqueles espíritos infelizes que vivem na vicissitude, na ociosidade; nada de diferenças evolutivas, seriam todos iguais perante a Lei. Uma grande parte da sociedade entende que um político que utilize um regime paternalista, que favoreça alguns em detrimento de outros, seja um estadista, e comumente os que assim pensam são os beneficiados, entretanto um estadista governa para a nação, e não preocupado em atender aos interesses de alguns, principalmente o dele próprio, pois, ao agirem desta forma, eles estão desenvolvendo a politicagem, que lhes propicia poder e fortuna. Um governo estadista é aquele que governa a nação, procurando melhorar o nível da educação e ampliando o campo de trabalho, no que respeita à educação, construindo escolas, e procurando melhorar sempre mais o nível de ensino, para que as crianças e os jovens conquistem o conhecimento e a cultura, e se tornem intelectualizados. Um verdadeiro estadista vai trabalhar para o desenvolvimento da sociedade, propiciando as condições para a educação e para o trabalho, apresentando aos cidadãos a oportunidade de serem dignos e honestos, não precisando de esmolas de quem quer que seja, pois eu entendo que não existe nada mais valioso do que o conhecimento e a cultura, valores que nos permitem participar da sociedade, sem sermos dependentes de ninguém. Meu amigo, espero haver respondido ao seu questionamento, pois é preciso ter uma evolução razoável para discernir, de maneira lógica e racional, a diferença entre essas ideologias, e o mecanismo da evolução em que Deus se manifesta na vida, aplicando seu pensamento em forma de Lei, propiciando-nos o livre-arbítrio, ou seja, a liberdade, para que tomemos nossas decisões, permitindo-nos a evolução ao infinito, não exigindo que sejamos todos iguais na evolução, pois existem espíritos mais evoluídos, que, por haver sido concebidos por Deus, em tempos outros remotos na eternidade, por exemplo, Jesus, estão vivendo valores espirituais diferentes do nosso, embora herdemos todos da parte do Criador as potenciações que encerram um eterno vir-a-ser, e conquistemos uma evolução idêntica a desse Avatar divino, por meio da vontade aplicada, do trabalho e da busca do conhecimento. As diferenças de valores, entretanto, vão sempre existir, pois, quando atingirmos a evolução em que vive nosso Mestre divino, Ele estará vivendo uma evolução que se nos torna difícil conceber, pois a evolução vai ao infinito. Meu amigo, espero que você haja entendido os meus argumentos, pois eu tentei provar que a Lei Divina, em sua vigência, nos propicia o livre-arbítrio de que Deus, em seu determinismo, nos outorga o direito de escolher o momento aprazível para que façamos a nossa evolução, e que as palavras de Jesus, quando nos afirma “a cada

um segundo as suas obras”, quer dizer que existirão sempre as diferenças sociais, morais e espirituais. O que sucederá, no entanto, é que, com o desenvolvimento do espírito no campo do amor e da inteligência, estaremos construindo uma sociedade acordada para a busca dos valores morais e intelectuais. E estes bens, como vimos, poderão ser oferecidos por um governo que haja acordado para as riquezas eternas do Criador. Mas tenhamos paciência, pois a vida pede tempo em sua realização gloriosa na eternidade; a evolução não dá saltos, mas é implacável, modifica os costumes, renova situações, meios e mentes, com a maturação de nossas potenciações, no campo do amor e da inteligência. Com certeza, teremos uma sociedade melhor. Mas, infelizmente, essas ideologias, que no momento se demoram embrionárias, vão ampliar-se, ganhar força e poder, e muitas nações da Terra serão submetidas a seu domínio, pois as almas da Terra ainda disputam poder e fortuna, lembrando-nos ainda de que existem entidades infelizes, que não querem a evolução das sociedades. Para eles interessa a ignorância do homem, pois, quanto mais ignorante for este, mais fácil será a sua submissão ao vício e às paixões mais torpes e imagináveis. Infelizmente, meus filhos, temos entidades exploradoras da ignorância da humanidade, encarnadas e desencarnadas, e estas agem por meio de um processo sutil e disfarçado, como se fossem beneméritos da sociedade, desejosos de aliviar-lhes as dores e o sofrimento, obsedam as mentes daqueles que ainda não se maturaram o suficiente para discernir o certo do errado.

Essas informações levaram-nos a pensarmos, e pensarmos muito, pois, se houvésssemos confiado no poder divino, teríamos sido verdadeiramente felizes quando encarnados e, depois da morte, outra teria sido a nossa condição espiritual. Começamos, pois, a discutir a questão como uma oportunidade de estudo no sentido de interiorizar a experiência frustrada como uma lição inesquecível em nossas vidas, uma vez que iríamos ter ainda várias existências na Terra, e não desejávamos repetir esse engano, o que nos causara muitos dissabores e sofrimentos.

Então eu quebrei o meu receio de ser enxerido e pedi-lhe a oportunidade de receber dos seus lábios algumas ilustrações sobre a Lei Divina. Aleguei a necessidade de conhecimento para poder trabalhar melhor, ser mais útil na minha nova reencarnação, pois eu sentia em minha alma uma nova sensação, sensação

de que desta vez eu iria conseguir superar-me das paixões efêmeras, que me houveram perdido nas minhas duas últimas reencarnações. Bernard, atencioso, amigo como sempre, disse-nos que nos apresentaria uma breve síntese sobre esta temática, pois ela é simples na sua aplicação, mas é complexa ao nosso entendimento, e começou a extrapolar o tema, de maneira pausada, propiciando-nos a oportunidade de aproveitamento daquilo que nos informava:

– A Lei é Deus, Ele é a grande alma que está no centro do Universo. Não, centro espacial, mas, centro de irradiação e de atração. Esta Lei, que se manifesta no infinito do Universo, em forma de irradiação e atração, embora única, faz-se aplicável nas mais variadas modalidades de ser. No entanto, é no capítulo da evolução que esta Lei aplica seu determinismo, pois a vida no seu contexto genérico implica evoluir. Deus manifesta-se no Universo em forma de Lei, determinando a evolução, em que a inteligência e o amor são resultantes da maturação da substância que contém em potencialidade o eterno vir-a-ser. A lei de evolução, para manifestar-se, utiliza-se dos mecanismos de criação e destruição, ou nascimento e morte. Encontramos nos quatro reinos da natureza os fenômenos denominados nascimento e morte, acontecendo. No reino mineral, vegetal, animal e no reino hominal, nascimento e morte são determinismos da vida. No entanto, criação e destruição ou nascimento e morte são apenas vocábulos que utilizamos para definir esses momentos de transição, com que a lei de evolução se manifesta. Criação ou nascimento define na eternidade o momento em que a energia se condensa, tendo como princípio diretor a centelha divina do Criador, psiquismo ou o Eu inteligente (espírito), dando origem aos corpos em sua constituição matéria. Quanto à destruição ou morte, esta não existe, pois a destruição ou a morte implica no extermínio de um corpo, seja este um sol ou planeta, um vegetal, um animal, um humanoide ou um objeto qualquer, em que os elementos químicos e físicos constitutivos desses corpos deixassem de existir. A Lei Divina, que é a inteligência e o amor de Deus, manifesta-se no Universo, determinando a evolução a partir da maturação da substância de forma harmônica, pois inteligência e amor geram harmonia. Entretanto, no processo evolutivo, a dor funciona como um instrumento precioso, atuando nos infinitos fenômenos da natureza, exercendo a função de um buril, que talha a pedra bruta, dando-lhe a configuração característica desejada. A partir da maturação da substância, quando o psiquismo começa a exteriorizar-se, a dor exerce sua função divina, talhando na pedra (reino mineral), modelando, através dos bilhões, a mais bela obra de arte que a

natureza apresenta: o Homem. Na desintegração dos mundos e sóis, na mutação constante dos átomos, na atração e coesão dos minérios, ao passarem por calorias e resfriamentos intensos, a dor está presente. No entanto, a sensação da dor está em relação à sensibilidade do ser. Quanto mais se matura o psiquismo, mais sensibilidade se desenvolve e, por esta razão, sente de forma mais intensa a sensação da dor. Após haver concretizado sua função, quando o eu inteligente (espírito) se liberou por completo das influências da matéria, a dor não mais se manifesta. Quanto mais se desenvolve a sensibilidade, mais atuante se faz a dor nas plantas; a sensibilidade faz-se mais aguçada, e experiências científicas provam que estas sentem dor. No animal, a dor se expressa com tanta clareza a ponto de não deixar qualquer dúvida a respeito; no homem a dor manifesta-se nas suas mais variadas modalidades de ser. Mas não podemos aceitar a dor como um simples instrumento de resgate de dívidas, pois a vemos aplicada nos diversos reinos da natureza a fazer-se vigente. No animal, embora hajam se desenvolvido a sensibilidade, a inteligência e o amor, não se desenvolveu nele a razão; o animal age por instintos. O homem resultante da evolução do psiquismo, quando de sua estadia nos diversos reinos da natureza, desenvolveu a sensibilidade, a inteligência, o amor e a razão. Quando o homem sofre o processo da dor, costuma-se dizer que este está resgatando dívidas de vidas passadas. Pagar dívidas é força de expressão, pois Deus não é mercenário, concede-nos a vida por amor. Somos vida que emanamos de Sua divina vida. Se a dor fosse realmente um instrumento de resgate, tal qual o afirmamos, elementos outros da natureza, por exemplo, os animais não teriam por que sofrê-la, pois o animal age de forma instintiva, isto é, sem conhecimento de causa, regido pelos desígnios da Providência Divina. Estaria a Lei Divina, que são a inteligência e o amor de Deus, a manifestar-se na vida, cobrando em sofrimento e dor o comportamento dos animais, quando estes agem instintivamente, por desígnios desta mesma lei? O homem, havendo desenvolvido a razão, tem conhecimento de causa, isto é, sabe distinguir o certo do errado, o que deve ou não deve fazer, mas nem por isto está pagando dívidas, pois bem poucos conhecem o mecanismo da Lei Divina, sendo que há ainda uma grande maioria que admite sofrer por vontade de Deus. Não seria o mesmo que enganarmos uma criança, tirando-lhe algo, sem que ela saiba por quê? Sabemos que todo efeito tem uma causa e, se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente haverá que ter uma causa inteligente. A causa inteligente do Universo é Deus. Assim como todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, todo efeito doloroso tem uma causa desarmônica. Não existem efeitos sem causa, pois admitir efeitos sem causa é aceitar a casualidade. Esta causa poderá ser de existências pretéritas ou poderá ser da vida atual; por exemplo, um suicida. Alguém dirá: não existe neste

ato causa alguma. Existe, sim; poderá este espírito trazer tendências de vidas anteriores, mas, mesmo que não as traga, o que o levou a esse momento infeliz foi a fraqueza de espírito, que o arrastou para paixões e incertezas, transformando-o, na própria causa de sua morte. Os acidentes coletivos, como a queda de aviões, incêndios e outros que dizimam populações, trazem como consequência uma transgressão a Lei Divina; não, necessariamente, todos os que desencarnem num incêndio haverão queimado seu semelhante, mas comumente é isto o que acontece. Os mecanismos de que se utiliza a Lei Divina para reagrupar os espíritos comprometidos, no sentido de viverem uma rearmonização coletiva, é a vibração, a sintonia, e não podemos negar este fato, pois aqueles que não estejam enredados com a Lei se atrasam a um compromisso, não comparecem ao trabalho etc. Seria isto uma casualidade? Não. Não existe a casualidade, pois a casualidade seria uma fuga ao determinismo da Lei. Seria o mesmo que acreditar na sorte e no azar; haveria alguns favorecidos pela casualidade e outros, prejudicados, pois, assim como se salvaram estes, outros, por casualidade, teriam sido incluídos no processo de rearmonização, sofrendo imerecidamente uma intervenção desnecessária. A Lei Divina seria falha. Lembramos, entretanto, que todas as causas desarmonicas que nos levam ao sofrimento têm como origem o próprio homem na inobservância da Lei, pois a causa do Criador é a vida e, na vida, a evolução. Deus manifesta-se no Universo em inteligência e amor. Esta inteligência e este amor geram um campo absoluto de harmonia. Como visto, as aparentes desarmonias que se fazem no Universo, quando do nascimento e morte dos corpos, sejam eles mundos ou sóis, seres ou criaturas, estão dentro do contexto da evolução, absorvidos pela harmonia absoluta da vida. A Consciência cósmica do Universo manifesta-se no seu infinito, como princípio de lei que se apresenta no determinismo da vida, em suas modalidades, evolução, inteligência amor e sexo, tendo como resultante a harmonia de conjunto. Na caminhada que percorre o ser, em sua peregrinação pelos reinos inferiores da natureza, quando ainda na condição de princípio psíquico, a partir do reino do minério, inicia a elaboração de um instrumento que nos permite aferir nossa harmonia ou desarmonia com a consciência cósmica do Universo; esse instrumento é nossa consciência. Nossa responsabilidade de culpa está em relação ao desenvolvimento de nossa consciência; conforme a evolução se faz, o instrumento aperfeiçoa-se e a responsabilidade é maior. No animal este instrumento está em fase de preparação, tal um sensor que não está ainda ajustado, não pode aferir desarmonia, isto é, não há complexo de culpa da sua parte. No silvícola, este sensor está vivendo a fase final de ajuste; no entanto, não responde ainda como aferição de culpa, embora já se manifeste na aferição de responsabilidade, pois o

primitivo da Terra tem uma consciência de vida, em que o respeito e a admiração pela natureza se fazem de forma grandiosa. Somente quando atingimos a condição de homens civilizados, isto é, quando a inteligência se amplia, permitindo que a razão se manifeste, é que a consciência se faz sensível o suficiente para aferir a desarmonia em que nos projetamos, quando da transgressão por nós vivida para com a Lei Divina. Mas este instrumento de aferição, que é a consciência, não se aperfeiçoa ao haver atingido o homem a razão, num repente. As diversas experiências por que passa o espírito desenvolvem e aperfeiçoam a consciência, fazendo-a cada vez mais sensível, portanto a consciência dos seres humanos varia ao infinito em seu comportamento. Este instrumento (consciência), quando atinge certo desenvolvimento, é suscetível de ser bloqueado pela vontade aplicada do espírito, em que este cristaliza a consciência no mal por um período, não permitindo desta forma que o amor que traz em potencialidade no núcleo da alma se expanda. O arrependimento não se faz neste tempo; a dor e o sofrimento não se manifestam. Mas, como visto, a evolução é um determinismo da Lei Divina, é o processo que possibilita que a vida se manifeste e aperfeiçoe, não havendo como reter o fluxo evolutivo, pois ele tem como fonte Deus. Cercar a consciência, como fazem algumas entidades infelizes que se demoram pervertidas em trevas densas, tornando-se juízes frios e cruéis, não permitindo desta forma que o remorso aconteça e a dor as molde para as belezas da perfeição em Deus, é o mesmo que tentar reter o fluxo das águas de um rio caudaloso, represando-as. Não havendo vazão, essas águas avolumam-se, rompem a comporta e causam estragos de enormes proporções. A consciência cristalizada no mal não pode reter o fluxo da evolução, pois a evolução é um determinismo da Lei, em que as experiências da vida vão avolumando-se a ponto de não mais poder retê-las. O arrependimento, então, surge, a dor manifesta-se e a consciência afere os estragos resultantes da desarmonia em que nos detivemos nesse período. Entretanto, chega um momento em que o espírito, resultante da maturação do psiquismo a partir da substância, libera-se das gangas da matéria, libertando-se das paixões e vícios. A partir de então, depurado, manifestando inteligência e amor, integra-se na harmonia da vida, manifestação de Deus no Universo, eliminando desta forma as causas desarmônicas, que, aferidas por sua consciência, lhe apresentavam, como resultante, sofrimentos e dores. Então, sabendo o que quer, querendo o melhor nos caminhos do amor, ascende às glórias do infinito. Desta forma, vimos que a causa de nossos sofrimentos são efeitos resultantes de nossa desarmonia para com a Lei Divina. Esta se faz aplicar no infinito do Universo, com inteligência e amor; não é vingativa nem punitiva, é corretiva. Amorosa e inteligente é esta lei, a ponto de conceber-nos a

bênção do esquecimento de nossas desarmonias e desajustes vividos em vidas pretéritas. Quantas vezes recebemos nos braços, na condição de filhos extremados do coração, aqueles que nos foram verdugos ou vítimas em vidas anteriores? Ao recebermos nos braços nossos desafetos do passado, pelas portas da reencarnação, com a divina bênção do esquecimento, não vemos nestes senão um “ser” tenro e pequenino, que nos pede afeto, carinho e amor. Efetivam-se, então, as sublimes palavras do Mestre, quando nos disse que só o amor é capaz de encobrir a multidão de nossos pecados, pois este amor recíproco entre pais e filhos extingue ou quando não amaina os ódios e vinditas de outrora. Se a Lei Divina nos cobrasse dívidas, não teria porque nos permitir a bênção do esquecimento, referente às nossas desarmonias vividas em vidas passadas; pelo contrário, haveria que nos permitir rememoração plena, lembrança absoluta, para que como consequência sentíssemos o efeito doloroso de nossa desarmonia, num conhecimento de causa da parte de todos. Embora nos desarmonizando com o determinismo da Lei que se manifesta na vida em inteligência e amor, soframos os efeitos dessa desarmonia. O amor é a força-motriz que nos alimenta a alma nos caminhos do infinito, na conquista de nossa felicidade. Estaremos equivocados nós quando usamos as expressões resgate de dívidas e pagamento de dívidas nos momentos em que vivemos o sofrimento, como consequência de nossa transgressão para com a Lei Divina? Não, não estamos equivocados, como não estamos equivocados os que aplicamos estes termos em nossas oratórias ou escritos. A economia da vida faz-se manifestar em condições símiles com a economia social, no momento evolutivo em que nos demoramos. Apreciando de forma apartada a aplicação da Lei Divina, no capítulo da evolução em que nos demoramos, em que ainda não nos libertamos da influência da matéria, a analogia entre a economia divina em que a Providência se manifesta em amor e a economia social que se desenvolve pelos processos de débito e crédito confirma-se. No entanto, numa apreciação de conjunto, não nos detendo apenas no momento evolutivo em que, como homens nos demoramos, como visto, essa analogia perde sua razão de ser; mais propriamente dito, ela só se aplica com propriedade ao eu inteligente quando se desperta para a razão como homem civilizado, até o momento em que este se libere das influências da matéria, libertando-se dos vícios e paixões. É por aplicá-la em referência à desarmonia em que se demora o homem, com a harmonia do Criador, que esta analogia tem a sua lógica e razão de ser. Quanto à desigualdade da Lei Divina, na distribuição dos valores, sejam eles de ordem moral, intelectual ou social, não existe. Falta-nos visão de conjunto, na interpretação em que nos demoramos quanto à aplicação dessa Lei. Conforme a Teosofia e a Teologia, a vida do homem na Terra faz-se de uma única existência, segundo eles; a alma é criada com o corpo

no momento da concepção. Detendo-nos a viver o dogma de uma existência única, a Lei Divina fica seriamente comprometida, não temos como explicar as muitas desigualdades sociais, morais e intelectuais. Havendo uma só existência na Terra, passando por este mundo uma só vez, deveria o homem possuir seus bens de forma equitativa. Para que essa lei se fizesse justa, equitativa e sábia, não poderia haver ricos e pobres, ignorantes e sábios, viciados e virtuosos, enfermos e sãos; haveria que se aplicar em igualdade absoluta, em que todos tivessem igualdade de posses, de inteligência e de virtudes. No entanto, numa abrangência de conjunto, como já visto no discorrer deste tema; científicamo-nos de que o espírito é a resultante da maturação do psiquismo a partir da substância. A palingenesia ou reencarnação são os meios de que se utiliza a Lei Divina para aplicar-se no campo da evolução. Vimos o desenvolvimento do eu (espírito), associado à matéria nas passagens pelos diversos reinos da natureza, sendo-nos possível compreender a pluralidade das existências. Sabemos com clareza que temos como fonte de origem Deus; como lei, seu pensamento; que somos todos dotados de seus atributos de inteligência, amor e sexo; e que estamos todos fadados à felicidade. Cientes desta igualdade de princípios e finalidades, compreendemos que somos construtores de nosso próprio destino; as aparentes desigualdades são resultantes da maturidade ou imaturidade em que nos demoramos em nossa caminhada evolutiva. A lei da reencarnação mostra-nos com propriedade que a desigualdade em que nos demoramos na Terra são apenas momentos evolutivos, em que ora estamos vivendo as facilidades da vida, ora estamos vivendo os seus reverses. No entanto, esta facilidade ou adversidade está em relação ao nosso comportamento para com a Lei Divina. Não podemos esquecer, no entanto, que o que nos faz ver esta desigualdade na sociedade é a nossa inversão de valores. O homem ainda não se apercebeu que os valores legítimos do ser são a inteligência e o amor, que como visto herdamos como atributos divinos do Eterno. Não se apercebeu de que os bens materiais são objetos didáticos, que a Providência Divina nos oferece na escola da eternidade, para que deles nos utilizemos na construção de nossa própria felicidade. As oportunidades de aprendizado na escola da vida são as mesmas para todos, no entanto nem sempre vivemos o aproveitamento necessário, o que nos leva a repetir dolorosamente a lição. Se somos vidas que derivamos da vida suprema do Criador, dele herdando seus atributos de inteligência e de amor; poderemos sentir-nos em desigualdade perante a vida? Renascimento e morte, sofrimento e dor, estão contidos na harmonia plena que se manifesta por meio da Lei Divina no Universo infinito; são mecanismos da evolução, que possibilitam que se faça na maturação da substância o exteriorizar do psiquismo, na ascensão infinita para as glórias da eterna vida.

Após essa preleção que nosso amigo da espiritualidade nos apresentou, havíamos compreendido melhor o desígnio da Lei Divina. Entendemos que ela exerce uma função de equidade, sem privilégio a favor de quem quer que seja, Ela apenas registra as transgressões que praticamos, na harmonia que se manifesta de Deus no Universo; ela não vive outra função que não a de conduzir os seres para a harmonia suprema da vida, e para isto nos devolve essas vibrações desarmônicas na condição de sofrimento, e compete a nós, que adulteramos a harmonia divina, retificá-la, devolvendo-lhe a condição natural. Em outras palavras, não depende de Deus, de Jesus, ou qualquer outro espírito de luz, ou ainda, das entidades das trevas, pois, no discorrer dessa preleção, Bernard mostrou-nos que nós somos invioláveis, que a felicidade ou a desdita depende de nós, de mais ninguém. Saímos da sala de nosso amigo, falando do tema apresentado, pois nos importava agora maturar essas informações, que, pelo visto, não é assim tão fácil.

Isabel e eu nos demorávamos num paraíso, não aquele paraíso de beatitude, de inércia, de parasitismo, em eterna contemplação a Deus, mas, um paraíso repleto de trabalho, de aprendizado, de amor. E, enquanto nos amávamos, construíamos a nossa evolução. Esses momentos na eternidade eram divinos, eu direi, impossível, mesmo, de se descrever, é um sentimento de foro íntimo; por mais que eu tente exprimi-lo, o verbo será insuficiente. O máximo que você pode fazer é apreciar as minhas palavras, sentir jamais, exceto se o leitor estiver vivendo um sentimento símile ao nosso.

Aos domingos tínhamos o dia livre, quando passeávamos gostosamente pelos parques arborizados, apreciávamos as fontes de água pura e cristalina, as flores perfumadas dos jardins, descansávamos debaixo das árvores frondosas, enfim nos deixávamos enredar num idílio amoroso, que nos levava a um delírio sublime, que somente aqueles que se amam com o verdadeiro amor o conhecem. E não se iluda, afirmando que o companheiro ou a companheira que você tem ao seu lado não seja sua alma gêmea, pois a alma gêmea é tal qual um diamante que só manifesta a sua beleza depois de lapidado; a alma gêmea só a descobrimos depois de haver nos libertado das gangas das paixões violentas e torpes da vida,

antes vemos o nosso parceiro de caminhada com os olhos embaçados, por causa da nossa cegueira passional, e envoltos pelas dificuldades naturais da vida, em que nos subordinamos ao orgulho e à vaidade. Passamos pela vida em brancas nuvens, imaginando que nossa alma gêmea nos aparecerá na condição de um anjo perfeito; lógico que não, nossa alma gêmea, comumente é tão imperfeita como nós, em algumas oportunidades, um pouco mais evoluída; não pensamos igual, temos nossas diferenças, mas procuramos compreender a maneira de ser do outro e complementamo-nos.

Ao cair da tarde, íamos para o templo fazer nossas preces de gratidão a Deus, por tudo de maravilhoso que ele nos oferece na vida, sendo que a vida é o milagre maior que o Criador nos oferece. Terminadas as nossas orações, voltávamos para a nossa casa, pois, mesmo os espíritos superiores, quando se amam – embora não o fôssemos –, éramos apenas espíritos esclarecidos a caminho da luz, sequer havéramos exteriorizado a nossa luz. Eles necessitam de um recanto íntimo para projetar seus sonhos futuros, e nós fazíamos planos para a nossa reencarnação. Embora não mais vivendo as sensações físicas, a necessidade da cópula, permutávamos carinho e amor, por meio de nosso magnetismo; não era o toque físico que nos realizava, era o envolver de nossas almas, da energia sublime do amor que nos envolvia, e então adormecíamos envoltos pelo enlevo desse amor. Embora necessitássemos dormir muito menos, ainda o sono nos refazia para o dia seguinte. Só não necessitam dormir espíritos altamente evoluídos, e isto nós não éramos.

A maioria de nós tem um questionamento a fazer, mas não nos atrevemos a fazê-lo, pois acreditamos que o sexo seja imundo, pecaminoso, embora saibamos que o sexo construiu o lar, deu à mulher o título de mãe, que sexo é harmonia e vida no conjunto do Universo. Nós que nos aplicamos ao estudo dos porquês da vida sabemos ainda que o sexo é um dos mecanismos da evolução, mas trazemos resquícios do passado, herdados nas religiões ortodoxas, e o vemos como um pecado, como algo imundo, e não nos atrevemos a perguntar com receio de pecar e de ser escandalizados. Mas a pergunta que queremos fazer é: um casal que se ama, como é nosso caso, e de inúmeros outros, pois em nossa pequena colônia existem vários casais que deixam transparecer que se amam, o que quer dizer que se numa pequena colônia existem vários casos, na espiritualidade num geral,

existiriam infinitos, estes casais, em que nos incluímos Isabel e eu, estes casais vivem o sexo?

E tanto Isabel quanto eu vivíamos essa dúvida. Por isso resolvemos procurar nosso amigo Bernard, pedindo-lhe, se possível, que nos esclarecesse essa questão. Nosso orientador querido, com a atenção e a bondade que lhe eram peculiares, ofereceu-nos uma verdadeira aula sobre sexo, informando-nos que o espírito vive o sexo, sim, na permuta de energia e de amor, mas não pratica a cópula, não se relaciona fisicamente, exceto se for uma entidade infeliz, um sexualista inveterado, que adulterou o sexo, fazendo deste um motivo de prazeres animalizados. Este, carregando ainda a influência da matéria, preso às sensações animais em que se demorou na Terra, mergulha nas trevas de sua própria ignorância, e continua por vários anos vivendo esta necessidade. Bernard prosseguiu sua lição:

– Mas os espíritos que utilizaram o sexo com o respeito e dignidade, que souberam entender que o sexo, embora seja um meio de prazer para quem o pratica, é também um meio de reprodução, de evolução, estes, quando de seu desencarne, se liberam das influências da matéria e deixam de viver a necessidade física. Não extinguimos, porém, essa sensação, pois nos é impossível eliminar uma energia que tem sua origem divina, assim como o amor, a inteligência etc. O que acontece é que os órgãos genitais modificam sua função, e as necessidades físicas desaparecem. Aliás, isto acontece com outros órgãos de nosso corpo como, por exemplo, o estômago; ao deixarmos a matéria, sentimos ainda uma necessidade premente de alimentar-nos, entretanto vamos liberando-nos das influências físicas, esforçando-nos para modificar nosso hábito alimentar e, aos poucos, vamos modificando as funções desse órgão, e com isto se modificam também as necessidades. Por exemplo, vocês. Acredito que, no início da recuperação de vocês, haja acontecido algum momento em que as sensações físicas tenham investido, mas o ambiente diferenciado e a certeza de que tinham de que o espírito não pratica a cópula estiveram disciplinando-os, e vocês eliminaram essa necessidade, mesmo porque a extinção dessa necessidade acontece naturalmente com a evolução. Não houvesse essa transformação, tal mutação nas funções dos órgãos do sexo e os espíritos, mesmo havendo evoluído, estariam submetidos a essa sensação – ou praticavam

a cópula ou sofreriam para evitar essa prática –; esse sofrimento seria imerecido, e isto não acontece. Então o que eu posso dizer é que vocês viviam o sexo, sim, não conforme o molde que a matéria exige, mas, modificado conforme as necessidades evolutivas do momento do espírito.

Nosso querido amigo havia nos respondido a questão e propiciado material suficiente de estudo e análise para que extrapolássemos este tema com facilidade, sem preconceito dogmático e com respeito por ele, pois o sexo é acima de tudo um instrumento propulsor da evolução. As informações que nosso amigo nos passara permitiram-nos dominar a matéria a ponto de, posteriormente, eu haver adquirido condições para extrapolar e expor o tema, refutando muitos espíritas ortodoxos. Vejamos. Uma grande maioria de espíritas alegam que o espírito não tem sexo. Isto foi passado, mesmo, em apostilas de estudo, mas este equívoco deu-se por uma interpretação de alguns espíritas sobre a questão do Livro dos espíritos, em que Allan Kardec pergunta ao Espírito da Verdade: o espírito tem sexo? Ele respondeu: não como o entendem; raciocinem comigo de forma lógica, não como o entendeis, está muito mais para sim do que para não, pois, como é que nós vamos entender algo que não existe. Não tivesse sexo, o Espírito da Verdade teria respondido apenas não.

E mais, se admitirmos que o espírito não tem sexo, estaremos afirmando que ele seja um atributo da matéria. Ora, se a matéria tem a propriedade de gerar o sexo, pode gerar também a inteligência, e então teremos que admitir, concordando com os ateístas, que a inteligência é um atributo da matéria e, não, do espírito. Sinceramente eu não entendo como alguns confrades não se aperceberam, ou se apercebem disto.

Mas para que esta informação não fique vaga, imprecisa, eu vou aprofundar um pouco mais a minha informação. Pretendo deixar bem clara a minha exposição a respeito deste assunto, pois, pelo que eu vejo, este engano vai prevalecer por muitos anos ainda. Este equívoco não vai ser dissipado tão rapidamente. O ser humano é muito orgulhoso ainda para admitir seus erros.

O Espiritismo, em sua essência, é uma doutrina lídima, sem qualquer dogma, tabu ou preconceito, entretanto, na prática, alguns espíritas trazem esses resquícios da religião católica ou protestante e conservam-nos, encontrando uma dificuldade enorme para desvencilhar-se deles.

O sexo está envolto por um tabu a que alguns espíritas aderiram quando de passagem por essas religiões, e a assimilação desse tabu leva ainda alguns confrades a verem a prática do sexo como um ato pecaminoso, mesmo com esse alerta maravilhoso de nosso amigo Emmanuel, quando nos informa que sexo é harmonia e vida no conjunto do Universo. Quanto aos católicos, acreditam que o sexo seja pecado, por haver o clero estatuído o dogma do celibato. Entretanto a Igreja não criou esse dogma para atender aos princípios morais da religião, mas, unicamente para atender às suas questões financeiras. Se o casamento fosse permitido aos padres, bispos e freiras, a Igreja teria que dividir sua fortuna com a família desses membros, e esta não possuiria o poder e a riqueza que arrecadou.

Entretanto o dogma do celibato foi ensinado aos fiéis católicos como um ato moral, como uma necessidade de abstinência do sexo, necessária para a conquista da santidade. Para isso utilizaram o fato de Jesus não se haver casado, criaram ainda o dogma da Imaculada Conceição, no Concílio de Niceia, afirmando haver Jesus nascido por obra e graça do Espírito santo, tudo para dar uma conotação pecaminosa ao sexo. Ainda hoje os fiéis fervorosos da religião católica acreditam que o relacionamento sexual seja pecado; digo isto com conhecimento de causa, pois tenho amigos católicos que ainda acreditam nesse santo pecado.

Mas de uma forma menos acentuada, já não mais acreditando na necessidade do celibato, alguns espíritas, como dito, acreditam que a prática do sexo tenha algo de impuro, pois tenho tido conhecimento de alguns confrades que ensinam nas escolas espíritas, e aos trabalhadores da casa de um modo geral, que não se deve praticar o sexo na noite anterior a um trabalho espiritual, e que não se deve tampouco praticar o sexo após a vivência de uma reunião espiritual.

O único empecilho que eu vejo em se praticar o sexo antes de um trabalho espiritual é o desgaste físico, pois o médium deve estar na melhor condição física possível para a realização da reunião espiritual, mas, para repor nossas energias, teremos a noite toda. E o que é que depõe contra a moral do espírita na prática do sexo após uma reunião espiritual? Quando saímos de uma casa espírita, felizes repletos de boas vibrações, não passamos com nosso cônjuge por um restaurante, ou uma pizzaria, para comer algo? Acredito que com isto estamos vivendo uma necessidade fisiológica agradável, e o sexo também é uma necessidade física, que nos complementa a felicidade, em que nos demoramos.

E para elucidar melhor a questão, apresento um questionamento que apresentaram ao Chico no programa Pinga-Fogo. Esta informação eu a estou acrescentando, pois, quando Bernard nos deu essa aula profunda a respeito do sexo, nosso Chico ainda era criança, era mesmo pequenino, mas vejamos o questionamento apresentado e a resposta lógica do Chico. No programa Pinga-Fogo, questionaram o médium Francisco Cândido Xavier a respeito do sexo, provavelmente imaginaram que ele fosse confundir-se, pois não havia casado, não saberia o que responder, mas nosso Chico como sempre respondeu de forma inteligente e lógica. Ele afirmou que a prática do sexo é uma necessidade tanto quanto a da alimentação, importa, entretanto a moderação, assim como ingerir alimento em excesso prejudica a saúde, o sexo também.

É lógico que não faço aqui uma apologia ao amor livre, menos ainda à infidelidade, pois entendo que o sexo é um patrimônio divino, que devemos respeitar, e sei das consequências geradas de nossa parte quando fazemos mau uso dele. André Luís revela-nos, em seu livro No mundo maior, não haver podido visitar nessa ocasião a região das trevas em que se encontravam os espíritos que haviam abusado da prática do sexo, pois não estava ainda preparado para apreciar as cenas violentas que ali se desenrolavam.

O sexo é um instrumento imprescindível ao mecanismo da evolução, pois é por meio do relacionamento de um casal que, pelas portas benditas da reencarnação, volvemos à Terra, para rever nosso passado, aproveitar o presente, dando curso à

evolução que nos está reservada na eternidade; mas, sendo divino esse instrumento, nem por isso deixa de ser também um instrumento de prazer, que complementa nosso amor, propiciando-nos a felicidade.

Não sei por qual motivo aonde fomos buscar a crença de que para atingir a perfeição, evidentemente relativa ao desprendimento da matéria –, pois a evolução vai ao infinito, somos perfectíveis, perfeito é somente Deus –, temos que viver todas as experiências que propiciem ao espírito os meios de conquista e aprendizado.

Analisada esta questão de forma lógica e racional, vemos que isto é impossível, vejamos. Todos nós fomos papas, padres, freiras, duques e duquesas, reis e rainhas; no meu entender, não, e pelas experiências de reis e rainhas, duques e duquesas, não passaremos mais, pois se extinguiu essa possibilidade.

Alguns confrades, em palestras, dizem que nossos sofrimentos, nossas dificuldades na vida se devem ao fato de haver atirado pedras em Jesus no ato da crucificação. Entendo esta afirmação como uma metáfora, pois, em contrário, teríamos que admitir que a humanidade inteira estivesse presente a esse momento, e a maioria apedrejando o Cristo. Explicar que se trata de uma metáfora é bom, pois há os que acreditam ao pé da letra.

Porventura cremos que todos nós em humanidade já fomos um sacerdote das sombras, como aqueles espíritos de que nos relata André Luís em seu livro Liberação? Eu creio que não, e Kardec confirma-o em o Livro dos espíritos, na questão 120, vejamos: “Todos os espíritos passam pela fieira do mal para chegar ao bem?”.

Não, pela fieira do mal, mas, pela da ignorância.

Ainda Kardec na questão 261: O espírito, nas provas que deve sofrer para chegar à perfeição, terá que experimentar todos os gêneros de tentações? Deverá passar por todas as circunstâncias que possam provocar-lhe o orgulho, o ciúme, a avareza, a sensualidade etc.? Certamente que não, pois você sabe que há os que tomam desde o princípio um caminho que os afasta de muitas provas. Mas aquele que se deixa levar pelo mau caminho corre todos os seus perigos. Um espírito pode pedir a riqueza e esta lhe será dada; então, segundo o seu caráter, poderá tornar-se avarento ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda entregar-se a todos os prazeres da sensualidade. “Mas isto não quer dizer que ele devia passar forçosamente por todas essas tendências”.

Se tivéssemos que passar por todas essas experiências, como nos afirmam alguns, haveria uma fatalidade apropriada para conduzir-nos ao mal, o que é um contrassenso, pois teríamos que admitir que o livre-arbítrio é uma utopia, pois Deus nos fataliza a praticar o mal. É lógico que os espíritos não quiseram dizer com isto que não vivemos a maldade em momento algum, pois, na maturação do espírito, no desenvolvimento da vida, não temos como fugir aos vícios, ao ciúme, a inveja etc., e esses comportamentos geram a maldade.

O que nos pretenderam informar é que não vivemos todos a maldade requintada, calculada, metódica, como a vivem os criminosos, ou aquelas entidades trevosas de que nos fala André Luís. Vivemos uma maldade impulsiva, filha da ignorância – e a ignorância leva-nos a praticar o mal, às vezes mesmo quando tentamos acertar –, que se dissolve com facilidade perante o amor divino, que se manifesta de Deus na vida.

Esclareço isto porque alguns confrades se têm utilizado dessa questão apresentada por Kardec para afirmar que Jesus fez uma evolução diretiva, seguindo somente o caminho do bem e do amor, atingindo a condição angelical em que se demora, e esta possibilidade não existe, pois a ignorância gera erros, desacertos, levando-nos a reprisarmos as experiências; em outras palavras, a ignorância leva-nos muitas vezes a praticarmos o mal, mesmo quando estamos

tentando acertar.

Outra análise que nos leva a crer na impossibilidade dessa hipótese: nós estamos reencarnados no Brasil, enquanto que outros espíritos estão reencarnados em outros países; nós estamos vivendo uma experiência diferenciada da deles, pois cada país tem um costume, um comportamento diferente de viver, então não estamos vivendo as mesmas experiências.

Alguém dirá: “Mas, no futuro, nós estaremos reencarnados nesses países”. Mesmo que reencarnemos, não estaremos vivendo as mesmas experiências, pois estas se modificam, lembrando ainda que, enquanto estivermos passeando por esses países por meio da reencarnação, estaremos perdendo a oportunidade de viver as experiências aqui no Brasil.

Outro fator relevante que deve aqui ser lembrado são as experiências vividas por vultos como Einstein, Galileu, Arquimedes, Pitágoras e outros, pois estes gênios viveram experiências que nós não estaremos vivendo, por exemplo: Einstein equacionou a relatividade, a ciência não se demora reprisando a mesma experiência por haver esta se corroborado como verdadeira, nós a conhecemos e aceitamos, aplicando-a no avanço que se tem alcançado no campo da ciência, lembrando ainda de que não somos todos cientistas e que muitos de nós poderemos jamais sê-lo, pelo menos aqui na Terra, e os que o forem estarão vivendo experiências mais avançadas, sustentadas nas descobertas desses gênios.

Não podemos nos esquecer de que experiência é experimento, prática da vida, habilidade, perícia, mas é também o conhecimento que nos é transmitido. Como visto anteriormente, não necessariamente temos que viver um experimento para adquirir-lhe o conhecimento, pois ninguém precisa viver o vício das drogas para saber-lhe os efeitos danosos, nós o sabemos por verificação, observando o efeito dela em que a consome etc.

Então vem a célebre pergunta: necessitamos ou não viver as experiências reencarnando na Terra como homens e como mulheres? Por necessidade de vivermos a experiência, não, pois seria contraditório que a Lei Divina dispensasse esta necessidade nos demais setores da evolução, exigindo esta necessidade apenas neste capítulo da vida; estaria sendo unilateral, o que contraria o princípio vigente da Lei, pois esta é equitativa, não é parcial.

Como visto no tema Sexo sublimado, escrito por mim, assim como não existem amores variados ou infinitos, mas, momentos diferentes de ser do amor, pois o amor é essência única, é manifestação de Deus na vida, o sexo também o é, não existe sexo masculino e feminino, mas, um sexo único, que responde a esses dois momentos de ser, em potenciação, pois os sexos masculino e feminino respondem à necessidade de procriação das espécies, sendo que a diferença mais acentuada desses sexos acontece no reino animal, racional e irracional, no campo da genética.

A sexualidade é bipotencial, ou seja, contém, em potencial, o masculino e o feminino; se fossem sexos separados, tornar-se-ia complicado explicar o hermafroditismo, em que o indivíduo manifesta os dois sexos, a transexualidade em que o homem ou a mulher psicologicamente insatisfeitos com o sexo faz a cirurgia, buscando a conformação da mente, do espírito, é claro. Esta inconformação não existiria, pois não haveria no eu a dualidade dos sexos, tampouco haveria como acontecer o hermafroditismo, pois o espírito traria seu sexo definido, como masculino ou como feminino.

Quando o espírito se libera das paixões e vicissitudes, liberta-se dos escombros da matéria, e, a partir desse momento, o sexo deixa de manifestar-se de forma diferenciada, pois as funções de procriação e relacionamento deixam de existir, passando a ser idêntica à permuta entre o homem e a mulher, transformando-se em troca de magnetismo e de amor.

Mas infelizmente o desconhecimento desta causa é que faz acontecer esta guerra

de diferenças, levando-nos ao desenvolvimento do machismo e do feminismo, em que nos acreditamos favorecidos ou prejudicados, por nos demormos neste ou naquele sexo, afirmando que sofremos mais do que no sexo oposto.

Que tolce nosso sofrimento maior ou menor! Nada tem a ver com o sexo em que nos demoremos, mas, com a transgressão em que nos detenhamos perante a Lei Divina.

No entanto, acredito, sim, que reencarnamos no sexo masculino e no feminino, por necessidade, por causa das nossas fraquezas e vicissitudes, pois transgredimos a Lei Divina e necessitamos viver essas experiências para a nossa rearmonização. Qual é o homem ou a mulher que não viveu a infidelidade e não prejudicou seu parceiro na caminhada evolutiva? Infelizmente isto continua acontecendo ainda.

As experiências equivalem-se no capítulo da ação e reação, ou seja, embora as experiências sejam diferentes em sua vivência, manifestam efeitos que lhe trazem consequência dolorosa; caso contrário, a Lei Divina demorar-se-ia falha.

As mulheres acreditam que todo homem tem que ser mulher um dia para sentir a experiência da dor física do parto, entretanto o homem, por sua vez, sofre em determinados momentos da vida a dor moral como, por exemplo, quando desempregado, tem que trazer o sustento para a esposa e para os filhos e não o consegue, então como homem, se ignorante do princípio da vida, diria que a dor moral é maior que a dor física etc. e tal. Este é somente um exemplo dos muitos que poderíamos citar. Entretanto neste capítulo estamos ambos enganados, pois a dor nas suas variadas modalidades é o buril que utiliza o Artista supremo da vida no Universo para esculpir sua obra-prima, o homem ou a mulher, o eu inteligente e eterno.

O protótipo da vida e da evolução no Universo é único, mas as experiências para que conquitemos essa evolução são infinitas, lembrando, entretanto, que uma experiência não necessariamente tem que ser adquirida por experimento; pode ser adquirida por meio do conhecimento, mesmo porque muitas experiências que nos interessam mais de perto no campo da evolução não nos oferecem mais as condições de ser reprisadas, e outras porque a lógica dos fatos afirma: seria inútil e ignorância, mesmo, não aceitar as experiências vividas e confirmadas por homens da ciência, porque não as acompanhamos no campo da análise ou da pesquisa.

Infelizmente alguns homens de ciência negam as experiências que não podem manipular, negam fenômenos que se repetem e se confirmam, pelo fato de acreditar que experiências aconteçam unicamente no campo das análises realizadas por mãos humanas em seus laboratórios, aceitando, contudo, as experiências realizadas por Einstein sem haver participado dessas experiências.

Dir-me-ão: nós as aceitamos por poder reproduzi-las, e é verdade, mas o que não podemos esquecer é que a manifestação inteligente da vida é um fato, é uma experiência que se repete constantemente e está disposta à nossa observação lógica; não valem as experiências que nos escapem ao domínio de reproduzi-las, mesmo quando as observações delas comprovem um fato?

Valem, sim. São aquelas experiências adquiridas pelo conhecimento, pois, como já verificado, vimos que existem experiências apreendidas, que não oferecem condições de análise, mas a lógica corrobora-as.

Mas eu só cheguei a este consenso a respeito do sexo graças às explicações maravilhosas que nos foram apresentadas por nosso amigo Bernard. Havíamos recebido informações que longe estávamos de imaginar; eu, principalmente, sequer imaginava que o sexo fosse uma emanção de Deus no Universo, como são o amor e a inteligência. Quando voltávamos para nossa casa, começávamos a meditar e a comentar os ensinamentos recebidos, pois eram tão claros e tão

evidentes. Pena que alguns de nós não façamos uso da razão e da lógica, e aceitamos tudo o que nos informam! Não damos ainda a atenção necessária às palavras de Kardec quando, em seu mandamento, nos pede para que analisemos tudo o que vier, seja dos homens ou dos espíritos, à luz da lógica e da razão, e só admitir o que for sustentável por esses parâmetros.

Mas depois desta rápida extrapolação que apresentei, fruto do aprendizado adquirido do maravilhoso amigo Bernard, volvamos ao paraíso em que nos demorávamos, amando-nos com um amor divino um ao outro, e não acontecia mais entre nós aquela atração, derivada da beleza da forma.

Nós nos sentíamos atraídos um ao outro, por uma beleza divina, provocada pelo amor que sentíamos um pelo outro. Esta era uma realidade vivida por mim, pois, quando me deparei com Isabel, definhada pelo sofrimento, longe estava meu amor divino de revelar a beleza que apresentava quando encarnada, mas, ao revê-la, eu senti uma vontade divina de atraí-la de encontro ao meu coração, de enlaçá-la em meus abraços, acariciá-la, isto porque o amor que lhe tenho me permite apreciar a beleza da mulher-essência, a mulher espiritual; havia se modificado o sentimento de atração, não era mais aquele desejo de possuí-la fisicamente, não se havia dissipado o desejo de tê-la, mas o meu querer manifestava-se sem qualquer manifestação da libido, e o que é mais interessante, o amor antecipava-se e dominava plenamente o desejo de termo-nos um ao outro. É um sentimento divino de se sentir, mas, impossível de se explicar; é uma questão de foro íntimo. Tenho a certeza de que aqueles mais animalizados, que entendem que sexo seja unicamente a relação física, a cópula, dirão não haver graça alguma nesse comportamento, mais ou menos o que diriam os homens da caverna a respeito de nosso comportamento sexual no presente momento evolutivo, pois, para eles, o prazeroso do sexo era escolher a mulher desejada, com uma pancada na cabeça, levá-la para a cabana e possuí-la. Entretanto, como já vimos, desprovidos do corpo de matéria, os órgãos genitais modificam suas funções, não nos provocando qualquer atração física; como dito, a atração é de almas no mundo espiritual, é provocada pelo amor, isto é, sexo sublimado, mas é sexo, pois, entre infinitas mulheres (espíritos), sentimos por uma delas uma atração, um desejo de tê-la a nosso lado, porque esta e, não, as outras?

A vida que vivíamos era um paraíso, tínhamos os domingos livres, exceto um domingo por mês, pois nesse dia dávamos folga a outros amigos nossos, cooperadores da casa; não tínhamos aulas, e tampouco trabalhávamos. Aproveitávamos esse dia para passear nas praças e bosques da colônia. Parece que, mesmo na espiritualidade, aos domingos, o céu é mais azul, o sol tem mais calor e o amor é mais amor. Nós nos sentíamos no paraíso, e foi minha amada quem rompeu o silêncio em que nos demorávamos, caminhando:

– Júlio, eu me demoro usufruindo este momento como um momento divino; sinto-me num paraíso. Entretanto, fico a pensar na ilusão em que se demoram aqueles que imaginam o paraíso como um recanto em que nos demoramos depois da morte em eterna contemplação a Deus. Como você encara esta crença, meu amor? Pois eu particularmente a tenho como infantil.

– Isabel, você tem absoluta razão. É uma crença infantil, assimilada pelas mentes humanas. Essa crença tem suas origens na teosofia e teologia; estas, por meio das religiões ortodoxas, ensinam a seus adeptos que, depois da morte, alguns eleitos de Deus vão para o paraíso ou para o céu, e se demoram em eterna contemplação a Deus. Mas, meu grande amor, porventura estará o Ser supremo do Universo infinito à disposição de ser apreciado pelo espírito; estará como nolo pintam essas religiões, vivendo a configuração antropomórfica, de um velhinho de barbas brancas, sentado num trono, com seu cetro na mão; pelo que me apercebo, Deus é o Ser supremo do Universo; está no infinito dele, não se demora localizado num recanto qualquer do Universo, externo a este, mas, em simbiose com ele; assim como nosso espírito está no todo de nosso corpo, Deus está no todo do Universo. Então, meu amor, entendo que nós podemos ver o Ser supremo da vida, em sua manifestação na natureza, da qual nós fazemos parte, em tudo aquilo que a mais genial inteligência humana é incapaz de realizar. Infelizmente, as religiões ainda fazem da Inteligência Suprema do Universo uma ideia tão tacanha, mas aguardemos o tempo, meu anjo, pois um dia nós também vivemos esta mesma modalidade de fé.

Estávamos numa praça arborizada da colônia e Isabel fez-me um convite:

– Vamos sentar um pouco, querido. Vamos usufruir a bênção que nos está sendo apresentada pelo plano divino?

Eu lhe respondi:

– Vamos, aproveitemos a beleza, a harmonia e a paz que o momento nos propicia.

E falamos sobre a nossa volta à Terra. Minha querida fez-me esta pergunta à queima-roupa:

– Júlio, você sente receio de reencarnar?

– Pensei um pouquinho e respondi-lhe:

– Para ser sincero, sinto, sim, pois sabemos que o ambiente na Terra está longe de ser esta maravilha em que nos demoramos; paixões, vicissitudes, ciúmes, ódio, inveja e o crime, mesmo, ainda predominam no ambiente. Mas, minha querida, para alcançarmos definitivamente um ambiente de paz e prosperidade, igual ao que nos demoramos, e para conquistarmos regiões ainda mais felizes, temos que voltar, trabalhar corajosamente a favor da evolução da humanidade, e então teremos o direito à felicidade legítima.

Ela me respondeu:

– Sim, e confesso que também vivo este mesmo receio. O que me dá coragem é ter a certeza de que você estará ao meu lado, dando-me sustentação, e eu me apercebi que eu lhe dava segurança. Então pensei: “Devo dar-lhe coragem, jamais lhe confessarei o meu receio”.

Nós nos demoramos algumas horas lindas, juntinhos a confabular; falamos de nosso futuro, e ela me disse:

– Júlio, nós vamos evoluir, isto é uma fatalidade. Você já parou para pensar, meu anjo, como será o nosso momento evolutivo, daqui a alguns milhões de anos, na felicidade em que nos demoraremos a viver? Meu amor eterno, só de pensar que sou sua alma gêmea, que o terei na eternidade, sinto-me acometida de uma vertigem divina, e tento definir realmente o que seja Deus. Mas por hora eu só posso repetir aquilo que afirmam todos: “Ele é a fonte infinita do amor e da inteligência, e demoro-me infinitamente agradecida, pois o Criador me deu você, para que eu o ame na eternidade, sem exigir de minha parte merecimento algum, pois o que foi que eu fiz para merecer você”.

Eu lhe respondi:

– Não fizemos nada por nos merecer, querida, mas Deus, em seu amor, em sua misericórdia infinita, assim determinou. E, meu amor, vou lhe confessar: como a vida é maravilhosa ao seu lado!

Minha querida sorriu e encostou-se ao meu ombro, no desejo de usufruir mais aquele momento.

Nesse idílio amoroso em que nos demorávamos, eu lhe perguntei se não seria interessante fazermos uma visita a Maria Antonieta, pois participaria de nossas vidas quando encarnados, e meu amor sofreu uma recaída momentânea, pois de imediato não me respondeu nada, e eu não insisti, pois me apercebi de que ela houvera sentido ciúmes de minha ex-esposa. Continuei a acariciá-la, e demorei-me conversando com naturalidade. Passados alguns momentos, meu amor respondeu-me:

– Concordo com você, meu amor; este é o momento de fazer o teste para confirmar se você é realmente meu na eternidade – e sorriu, informando-me que houvera sentido ciúmes, mas que já havia se recomposto, e concordou que nos seria interessante fazer-lhe uma visita, mas teríamos que falar com nosso amigo Bernard, pois sequer sabíamos em que colônia espiritual nossa amiga se encontrava.

Havíamos passado horas sublimes juntinhos um ao outro, trocamos ideias, falamos de nosso futuro, enfim estarmos juntinhos um ao outro era uma bênção de Deus em nossas vidas. Entretanto o sol já começava a declinar, e eu fiz um convite a Isabel, dizendo-lhe:

– Boneca linda de minha eternidade, vamos caminhando devagarzinho, pois ainda é cedo; vamos ao templo da luz fazer nossa prece de gratidão ao Ser supremo da vida, pois, neste momento de nossa caminhada eterna, nós só temos a agradecer e, com certeza, teremos motivos para agradecer a Ele eternamente, ainda que não nos ofertasse outras bênçãos, como disse você, bastaria a bênção de nos termos na eternidade. Isabel, Isabel, você é meu patrimônio infinito e eterno; sem você a meu lado, minha vida seria vazia.

– Júlio, não seja egoísta – respondeu-me ela –, nossas vidas seriam vazias.

Caminhamos sem pressa. Chegamos ao templo da luz, entretanto ainda era um pouco cedo. O templo era enorme. Embora houvessem chegado muitos dos habitantes da colônia, este estava vazio. Sentamo-nos num canto mais retirado, pois desejávamos aproveitar o momento para trocar ideias. Em todos os domingos comparecíamos ao templo, pois nós fôramos escalados para participar das reuniões dominicais, mas havia aqueles que estavam escalados para participar às sextas-feiras e outros, aos sábados. Embora o templo fosse enorme, com certeza não suportaria a presença de todos os habitantes da colônia de uma só vez. O regime de disciplina da colônia era rígido, mas, amoroso, pois, conforme informara-nos Bernard, o dirigente máximo da colônia era um comandante militar, e comandava ainda no mundo espiritual uma esquadra de soldados; estes atuavam na colônia em benefício dos necessitados que eram recolhidos, pois nem todos os recolhidos para tratamento viviam um comportamento pacífico; alguns haviam sido magnetizados por entidades infelizes enquanto sua estadia nas trevas, e demoravam-se com a mente conturbada, vivendo em alguns momentos a violência. Em outras vezes, esses espíritos atuavam nas caravanas socorristas; a sua presença intimidava as entidades trevosas, na intenção de atacar a caravana e, mesmo entre os encarnados, esses espíritos atuavam socorrendo os obsediados. Esses soldados tinham na colônia um recanto apropriado para os exercícios e treinamentos, e os dirigentes desses espíritos eram mais evoluídos, entretanto, em sua maioria, esses espíritos tinham ainda pouca evolução, enquanto desempenhavam um trabalho de assistência e de auxílio ao próximo, desenvolviam-se espiritualmente. Eram eles soldados socorridos no momento de seu desencarne; a maioria havia tombado nas guerras, e alguns outros, desencarnados por motivos de doenças, mesmo. Esta era uma forma que o dirigente máximo de nossa colônia encontrara para auxiliar essas almas, fazendo-as sentirem-se úteis e beneficiando os semelhantes.

E foi Isabel que mais uma vez me trouxe de volta à realidade do momento, pois me demorava com a mente a passear em devaneio. Disse-me ela quase a sussurrar:

– Júlio, as manifestações maravilhosas que recebemos neste templo nos fazem extasiados. Nós vemos a energia proveniente da espiritualidade maior derramar-se sobre nós, como se fossem flocos de neve; vemos luzes provenientes de planos mais elevados a derramarem-se sobre nós; sentimos uma paz divina. Não nos demoramos aqui, acreditando numa possibilidade de que esta manifestação aconteça, porque será que na Terra não temos a bênção de visualizar essas energias, no momento em que se derramam sobre nós, pois já presenciamos esta graça acontecendo nos cultos em que os fieis, conservam a fé sincera em Deus; não seria uma bênção da espiritualidade esta percepção divina, esta visão sublime?

– Meu amor, a questão de visualizarmos ou não as energias que apreciamos neste templo demora-se relacionada à condição vibracional em que nos demoremos. Nossas condições vibracionais do momento propiciam-nos apreciar as energias divinas que nos envolvem, e estas são maravilhosas. Entretanto, neste mesmo ambiente divino em que nos encontramos, temos irmãos nossos que estão vivendo uma evolução bem maior do que a nossa, e sua vibração, sem dúvida alguma, é mais rarefeita, mais sutil. Eles conseguem apreciar energias que nos envolvem, as quais sequer concebemos que possam existir; quanto mais elevada for nossa vibração, mais sensível nos demoraremos e, por afinidade, mergulhamos na faixa sintônica em que se demora a energia símile a nosso momento evolutivo. Anjo, quando me demorava em trevas, fui visitado por minha mãe, entretanto não a pude ver, apenas pude ouvi-la, isto em virtude da diferença vibracional. Minha mãe encontra-se numa condição vibracional elevada e, por isso mesmo, sua vibração é rarefeita. Eu me encontrava numa condição vibracional densa, pesada; ela podia me ver, mas eu estava impossibilitado de me aperceber de sua presença, e na Terra nos demoramos envoltos pelo véu da matéria. Esquecemos as lembranças de vidas passadas, de momentos quanto este que estamos a viver; no corpo de matéria, teremos apenas uma lembrança intuitiva desses momentos. O conhecimento adquirido permanece, mas, não, a lembrança detalhada de nossas experiências em outras vidas ou na espiritualidade, e esta bênção Deus no-la concede para que estejamos recomeçando, esquecendo os erros de outrora, construindo no campo do amor e da evolução. Meu grande amor, se tivéssemos a recordação desses momentos felizes, com certeza teríamos também dos momentos infelizes, em que demoramos no sofrimento e na dor, quando reencarnarmos. Vamos esquecer os momentos tristes, tanto quanto estes momentos felizes. Vamos recomeçar uma

nova vida, mas, no que concerne à evolução adquirida, recomeçaremos no ponto em que paramos, não vamos começar do zero.

Confabulamos ainda por mais um tempo, entretanto estava aproximando-se o momento em que o banquete de luz divina nos seria ofertado, e então nos silenciámos, mesmo porque o templo já estava cheio. Alguém desligou a luz forte que clareava o ambiente, mas permaneceram ligadas várias luzes azuis, que propiciavam ao recinto uma luz confortante, suave, permitindo-nos concentrarmos melhor. Alguns amigos de maior elevação espiritual sentaram-se a uma mesa localizada num patamar mais elevado, destacando os que ali se demoravam e o espírito amigo que estivesse pronunciando-se. A plateia fez um silêncio ensurdecedor, quando Nestório, um amigo querido da espiritualidade, se levantou para apresentar-nos palavra.

– Amigos queridos, a paz de nosso mestre Jesus seja convosco. Como bem o sabemos, somos espíritos endividados para com o planeta Terra. Ele nos foi por várias vezes aquele berço abençoado que acolhe uma criança espiritual, para que esta cresça, faça sua ascensão divina a caminho da eternidade, mas infelizmente nós agimos tal a criança que, alcançando a adolescência, se rebela, perdendo aquela inocência em que se demorava, passando a viver uma vida agressiva, violenta, praticando atos que estão em desacordo com as leis cívicas, com as convenções sociais. Uma maioria destes, com o passar dessa fase, modificam-se e passam a viver uma vida social digna e honesta, tanto quanto nos permita a nossa evolução espiritual; outros, entretanto, se perdem por caminhos incertos, terminando sua existência em sofrimentos e dores. Nós, como espíritos eternos, recebemos do Pai a infinita misericórdia de reencarnarmos na Terra, entretanto desperdiçamos a bênção da reencarnação, em vez de retribuir a misericórdia suprema, ofertando o nosso melhor a vida, demoramo-nos na condição do adolescentes; rebelamo-nos e passamos a transgredir a Lei Divina. Passamos pela vida semeando a discórdia, a maledicência; demoramo-nos orgulhosos, prepotentes, ciumentos e, em muitas oportunidades, mergulhamo-nos na prática do crime, mesmo. Como consequência de nossos atos, impregnamos o meio ambiente do planeta com nossas vibrações desajustadas e desequilibrantes, e absorvemos em nosso corpo espiritual essas desarmonias que emitimos. Somos como um gerador de energia elétrica; este gera a energia em megavats, e esta

passa por transformadores elevadores de potência, e essa energia vai alimentar as grandes capitais, oferecendo à sociedade força motriz e iluminação elétrica, mas ele trabalha em circuito fechado, autoalimenta, e nós nos alimentamos das energias que emitimos. E, como vemos, nós nos alimentamos das vibrações negativas que irradiamos e imantamos a Terra com essa mesma energia. Como nos disse o Mestre bem amado, ninguém poderá libertar-se da Terra enquanto não houver devolvido a esta as condições vibracionais harmônicas, pois na vida a manifestar-se de Deus tudo é harmonia; compete-nos viver a condição de um retificador de energias, isto é, retificando as energias negativas que nos envolve, devolvendo-lhe a condição harmônica, tanto quanto retificando as energias negativas com que imantamos o meio ambiente da Terra, pois esta, embora imaginemos seja um corpo inerte, isto é, morto, sem vida, este corpo gigantesco também possui vida, acompanha-nos na evolução, também evolui, e é ele que nos propicia campo e meios para que evoluamos. Irmãos em Jesus, não tenhamos receio de voltar à Terra, pois ela é um paraíso de harmonia, vida e luz. Se prestarmos atenção, a Terra é que deveria ter receio de nossa presença, pois, como dito pelo Mestre, o céu ou o inferno está dentro de cada um de nós. Infelizmente somos nós que imantamos a Terra com nossas vibrações negativas, e como é de costume, pois sempre transferimos a responsabilidade de nosso sofrimento a outros, ou seja, ao próximo ou a Deus; transferimos a responsabilidade de nosso sofrimento para o planeta, que, receptivo e amoroso, nos acolhe. Costumamos afirmar que a Terra é um hospício, um hospital, e muitos se dão ao luxo de afirmar que a Terra é um inferno. Sim, concordamos em parte com os que assim pensam, pois a Terra é tal qual uma mãe amorosa que recebe, em seu seio, filhos enfermos, desequilibrados, trevosos, e quando nos acalenta em seus braços, torna-se tal qual somos, pois nos acalenta em suas entranhas de mãe amorosa e passa a viver conosco as nossas dores e desequilíbrios, em que nos demoramos. Filhos, no dia em que houvermos nos libertado de nossas inferioridades, quando houvermos acordado para a harmonia que se manifesta de Deus na vida, aperceberemo-nos de que Terra é um paraíso. Nossos olhos não mais serão obscurecidos pelas trevas em que nos demorávamos; eles nos permitirão apreciar as matas verdejantes, as fontes cristalinas, a brisa a roçar as folhas das árvores, a luz do sol a cintilar na cúpula das árvores frondosas, mas, para que vejamos essas maravilhas que ela nos apresenta, temos que exteriorizar as nossas potenciações de amor. Não nos esqueçamos de que nosso alcance de visão e percepção estará sempre subordinado à lei da sintonia vibracional. Não nos esqueçamos de vamos retornar, ainda, muitas vezes ao nosso planeta, para melhorar a nós mesmos, evoluindo de encontro à felicidade que Deus nos reserva na eternidade, e para

cooperar com a evolução da Terra e de nossos irmãos menores espiritualmente, aqueles que ainda não desenvolveram seu potencial de inteligência e de amor, o suficiente para libertarem-se das gangas da matéria. Não seremos verdadeiramente felizes sem trabalhar pela paz e pela felicidade de nossos semelhantes.

Houve uma pequena pausa da parte do mentor e, em seguida, ele nos disse que estaria a nosso dispor no desejo de sanar algumas dúvidas possíveis a respeito do tema.

– Que a paz do divino Mestre nos envolva a todos!

Alguns irmãos presentes expuseram suas dúvidas. O mentor aguardou o último questionamento apresentado – foram quatro –, e enquadrou todos eles numa única resposta, que atendia a todos os questionamentos e, em seguida, fez uma prece de louvor e agradecimento a Deus por haver-nos ofertado um banquete divino de amor e luz, momentos sublimes de comunhão com a vida superior, prece esta que não tentarei reproduzir, pois não tenho condições de fazê-lo, em virtude da beleza sublimada da expressão e do sentimento de amor divino que nosso amigo maior aplicou na sua feitura. Terminada a reunião espiritual, trocamos ideias com alguns amigos, e saímos. Eram 21h10min.

Saímos do templo. Parecíamos flutuar, tão leves e tão felizes nos sentíamos. Era muito cedo para voltar para casa. Não tínhamos outro compromisso nesse momento; meu compromisso era ela, e o compromisso dela era eu. Tínhamos nosso filho, nora e netinho, mas, graças ao bom Deus, tudo estava em paz na fazenda. As coisas corriam bem, e dessa vez fui eu que lhe disse:

– Meu amor, não temos compromisso algum, vamos aproveitar a linda noite para passear, para amar-nos?

A noite estava linda, mesmo. O firmamento refletia a luz de infinitos sóis que resplendiam, manifestando a sua portentosidade e, para completar essa beleza, a Lua apresentava-se como lua cheia. Minha esposa respondeu-me, quase sussurrando:

– Meu amor, estar ao seu lado é estar no paraíso. Leve-me aonde você quiser.

Caminhamos pelas alamedas da colônia. Estas eram largas e tinham muitas árvores frondosas que a marginavam. Em dado momento, eu disse à minha alma gêmea:

– Vamos sentar um pouco na relva e apreciar este momento com mais tranquilidade?

– Vamos – respondeu-me ela.

Sentamos e demoramo-nos alguns minutos em silêncio, enviando ao Criador um pensamento de gratidão por permitir-nos que nos amássemos no templo do Universo. A luz das estrelas, por permitir-nos um momento inebriante tão maravilhoso, pois ter a mulher amada a meu lado, naquele momento, era habitar um recanto especial do paraíso e, com nossas mentes repletas de gratidão, pensávamos em nossas transgressões, nossos erros e, perante o altar da consciência, confessávamo-nos ao Ser supremo do Universo.

Minha esposa encostou sua cabeça em meu ombro e quebrou o silêncio em que nos demorávamos, dizendo:

– Júlio, entendo que os atributos que nós damos a Deus são de origem humana, por exemplo, ao ofertar-nos este momento, que atributo Lhe atribuiremos? O que fizemos, meu anjo, para merecer da Inteligência Suprema do Universo este momento maravilhoso, sublime? Nós poderemos descrevê-lo na expressão, mas ninguém poderá sentir este momento, pois é um momento nosso, é um sentimento de foro íntimo. Concorda, meu eterno amor?

Respondi:

– Lógico, querida. Como não concordar? Seu raciocínio é lógico. Eu acredito que, conforme formos evoluindo, apresentaremos atributos que por hora sequer concebemos. Não nos esqueçamos, querida, que alguns religiosos Lhe têm atribuído a condição de um humano apaixonado, um ser que se magoa e, por esta razão, tem que perdoar; um ser que tem privilegiados nesta ou naquela religião, e outros tantos atributos que são grosseiros ao comportamento humano, quanto mais ao Ser Supremo, que manifesta a vida no Universo. Então você está certa. O que podemos por hora dizer, como penhor de gratidão, é que Ele é a fonte infinita do amor e da inteligência, qualquer outra expressão será redundante.

A essa altura de nossa conversação, ela se demorava com a cabecinha encostada em meu ombro. Num gesto indefinível segurei-lhe as mãozinhas, que para mim eram de anjo, e as beijei com um enlevo de amor infinito. Nesse momento eu mergulhara num êxtase profundo. Um envolvimento divino aconteceu-nos, eu sentia suas vibrações de amor inebriar-me e, ao mesmo tempo, fazia-a inebriada de amor. Nesse momento não falávamos, sentíamos um a energia do outro. Então compreendi melhor por que um casal que se ame na espiritualidade não necessita viver a conjugação dos corpos, para complementar-se um ao outro. Nesse momento o sexo era apenas a atração que sentíamos um pelo outro, o desejo de estar juntos, mas o amor falava muito mais alto em nossas vidas. Assim nos demoramos por um tempo. Parece que nenhum de nós queria quebrar o encanto divino desse idílio amoroso, mas era preciso voltar à realidade, pois a nossa realidade não diferia muito desse momento inebriante em que havéramos nos

mergulhado, nosso amor estava presente a todo instante.

Um sorriso espontâneo manifestou-se em nossos rostos. Eu não me cansava de admirá-la, mas, pareceu-me, que ela estava vivendo essa mesma admiração por mim, pois retinha os olhos fixos em meu rosto. Nesse estado de alma, enamorados um pelo outro, conversamos vários assuntos, alguns referentes à nossa reencarnação. As horas maravilhosas haviam passado, pois, quando estamos vivendo momentos felizes, não vemos a hora passar. Já era meia-noite. Havíamos ficado um pouco mais que o imaginado. Levantamo-nos e rumamos para nosso pequenino lar.

Caminhamos sem pressa, demorávamo-nos como se não quiséssemos quebrar o encanto divino em que nos havíamos mergulhado, mas, mesmo caminhando a passo lento, conversando, chegamos em casa. Conversamos ainda um pouco mais. É como se estivéssemos encantados, não sentíamos sono algum. O espírito, conforme vai desprendendo-se das influências da matéria, dorme menos. Entretanto, segurei-lhe as mãos, dei-lhe um selinho nos lábios e disse-lhe:

– Boa noite, meu amor – e brinquei –, se possível, sonhe comigo.

Tentando dormir, eu ainda pensava naqueles momentos felizes, mas aos poucos o sono me envolveu.

No outro dia de manhã, foi a minha amada que me acordou. Achevou-se à minha cama, sentou-se, deu-me um beijo no rosto e disse-me:

– Levante-se, vamos trabalhar, estudar e amar-nos sempre. Você quer tomar o

seu desjejum, meu amor, eu o preparo para você. E eu lhe perguntei:

– Você já tomou o seu?

Ela me respondeu:

– Não, hoje eu não vou tomar.

Eu pensei um pouco e lhe respondi:

– Não, eu tampouco quero.

Sorrindo, disse-lhe:

– Uma boneca linda repletou-me de energias. Eu me sinto abastecido, meu anjo. Eu acho que precisamos repetir a dose, pois é divino fundir nossas almas e ontem, à noite, nós o fizemos.

Ela apenas sorriu, não que, em outras oportunidades, não nos houvéssemos envolto um ao outro com nosso amor, repleto de magnetismo, mas não houvéramos antes sentido aquele êxtase divino que sentimos ali, à luz das estrelas. Levantei-me, fiz meu tratamento de higiene habitual e rumamos para o nosso trabalho, e este não faltava. Não ficávamos juntos no mesmo seto de atividade, nós nos encontrávamos no horário do almoço, pois, quase sempre nesse horário, ingeríamos alguns sucos, que eram ricos em energéticos. O

trabalho era cansativo, requeria esforço de nossa parte. Os horários de descanso e recuperação de energias eram diferenciados; não parávamos todos de uma vez: primeiro, parava uma turma, descansava, energizava-se, esta voltava; e então a segunda saía e repetia-se o processo com a terceira turma. Nós nos reencontrávamos nesse horário; depois, só à tarde, quando encerrávamos nossa tarefa do dia. Para o atendimento aos enfermos à noite, tínhamos uma turma que o fazia.

Quando saíamos à tarde, dávamos uma voltinha juntos; não compensava ir para casa, e não tínhamos motivos, pois os componentes de nosso lar éramos nós. Então passeávamos um pouco, conversávamos e não cessávamos de fazer juras de um amor eterno. Vivíamos momentos paradisíacos. O núcleo de estudo ficava a algumas quadras do edifício em que eram assistidos os irmãos infelizes, que recebiam assistência em nossa colônia espiritual. Pouco antes do horário de início das aulas, nós estávamos presentes. Havia instrutores especializados, que apresentavam os temas; não eram sempre os mesmos, embora muitos deles se apresentassem muitas vezes. Como tivéssemos que reencarnar um pouco mais adiante, os temas que nos eram passados referiam-se à reencarnação, o seu aproveitamento etc. Quando terminávamos a aula, no caminho para casa, nós discutíamos tópicos que haviam sido apresentados pelo expositor, procurando solidificar o aprendizado.

E assim vivíamos nossas vidas na colônia, felizes, realizados, pois ela me complementava, tanto quanto eu a ela. Para que isso acontecesse, bastava a presença ao lado do cônjuge amado, e eu pensava: “Não posso viver sem essa mulher”. Mas meu amor tirou-me do devaneio em que me houvera mergulhado, dizendo-me:

– Querido, as religiões ensinam que, quando morremos, ou vamos para o inferno eterno ou vamos para o céu. O inferno elas o definem como um abismo tenebroso e triste, em que as almas desditosas aí se demoram a requeimar para sempre. O céu, porém, elas não o definem. Para as religiões o céu é o infinito. Elas ensinam que as almas, depois da morte, se demoram errantes nesse céu, não

habitam recanto algum, vagam pelo espaço, incertas, indefinidas em seus propósitos. Parece-me que, para as religiões ortodoxas, a única finalidade do espírito é demorar-se em eterna contemplação a Deus. Não conseguem interpretar as palavras de Jesus, quando nos afirma que há muitas moradas na casa do Pai.

Meu amor sorriu, dizendo-me:

– Já pensou, amor? Você partiu primeiro da Terra; se isso fosse verdade, como é que eu iria encontrá-lo neste espaço infinito? Ainda bem que as religiões estão redondamente enganadas.

Eu respondi:

– A sua brincadeira, meu anjo, realmente, se não houvesse essas moradas de que nos informou Jesus, eu sequer saberia onde procurá-las, pois o Universo é infinito.

– Foi lógica a sua observação.

Foi minha querida quem tomou a iniciativa, dizendo-me que à noite visitaríamos nosso amigo Bernard para pedir-lhe que nos concedesse a bênção de visitar nossa amiga Maria Antonieta, pois, no seu entender, seria muito bom iniciar essa aproximação antes de reencarnarmos. Estaríamos, com certeza, preparando terreno no campo da simpatia e da amizade e, principalmente ela, que houvera sentido ciúmes, teria a oportunidade de desfazer esse sentimento em suas raízes, pois não havia motivos para isso.

Como combinado, à noite fomos à sala de nosso amigo espiritual. Este trabalhava incansavelmente até as tantas da noite, descansava bem menos do que nós. Ele nos convidou a sentarmos e, surpreso, nos perguntou qual era o motivo dessa visita inesperada, embora nossa presença lhe fosse sempre agradável.

– Bernard, estamos aqui para pedir-lhe mais uma vez o seu amparo, pois o Júlio e eu estamos desejosos de visitar nossa amiga Maria Antonieta, por entender que seja proveitoso esse encontro, uma vez que vamos conviver juntos na Terra. Acreditamos que, visitando-a, estaremos iniciando, já na espiritualidade, os laços de simpatia e amizade, principalmente eu, pois não a conheço ainda, entretanto ignoramos onde esteja nossa amiga no momento presente.

– Isabel e Júlio, o desejo de vocês é louvável, pois vocês se reaproximarão da sua futura companheira de lutas na matéria. Eu digo reaproximarão, pois já viveram experiências juntos em outras reencarnações. Nosso amigo Júlio já viveu experiências amorosas com ambas, numa mesma existência, embora nenhuma das duas soubesse desses fatos. Esses relacionamentos aconteciam sem compromisso algum de responsabilidade da parte dele. As duas mulheres só tiveram conhecimento da bigamia vivida por Júlio quando ele viajou da França para a Espanha, e então ficaram amigas. Por felicidade do Júlio, ele nunca mais voltou para a França, mas vemos que o nosso amigo está mais maduro hoje e definido, mesmo, no campo do amor, o que não quer dizer que não necessite vigiar seus sentimentos quando estiver reencarnado.

Era domingo, às sete horas da manhã, quando iniciamos nossa viagem para a colônia em que se demora nossa amiga Maria Antonieta. Esta colônia é denominada Posto da Paz. Nosso amigo Bernard informou-nos que essa viagem seria um pouco mais longa, e pediu-nos que não tocássemos na questão ideológica do socialismo, pois naquele instante nossa amiga não poderia compreender os argumentos que lhe apresentaríamos. Ensinou-nos ele:

– Importa lembrar que os espíritos que se envolvem por essas ideologias desenvolvem uma paixão por elas, e não seria em algumas horas que lhes modificaríamos os sentimentos. Nossa amiga querida vai reencarnar, e ainda trará em sua mente a crença de que o socialismo vai propiciar às sociedades o bem-estar, a igualdade, a prosperidade social. Viverá essa reencarnação ainda afeiçoada a esse conceito; provavelmente só na reencarnação seguinte a esta se desvencilhará dessa paixão que a domina. A colônia Posto da Paz recebe espíritos que, embora não sejam maus, são ainda imaturos, e acreditam em dogmas e em ideologias absurdas. Temos ali recolhidos muitos sacerdotes e freiras; estes receberam ensinamentos dogmáticos da Igreja, tais como o inferno eterno, paraíso beatífico etc. Muitos deles acreditam que estão no purgatório, por haver falhado para com a Igreja, enquanto estavam encarnados, e vivem esse estágio, aguardando a misericórdia de Deus, a seu favor, no sentido de conduzi-los ao céu. Apresentar uma informação filosófica profunda informá-los da verdade, de momento, não convém; seria descaridoso, mesmo. Temos que ter paciência para com eles, assim como temos que ter paciência com algumas crianças que sentem dificuldades para realizar o aprendizado, e esses espíritos ainda são crianças espirituais. Filhos, não devemos, a pretexto de esclarecer algo, infligir isso aos que ainda não desenvolveram condições espirituais, isto é, a maturação do ser, forçando-os a entenderem a verdade. O tempo mostra-nos verdades, que são apenas pálidas informações dos fenômenos que se manifestam de Deus no Universo, pois a verdade absoluta pertence ao Criador.

Chegamos. Nosso mentor apresentou-se, mas já era conhecido pelo atendente da portaria; cumprimentou-o e apresentou-nos, informando-o de que desejaria uma rápida entrevista com Marinésio.

– Nosso amigo é o governador desta colônia – informou-nos Bernard.

O atendente atenciosamente pediu para um auxiliar que anunciasse Bernard, dizendo-nos:

– Pode acompanhá-lo, o senhor esta em casa – e deu um sorriso.

Acompanhamos o amigo que nos levaria à sala de Marinésio. Era domingo, mas nosso amigo demorava-se trabalhando.

A entidade amiga pediu licença, entrou e anunciou-nos. Marinésio levantou-se, apareceu à porta e disse:

–Entre, amigo Bernard; aliás, entrem, pois vejo que meu amigo de velhos tempos me traz à presença novos amigos. Sejam bem-vindos!

Sentou-se e convidou-nos a sentar. Bernard disse-lhe:

– Desculpe-nos, pois vemos que, embora seja domingo, você está atarefado.

– Estou aproveitando a quietude que envolve a colônia para adiantar um pouco o trabalho – respondeu o anfitrião –, pois às vezes fica apertado, e você o sabe, amigo. Mas qual é o motivo que o obriga a fazer-me uma visita, confesso que já estava com saudade de você.

– Marinésio, estes são nossos amigos Júlio, e Isabel. Maria Antonieta, que está internada nesta colônia, foi, quando reencarnada, a esposa de nosso amigo Júlio, e Isabel é a sua alma gêmea. Vai demorar um pouco ainda, mas reencarnarão. A ex-esposa de Júlio estará a acompanhá-los, reencarnará como irmã de Isabel; será cunhada de Júlio, e Isabel não a conhece no presente. Entretanto acha que uma aproximação na espiritualidade os ajudará na convivência com ela na Terra.

Acredito que isso seja realmente favorável, por isso vimos pedindo sua licença para fazer uma visita à nossa amiga. Você nos autoriza?

Marinésio, sorrindo, respondeu:

– Estão autorizados. Fiquem à vontade.

Trocamos ainda algumas ideias com o simpático amigo, e saímos rumo ao Centro de Recuperação, pois, embora tratassem da psique, não davam ao departamento este nome, pois tratamento da psique dá a entender que exista alguma deficiência mental, algum desequilíbrio da mente. Embora houvesse essa deficiência, mesmo, por uma questão de caridade, não falavam desse tratamento, entendiam desnecessário.

Um amigo espiritual conduziu-nos a esse centro de tratamento, e havia ali várias alas, cada uma delas acolhia espíritos que guardassem afinidade de vibrações, de ideais. Enquanto isso, soubemos por informação do amigo que nos conduzia, pois não havia placas que definiam essas alas, apenas letras do alfabeto, que nossa amiga se demorava internada na ala B. Ao chegarmos ao local, batemos na porta. Ela nos veio atender, havia se arrumado, pois iria dar um passeio com algumas amigas e amigos pelos parques da colônia. Quando a minha ex-esposa me reconheceu, sorriu para mim, pois, ao separarmos-nos, prometemos um ao outro que, se nós nos encontrássemos, nos trataríamos como amigos; nossa separação foi feita de comum acordo. Fui eu quem quebrou o estado de expectativa em que nos demorávamos, dizendo-lhe:

– Maria Antonieta, faz um tempo razoável que não nos vemos, e resolvemos fazer-lhe uma visita. Minha esposa expressou o desejo de conhecê-la, e eu a encorajei, informando-a de que você é uma mulher maravilhosa, mas espero que não a estejamos atrapalhando, pois me parece que você está de saída.

Maria Antonieta, gentilmente nos disse que iríamos juntos ao encontro de seus amigos, e ela pediria ao dirigente do passeio para liberá-la, e passearíamos e conversaríamos. Alguns instantes depois estávamos a caminho. Chegamos ao agrupamento, que aguardava minha ex-esposa. Ela se dirigiu a Rubens, a entidade que tinha a responsabilidade de dirigir o passeio. Isso era uma terapia, e nosso amigo era um dos espíritos amigos que apresentavam informações sadias e esclarecedoras, que aos poucos iam modificando o comportamento e a maneira de pensar desses espíritos que se demoravam com a mente fixa ainda a ideologias e a convenções sociais da Terra. Maria Antonieta aproximou-se do orientador, apresentou-nos a ele e pediu a sua liberação naquela manhã. O amigo olhou para Bernard, sorriu e disse para minha ex-esposa:

– Você está liberada, pois tenho a certeza de que sua manhã será proveitosa.

Nossa amiga informou-nos que nos levaria ao campo da música, e nós aquiescemos, pois seria um ótimo lugar para conversarmos e sentirmo-nos realizados. Ali a música suave nos envolveria com suas vibrações divinas e nos propiciaria a felicidade. Caminhávamos descontraídos, sem pressa, quando Maria Antonieta me apresentou este questionamento:

– Então, Júlio, vejo que você encontrou a mulher que você desejava. Recordo-me daquela noite em que você me liberou dos compromissos convencionais e me desejou que eu fosse feliz ao lado do homem amado de minha vida, pois você procuraria a mulher que o fizesse feliz. E eu lhe disse: “Você a encontrará, pois você é um bom homem”. Pelo que vejo você a encontrou.

– Encontrei, sim, Maria Antonieta, assim como você encontrou o homem de sua vida. Hoje somos felizes, felizes por haver nos realizado no campo sentimental, e ainda por ter a oportunidade de nos amar com aquele amor fraterno que nos foi ensinado por Jesus, pois a sua felicidade nos faz felizes a todos.

– Ah, Júlio! Sim, sou feliz por estar recolhida, entretanto trago uma amargura em meu coração, pois meu amado se demora ainda nas trevas, e o pior é que ele sofre por haver se precipitado e, em seu zelo pelo socialismo, esteve a destruir algumas vidas. Eu acho que ele não entendeu a essência do socialismo.

Eu olhei para Bernard, pois não saberia o que dizer. Foi, então, que nosso amigo se dirigiu a Maria Antonieta, dizendo-lhe:

– Minha filha, o seu companheiro de jornada na Terra está sendo observado por nós com carinho e, pelo que temos podido notar, nosso Filipe começa a entediar-se da vida em que se demora. Não vai demorar muito e nos será fácil resgatá-lo das trevas. Vou conversar com Marinésio e verei o que podemos fazer, mas, com certeza, você o terá reencarnado ao seu lado na Terra. Confiemos em Deus, minha filha.

E o interessante é que Maria Antonieta amava realmente Filipe, pois seus olhos se marejaram de lágrimas enquanto nos narrava a situação delicada em que se demorava seu esposo. Neste momento, num gesto de fraternidade e amor, minha alma gêmea aconchegou-se de minha ex-esposa, abraçou-a fraternalmente e lhe disse:

– Compreendo sua dor, minha amiga, e futura irmã na Terra, e o que eu puder fazer, farei a favor de sua felicidade; não posso muito de momento, mas o que eu posso, irei fazer. Farei muitas preces, pedindo a Deus e a Jesus, pelo seu despertar para a verdadeira vida. Não desanime, estamos vivendo apenas um momento na eternidade. No futuro, estaremos todos felizes, amando-os uns aos outros.

Ditas essas palavras por parte do meu amor, Maria Antonieta agarrou-se aos ombros de minha amada, e choraram por um tempo, o que ninguém ousou interromper. Com esse ato as duas mulheres acabaram reaproximando-se, pois, conforme Bernard, elas já se conheciam.

O ambiente estava saudável, ouvíamos algumas músicas que nos penetravam o âmago da alma; eram divinas, mesmo. Maria Antonieta demonstrava felicidade. Depois das palavras carinhosas que lhe foram ditas por minha esposa, não se apartou mais dela, mas as horas estavam passando. Já eram treze horas, e tínhamos que retornar à nossa colônia, pois nosso amigo tinha ainda alguns trabalhos a realizar. Nós nos despedimos, prometendo à minha ex-esposa que voltaríamos outras vezes; esta estava muito feliz, havíamos alcançado êxito em nossa visita.

– Isabel, estou muito feliz com o progresso realizado por você. Sua atitude foi de confiança no amor que o Júlio lhe dedica. E mais, você soube conquistar a amizade de Maria Antonieta; suas palavras transmitiram uma paz divina àquele coração dolorido e amargurado. Você lhe passou a certeza de que ela não está só, mas tem amigos e, entre estes, você. Havíamos nos demorado uma hora e meia na viagem de retorno até chegar à nossa colônia.

Bernard informou-nos que havia algumas análises a realizar, mas essa tarefa não era demorada, e iria também se juntar a nós, e, se não fosse em nosso passeio no bosque, nos encontraria à noite no templo, e sorriu. Despedimo-nos e fomos visitar um bosque, em que havia muitas árvores frondosas e muitas flores, mas havia também uma cachoeira. Sentamo-nos, abraçamo-nos, e vieram algumas lembranças:

– O que esta cachoeira lembra meu amor? – questionou-me Isabel.

Eu lhe respondi:

– Momentos belos como este que estamos vivendo, minha querida, mas em outro recanto, na fazenda.

Em minha memória parecia-me reviver aqueles momentos maravilhosos que vivemos na Terra. Entretanto voltei logo à realidade, pois eu apreciava um quadro diferente, a mulher amada, que estava ao meu lado, e comigo estaria na eternidade.

Ficamos ali enlaçados por um período. Conversamos sobre a situação de Maria Antonieta e Filipe; havíamos ficado compadecidos, pois, pelo que pudemos perceber, minha ex-esposa amava muito seu companheiro, e tê-lo sofrendo nas trevas realmente deveria amargurar-lhe o coração. Eu disse à minha amada:

– Enquanto você se demorou sofrendo, embora eu estivesse bem instalado, socorrido e assistido por amigos maravilhosos, em meu interior havia angústia e ansiedade; sofria amargurado, pois seu sofrimento refletia em minha alma. Quando foi possível retirá-la da região das sombras e você veio ter comigo, eu me senti no paraíso. Voltei a ser legitimamente feliz, pois é você o meu paraíso, o meu anjo, a minha deusa e, além disso tudo, você é a minha mulher na eternidade, querida. Hoje, quando estivermos orando no templo da luz, vamos emitir vibrações de amor e luz a favor de nosso novo e infeliz amigo, rogando ao poder divino o seu acordamento para a luz da verdade e do amor. Com certeza, em breve ele oferecerá condições para ser socorrido, e dirá para consigo mesmo: “alguém chorou por mim”.

Saímos desse recanto encantador e deixamo-nos levar em devaneio, sem preocupação alguma. Estar junto um do outro era, sem dúvida, o motivo de nossa felicidade. Caminhamos pelas alamedas da colônia, apreciando as flores

que as marginavam. De vez em quando, sentávamos para melhor concentrar nossos pensamentos e confabular, falar de nosso futuro. Não nos demorávamos a relembrar nosso passado, exceto quando recordávamos um acontecimento feliz de nossa estadia na Terra. Com isso as horas haviam passado, estava na hora de nos encaminharmos para o templo. Aproximava-se o momento de comungar com o poder divino, buscar ainda mais energias que nos propiciassem condições apropriadas para seguirmos a nossa jornada na eternidade. Com certeza não esqueceríamos nosso amigo em sofrimento.

Chegamos ao templo da luz. Ali já se encontravam vários espíritos, não dava mais para conversar. Estaríamos sendo indiscretos, e mesmo porque já havíamos conversado bastante. Elevamos o pensamento a Deus e a Jesus, e permitimo-nos envolver pela energia ambiente. Uma paz divina e uma confiança no poder supremo envolveram-nos. Nós nos sentíamos encorajados, apercebendo-nos de que nós éramos deuses; seríamos capazes de realizar prodígios. E nesse estado d'alma nós nos encontrávamos, quando Humberto, o palestrante da noite, começou a falar. O tema que ele nos apresentou veio ao encontro dos acontecimentos do dia, pois era: “Ninguém será legitimamente feliz enquanto não fizer a felicidade do próximo”. A palestra durou aproximadamente 45 minutos. Em seguida, convocou-nos a vibrarmos por todos os nossos irmãos em humanidade que se demoram em sofrimento, e que lembrássemos aqueles que nos foram mais próximos e que se demoravam sofrendo os reveses de suas transgressões à Lei Divina. Nesse momento, Isabel segurou minha mão e sussurrou-me aos ouvidos, dizendo-me:

– Agora, amor.

E nesse momento nós emitimos uma vibração cheia de amor a favor de Filipe. Não tínhamos dúvidas de que ele as estaria recebendo. Embora não fossem apresentar um resultado imediato, estariam envolvendo o âmago do ser de nosso amigo em sofrimento; em palavras mais elementares, as energias de amor que havíamos emitido a seu favor estariam lutando para imporem-se às energias negativas que o envolviam, modificando-lhe devagarinho o comportamento

interior.

O orador da noite fez um pequeno interregno, e informou que agradecería ao Poder divino mais este banquete maravilhoso de amor e luz que a Providência nos houvera ofertado, e apresentou sua ação de graças com suas palavras, as quais acompanhávamos em pensamento. Logo a seguir encerrou a reunião espiritual.

Estávamos de saída quando alguém nos tocou de leve os ombros. Viramo-nos e quem estava ali era ninguém mais que nosso querido Bernard. E ele nos disse:

– Eu havia prometido a vocês que os encontraria aqui, e cumpri minha palavra.

Sorriu e continuou:

– Mas vocês se aperceberam de que não existe casualidade. Nosso amigo Humberto falou-nos precisamente a respeito dos acontecimentos do dia. Vocês tiveram essa concepção?

Respondemos que sim, conversamos ainda mais um pouco e o convidamos para irmos para nossa casa, mas o amigo querido recusou, prometendo em outra oportunidade e argumentando:

– Mesmo porque vocês não querem ir para casa agora. Depois deste dia profícuo que tivemos, agraciados ainda por um banquete de luz, as suas almas enamoradas querem passear à luz das estrelas, amar-se um pouco mais, e o

templo do Universo espera-os para que vocês consolidem ainda mais o amor de vocês, que já é infinito, e eterno.

Sáímos e caminhamos pelas alamedas. Fugimos da iluminação, pois esta ofuscava o brilho das estrelas, as quais pareciam estar próximas de nós. Era precisamente isto que presenciámos quando viajamos para uma fazenda ou um sítio, enfim, para uma região em que não haja luz elétrica. E sentados na relva, infinitamente agradecidos, amamo-nos com um amor divino. Nessa noite, foi mais fácil imantar nossas almas uma à outra; nós nos sentíamos mais sensibilizados. Nesse estado d'alma, segurei-lhe as mãos, olhei-a no rosto; ela me correspondeu. Parecíamos uma só alma. Eu sentia as irradiações de amor com que ela me envolvia, e ela sentia minhas vibrações de amor que eu lhe irradiava. Por mais que tentemos explicar-nos, não o conseguiremos, esta é uma questão de foro íntimo, mas para que pressa? Todos viverão esse momento, pois somos todos filhos de Deus e sabemos que não existem privilegiados, nem párias, assim como tenho meu amor na eternidade, todos o têm, pois, do contrário, eu estaria tendo um privilégio, e isto não existe; se existisse, a Lei Divina seria falha. É questão de tempo, e cada um encontra o seu.

Nós nos demorávamos nesse estado d'alma já por um bom tempo, mas nenhum de nós dois tomava uma atitude de voltar à normalidade, é como se desejássemos que esse momento perdurasse para sempre. Sabíamos, no entanto, que não poderia ser e, com certeza, alguma entidade mais evoluída, evoluída o bastante para não ser apercebida por nós, esteve inspirando-nos. Então, algo, como se fosse um pensamento próprio, mas dotado de uma vontade diferenciada, envolveu-nos e ambos sentimos a necessidade de parar, e foi meu amor quem se pronunciou:

– Júlio, paremos por ora, pois temos a eternidade pela frente. Sou e serei sempre sua.

Nós nos levantamos e rumamos para casa. Acredito que já passava da meia-

noite. Chegamos um selinho nos lábios, um abraço amoroso, uma boa-noite, meu amor, e fomos para a cama descansar, pois o dia havia sido agitado, mas, divinamente proveitoso.

Haviam transcorrido dois anos de nossa visita a Maria Antonieta. Nosso amigo Bernard anunciou-nos que iríamos às regiões sombrias em que se demorava nosso amigo Filipe, e tentaríamos retirá-lo dessa região, mas esclareceu-nos:

– Não será fácil, pois nosso amigo ainda se demora ligado a entidades infelizes, que o fazem acreditar que sua atitude ao tirar vidas foi correta. Foi uma necessidade para que a justiça pudesse alcançar êxito, embora, graças à nossa intercessão, pois sei que vocês têm vibrado muito a favor desse nosso amigo. Ele já começa a sentir um tédio, um cansaço, pela vida infeliz em que se demora. Levaremos, ainda, nossa amiga Maria Antonieta, para que ela aproveite as lições que o momento nos propicia, uma vez que Filipe vai argumentar, tentando justificar seus atos como também, sem dúvida alguma, a justeza dessa ideologia. Vou buscar nossa amiga Maria Antonieta amanhã, e domingo, com a misericórdia de Deus, realizaremos a nossa tarefa. Mas eu não desejaria alojar nossa amiga numa enfermaria, ou outro compartimento qualquer de nossa colônia. Será que peço muito se vocês a acolherem em sua casa?

Nós nos olhamos rapidamente um ao outro, e foi a minha amada quem se pronunciou:

– Amigo Bernard, temos como acomodar nossa amiga, e será uma bênção para nós contar com sua presença. Ela é uma irmã querida, que está necessitando de nosso auxílio. Sua lembrança foi divina, pode trazê-la, pois ela será bem-vinda.

Nosso amigo espiritual disse-nos:

– Que Deus os abençoe, meus filhos. Podem ter a certeza de que fico imensamente agradecido a vocês. E feliz, mesmo, Isabel, por você, pois tem aproveitado o tempo, apreendendo as lições que lhe estão sendo passadas pelos amigos maiores.

E despediu-se de nós:

– Até breve!

No dia seguinte, aproximadamente às onze horas, Bernard chegou, trazendo-nos uma surpresa agradável, nossa amiga Maria Antonieta. E nosso mentor disse:

– Vocês estão dispensados do trabalho na tarde de hoje. Podem ir para casa e, se desejarem mostrar a ela nossa colônia, pelo menos os recantos mais interessantes, eu acredito que nossa amiga vai gostar. Já tomei as providências necessárias, e vocês serão substituídos nas suas tarefas.

Abraçamos a recém-chegada com muito amor e carinho, agradecemos a Bernard a surpresa, e fomos para casa.

Mostramos a Maria Antonieta nosso recanto íntimo. Ela nos perguntou como o havíamos conseguido e, para não lhe passar a impressão de que havíamos sido privilegiados, dissemos que trabalhamos muito, nos esforçamos e conseguimos nossa casinha. Informamos-lhe que ela dormiria no quarto com Isabel; e eu ficaria no sofá da sala – não por desentendimentos, mas, para acolher melhor uma amiga espiritual –. Nesse momento, sequer uma lembrança de meus

momentos na Terra, ao lado dessas mulheres, manifestou-se. Via em uma delas o amor de minha eternidade, e na outra, uma amiga querida, que naquele instante necessitava de auxílio.

Sáímos e nossa primeira meta era visitar o bosque das águas, como era denominado o local. Embora estivéssemos morrendo de desejo de caminhar abraçados, Isabel e eu nos caminhávamos de mãos dadas, pois entendíamos que estaríamos provocando em nossa amiga lembranças de seu amado, e dos momentos felizes que viveram, pois possivelmente essas lembranças a fariam triste. Pretendíamos oferecer-lhe muitas alegrias, disposição e ânimo para o dia seguinte, pois nossa amiga querida iria precisar de tudo isso. Minha amada entendeu o meu comportamento e convidou Antonieta a que enlaçasse seu braço ao dela. Mais alguns minutos e nós chegamos ao bosque.

Nós demoramos ali por um bom tempo, apreciando a beleza que nos era propiciada pelo Plano maior. Diante daquele quadro maravilhoso e nesse momento, minha amada disse à minha ex-esposa:

– Amanhã recolheremos o seu Filipe e então você estará vivendo a felicidade plena, pois só vivemos a legítima felicidade quando estamos ao lado do amor verdadeiro de nossa vida.

Antonieta olhou sorrindo para Isabel e disse-lhe:

– E você já encontrou o seu não é, minha querida amiga?

– Sim – respondeu o amor de minha vida –, e você o seu? Amanhã, se Deus quiser, nós o resgataremos da região em que se demora.

Um sorriso de satisfação e felicidade foi a resposta apresentada por Maria Antonieta.

Mas, como tínhamos ainda muito que contemplar, pois a colônia era grande e nos apresentava muitos recantos maravilhosos que não teríamos tempo para apreciá-los e pretendíamos aproveitar ao máximo a nossa tarde, oferecendo atrativos divinos, que renovassem os ânimos de nossa amiga, pusemo-nos a caminho do bosque da música. Ali apreciaríamos músicas maravilhosas, que nos acordariam sentimentos sublimes. Para alguns espíritos desejosos de músicas que lhes recordassem momentos felizes vividos na Terra, havia um setor específico para essa possibilidade; uma parede símile a parede de vidro separava os dois ambientes, era como uma parede acústica que abafasse o som, e isto acontecia, pois, embora pudéssemos ver os que estavam na outra ala, não ouvíamos um ruído sequer, e chegamos lá.

Explicamos à nossa amiga quanto à possibilidade de ouvir uma música que nos trouxesse uma lembrança agradável, ou músicas sublimes, muitas delas ignoradas pelos homens. Nossa amiga disse-nos que desejaria ouvir, se possível, uma música ao som da qual dançara com seu grande amor. Nós lhe respondemos que, se ela fizesse parte do acervo de músicas catalogadas, seria fácil encontrá-la e ouvi-la, pois quase tudo que havia na arte da música ali estava registrado. Era uma tarde de sexta-feira, quando a maioria estava trabalhando; no domingo seria mais difícil. Procuramos a música, e a encontramos. Nossa amiga ficou felicíssima. Colocamos o disco na vitrola, e a música começou a tocar. Maria Antonieta puxou minha amada, abraçou-a e dançaram a música juntas; nossa amiga dançou de olhos cerrados, isto queria dizer que ela estava revivendo a doce lembrança, de momentos agradáveis que jamais se apagariam da memória. Terminada a música, ela agradeceu à minha querida a dança, dizendo-lhe:

– Obrigado, minha amiga! Você é maravilhosa, não sei como lhe agradecer o carinho com que você me trata.

Em seguida, fomos para a outra ala e ouvimos algumas músicas que nos fizeram extasiados.

O Sol já ia declinando, apresentando-nos um quadro maravilhoso. O momento recordava-nos aquela tarde inesquecível de nosso casamento na capela, envolvia-nos aos três, com seus raios de uma luz amarelo-ouro. Eu não resisti, achei-me à mulher de minha eternidade, e dei-lhe um selinho nos lábios. Antonieta notou-o e dirigiu-nos a palavra, dizendo:

– Vocês, com certeza, tiveram um momento de felicidade inesquecível ao pôr do sol.

Minha esposa respondeu-lhe:

– Sim, o nosso casamento, na capela, deu-se ao pôr do sol.

Minha querida, dando a entender que era uma amiga verdadeira, detalhou os acontecimentos que se deram nessa tarde, o nosso casamento – a mulher detalha, mesmo, o que quer, o que deseje explicar –, e Maria Antonieta lembrou-me:

– Eu lhe disse, Júlio, que você estava visitando a fazenda, com muita frequência, e que a sua presença constante na fazenda não se fazia na intenção de visitar seu amigo. Você estava garimpando e encontrou uma pedra preciosa. Minha amiga Isabel, se você desejar, numa hora com mais tempo, você me conta esse romance, pois parece interessante, mas o mais importante é que vocês estão felizes, pois percebo a sua felicidade.

A seguir, visitamos a biblioteca de nossa colônia, que era enorme e ficava localizada no meio de uma floresta, pois o recanto em que ela se localizava era repleto de árvores; para entrar nela tínhamos uma trilha de pedras. O sol nesse momento já estava quase se escondendo no horizonte; seus últimos raios refletiam-se na cúpula das árvores, mais uns quinze minutinhos e ele se poria, para só reaparecer majestoso, no dia seguinte. Entramos, e Antonieta ficou assustada com a infinidade de livros que estava depositada nas prateleiras; eram obras científicas, romances, contos, filosofia etc. As obras científicas estavam catalogadas nas prateleiras, por ordem temática, por exemplo: as de anatomia e fisiologia, as de astronomia, de física, de química, e assim por diante.

Fomos atendidos por um rapaz simpático, que nos interrogou se havíamos encontrado a obra que desejávamos; se necessário, poderíamos contar com a sua colaboração. Respondemos-lhe que não tínhamos em mente nenhuma obra definida, somente estávamos mostrando a biblioteca à nossa amiga, que nos visitava na colônia. Agradecemos-lhe a atenção, e dissemos que, se necessitássemos de sua ajuda, o procuraríamos. As mulheres apaixonaram-se pelas obras românticas, pegavam o livro, liam o prefácio e entendiam que este deveria ser muito bom; eu já tinha preferência pelas obras científicas. Depois de muito folhear livros, despedimo-nos do bibliotecário e saímos; não havíamos lido nenhuma obra, mas sentimo-nos realizados.

Demoramos duas horas na biblioteca. Já eram 21 horas, e propusemos a Maria Antonieta passear pelas alamedas da colônia, pois esse passeio nos ofereceria uma paz maravilhosa. Estaríamos apreciando a beleza e o esplendor, que se manifesta de Deus na vida, no infinito do Universo, prestaríamos culto ao Ser supremo da vida no templo do Universo. Nossa amiga aceitou o convite e, enlaçada ao braço de Isabel, e esta por sua vez a mim, caminhávamos pelas alamedas da colônia. Num determinado momento da caminhada, minha querida propôs parar um pouco, sentar na relva, para conversarmos apreciando a luz das estrelas e a lua, que nessa noite se apresentava cheia, tornando mais encantado o momento que estávamos vivendo.

Envoltos por um clima de paz e de amor fraterno, pois nessa noite não tínhamos nossas atenções voltadas com exclusividade um para o outro, procurávamos tanto quanto possível fazer a nossa amiga feliz. Acredito que estávamos conseguindo-o, pois ela se mostrava radiante; havia momentos em que ela deixava transparecer não acreditar no que estava acontecendo. Conversamos, falamos sobre o nosso retorno à matéria, e fizemos questão de incluí-la. Em certo momento da conversa, ela não resistiu, abraçou minha esposa e deu-lhe um beijo carinhoso no rosto; a seguir, buscou o meu e beijou-me, dizendo-nos:

– Vocês são maravilhosos.

Minha amada lançou-me um olhar e sorriu. Envoltos nesse enlevo divino de amor e amizade, não vimos as horas passarem. Já era tarde da noite. Levantamo-nos e fomos para casa; ao chegarmos, despedimo-nos com um boa-noite, e eu dei um selinho na minha amada, e dormimos.

Acordamos na manhã seguinte às cinco horas. Preparamo-nos para o grande momento, pois estaríamos colaborando com nosso amigo Bernard a resgatar Filipe, que ainda sofria em regiões inferiores. A mais eufórica era nossa amiga Maria Antonieta, afinal estaria acolhendo em seus braços o amor de sua vida. Não tivemos que esperar muito, e nosso mentor querido chegou. Cumprimos-nos e ele nos perguntou:

– Estão preparados para a divina empreitada?

– Sim – respondi eu –, pelo menos espero que sim.

O amigo sorriu e pusemo-nos a caminho.

– Maria Antonieta, quando estivermos com o nosso amigo Filipe, não pense em outra coisa a não ser na misericórdia de Deus, em seu amor infinito, pois, embora nosso amigo já apresente condições de ser removido da região em que se encontra, não vive por enquanto o arrependimento sincero, apenas demonstra certo cansaço pela vida em que se demora. Por enquanto nosso amigo se justifica no ato praticado; na sua concepção, ele destruiu algumas vidas, mas havia para isto uma causa justa, embora no íntimo ele saiba que a causa desse crime seja outra. O socialismo foi para ele uma âncora para justificar a sua vingança, e nós sabemos não haver nenhuma causa que justifique atentar contra a vida do próximo, mas ele ainda está fanatizado pelo ideal socialista. E meus amigos, Júlio e Isabel, procurem não duelar contra as ideias que Filipe nos apresentar; não estaremos tentando fazê-lo mudar suas ideias, nosso objetivo máximo no momento é acordá-lo para novos caminhos, mesmo porque ele, quando for socorrido, conforme for acordando-se para o amor, arrependendo-se dos crimes praticados, vai perder seu interesse pelo ideal socialista, pois, como dito, não existe em sua alma uma paixão legítima pela causa ideológica; a paixão dele era o desejo de vingança, que trazia aninhado no âmago da alma. Então não percam tempo com discussões que não sejam necessárias ao nosso trabalho de momento.

Havíamos chegado. O ambiente em que caminhávamos agora era nebuloso, sombrio.

Com certeza, Isabel, Maria Antonieta e eu não saberíamos para onde nos encaminhar nessa região nebulenta e sombria, mas nosso amigo Bernard já era experiente nessa modalidade de trabalho, e já havia traçado um projeto para esse atendimento, pois caminhava seguro, como quem já tem definido o caminho.

Desejei questioná-lo a respeito, mas entendi que a hora não era propícia para qualquer conversação que não fosse extremamente necessária. Logo avistamos

um vilarejo, em que havia várias casas, algumas construções que mais se assemelhavam a castelos, entretanto a extensão desse agrupamento não nos era possível definir, pois a névoa escura nos impossibilitava de presenciar a sua extensão.

Nesse momento do caminhar, já éramos observados por várias entidades, algumas delas demonstravam apenas curiosidade; outras, entretanto, deixavam transparecer rancor e agressividade em seu olhar. Bernard informou-nos baixinho:

– Procurem não fixar os olhos em nenhum dos nossos amigos, pois alguns deles aguardam apenas uma oportunidade para iniciar suas provocações, e este acontecimento estaria pondo a perder nosso projeto.

Caminhamos um pouco mais e estávamos à porta de um castelo. Quem o construiu demonstrava tendências fortes para a sombra, pois toda a construção havia sido pintada de um cinza escuro. Bernard bateu na porta. Aguardamos alguns momentos e um homem alto e carrancudo, cenho cerrado, atendeu-nos:

– O que desejam aqui?

Nosso amigo espiritual respondeu-lhe:

– Desejamos ver Filipe.

O grandalhão perguntou:

– O que o senhor ou os senhores são do Filipe?

Bernard informou-lhe que éramos muito amigos.

O homem lançou-nos um olhar de desconfiado e entrou.

Aguardamos por alguns minutos, e Filipe surgiu à porta, apresentando em sua fisionomia um ar de desconfiança, mas, quando notou a presença de Maria Antonieta, sorriu. Pensamos que ele viesse abraçá-la, entretanto ele se conteve, fazendo-lhe esta pergunta:

– Por onde você tem andado neste tempo todo? Eu a tenho procurado nas trevas, e encontrei o núcleo das sombras em que você se demorava, mas os responsáveis pelos habitantes dessa região me informaram que você havia sido visitada por entidades enganadoras, sem propósito algum, espíritos que induzem os que lhe permitem, aqueles que não têm um idealismo, como o que temos, seduzindo-os, fazendo-lhes uma lavagem mental, que esmorece os mais nobres e belos ideais que o ser carrega, de justiça e de dignidade própria; será que você se entregou a eles, esquecendo nosso compromisso assumido com o socialismo?

Nossa amiga olhou para Bernard como a pedir-lhe socorro, pois não sabia o que responder. Ele, tomando da palavra, disse a Filipe:

– Amigo, viemos ao seu encontro, sem qualquer preocupação ideológica, mas porque Maria Antonieta o ama muito; o amor que ela sente por você supera qualquer movimento ideológico da Terra. Será que, depois que você deixou o

corpo de matéria, se extinguiu o amor que você sentia por ela? Acredito que não; e mais: eu sei de seu passado; sei que seu amor à ideologia socialista é apenas uma justificativa que você encontrou no desejo de vingança, que envolvia o âmago do seu ser. As vítimas de seus crimes haviam levado você à humilhação, você se sentia desonrado; era preciso lavar a honra, pois eles haviam caluniado você diante da mulher que você amava e pretendia desposar. As calúnias apresentadas por eles estavam solidificadas por provas documentadas, embora tudo isso fosse forjado. Realmente, nesse momento, você não merecia viver essa prova; eu digo neste momento porque, sem dúvida, em algum lugar do passado você criou essa causa, uma vez que não existem efeitos sem causa, sejam estes bons ou maus, mas você não havia prejudicado ninguém de maneira intencional na vida presente. Filipe, esta é uma oportunidade divina, que a Providência lhe oferta, para que se redima, pois você está fadado à evolução; evoluir é uma fatalidade. Deus concebe-nos a vida, dota-nos de inteligência e de amor, e nos faculta o livre-arbítrio. A partir de então, a vida nos pertence; somos os construtores de nosso próprio destino. Entretanto, meu amigo, não se esqueça de que a Lei Divina, em sua vigência, se manifesta em dualidade; de um lado ela nos fataliza a evolução; a felicidade e a luz, do outro, outorga-nos o direito irrevogável de escolhermos os meios de conquistar essa evolução, mas o que não devemos esquecer é que evoluímos, ou evoluímos, ou evoluímos de maneira inteligente, obedientes aos desígnios do Criador, ou nos demoramos rebeldes, transgredindo a Lei Divina, e evoluímos pelo processo da dor, vivendo reencarnações tristes e precárias, como um débil mental, um paraplégico, um surdo-mudo, por exemplo. Então, meu amigo, quer demorar-se como um masoquista inveterado, aguardando que a dor e o sofrimento busquem você?

– Então esse Deus que as religiões ensinam é um Deus de amor, de misericórdia; quando não O atendemos, Ele nos pune por meio de uma lei implacável? Onde estão a misericórdia e o amor de Deus? Pois, se tivesse realmente amor por Sua criação, nos estaria criando perfeitos, sem que vivêssemos a necessidade de sofrer. Criou-nos perfeitos, sim, pois nós somos perfeitos em essência, somos vidas derivadas de Sua vida; entretanto, ao conceber-nos a vida, manifestou nesta seus Atributos Divinos como potenciação, e a nós cabe maturá-los através do tempo, fazendo uso de nosso livre-arbítrio, escolhendo os caminhos e os meios para fazer nossa evolução, transformando-nos em herdeiros de Sua obra. Mas, pelo que eu entendo, você desejaria que Deus nos houvesse criado robôs, sem vontade própria, sem iniciativa, como uma máquina programada a

desempenhar algumas tarefas.

– Amigo Filipe, vou apresentar-lhe uma analogia no intento de tornar mais lógica a minha argumentação, para que você entenda que nós somos perfeitos, puros quanto o próprio Criador, pois não poderia ser diferente. Não nos é possível entender que de uma Fonte pura, perfeita, como é Deus, pudesse emanar uma essência impura, imperfeita. Observe uma fonte d'água; quando brota do solo, esta é limpa, potável, entretanto essa água, percorrendo os vales e as campinas, encontra detritos em seu caminho, e então se torna poluída, mas esta mesma água, seguindo em seu percurso, encontra pedras e rochas em seu caminho, e é filtrada, volve à sua condição de limpidez, de pureza, torna-se potável novamente, porque sua essência é pura. De forma semelhante acontece com o espírito quando emana do Criador, é perfeito, é puro, entretanto, percorrendo os “vales e campinas da vida”, envolve-se com as gangas das mais variadas paixões, e torna-se impuro, imperfeito, mas também para este existem as pedras e rochas que o esperam em seu caminhar, em forma de dores e provas amargas, devolvendo-lhe a condição de pureza e perfeição, entretanto, com uma vantagem sobre a água, pois esta apenas volveu à sua condição de limpidez, de essência, mas o espírito, além de volver à condição de essência pura e perfeita, conquistou experiências maravilhosas, propiciando-lhe a evolução. Não lhe parece, meu caro Filipe, que esta opção divina, na aplicação da vida, exercida pela Inteligência Infinita do Universo é mais lógica, mais racional, que responde melhor aos quesitos de um ser, que, em sua insaciabilidade, deseja procurar na eternidade, os ignotos da vida? Mas, além da lógica e da racionalidade por mim apresentada, eu entendo que existe um fator infinitamente mais forte do que a lógica e a razão, o amor. Você se demora a ignorar o amor de uma linda mulher, que permanece angustiada por seu sofrimento, que, embora estivesse num recanto de paz e luz, sentia um inferno interior a ferir-lhe a alma, inferno este causado por sua ausência e por saber que você estava em trevas. Onde jogou os votos de amor que você lhe apresentou um dia, ou será que esse amor nunca existiu? Seus sentimentos não passavam de uma aparência, uma farsa, não, Filipe? Sinto em minha alma que esse amor ainda envolve suas entranhas mais profundas da alma, mas, infelizmente, você lhe bloqueia sua manifestação. Entretanto, você não poderá retê-lo para sempre, ele vai explodir a qualquer momento. Queira Deus que você não desperdice este minuto; se o desperdiçar, os séculos futuros estarão visitando a sua alma atormentada, procurando desesperadamente esse amor que renegou.

Nesse momento do diálogo, Filipe não resistiu, avançou ao encontro de Maria Antonieta, abraçou-a, chorando e dizendo-lhe:

– Minha querida, eu a amo; não posso perder você. Os meus momentos longe de sua presença foram tristes, frios, sem uma razão para viver. Se for possível, se minha vida não estiver condenada para sofrer para sempre, eu desejo estar com você onde estiver.

Maria Antonieta apertou-o em seus braços, como quem reencontrara seu patrimônio divino e, derramando-se em lágrimas, respondeu-lhe:

– Meu amor, doravante me sentirei no paraíso, pois onde quer que eu esteja, tendo-o ao meu lado, eu estarei no paraíso. Meu amor, não podemos viver um sem o outro.

Nesse momento Isabel e eu estávamos com os olhos marejados de lágrimas, e Bernard disse a Filipe que seria conveniente entrarmos para evitar a curiosidade das entidades que habitavam aquele sítio sombrio.

Entramos e os dois permaneciam abraçados, como se não quisessem soltar-se mais. Entretanto, Filipe começou a sentir uma fraqueza forte, e informou-nos que começava a sentir as dores que o liberaram do corpo de matéria. Nosso mentor querido informou-lhe que, ao descentralizar a mente, desbloqueando-a, ao entregar-se à força do amor, liberara o rio caudaloso da evolução, retirando a comporta que retinha o fluxo infinito das águas evolutivas e se fazia presente em sua vida, a vigência da Lei Divina, apresentando-lhe as desarmonias em que ele houvera se projetado, e que essas dores era o princípio de sua rearmonização; não precisava temer, já havia tomado providências; em poucos instantes, alguns

amigos preparados para conduzi-lo à colônia se apresentariam para recolhê-lo e, a partir de então, estaria começando uma nova vida.

Silvério, o homenzarrão que nos atendera, apreciou tudo; estava estarecido, não sabia o que dizer. Entretanto, Bernard quebrou a sua expectativa e disse-lhe:

– Então, Silvério, você já tem sofrido muito; amargou a violência e o desrespeito à sua pessoa; tratavam-no como se você fosse um farrapo da vida até o momento em que Filipe escolheu você como seu serviçal, e então você teve um pouco de respeito e tranquilidade em seu viver. Não quer ser recolhido num recanto em que seja amado e respeitado como um filho de Deus, igual a todos os demais? Se você quiser, vem conosco. Seremos seus amigos, e auxiliaremos você. E lembro-o: se você ficar aqui, voltará a ser maltratado, e pior, estarão a responsabilizar você pelo desaparecimento de Filipe. Você tem o livre-arbítrio, meu filho, faça a sua escolha.

Silvério respondeu:

– Amigo, se assim você me permite chamá-lo, eu estou disposto a partir com você, pois estou desejoso de uma vida nova. Já há muito tempo me sinto cansado desta vida, mas não havia ainda tido uma oportunidade tão precisa como esta. Se eu tentasse fugir – e fugir para onde? –, me recapturavam, e me fariam pagar muito caro por essa tentativa. E pelo que vejo, saindo com você, estarei protegido, e fico-lhe muito grato, pois me afeiçoei ao amigo Filipe, pelo que fez por mim, quando ele me escolheu como seu serviçal; riram dele, mas ele não se importou, apesar de seu jeito impulsivo. Ele é meu amigo; se possível, quero estar com ele. Meu amigo, quero cooperar com o seu trabalho; embora não possa muito, desejo informar-lhe que, às dezoito horas, todos os habitantes deste inferno se recolhem para fazer votos de adoração ao dragão, e este recolhimento dura aproximadamente uma hora. Eu entendo que seria o momento mais preciso para sairmos.

– Amigo, Silvério, as suas informações serão proveitosas; sairemos desta região neste período. Somos-lhe infinitamente agradecidos, eu e, acredito, Júlio, Isabel e Maria Antonieta. Havíamos entendido que Bernard já sabia desse recolhimento por parte das entidades infelizes, mas fez de conta que não o soubesse para valorizar a informação tão espontânea do amigo, e acrescentou, pois não desejamos um confronto direto com elas; estamos aqui apenas para manifestar a força do amor e, não, para duelar corpo a corpo com esses infelizes.

Os socorristas haviam chegado, mas não eram trabalhadores da nossa colônia, pertenciam à colônia em que Maria Antonieta estava hospedada. Nesse momento Filipe já se encontrava enfraquecido, sentindo muitas dores, e Maria Antonieta a seu lado velava por ele, pedindo-lhe coragem e confiança em Deus. Embora sentindo as dores de seu amado, estava feliz, pois compreendia que estas estariam desaparecendo com as aplicações magnéticas aplicadas pelos espíritos da luz. Os recém-chegados colocaram o enfermo na maca. Faltavam dez minutos para o recolhimento dos habitantes da região. Aguardamos, e Silvério saiu à porta, deu uma olhada e informou-nos que o caminho estava livre. Saímos e andamos rápido, pois pretendíamos sair o mais rápido possível das vistas dessas entidades, o que conseguimos. Um dos socorristas pediu-me para que eu levasse a maca, pois eles estariam dali em diante utilizando-se do processo da volitação; cada um pegaria num braço e conduzi-lo-ia à colônia. Bernard olhou para Silvério e disse-lhe:

– Meu amigo, eu me encarregarei de conduzi-lo; segure firme em meu braço.

E disse a Isabel

– Você já tem mais tempo de espiritualidade, então dê o braço à sua amiga, e o Júlio vai levar a maca.

Rumamos para a colônia espiritual.

Chegamos à colônia. Já eram 21h30min. Filipe e Silvério foram socorridos. Silvério começava a manifestar algumas dores, o quer dizer que, somente ao ingressar na colônia, em virtude da vibração diferenciada, é que se sensibilizou por completo, pois antes não havia tido ainda um arrependimento completo. Ele havia aceitado acompanhar-nos para evitar as consequências dolorosas que lhe adviriam se ali permanecesse. Havíamos realizado a nossa tarefa a contento, pois Bernard estava radiante, mas estávamos cansados, pois o ambiente nas trevas era pesado. Nosso mentor foi informado que Marinésio estava muito ocupado no momento, e pediu para que lhe informassem que voltaria em outra hora para agradecer-lhe a colaboração. Em seguida, nossa amiga Maria Antonieta abraçou Bernard e, chorando de gratidão, beijou-lhe o rosto, dizendo-lhe:

– Você é maravilhoso, não poderei jamais pagar-lhe esta bênção.

O mentor apenas sorriu e retribuiu-lhe o beijo de forma carinhosa. Depois nos abraçou, ainda chorando, e nos disse:

– Vocês são meus amigos maravilhosos, propiciaram-me um dia e um princípio de noite divinos. Venham me visitar sempre que tiverem oportunidade.

Despedimo-nos e saímos rumo à nossa colônia.

Bernard estava exultante de felicidade, pois havéramos realizado com êxito o resgate de Filipe, e felizmente o de Silvério também, e volitando a nosso lado,

com muita paciência, pois tenho a certeza de que se não estivéssemos juntos, ele faria essa viagem num tempo bem mais rápido. Falava-nos das estrelas, informava-nos o nome de muitas delas e, demonstrando uma paixão que desconhecíamos, disse-nos:

– Meus amigos, numa dessas estrelas meu amor está aguardando que eu supere as minhas paixões efêmeras para poder estar comigo para sempre. Só nos vemos uma vez por ano e, para obter esta bênção, conto com o auxílio maravilhoso de nosso patrono José de Mococa. Em tempos idos, envolvi-me nas malhas das trevas e da crueldade, quando, numa reencarnação ao lado de minha amada, eu, preso ainda aos interesses mesquinhos, a envenenei para apossar-me de seus bens. Miseravelmente lhe trai o amor e a confiança que me dedicava, vive a minha vida muito bem, como a vivem todos os crápulas do crime que não sentem remorso pelo crime praticado. Quando desencarnei, a princípio comecei a sentir remorso pelo que houvera feito à minha mulher amada, a dor sufocava-me. Foi então que os nossos irmãos infelizes me recolheram, me doutrinaram para o mal, ensinando-me a bloquear minha consciência a todo e qualquer sentimento de remorso, e passei desse dia em diante a fazer parte das entidades endurecidas. Tornei-me um juiz das sombras e demorei-me nesses sítios trevosos por três séculos. Para encurtar meu relato, informo a vocês que foi nosso patrono quem me resgatou dessas furnas escuras, a pedido de minha esposa querida, que habita regiões mais elevadas, e estou já há trezentos anos trabalhando para redimir-me e merecer estar ao lado de quem sente por mim um amor divino.

– Bernard, e você está conseguindo isso, pois se transformou num abnegado trabalhador do bem? Mas confesso que a sua narrativa nos comoveu; não imaginávamos que você tivesse uma alma gêmea a aguardá-lo em planos mais elevados. Amigo, acredito que a maioria de nós viveu experiências infelizes em nossas existências passadas, e temos que trabalhar muito na prática do bem e do amor para nos redirmos.

Nosso amigo ficou-se calado, dando-nos a impressão de que estava a memorizar seus acertos e desacertos, e calamos nós por nossa vez.

Já era quase meia noite quando chegamos. Despedimo-nos do amigo maravilhoso, a quem houvéramos aprendido a amar e respeitar. Na despedida, sorrindo, ele nos abraçou, dizendo-nos:

– Confiemos em Deus e trabalhemos sem esmorecimento, pois estamos fatalizados à felicidade. Nós é que, infelizmente, insistimos em praticar o mal, transgredindo a Lei Divina. Chegamos em casa, fizemos ainda alguns comentários rápidos sobre as experiências vividas nesse dia. Como estávamos cansados, deitamo-nos e dormimos, para só acordar na manhã seguinte, e então estávamos dispostos.

– Isabel, minha querida, você cooperou comigo para que eu pudesse ajudar Maria Antonieta, e com isto eu consegui de alguma forma reparar parte de minhas falhas. Eu gostaria de agir de modo semelhante, referente a Joaquim, seu ex-esposo, não, no sentido de pagar a você o que fez por mim, mas, de retribuir, de ajudá-lo, e pensei em conversarmos com nosso amigo Bernard a respeito, para ver o que ele nos orienta. O que você acha, meu amor?

– Júlio, vamos pedir-lhe orientação, pois com certeza nos indicará a melhor atitude a tomar. Entretanto, eu acredito que o Joaquim já está encaminhado, pois obteve a graça da reencarnação, está recomeçando a vida com a bênção do esquecimento, mas, para que possamos ficar tranquilos, vamos visitar nosso amigo hoje, quando sairmos do trabalho, ocupando o período que passeamos antes de ir para a aula; tudo bem, meu querido?

Após o trabalho, buscamos Bernard, e este nos recebeu como sempre. Afável, pediu-nos para que sentássemos e expuséssemos a dúvida, e desta vez fui eu quem tomou a iniciativa:

– Amigo querido, ontem nós auxiliamos nossa amiga Maria Antonieta, resgatando Filipe das trevas, e a iniciativa foi de Isabel. Então lhe pergunto: meu grande amigo, será que podemos de alguma forma fazer algo a respeito de Joaquim?

Bernard não me respondeu de imediato; parou, pensou um pouquinho e, a seguir, informou-me que Joaquim já fora encaminhado, estava recebendo auxílio por meio da reencarnação:

– Como já lhes havia dito, ele não tem a mesma maturidade espiritual que vocês têm e, como não é intenção da Lei Divina castigar, punir, mas, sim, corrigir, ele obteve a bênção da reencarnação; reencarnou na fazenda, filho de escravos. Seu pai chama-se Antônio de Souza e sua mãe, Benedita Adamantino, filha de Tenório, o porteiro da fazenda, o primeiro escravo, com que você se comunicou. Então, Joaquim será neto de Tenório; ele está estudando na escola da fazenda e, a seguir, com a libertação dos escravos, ele vai complementar seus estudos na cidade, vai encontrar uma moça descendente afro, e vai consorciar-se com ela. Nosso amigo vai ser vítima do próprio preconceito que tinha quando fazendeiro, e o preconceito dele, como o de muitos outros, vai fazê-lo sofrer, isto porque ele ainda conserva este preconceito enraizado na alma, e sentirá vergonha de si mesmo por ser descendente da raça africana. Um olhar mais acentuado, uma palavra mal colocada ou uma atitude maliciosa por parte de um irmão infeliz fará eclodir nele o preconceito que traz ainda na sua alma, e o fará sofrer muito. Se não carregasse o preconceito que guarda em seu espírito, não sofreria tanto, pois não se demoraria aguardando uma provocação antecipadamente, o que infelizmente vai acontecer. Esses acontecimentos, porém, fazem parte de sua evolução nesta reencarnação, provavelmente ele vá esvaziar a taça de seus preconceitos. E quanto a auxiliá-lo, sim, é possível, por ora vibrando a seu favor, mas, quando estiverem reencarnados, vivendo a doutrina espírita, ele já haverá transposto o limiar da morte. Então vocês poderão auxiliá-lo como desencarnado. Nessa época, por meio da autorregressão, ele reconhecerá Isabel e passará a viver um processo obsessivo, tentando vingar-se, quando uma médium lhe permitirá que se comunique. Vocês o esclarecerão, pedindo-lhe perdão e perdoando-o; à luz da nova doutrina, vocês o auxiliarão de forma direta.

Agradecemos a Bernard e saímos. Já estava quase na hora de nosso curso começar.

O tempo ia passando, maravilhosamente aproveitado por nós. Entretanto, o momento de reencarnarmos estava aproximando-se, e confesso que deixar aquela vida maravilhosa me deixava aborrecido; lembrar ainda que estaria separando-me do meu grande amor por 27 anos era para mim quase desesperador. Entendi, então, que eu ainda não havia aprendido a renunciar a favor de minha evolução, tanto quanto para a dos meus semelhantes, e com essa minha atitude eu acabei envolvendo minha amada. Ela passou a aninhar também a tristeza em sua vida. Acontecia algo semelhante a quando um ente querido está enfermo de uma doença incurável e vai morrer. Numa de nossas idas ao departamento da reencarnação, encontramos Bernard, que com certeza provocara esse encontro. Ele nos convidou a comparecer à sua sala. Não o questionamos; nós o acompanhamos, entramos e nos sentamos. Como de costume, ele foi direto à questão:

– Meu amigo Júlio, então é desta forma que você recebe uma dádiva divina do Criador? Está sendo ofertada a você a oportunidade de trabalho para que você possa continuar a sua ascensão divina, e você se entristece se faz abatido, como se estivesse recebendo uma condenação; e o pior é que com isso você tem influenciado a sua esposa.

Tentei ainda justificar meu comportamento, alegando saudades da separação, mas obtive dele a seguinte resposta:

– Júlio, o que são 27 anos de uma separação física para quem tem uma eternidade para se amar? Recomponha-se, meu amigo; modifique sua condição vibracional, pois, reencarnando envolto com essa sua vibração negativa, você já reencarnará vencido, derrotado, e nosso patrono, José de Mococa, espera de você

coragem e fidelidade ao trabalho que iremos realizar. O trabalho que desenvolveremos na Terra, antes de ser nosso, é dele; ele vem encaminhando você para esse momento desde muitos séculos e, graças ao bom Deus, chegamos a um momento promissor. É este o minuto precioso no relógio de sua eternidade; você é uma alma dinâmica e, embora se haja desviado muitas vezes do caminho que conduzirá você à Luz, por causa da sua imaturidade, acredito esteja pronto. Você já fez um bom preparo para superar as dificuldades que a vida lhe apresentará, e não se esqueça, pois nosso amigo divino vai protegê-lo diretamente. Apesar de que ele não possa estar sempre a seu lado, será ele que encaminhará os passos na vida, e ainda será ele quem o libertará de todo o mal, desde que você não procure voluntariamente o mal. Por enquanto ainda você não pode ver esse amigo, pois sua evolução é muito grande e seu perispírito é muito rarefeito, mas, se você perseverar no bem, conduzindo a sua tarefa no sentido de efetivar os propósitos que lhe estão sendo apresentados, quando deixar o seu corpo de matéria, na espiritualidade você estará a receber o agradecimento direto; verá o seu amigo inesquecível. Não vacile, seja fiel e não desperdice a oportunidade divina.

As palavras de Bernard estimularam-me a alma. Senti-me renovado, esperançoso, pois eu não sabia que tinha um amigo que se deixava ignoto, amparando-me.

Foi para mim uma novidade e, por que não dizer, maravilhosa. Eu me senti outro. O desejo de retornar para a Terra, trabalhar, era agora imenso, e intimamente pedia a Deus e a Jesus que me dessem força para que eu completasse minha tarefa. Passei a sentir de imediato uma simpatia profunda por esse espírito que eu sequer conhecia, e minha alma gêmea sentiu igualmente uma renovação interior, pois me olhou e me deu um largo sorriso. Este queria no mínimo dizer: “Vamos, meu amor, venceremos”.

Aproveitamos o tempo, estudamos, trabalhamos bastante e namoramos infinitamente, fortalecendo ainda mais a nossa união. Repetimos várias vezes aqueles momentos inesquecíveis em que nossas almas enamoradas haviam

entrado em êxtase perante o templo do Universo, divinamente apaixonadas, à luz das estrelas e do luar, que parecia de tudo se aperceber, mas, calado, apenas nos clareava, refletindo sua luz sobre nós, agora não mais com aquele receio que, de alguma forma, prejudicava a nossa estadia no paraíso, pois estávamos no paraíso, estudo, trabalho e amor a exteriorizar-se pelos poros de nosso ser. Foram 68 anos de felicidade, mas estava chegando o momento de reencarnar; era preciso, pois só assim poderíamos conquistar esses momentos para sempre, tanto quanto viver momentos mais sublimes, e estes nos estavam reservados na eternidade.

Na noite do dia 8 de dezembro, estávamos indo ao departamento da reencarnação, mas, agora disposto e encorajado, pensava comigo mesmo o que significam 27 anos perante a eternidade. E mais: durante este período terei minha mamãe querida como um anjo de amor a proteger-me, a dar-me sustentação e amor; e, em seguida, meu eterno amor a meu lado, dando-me força, coragem, será ela na Terra o meu anjo de inspiração. Não tenho motivos para temer, mas, sim, para agradecer. E, antes dos preparativos para a reencarnação, sentei numa poltrona ao lado de meu eterno amor, dei-lhe um beijo carinhoso no rosto, em seguida um selinho nos lábios, dizendo-lhe:

– Meu infinito amor, eu estou indo primeiro; você ainda vai se demorar dois anos para o retorno, mas eu lhe juro eterno amor; esperarei por você, não terei outra em minha vida; Você será o meu primeiro e único amor:

Ela me respondeu:

– Seremos, meu anjo.

Mais algumas trocas de carícias e, embora eu já começasse a sentir antecipadamente a dor da saudade, resisti a esta, e lhe disse:

– Não vamos chorar, pois este momento é apenas o de um breve até mais. Estamos juntos na eternidade.

Levantamo-nos e, quando ia recolher-me para que os técnicos encarregados da reencarnação dessem início à minha internação no corpo de carne, Bernard chegou sorrindo e disse-me:

– Espere Júlio, tenho ainda alguma coisa a dizer-lhe, você reencarnará num momento sublime para a humanidade. Você reencarnará à luz do Espiritismo, nascerá em berço espírita, neste momento inesquecível para a humanidade. O consolador prometido por Jesus já proliferou no país designado pelo Mestre Divino para ser a pátria do Evangelho; não perca seu precioso tempo, integre-se ao trabalho doutrinário do Espiritismo, pois eu também irei um pouco mais adiante, pois o Espiritismo necessita de trabalhadores corajosos e sinceros.

E terminou, dizendo-me:

– Boa viagem, meu filho!

Eu, emocionado, contendo a custo as lágrimas de umas saudades antecipadas, o abracei, e lhe dei um beijo carinhoso no rosto. Aproveitei, dei mais um abraço e um selinho nos lábios de minha alma gêmea, e entrei resoluto. Eu me demorava como alguém que vai viajar, quer fazer essa viagem, mas não quer deixar aqueles que não podem acompanhar-nos. Só me recordo do início de meu processo reencarnatório, então não o estarei descrevendo, pois eu o ignoro, apenas me recordo de que alguns amigos desse departamento me aplicaram passes magnéticos, e eu comecei a perder os sentidos. A partir de então, de nada mais me lembro, e só fui recobrar a consciência, quando ainda garoto, comecei a

ter as primeiras noções da vida.



Terceiro capítulo

Retorno

Era o dia 9 de dezembro de 1943, primavera. Parece-me que as coisas boas me acontecem sempre na primavera, mês do Natal. A Terra estava em festa, pois nesse mês se comemora a data de nascimento de Jesus. E, às dez horas de uma manhã radiante e ensolarada, um bebê menino nascia, diferente da reencarnação anterior; eu retornava à vida da matéria, filho de pais pobres, colonos de uma fazenda na cidadezinha de Monções. Encontraria muitas dificuldades na vida, teria que superar muitos obstáculos, e isso não era capricho sádico do Criador, era consequência das vibrações negativas que eu houvera exteriorizado, imantando o ambiente com elas. Eu plasmei essas dificuldades em minha vida, maculei a harmonia que se manifesta do Criador no Universo, e nesta existência eu teria que exercer a função de um retificador energético, assimilar essas energias, devolver-lhe às condições naturais, me rearmonizar com a harmonia da vida, com a Lei Divina; esta reencarnação seria uma bênção em minha vida, mas não seria fácil.

Bem, mas não vamos esquecer-nos de que todo mundo, quando nasce, recebe um nome, e eu fui batizado com o nome de Rodolfo e, como a Providência Divina é misericordiosa, para orientar o meu roteiro nesta nova vida, ofereceu-me um facho divino de luz, para conduzir-me a caminhada em busca de minha redenção, pois, graças a Deus, eu nasci em berço espírita, e com todo respeito às demais religiões, o Espiritismo rasga o véu do ignoto, apresentando resposta aos infinitos fenômenos que imaginávamos que fossem mistérios; retira o véu da ignorância que nos obscurece a visão, permitindo-nos que estejamos a entrever novos horizontes, e estes horizontes vislumbram de luz, que, ao irradiar-se, nos envolve e nos permite entender quem somos, pois nossa mente agora clareada por essa luz divina nos grita ao âmago do ser: “Você é um espírito eterno, vida do Criador, herdeiro de seu Reino”.

Bem não vou descrever na íntegra a minha caminhada com seus sucessos e insucessos, pois tornaria a leitura deste romance muito cansativo. Vou encerrando a descrição de meu roteiro na vida, somente me referindo a este quando da narração de um acontecimento relativo ao enredo que estamos desenvolvendo, lembrando apenas que, para agravar as minhas dificuldades, meu pai desencarnou quando eu ainda era criança; tinha apenas nove anos de idade, mas, como a misericórdia do Pai é infinita, minha mãe permaneceria a meu lado como um anjo bom que Deus me ofertou na vida, desdobrando-se como uma heroína de que o mundo não se apercebeu, dando-me força, coragem, fé, e estimulando-me a estudar. Deus jamais desampara seus filhos; às vezes vemos alguns irmãos nossos de jornada terrena desesperarem-se quando perdem um ente querido que lhes era o arrimo na vida, alegando que Deus não é bom, pois retirou-lhes aquele(a) de quem dependiam para viver, entretanto devemos entender que, quando Deus fecha uma porta, abre uma janela, e não podemos esquecer-nos de que esse acontecimento fomos nós que o imantamos em nossas vidas pretéritas, quando transgredimos a Lei Divina, e esta Lei, por ser misericordiosa, pois é o pensamento de Deus manifesto na vida, abrandando-nos o sofrimento e as dificuldades, apresentando-nos meios para que superemos o momento difícil em que nos demoramos.

Eu ainda não declinei o nome de meus pais, nada disse sobre eles. Meus pais eram espanhóis, vieram para o Brasil ainda na adolescência; o nome de meu pai era José Francisco, e o de minha mãe, Carmen, a mesma alma maravilhosa que me recebera como seu filho na reencarnação anterior; então ela se chamava Lourdes, foi ela que me visitou nas trevas em que me demorava, acordando-me para as realidades da vida, e estaria sendo nesta existência o anjo de meu viver. Meus pais ingressaram na doutrina espírita obsediados por entidades infelizes, mas, com certeza, essas entidades estavam incluídas pelo mecanismo da evolução a viver esse momento, pois nada acontece por mera casualidade, tudo tem uma razão de ser; elas estariam acordando meus pais para a nova doutrina, pois a partir desse momento estes se tornaram espíritas e, ao mesmo tempo, fariam sua evolução espiritual; convertidas, começaram uma vida nova, vida essa que lhes apresentaria um caminho renovador.

Haviam se passado dois anos, eu já aprendera a andar, quando, no dia 28 de abril

de 1946, em Potirendaba, uma cidadezinha do interior de São Paulo, meu amor aportava como um anjo descido do céu; vinha à minha procura, mas eu estava nesse momento distante do local em que ela nasceu. Mesmo que estivesse ao seu lado, demorava-me com a bênção da amnésia que o corpo de matéria provoca, fazendo-nos esquecer do nosso passado; com certeza, de momento não a reconheceria, mas, conforme sua mamãe me informou mais tarde, meu amor já nasceu com a cor do pecado, morena jambo, já era uma bonequinha desde o berço, mas, infelizmente, sequer pude dar-lhe as boas-vindas.

Mas, como todo bebê, quando nasce, recebe dos pais um nome, minha boneca recebeu também o dela e, como eram muito católicos, deram-lhe o nome da mãe de Jesus; por ser linda, completaram seu nome, com o nome de uma das mais belas flores da natureza, Maria Rosa. Assim como previsto na espiritualidade, reencarnou também filha de pais pobres, teve como pais duas almas maravilhosas, católicos fervorosos. Seu papai chamava-se Roberto e sua mamãe, Iracema. Almas bonitas, amorosas, dignas e honestas, tiveram quatro filhos, dois homens e duas mulheres. O mais velho chama-se João; a seguir, minha alma gêmea, Maria Rosa; outra, um pouco mais nova que meu amor, Rosângela; e o caçula, Luís. A Rosângela e o Luís estiveram reencarnados na mesma época em que meu eterno amor e eu vivemos nosso romance na fazenda.

Importa realçar que os pais de minha amada eram bons cristãos; eram católicos, mas nós espíritas sabemos que todas as religiões são boas. Todas elas ensinam seus adeptos a amarem a Deus sobre todas as coisas, com todas as forças de nosso coração, entendimento e alma, e ao próximo como a nós mesmos. Temos os bons religiosos em todas elas, e temos também os maus religiosos em todas elas, inclusive na doutrina espírita. Entretanto, alguns fanáticos desavisados, enceguedidos pelo fanatismo, apontam os adeptos das outras religiões como anticristos. Devemos entender, no entanto, que o anticristo, muitas vezes, está em nosso meio, é nosso companheiro de doutrina, que depõe contra os princípios que abraçamos. Os pais de meu infinito amor deram-lhe a orientação cristã, educando-a para os caminhos do bem e da verdade. Maria Rosa teve um papai enérgico, daqueles que exigia das filhas que estivessem em casa antes ou no máximo às dez horas da noite. Naquele tempo, isso era possível. Hoje, conforme as convenções sociais, há um progresso; as leis e os costumes evoluíram, e a

jovem sai de casa às dez da noite, para chegar as seis da manhã – evolução, ora a evolução! E eu lhe agradeço infinitamente, pedindo a Deus que o abençoe e que o ilumine, pois zelou por sua filha e me entregou uma flor maravilhosa, linda e intocada, como quando nasceu. Meu querido sogro sou-lhe eternamente grato.

Entretanto, iríamos encontrar-nos algum tempo depois, pois a espiritualidade preferiu retardar o nosso encontro, propiciando-nos essa bênção quando houvéssemos amadurecido um pouco mais. Na adolescência, nós nos demoramos ainda indefinidos, e poderíamos desviar-nos do propósito de nossa reencarnação, perder-nos por caminhos incertos, em que dominam a fantasia e a leviandade. Tanto eu como meu amor trazíamos uma tarefa a continuar; eu digo continuar, pois a havéramos iniciado na fazenda, na construção da escola, e no ensino que demos aos filhos dos escravos. Esta já era uma proposta do mentor, José de Mococa e, embora não estivéssemos atentos quando deveríamos iniciá-la, conseguimos responder em partes ao propósito de nosso mentor espiritual, mas ele pretende continuar levando avante esse projeto, e é por esta razão, além da necessidade de evoluir que voltamos, meu anjo e eu.

Reencarnamos. Eu já nasci em berço espírita; ela se iniciou na doutrina quando me reencontrou. Fazia apenas dois anos que nos havéramos consorciado quando concordamos em fundar uma instituição beneficente, pois este era o primeiro passo a ser dado. Haviam se passado aproximadamente dez anos, e fundamos, com o auxílio de um empresário amigo, um Centro de Assistência às Crianças menos favorecidas da sociedade; num departamento da casa, assistimos essas crianças, oferecendo-lhes alimento e reforço escolar. Conforme reza no estatuto, estamos construindo a escola, cuja primeira parte já está pronta. A princípio, atendemos setecentas crianças; quando terminarmos a segunda parte, serão atendidas 1.400 crianças. O atendimento a essas crianças é gratuito. Elas recebem a alimentação escolar; de manhã, um café reforçado, e almoço antes de saírem; as que estudam no período da tarde almoçam e tomam um lanche reforçado antes de saírem.

Este é um projeto de nosso amigo espiritual José de Mococa, que alguns de nós

abraçamos com intenso amor, inclusive nosso amigo empresário, pois ele é apaixonado por essa obra, tanto quanto eu. Aliás, estamos juntos nesta causa divina; não vou declinar o nome deste amigo, mas estávamos juntos na época da fazenda. Naquela oportunidade ele não ofereceu verba, mas garantiu o nosso projeto com sua personalidade marcante, com seu destemor e, com a bênção de Deus e a proteção desse espírito maravilhoso, amigo inconfundível de todas as horas, vamos realizar esta façanha divina, vamos realizar um sonho de nosso mentor amigo, sonho este que agora é nosso também.

Como visto, o amor eterno de minha vida vem cooperando comigo, e eu com ela, na realização de nosso projeto, desde a fazenda, pois foi ela quem teve a feliz inspiração de construir uma escola em sua fazenda, para que eu lecionasse para os filhos dos escravos. Hoje, já na pátria espiritual, com certeza está trabalhando ativamente para a realização de nosso sonho, pois é um sonho seu, meu, e de nosso patrono espiritual.

Lembremos aqui que estávamos comprometidos com outros espíritos que conviveram conosco na época de nossa passagem pela Terra. Estes tiveram um relacionamento direto ou indireto com nossa vida e, entre outros, tivemos a reencarnação de Maria Antonieta, que foi a minha primeira esposa. Esta foi, na atualidade, irmã de minha amada, a Rosângela; o Luís não tivera uma ligação direta comigo ou com minha esposa, pelo menos na última reencarnação, entretanto é bem provável que em vidas outras pretéritas, sim; este amigo foi o líder do movimento socialista de que minha ex-esposa fazia parte. Acredito que existia ligação de outra, ou de outras vidas, entre os dois; se não estavam ligados por laços de amor, acredito que estivessem ligados por laços ideológicos, pois fora Luís quem acordara Rosângela para a ideologia socialista nesta reencarnação, reacendendo-lhe as tendências ideológicas que guardava em latência no âmago da alma. Mas importa confessar que, embora Rosângela tenha sofrido uma influência muito forte dessa ideologia, o que a impediu de aproveitar melhor a doutrina espírita, nossa amiga tem trabalhado bastante a favor dos sofredores e necessitados. Esse trabalho e o estudo que ela vem fazendo do Espiritismo têm amenizado um pouco as ideias socialistas que esta traz como tendências de épocas remotas e acredito que, com os conhecimentos atuais, encontrará forças para desvencilhar-se dessa paixão, que, em muitas

ocasiões, infelizmente a tem engeguecido. Espero em Deus que na próxima reencarnação ela se livre dessa ideologia política, que as sociedades já estão aos poucos repudiando.

Como vemos, reencarnamos em regiões distantes um do outro, religiões diferentes; eu espírita, ela católica, mas não muito fervorosa; quando criança, ela ia à missa em todos os domingos, acompanhando o papai e a mamãe, mas, depois que cresceu um pouco, já se achava gente, não gostava de ir à missa. Espírita desde o berço, desde garoto eu conversava com espíritos como, por exemplo, meu papai, minha avó e outros amigos queridos da espiritualidade. Essa minha conversa com eles acontecia por intervenção de minha mãe, pois ela tinha uma mediunidade maravilhosa; era médium de incorporação inconsciente, sonâmbula, xenoglossia, vidência e desdobramento. Quando uma entidade se manifestava por seu intermédio, eu a conhecia sem que ela declinasse o seu nome; por exemplo, meu pai apresentava as características de quando encarnado, inclusive a voz; por umas cinco vezes tivemos a comunicação de japoneses, que conversaram no idioma nipônico com familiares seus, que estavam presentes à reunião; se não houvesse um japonês presente, é natural que não acontecia essa comunicação. Esta não nos ajudaria em nada, nada entenderíamos; teríamos que pedir ao espírito que falasse em português. Falar com os espíritos era para mim um fenômeno comum, entretanto isso não me favorecia em nada na minha caminhada evolutiva. Eu contava com dezessete anos quando fui afetado por uma infecção na bexiga; procurei um centro espírita, e nosso amigo Bezerra receitou-me um chá; eu me curei da enfermidade da matéria, e comecei a cura de minha alma, pois comecei a estudar a doutrina espírita.

A partir dessa data, comecei a estudar o Espiritismo. Ingressei nos cursos oferecidos pelas casas espíritas, mas não permaneci no básico que esses cursos oferecem; estudei as obras básicas do mestre Liones detalhadamente, li as revistas espíritas que Kardec nos legou, as obras de Leon Denis, Gabriel Delane, Aksakof, Gerley, Emmanuel, André Luiz, Humberto de Campos, enfim as obras escritas por meio da mediunidade do Chico. Interessei-me pela materialização, estudei-a e fiz experiências durante cinco anos no Grupo Espírita de Efeitos Físicos Padre Zabeu; observei a tiptologia, a levitação, a voz direta, a materialização. Numa noite memorável, recebi uma rosa da princesa Isabel

materializada; visitei o médium Arigó em Congonhas do Campo; conversei com o doutor Fritz e visitei outros médiuns, alguns deles, possuidores de uma mediunidade afluída, que destacava a pessoa como médium, mas infelizmente não era espírita kardecista. Visitei algumas casas de umbanda, pois entendo que, para falarmos com propriedade a respeito de algo, temos que ter um conhecimento sólido daquilo que vamos falar, mas, embora haja estudado bastante, entendo que o Espiritismo encerra, em síntese, infinitas revelações; é como nos disse Emmanuel: o Espiritismo é a religião universal do amor e da sabedoria, que palpita inevitável no coração de cada criatura, é o encontro marcado com as lições do Cristo de Deus; por mais que o estudemos, extrapolemos, ele continuará apresentando-nos sempre um ignoto, e pensar que já temos doutores de Espiritismo...

Estaríamos vivendo caminhos diversificados até o nosso reencontro. Em minha mocidade, fui um jovem nostálgico, contentava-me à espera de algo que eu não sabia definir. Nas noites límpidas demorava-me a apreciar as estrelas, como se elas tivessem algo a revelar-me. Com o passar dos anos, esperava encontrar a mulher de minha vida, quedando-me a pensar: onde estará aquela que me completará a existência? É lógico que a buscava como quem busca uma flor no jardim da vida. A natureza, de fato, apresentava-me uma gama infinita de flores, lindas jovens, mas percebia que essas flores não exalavam o perfume que o olfato de minha alma queria sentir; não apresentavam o colorido que deleitassem os meus olhos. Eu não ficava com alguém que eu não sentisse algo mais, aquela química que liga dois corações, pois entendia que estaria brincando com os sentimentos dessa jovem, e depois a faria sofrer quando lhe dissesse que eu não sentia nada por ela. Quando me havia cansado de procurá-la, acreditando que ela, aquela mulher que eu desconhecia, mas que amava, houvesse ficado na espiritualidade, apareceu-me uma flor simples do campo, mas, tanto quanto era simples e natural, era bela, e seu perfume fez-me estonteado. Senti pela primeira vez, em minha vida jovem, que o amor iria acontecer, estaria a aflorar; momentos assim são momentos que a gente nunca esquece.

Quando a encontrei, minha alma delirava de felicidade, pois dois anos e meio antes desse reencontro eu a houvera visto por meio de um sonho premonitório. Meu sonho materializava-se aos meus olhos. Como ter sonhos premonitórios,

que muitas vezes definiam, mesmo, a minha vida profissional já me era hábito, eu entendi, então, que a felicidade me estava sorrindo. Utilizei o processo de praxe, aproximei-me e apresentei-lhe um galanteio. Ela simplesmente sorriu, e eu procurei, nos dias seguintes, aproximar-me mais. Ela estava estudando à noite, falou-me de algumas dificuldades que vivia, entre outras, o francês, e eu me propus a auxiliá-la nessa matéria. As coisas estavam fluindo maravilhosamente bem. Eu achei por bem aguardá-la na porta do edifício, pois trabalhávamos na mesma empresa. Sairíamos juntos, caminharia ao lado dela, e apresentar-lhe-ia a minha proposta de namoro. Uma surpresa desagradável, porém, aconteceu, ela tinha um namorado, e este a estava esperando à porta; quando o meu amor se aproximou, ele lhe deu um selinho nos lábios. Confesso que isso foi para mim uma apunhalada, e só então percebi que o meu céu não estava tão límpido assim, uma nuvem negra existia, mas isso eu não havia entendido ainda. Esse acontecimento fora um balde de água fria derramado em minha alma. Comecei a questionar o meu sonho, fiquei mal-humorado, mas eu nunca envolvi ninguém com meus problemas; quando as coisas não estavam dando certo, eu ficava calado, embora remoendo por dentro, e nesse momento, eu me remoia, estava sentindo o que uma criança sente quando vai colocar o doce a boca e alguém lho tira.

Lógico que eu não me afastei dela, mas passei a vê-la de forma diferente, o que entendo agora haja sido uma atitude covarde de minha parte, pois eu deveria ter investido ainda mais, e não ter aceitado pacificamente a minha derrota. Embora me sentisse vencido, continuei a correr por fora, e ela continuava a tratar-me com a mesma simpatia e amizade de sempre. Não comentei nada sobre o seu namoro, preferi ficar na minha, sendo aquele amigo íntimo de meu grande amor. Entretanto, eu imaginava como podia ser: ela é o amor de minha vida, por que não me esperou? Sim, meu grande amor havia se esquecido de nossa jura de amor na espiritualidade e arrumara outro. Enquanto eu pensava dessa forma pessimista, a espiritualidade atuava otimista e confiante na solução de nosso reencontro. Alguns dias depois desse acontecimento, uma senhora que fazia e servia o café, hoje já na pátria espiritual, vou chamá-la de Dona Filhinha, que Deus a abençoe, passou no andar de cima, era o quarto andar, viu-me conversando com outra jovem e disse que falaria para a Maria Rosa que eu estava conversando com a Eliane. Eu dei pouca atenção e lhe respondi que não tinha nada com ela, éramos apenas amigos. Esta senhora foi realmente a mesa de minha amada, e disse-lhe algo diferente: “O Rodolfo me pediu para perguntar-

lhe quando você se decide a sair com ele”. Por felicidade minha, o seu namorado estava presente; evidentemente ficou uma fera, queria saber quem era esse tal de Rodolfo; se me encontrasse, iria dar-me uns sopapos, sem que eu soubesse por quê. Mas nosso amigo começou, como se diz na gíria popular, a armar o barraco; um tio de meu anjo, o senhor Lazarini, completou o serviço, pondo-o para fora da empresa, afirmando que ele estava proibido de entrar ali, pois estava prejudicando sua sobrinha. A partir desse instante, a nuvem negra pairava no céu de minha alma começou a dissipar-se; comecei a vislumbrar um novo horizonte, pois eu já havia notado que Maria Rosa me amava. Não houvesse acontecido esse fato, ela estaria encontrando outro pretexto para afastá-lo de sua vida. Meu grande amor só necessitava de um pouco mais de tempo.

Uma semana depois desse acontecimento eu ainda não havia chegado à morena jambo de minha vida, mas não queria parecer precipitado. Como nas empresas encontramos uma segunda família, pois nossos colegas de trabalho cuidam de nossa vida e sabem de tudo o que nos sucede – e lógico que já sabiam e como sabiam! –, eles começaram a fazer pressão, dizendo-me: “A garota deixou do namorado por sua causa, e você não tem coragem de chegar nela. Você é homem ou um saquinho de pipocas?”. E só havia um jeito de “provar que eu era homem” àquele bando de provocadores: era falar com a moça. Confesso que fiquei preocupado, e se ela apenas sentisse amizade por mim? Mas, se assim fosse, era preciso encarar a realidade. Contrariando as normas de trabalho da empresa, pois eram quatorze horas de uma sexta-feira, eu fui à mesa de minha amada, mesmo que ela dissesse que era apenas amizade, o que eu sentia por ela era amor, e apresentei-lhe esta proposta à queima-roupa:

– Você quer sair comigo no domingo?

Ela me olhou com o canto dos olhos e me respondeu:

– Eu vou pensar.

A resposta assustou-me, pois eu pensei comigo mesmo: “Ela nem pensava em sair comigo, então não havia qualquer interesse de sua parte”. Voltei para a minha mesa, mas quem diz que eu estava em condições de concatenar minhas ideias, desenvolver cálculos? Havia passado apenas uma hora, eram quinze horas quando voltei à mesa de minha morena, e apresentei-lhe outro questionamento, direto:

– Como é? Você já pensou?

Ela parou de escrever, olhou-me de frente e disse-me:

– Eu gostaria de ir, mas tenho que visitar meu pai no hospital.

Eu pensei rápido e solucionei a questão:

– Isto não é problema, eu vou ao hospital, visito seu pai com você e depois vamos ao cinema.

Não é preciso dizer que ganhei a moça. Começamos nosso idílio amoroso nesse domingo – sempre aos domingos –, um domingo inesquecível para a minha vida na eternidade, eram 28 de março de 1971.

No domingo, conforme combinado, compareci ao hospital. Conheci o pai dela, que de fato estava muito enfermo, tinha câncer no fígado, estava infelizmente muito pálido, abatido, Ficamos até o término da visita, pois entendo que meu

amor desejaria aproveitar ao máximo os minutos que lhe eram permitidos para estar junto a seu papai. Saímos e eu lhe disse:

– Como é bom estar a seu lado!

Ela me pareceu que não havia desenvolvido uma sensibilidade maior, não via o momento ainda como um momento sublime. Respondeu-me:

– É bom estarmos juntos.

Fomos assistir a dois filmes num cinema da praça da República. Estar com ela enlaçada em meus braços deixava-me embriagado de paixão. Dos filmes só me recordo dos nomes, pois ocupamos nosso tempo com algo mais importante: beijarmo-nos, pois seus lábios tinham para mim a doçura do mel e o aroma da romã bem madura. Aquela tarde de domingo jamais se apagou de minha memória, e jamais se apagará, pois foi nessa tarde que reiniciamos o nosso romance de amor. Nosso reencontro estava acontecendo precisamente nesse momento. É impossível descrever um momento desses, pois, mesmo que nós afirmemos ser divino, esta é uma questão de foro íntimo, somente quem o vive sente na íntegra as bênçãos de um grande amor, amor que não se extingue com a morte do corpo físico, mas preexiste para a eternidade, amor de almas gêmeas.

Estávamos recomeçando nosso relacionamento amoroso, pois um amor infinito, como o que sentimos um pelo outro, não acontece num repente, mesmo sendo almas gêmeas. O amor requer tempo e vivência para maturar-se, ou seja, para exteriorizar-se. Importa lembrar que no cotidiano da vida acontecem desentendimentos entre o casal, pois o fato de sermos almas gêmeas não quer dizer que pensamos igual um ao outro; pensamos diferentemente, embora nos complementemos e cheguemos a um denominador comum sempre. Cada espírito tem a sua individualidade, e podemos ter certeza de que alguma coisa esteja

errada quando a mulher é submissa ao homem, ou o homem à mulher, aceitando tudo o que o outro afirme sem opinar, sem analisar e verificar se o que está sendo dito responde à lógica e à razão; concordar e discordar são necessários ao casal. E nós concordávamos, mas também discordávamos um do outro em nosso relacionamento. Tivemos umas briguinhas, e boas, mas nada que, antes de dormir, um pezinho não se encostasse no outro, e a partir daí tudo se acertava. Ao final, dizíamos um ao outro: “Que bobagem”!, e o amor continuava inabalável.

Ao sairmos do cinema, ela me questionou:

– Você está encarando o nosso namoro com seriedade? Parece ter certeza do que quer. Sinto que você me fala como se eu já lhe pertencesse há um longo tempo. Você está certo de que me ama, ou é somente uma atração física?

Eu lhe respondi:

– Tenho por você muito mais do que uma atração, eu amo você.

Ela me olhou espantada, e me disse:

– Eu sinto por você uma atração forte, tanto que eu já estava estudando como me separar do João para ficar com você. E acredito que não é uma atração física, pois o João é tão bonito como você.

Senti uma sensação estranha, acredito que era ciúme, mas calei-me.

– Entendo que você tem uma química que me atrai, acho que eu também amo você. Deus queira que aprimoremos esse amor que sentimos um pelo outro.

No caminho de volta à sua casa, procurei conversar bastante, tomando cuidado para não ser chato, mas entendi que a sensibilidade dela não houvera se afluído como a minha e que, antes de fazer algumas revelações, como lhe dizer que eu tinha sonhado com ela dois anos e meio antes de conhecê-la, não seria apropriado. O mais interessante de momento era apresentar-lhe o meu amor por meio de abraços e beijos, pois revelações ela ainda não entenderia. Chegamos à sua casa, eram 18h30. Sentei-me a seu lado, segurando-lhe a mãozinha. De vez em quando, roubava-lhe um beijinho. Arrependi-me por chegar tão cedo, pois a família estava toda reunida ali; prometi a mim mesmo não cometer esse ato novamente.

Logo no começo de nosso namoro, eu disse à minha querida que eu era espírita, e ela deve ter levado um susto, pois para os católicos fanáticos o Espiritismo é coisa do diabo, e ela me respondeu:

– Isso é coisa do diabo!

Eu, sorrindo, lhe respondi:

– Eu tenho pena de você, pois você está parecendo um papagaio: repete aquilo que os outros dizem; mandam ele falar “loreco, loreco”, e ele repete. Você já assistiu a uma reunião espírita?

Ela me respondeu que não.

– Então, você precisa assistir primeiro, depois você pode opinar, mas desta forma o que você afirma não tem sustentação.

Ela ficou um pouco zangada, entendo que muito mais, por haver rido de suas palavras do que por outro motivo. Mas o que o amor não supera? Um pouco mais, e já havia esquecido tudo, beijou-me e por ora tudo ficou como estava, mas, como eu disse por ora, pois eu não sei como ela descobriu o endereço da Instituição Beneficente A Luz Divina, esta era a casa espírita em que eu trabalhava e, quando eu menos esperava, lá estava ela, assistiu à reunião. Nesse sábado eu fiz uma apresentação das crianças em público. Era dia 10 de outubro de 1971, recebi como lembrança o livro Evangelho segundo o espiritismo de Allan Kardec, encapado com capa de veludo, e com o nome da instituição escrito com cola e purpurina. Como eu dizia, não sei como ela descobrira o endereço, e isto é para mim ainda hoje um mistério, mas o que é que uma mulher não consegue de um homem quando quer? Com certeza, enlaçou-me em seus braços, fez-me estonteado de amor e fez-me passar-lhe o endereço, sem que sequer eu me lembrasse, só podia ser isso.

Terminada a reunião, eu lhe perguntei:

– O que você achou?

Ela me respondeu:

– É bonito, interessante, ouvi algumas informações que eu desconhecia; não disseram nada de mal nem falaram mal das outras religiões.

Eu, sádico, pois não precisava disso, lhe respondi:

– Está vendo? O diabo não é tão feio quanto o pintam.

Ela me olhou como quem não gostara da provocação, mas calou-se, não disse nada.

Depois me arrependi, pois essa atitude fora desnecessária e anticristã, mesmo. A partir dessa data, ela comparecia de vez em quando aos sábados, não sei se por haver gostado da reunião ou se para estar comigo, pois aos sábados eu só comparecia para namorar à noite; trabalhava o dia inteiro na instituição.

Meu amor começou a seguir o Espiritismo; assim, após o casamento, estudou e desenvolveu a mediunidade. E se antes era bom, tê-la a meu lado, trabalhando comigo na doutrina, foi muito melhor.

Namorávamos de segunda a segunda, pois trabalhávamos na mesma empresa; ela, no terceiro andar, e eu, no quarto. Almoçávamos juntos e, no horário do almoço, aproveitávamos para dar uma voltinha juntos. Depois, na saída, eu a levava ao ponto de ônibus, pois ela ia para a faculdade, em que estava concluindo o curso, não podia faltar. Mas, que dava vontade de retê-la, dava. A essa altura do nosso relacionamento, nosso amor já estava definido; ela já tinha a certeza de que me amava, e eu já a tinha desde o início. Acredito que ela também já me amasse, mas estava fazendo charme.

Ao embalo do amor, namoramos seis meses; ficamos noivos, e mais seis meses

casamo-nos. Não demoramos muito, em um ano resolvemos tudo, pois nos queríamos muito, nos desejávamos um ao outro. E não adianta usarmos de hipocrisia, pois eu era espírita, mas o espírita sente desejos como qualquer outro homem; e ela era uma jovem direita, mas quem disse que ela estaria deixando de ser direita pelo fato de ceder aos meus desejos. Como nos queríamos para sempre, eu lhe fiz a seguinte proposta:

– Vamos casar?

Era um domingo à tarde. Ela me olhou como quem não estava acreditando no que ouvia e me questionou.

– Verdade, eu disse sim.

Resultado: no sábado seguinte, às nove horas da manhã, comparecíamos ao cartório para sacramentar nosso desejo.

Não é preciso dizer que a família achou precipitado, provavelmente entendeu que minha amada houvera engravidado. Questionaram-nos: “para que essa pressa toda?”.

Eu lhes respondi:

– Vocês querem que eu leve a sério o nosso relacionamento ou desejam que eu fique brincando, passando o meu tempo?

Essas palavras fizeram com que todo mundo ficasse caladinho. Saímos vitoriosos, e no dia 3 de maio de 1972 sacramentávamos nossa união; era uma quinta-feira. No sábado, casei-me na igreja, pois a mamãe dela era católica fervorosa, e não havia por que contrariá-la. Mesmo o sacerdote, mente aberta, disse-me que, se eu não desejasse casar na Igreja, não era necessário, pois o casamento nós dois é que o estaríamos realizando no dia a dia de nossas vidas. E eu lhe respondi que estaria satisfazendo os desejos de minha sogra, pois eu não via nada em contrário.

Casamo-nos na Igreja no sábado; no domingo de madrugada, viajamos para Bertiooga, pois passaríamos a lua de mel numa colônia de férias. Ter em meus braços a linda mulher que Deus me dera levava-me ao delírio. Na época, não havíamos ainda tido a concepção de que éramos almas gêmeas, entretanto sabíamos que nos amávamos infinitamente um ao outro. Fazíamos nossos planos de envelhecer juntos e passar o final de nossas vidas, como acontece a todos os idosos, sentados num banco de pedra, debaixo de uma árvore frondosa da praça, resmungando um para o outro, pois este é comumente o passatempo dos velhinhos. Mas ignorávamos que havéramos escrito um final diferente para o nosso romance de amor.

Vivemos vinte dias maravilhosos nessa praia. Nós nos acordávamos às sete horas da manhã, nos amávamos, tomávamos um banho e íamos para o restaurante tomar nosso café. Em seguida, íamos para a praia, em que permanecíamos até o meio-dia; voltávamos para casa, nos amávamos, tomávamos outro banho para tirar o sal do corpo, pois, mesmo não estando no sol, se não tirarmos o sal do corpo, ele nos queima a pele. Íamos ao restaurante e almoçávamos; em seguida, jogávamos um pouco de tênis de mesa, assistíamos à televisão, tomávamos o lanche da tarde e, como não tínhamos nada mais que fazer, voltávamos para casa. Com certeza, lá teríamos muito o que fazer, principalmente na lua de mel. Ao cair da noite, voltávamos ao restaurante, jantávamos, assistíamos à novela Selva de pedra. Para não perder o costume, nós nos amávamos mais, e então dormíamos um bom sono. Que pena que foram só vinte dias, pois foram os dias mais maravilhosos de nossas vidas!

Nessa região existe muita mata; meu amor e eu gostávamos de embrenhar-nos nela. Evidentemente deixávamos uma pista para retornar, pois, do contrário, poderíamos perder-nos, e já pensou que vexame? Uma notícia no jornal: casal em lua de mel perdeu-se na mata de Bertioga. Esse passeio fazíamos quase sempre após o almoço, pois de manhã íamos à praia. Tudo era motivo de sensação, alegria, felicidade, estar um ao lado do outro, beijando-nos. Era o que mais desejávamos, pois, na lua de mel, a gente beija muito; qualquer coisinha é motivo para nos beijarmos. Foram vinte dias maravilhosos. A vida é interessante, pois nós vivêramos momentos maravilhosos em nossa lua de mel na fazenda. Quando vivemos esses momentos, eles nos parecem únicos; sabemos que não voltaremos a vivê-los, isto, porque a vida evolui em todos os setores. Aqueles momentos de felicidade que vivemos na fazenda pertencem ao passado, não voltam mais, pois o cenário da vida por meio da evolução modificou as características da fazenda, mas, se o passado arquiva momentos maravilhosos de nossas vidas, podemos ter a certeza de que o futuro nos apresentará outros ainda mais belos, desde que nos mantenhamos na prática do bem, na vivência do amor; caso contrário, nosso futuro será doloroso e sombrio.

Vou apresentar um exemplo mais claro do que pretendo dizer: a região em que moro desde garoto era mata cerrada; havia algumas chácaras, pasto para vacas leiteiras. Quando garoto, peguei muitas rãs nos córregos que aqui havia. O tempo passou e hoje não resta mais nada de tudo o que meus olhos de infância presenciaram; lotearam essas chácaras, derrubaram a mata, canalizaram os córregos e construíram sobrados e prédios. Conclusão: meus olhos de matéria nunca mais verão o que presenciei na infância; somente poderei rever aqueles momentos felizes por meio da lembrança. Entretanto, com a evolução, formaram-se novos cenários, os quais, com certeza, vão deixar saudades na mente de outras crianças. Não podemos nos esquecer de que a vida é toda beleza, beleza esta que se manifesta de Deus a cada momento da evolução. A vida presenteia-nos com momentos inesquecíveis, e esta dádiva acontecerá na eternidade, pois somos vidas eternas.

Nessa fase de nosso relacionamento, meu amor já havia compreendido muita coisa, estava lendo, e o livro que ela lia era Há dois mil anos, de Emmanuel, por intermédio da mediunidade de Francisco Cândido Xavier. Como sabemos, nosso

querido amigo da espiritualidade enfatiza o tema sobre as almas gêmeas. Então, meu amor, toda cheia de paixão, aconchegou-se a mim e apresentou-me estas dúvidas, dizendo-me:

– Não pretendo ser precipitada, mas eu acho que sou sua alma gêmea; sinto por você um amor que é difícil explicá-lo a quem quer que seja, pois é algo que só quem sente sabe; é um sentimento que não se explica. Será que eu estou enganada? Será que estou ao seu lado apenas para resgatar minhas dívidas com você e vice-versa? Mas, se sou sua alma gêmea, e você a minha, por que às vezes nos desentendemos? Não teríamos que viver apenas nos amando? Responda-me, por favor, pois eu sinto que sou o amor de sua eternidade, mas desejo ter uma certeza a este respeito.

– Amor de minha vida, eu também guardo a convicção de que somos almas gêmeas, entretanto afirmar categoricamente que o somos seria de minha parte falta de responsabilidade, pois só devemos afirmar algo que possamos sustentar, e é impossível fazer esta afirmativa, pois nem mesmo Emmanuel conseguiu ser totalmente aceito como verídico, quando apresentou esta premissa. Muitos afirmam que ele se equivocou nesta questão, esta é uma questão de foro íntimo; somente quem está vivendo o momento compreende que a existência das almas gêmeas é uma realidade, mas, como você sente e eu, também, então para nós é uma realidade, mas não queira prová-la a ninguém, pois, se Emmanuel não o conseguiu, muito menos nós.

– Rodolfo, minha instrutora de doutrina espírita, ao ver-me com o livro na mão, disse-me: “Este é um belo livro, mas, infelizmente, o espírito de Emmanuel equivocou-se nesta obra quando apresentou a teoria das almas gêmeas, pois almas gêmeas não existem; existem almas afins, almas irmãs, almas que simpatizam, que afinam umas com as outras, mas que vivem sentimentos diferentes uma da outra, guardam ambas, características diferentes”.

E eu, após ouvi-la, pensei bastante e disse:

– Embora me falte uma razão para definir esta questão, fico com Emmanuel; acredito que você tampouco concorda com a instrutora, meu amor. Temos percebido a dificuldade imensa encontrada por parte de alguns confrades em aceitar a premissa das almas gêmeas. Rosa, eu tampouco concordo com a sua instrutora. As pessoas ouvem alguém se pronunciar contra, não usam a lógica, não raciocinam, e assimilam a informação recebida como uma verdade, e repassam essa informação adiante; não o fazem por mal, infelizmente são pessoas que fazem pouco uso da lógica e da razão. Muitos leem um texto, mas encontram dificuldade de interpretá-lo; essa dificuldade acontece pelo fato de atermo-nos literalmente à letra. Então fica realmente difícil entender esta premissa. Meu amor, almas gêmeas não são como corpos gêmeos, pois os gêmeos vitelinos são resultantes de uma clonagem natural, é a duplicação de uma única célula, formando dois corpos. A expressão alma gêmea é uma metáfora, pois não aconteceu uma clonagem; nos primórdios de nossa criação, não se fez a duplicação da substância ou centelha divina, que é o plasma do Criador. Cada espírito guarda sua individualidade inviolável. A expressão alma gêmea caracteriza uma afinidade específica entre dois seres; um complementa o outro, guardando, entretanto, sua individualidade e vivendo, mesmo, uma evolução diferente. Na maior parte das vezes, basta lembrarmo-nos de Emmanuel e Carlos Klenaghan, pois Livia e Alcione são de uma evolução muito maior que as deles. A informação de que a Livia é muito mais evoluída do que Emmanuel você a obterá nesse livro que você está lendo. No livro 50 anos depois, você vai ler que Célia é a alma gêmea de Ciro; e no livro Renúncia, você encontrará novamente reencarnados Ciro e Célia; Ciro vai apresentar-se reencarnado como Carlos Klenaghan; e Célia, como Alcione. Fosse um espírito único desmembrado, e na simbiose em que eles se demoram, vivendo um para o outro com infinito amor, aconteceria automaticamente a transferência de sentimentos, de vibrações, equalizando a vida de ambos, pois, como entender uma atitude em que amamos infinitamente alguém? Podemos transferir nossa felicidade a ele e não o fazemos. Não podemos afirmar que o parceiro mais evoluído é mais velho espiritualmente, e vice-versa. Tampouco podemos afirmar que fomos concebidos no mesmo momento, pois em nossa caminhada evolutiva temos o livre-arbítrio, que nos outorga o direito de caminhar com segurança em nossa evolução, ou retardar nosso progresso, na ascensão que nos está reservada na eternidade. Seria infantilidade de nossa parte pretendermos afirmar algo a esse respeito.

Minha interlocutora observava-me atenta. Continuei:

– Tampouco podemos assegurar que seja esta afinidade infinita exclusivamente a resultante das vivenciações entre dois seres por meio das reencarnações percorridas em comum, pois, na caminhada evolutiva, reencarnamos em parceria matrimonial, com outros espíritos, o que nos leva a questionar qual o motivo que nos levou a fazer essa seletividade tão específica. Como não acreditamos na casualidade, pois cremos que tudo na vida obedece a um determinismo de Deus, somos levados a crer que trazemos em nossas almas uma magia específica, aquele sentimento que nós chamamos de química, quando nos referimos àquele algo mais que sentimos por alguém, e vice-versa, tão específico como os hormônios segregados pela hipófise, que, embora percorra o sistema sanguíneo, que banha e alimenta todas as glândulas do sistema endócrino, vai sensibilizar especificamente aquela para a qual foi segregado. Você me questionará, mas não temos o livre-arbítrio? Não seria isso uma fatalidade impositiva da parte do Criador?

A atenção de Maria Rosa entusiasmou-me, o que me incentivou a prosseguir:

– Amor, temos o livre-arbítrio, sim, tanto é que, mesmo existindo esta magia, nos demoramos por um vasto período preferindo as paixões torpes, escolhendo a poligamia, embora convivamos, em muitas oportunidades, com aquele ou aquela para quem estejamos designados. Comumente temos a percepção de pertencermos, nos alvares de nosso despertar, para a realidade da vida, e quase sempre é o aguilhão sagrado da dor que rompe o véu da matéria, e então acordamos para essa realidade divina. Lembramos, ainda, que não nos pertencemos como um objeto de que nos apossamos, pois temos nosso livre-arbítrio; nossa individualidade nos pertence por doação, pois, amando-nos, nos doamos um ao outro, entretanto nossa personalidade, nossos anseios e atitudes são individuais, não se identificam; em outras palavras, nossas almas gêmeas não estão subjugadas à nossa vontade, não são reproduções-espelhos de nossas vidas. Nós as compreendemos em sua individualidade, em seu modo de ser, e

vice-versa. Mas, com certeza, meu anjo, ainda haverá aqueles que dirão: “Mas esse determinismo é uma fatalidade!”. Sim, é, mas a evolução do ser a caminho da luz e da felicidade é uma fatalidade. Entretanto, essa fatalidade absorve o livre-arbítrio, permitindo-lhe que se manifeste, pois o próprio livre-arbítrio, vivido da parte dos espíritos, na escolha dos caminhos mais variados e diversos, os conduz para a perfeição. Se acreditássemos que a escolha de nossa alma gêmea, fosse a resultante única das experiências por nós vividas, por meio das reencarnações diversas por que passamos, estaríamos aceitando a casualidade, e teremos ainda que admitir, que a diferença existente entre as almas gêmeas de nossas vidas, das demais, não seria tão intensa como o é.

Maria Rosa, com os olhos, pedia-me para continuar:

– Alguns confrades não conseguem aceitar a possibilidade das almas gêmeas; outros a aceitam, mas, de maneira equivocada, pois acreditam que as almas gêmeas são raras, sem se aperceberem de que, com esta crença, aceitam a teoria da casualidade. Sendo um determinismo de Deus na vida, não pode acontecer de maneira esporádica. Se assim fosse, Deus seria parcial, teria privilegiados; por que uns teriam esta bênção e outros, não? Sem dúvida alguma, levantar-se-á alguém da cátedra e dir-me-á: “Mas os que não tiverem o amor de uma alma gêmea terão o amor de amigos, de pais, de uma mãe?”. Pelo que apreendemos, o amor de mãe é o amor maior da vida. Realmente, todos nós temos amores outros, diversos, e especialmente o amor de mãe que, sem dúvida alguma, é maravilhoso, mas não podemos esquecer-nos de que quem acordou para a sensibilidade de ter uma alma gêmea também tem um amor de mãe. Quem não tivesse sua alma gêmea estaria ainda em desvantagem. Todos têm uma alma gêmea, pois, se alma gêmea fosse privilégio de alguns, a lei divina ver-se-ia comprometida, não seria equitativa; por que um feliz-para-sempre para uns e, não, para outros? O que é realmente difícil é a concepção de que somos almas gêmeas de alguém, pois essa percepção a vivemos depois de haver dominado os sentidos mais animalizados, depois de haver superado as paixões torpes, ou seja, a paixão pela carne, pois Emmanuel e Carlos Klenaghan, quando encarnados junto a suas almas gêmeas, não tiveram a sensibilidade de perceber que estavam diante das deusas de suas vidas, que as queriam, as desejavam, sim, mas não viviam ainda a percepção daquele algo mais, daquela magia divina, que, somente

depois de haver passado pelo crisol da dor, é que o estariam percebendo. Meu amor, alguns confrades distraídos afirmam que Emmanuel se equivocou quando apresentou a teoria das almas gêmeas, como acontece com a sua instrutora de doutrina, mas é preciso tomar muito cuidado ao fazer esta afirmativa, pois o mentor de Chico Xavier foi ao lado do médium o dirigente de um movimento que revolucionaria o conceito espírita no Brasil. Perguntamos: Emmanuel estava sozinho a frente desse movimento? Pelo que temos visto por meio de informações que nos foram passadas, por Humberto de Campos, em seu livro Brasil, coração do mundo e pátria do Evangelho, o anjo Ismael está na direção de nossa pátria e, sendo o Espiritismo o Consolador prometido por Jesus, ele e o próprio Kardec, sob os auspícios do Mestre divino, sem dúvida alguma, deram apoio a Emmanuel no trabalho de difusão do Espiritismo no Brasil. Apesar da superioridade de Emmanuel, não dá para acreditar que fosse ele o único responsável pelo trabalho maravilhoso que desenvolveu com seu médium, trabalho este que divulgou o Espiritismo no Brasil e no mundo.

Prosegui a exposição de minhas ideias sobre a questão exposta por Maria Rosa:

– Antes de Emmanuel, a expressão alma gêmea era tida como uma ficção; era apenas poesia de que bem poucos poetas se utilizavam. Emmanuel demonstrou essa possibilidade, enfatizando, mesmo, a questão das almas gêmeas, pois, em seu livro Há dois mil anos, ele não faz uma alocação rápida da questão, apresenta a novidade, detalha, mesmo, essa possibilidade, e eu pergunto: “Apaixonado, como deixou claro ser, Emmanuel, antes de escrever este livro, nunca comentou com Flamínio, com outros amigos seus na caminhada gloriosa o que vinha fazendo?”. E mais: o próprio anjo Ismael não se apercebeu jamais dessa paixão, que foi sempre tão transparente? A lógica diz-nos que sim, e uma lógica ainda maior leva-nos a pensar: “Havendo Emmanuel escrito o livro Há dois mil anos, havendo se enganado, como o pretendem alguns confrades, não foi alertado por nenhum de seus amigos da espiritualidade; aperceberam-se do engano, mas usaram essa atitude, enganou-se, mas deixa quieto. Esta atitude é coisa de espíritos ainda imperfeitos, como nos demoramos, quando notamos o engano de um amigo e lhe passamos a mão na cabeça, para acariciar-lhe o ego, acreditando que estamos sendo grandes amigos. O mais interessante é que, cientes de haver Emmanuel escrito esse livro, apresentando esta possibilidade,

ficaram quietos e o deixaram escrever ainda mais dois: 50 anos depois e Renúncia, sendo que nestas duas obras, Emmanuel continua enfatizando a teoria da alma gêmea. Não nos devemos esquecer também de que no livro O consolador, ele volta a afirmar esta premissa. Em momento algum Emmanuel se referiu à alma gêmea, afirmando ser um espírito duplicado e vivendo idênticas vontades e semelhante evolução; ele nos apresenta as almas gêmeas como espíritos afins, ligados um ao outro por fortes afinidades, simpatias. No entanto, ele mesmo nos informa da diferença de evolução e de costumes, mesmo. Em nossa caminhada ascensional, meu, amor, a malvada letra é que nos atrapalha. Meu amor, eu é que a encontrei, pois, embora não o possa provar por meio da expressão, posso sentir esta química divina que só as almas gêmeas sentem. A todos os que não se afogam na letra, procurando, com certeza, a princesa encantada que se demora ainda a dormir nos anseios da matéria e aguardando a chegada de seu príncipe, digo que a procura incerta pelos castelos das ilusões e fantasias a encontrarão e, então, a magia do amor divino vai dissipar a névoa das incertezas, propiciando-lhes a oportunidade de trocarem um beijo divino, em que o amor eterno vai afirmar-se. Nós a colocaremos em nosso alazão da eternidade, e seremos felizes para sempre.

Emmanuel, amigo querido, sou-lhe infinitamente agradecido, pois eu acreditava, quando criança, na magia do “feliz para sempre”, entretanto as ilusões da vida terrena haviam-me apagado este lindo sonho, mas você veio, não reativar um sonho, mas mostrar-me uma realidade. Minha querida, você conseguiu assimilar esta síntese que lhe apresentei no intento esclarecer-te a respeito das almas gêmeas, digo síntese, pois este tema, nos oferece material para escrever um livro e, assim como a sua instrutora, temos muitos espíritas que negam essa possibilidade, mas simplesmente negam, não apresentam uma prova comprobatória de que Emmanuel esteja equivocado. Eu entendo que negar algo sem apresentar argumentos lógicos de que este algo esteja equivocado é irresponsabilidade.

– Rodolfo eu entendi. Como não entender? Seus argumentos são lógicos. Emmanuel é, como o sabemos, um espírito superior e, como você o disse, desenvolvia com o Chico um trabalho de importância relevante para a doutrina espírita. Se Emmanuel se houvesse enganado, houvesse sido fantasioso como o

pretendem alguns espíritas, não se haveria enganado apenas o espírito de Emmanuel, mas, também, Jesus, Ismael e Kardec, pois esses avatares divinos estavam na direção do movimento espírita que aconteceu no Brasil, e estes se teriam enganado na escolha do espírito a que caberia a responsabilidade de dirigir todo esse movimento magnífico que aconteceu. Meu amor, quando um empresário vai selecionar um gerente para gerenciar os negócios de sua empresa, ele vai tomar o cuidado de verificar o seu currículo para certificar-se se o candidato tem realmente condições de exercer o trabalho. Entendo que os vultos gloriosos da espiritualidade conheciam o currículo espiritual de Emmanuel, aliás, este está estampado em sua alma, haveriam feito uma escolha equivocada, não acredito, eu entendo que esteja faltando bom senso aos críticos gratuitos de nosso amigo espiritual.

Nós não tínhamos acordado plenamente para esta realidade sublime, não tínhamos ainda a concepção plena de que éramos almas gêmeas; de vez em quando eu tinha um vislumbre dessa possibilidade e, quando o conjunto musical da casa cantava a música Alma gêmea, eu acordava aquela sensação divina e colocava minha mão em sua perna, pois meu amor sentava a meu lado nas reuniões espirituais, e ela me olhava enternecida, pois a canção nos acordava na alma a sensibilidade, me olhava com o canto dos olhos. Esse olhar queria dizer-me mais ou menos isto: “Que bom que você também acredita ser minha alma gêmea!”. Embora não tivéssemos ainda essa certeza divina, nós nos amávamos muito; eu digo muito por não haver definido ainda a extensão de nosso amor, mas nosso amor um pelo outro era infinito. Em outras oportunidades como, por exemplo, quando a mulher se impõe à nossa vontade, diz-nos o que fazer. Eu pensava: “Essa mulher pensa que eu lhe pertencço com exclusividade, que manda em mim”. Como eu era inteligente, entendia que era melhor atendê-la, pois o homem que continua dando uma de machão com a mulher só perde, principalmente no que respeita ao relacionamento. É lógico que existem limites, e depende muito da maturidade da mulher que tenhamos – e de vez em quando a minha doce amada me ditava algumas regras, e algumas vezes eu não desejava atendê-la, mas quase sempre eu perdia a parada, resmungava em pensamento, mas tomava muito cuidado para não pensar alto, pois me parece que elas têm a magia de ouvir o que pensamos –. Entretanto, mal sabia eu o quanto lhe pertencia, o quanto eu era dela e o quanto ela era minha. Ouvimos alguns confrades afirmarem em palestras ou em textos que ninguém é de ninguém, e enfatizam estas palavras, mas não as explicam. Vamos por um momento

esquecer as almas gêmeas. Analisemos os casais de um modo geral. Eu entendo que um casal que se ame e se respeite, se pertença um ao outro, não como um objeto, é lógico, mas como duas almas que assumiram compromissos de responsabilidade, um com o outro, entendo que seja natural saírem juntos para passear e, quando tiverem que ir a algum lugar, ao qual tenham que comparecer separados, a um compromisso qualquer, informem o cônjuge desse compromisso, pois com isto estarão oferecendo ao parceiro de caminhada respeito, amor e confiança. Parece-me que, na vida de um casal, um pertence ao outro, sim, pelo menos até que a morte os separe. E quanto às almas gêmeas, entendo sejamos um do outro, por doação espontânea dos cônjuges; um se doa ao outro, pois não dá para aceitar que nossa alma gêmea seja a resultante de uma seletividade acontecida por meio das experiências que vivemos com os parceiros do sexo oposto. Esta possibilidade implica em uma casualidade, e afirmar que nossa alma gêmea é a resultante de nossos próprios méritos; é no mínimo absurdo, pois nossas almas gêmeas nos acompanham desde os primórdios de nossa evolução. E não havíamos desenvolvido ainda valores para realizar alguma obra meritória, o que deixa entender que é uma doação divina do Criador a sua criatura como já explicado. Entendemos que as almas gêmeas se pertencem, sim, como dito, não como um objeto e, como já visto, não pensam igual, nem sempre estão na mesma evolução espiritual, guardam uma individualidade própria, e estas não se pertencem até que a morte as separe, elas se pertencem para a eternidade. Quais motivos levariam o Criador da vida a conceder-nos a bênção de amarmos e sermos amados, com um amor infinito como, por exemplo, Emmanuel e Lívia, para interromper esse fogo sagrado que os acalenta e lhes dá estímulo em sua caminhada? Entendo que o amor não sofre interrupção em seu percurso, mas que se faz cada vez mais intenso na eternidade; caso contrário, temos que aceitar a premissa dos católicos e de outros quando afirmam que, estando no paraíso, uma mãe que haja perdido um filho querido de seu coração e que permanece preso no inferno eterno não sofre por esse filho, pois Deus lhe apaga o amor que sentia por ele. Será? Pelo que apreendemos na doutrina espírita, o inferno eterno anula a possibilidade de existir o paraíso; existiriam apenas regiões sofisticadas, recantos iluminados, mas o espírito que tivesse alguém a quem ama sofrendo para sempre, em trevas densas, estaria carregando em seu âmago um inferno de sofrimento e de dor, como nos informou Jesus: o céu ou o inferno está dentro de nós mesmos. Vivíamos uma vida maravilhosa, pois o amor dá magia à vida. Eu lhe apresentava meu amor, cheio de carícias, e por que não dizer de fantasias? E qual é a mulher que não deseja ser amada, acariciada, sentida, ser tida pelo homem de sua vida como um patrimônio sagrado? Excetuo aquelas mulheres que não

acordaram para o amor verdadeiro, pois existem aquelas que se ligam a um homem pelo dinheiro que este possua; essas mulheres são vulgares, sua visão da vida é obtusa, mas, com certeza, a que coopera com o esposo no sentido de progredir em família quer ser compreendida, amada, e mais, a mulher de nossa vida não é apenas mãe de nossos filhos, é a mulher amante de nossas vidas, é aquela mulher que nos complementa, que nos realiza. Com certeza, quem haja encontrado a sua não vai ficar procurando outra, exceto aqueles homens que acreditam que para ser macho seja necessário procurar mulheres fora. Alguns homens inocentes e ingênuos têm as suas esposas, mulheres que complementam os homens, mas procuram aventuras fora sem se aperceber que estão trocando uma joia preciosa por bijuterias baratas. Mas, como o que é gosto é regalo da vida, o que dizer, entretanto, no meu modo de pensar, para ser macho não é preciso relacionar-se com várias mulheres, mas, fazer a sua satisfeita, realizada, e feliz. Muitos casais alegam que, depois de um tempo, o relacionamento esfriou, e isto acontece quando o casal deixa que se extinga o fogo da paixão, pois muitos alegam que paixão é coisa para jovens, já estão maduros e esta fase já é ultrapassada. No entanto, importa lembrar que para estar apaixonado não se tem idade. Vemos alguns casais que estão declinando em suas condições materiais, não vivem mais aquela energia física e, com certeza, a cópula para eles já é um ato impraticável, entretanto continuam apaixonados, sentadinhos num banco de pedra, ora resmungam, ora se acariciam; este casal mantém acesa a chama da paixão, e por que não dizer do sexo, mesmo? Pois, embora muitos desprevenidos entendam que o sexo seja apenas aquele momento da cópula, aqueles de nós que fomos mais esclarecidos e menos animalizados sabemos que o sexo é muito mais. Quando estamos parados, observando os movimentos feminis de nossa amada, e vice-versa, estamos vivendo uma manifestação do sexo; quando lhe damos um abraço, um beijo, quando fazemos carícias nas mãos de nosso parceiro, estas atitudes e outras mais são manifestações sexuais. Mesmo aqueles que ainda se demorem em vigor físico, se não forem animalizados, brutos, começam a excitar-se para a vivência da cópula com a configuração do corpo da mulher. Fui e sou apaixonado por minha amada, e serei eternamente. Posso afirmar que nosso relacionamento se tornou mais sublime quando passou aquela fase física mais acentuada; para ser mais claro, em que o relacionamento era acima de tudo uma necessidade imposta pela matéria. Quando o amor entre nós dois se confirmou, nosso relacionamento foi mais seguro, mais consciente e mais sublime. Então não se sinta velho para manifestar a sua paixão, não permita que este fogo sagrado se apague, mantenha acesa esta chama. E com esta tranquilidade, nossas vidas navegavam cheias de emoção no oceano calmo e sereno da eternidade. Tínhamos escolhido o amor

como bússola para dirigir-nos a embarcação da vida. Olhávamos para os altos cimos e, durante o dia, apreciávamos o Sol, que fecunda a Terra de vida; à noite, astros deslumbrantes resplandeciam no firmamento a falar-nos da grandeza e da ordem que se manifesta de Deus no infinito. Enlaçados um ao outro, pela mais poderosa força que existe no Universo, o amor, seguíamos curso em nossa caminhada. A nau de nossas vidas navegava a céu aberto, pois as águas da vida estavam serenas, céu límpido. Nada nos preocupava. Assim nos demoramos por um tempo que me pareceu uma eternidade. Nesta fase maravilhosa de nossas vidas, fazíamos nossas juras de eterno amor um ao outro. Nas noites estreladas, apreciávamos o céu e nos dizíamos como Deus é bom: além de nos dar um ao outro, ainda nos concede uma noite esplendorosa para enfeitar nosso idílio. Ainda fazíamos planos para a nossa velhice, planejávamos viver um final de vida como acontece a esses anciãos que apreciamos, vivendo o crepúsculo de sua existência na Terra, mas, vivazes, pois o amor que os alimenta dissipa qualquer dúvida ou incerteza do futuro.

Meu amor não gostava muito de assistir à televisão, preferia ler, conversar, e muitas vezes me dizia: “Rodolfo, vamos sentar na varanda e conversar um pouco à luz das estrelas. A televisão não apresenta nada que preste, ou são novelas ou notícias ruins e, às vezes, mentirosas, mesmo, e o que é pior, ela separa os casais, os pais e os filhos, pois ninguém conversa, ninguém dá atenção ao outro, ficamos presos a um programa, e quem abrir a boca, durante esse período, recebe uma repreensão. E ela estava certa. Então íamos para a varanda, sentávamos um ao lado do outro, e ela me falava de seu dia, suas experiências; eu falava das minhas, exceto quando tinha alguma dificuldade em meu setor de trabalho, pois eu não lhe falava de acontecimentos desagradáveis, preferia passar-lhe informações que a fizessem segura, feliz. Conversávamos um bom tempo, trocávamos carícias apaixonadas, e então entrávamos e íamos deitar-nos. Com isso nosso relacionamento físico obtinha mais sucesso, pois estávamos melhormente sintonizados um com o outro; estávamos ligados pelos laços eternos do amor. Mas, distraídos como nos demorávamos, enredados por um amor indescritível, não percebemos que uma nuvem densa despontava no horizonte de nossas vidas, e em breve estaria a derramar um temporal no céu de nossas almas, pois, sem perguntar coisa alguma, a doença chegou, envolveu meu grande amor. Tudo começou com uma tosse persistente. Meu amor tomou os xaropes receitados pelo esculápio, não adiantou; fez outros exames que diagnosticaram câncer nos pulmões. Quando o médico me deu essa notícia – e

eles não fazem nenhum preparativo para informar-nos essas coisas –, confesso que senti medo. Acredito que pela primeira vez eu senti medo em minha vida, pois antes eu não tivera motivos, mas, como na vida devemos estar preparados para os momentos bons e ruins, eu busquei o amparo de José de Mococa e de Bezerra de Menezes. Reajustei-me e procurei amparo na espiritualidade, pois sabia que a medicina convencional não daria mais jeito; os nódulos já se haviam espalhado pelo órgão e se transformara numa metástase. Passei a fazer-lhe tratamentos espirituais, na esperança de curá-la dessa enfermidade. Minha alma chorava na calada da noite, pois não poderia chorar à sua frente, esta atitude torná-la-ia ainda mais debilitada. Eu não lhe havia contado a verdade, dissera-lhe que era apenas uma infecção nos pulmões. Ela me perguntou se era grave e eu lhe informei que era um pouco preocupante, mas que tivesse fé em Deus e na espiritualidade, que tudo iria ficar bem.

Eu lhe apresentava palavras de encorajamento, mas sabia a gravidade de sua enfermidade, e sem que ela se apercebesse eu chorava a seu lado na cama, meu coração amargava de dor, mas era preciso ter fé em Deus e em sua misericórdia divina, pois o Pai amantíssimo sempre quer o melhor para seus filhos, sabia que amigos maravilhosos a estavam assistindo, entretanto, meu senso lógico me dizia que eles não estariam derogando a Lei Divina, embora lhe aliviassem o sofrimento, e quanto a beneficiaram, não se fez acontecer o que eu pretendia, mas aconteceu o melhor, e sou infinitamente agradecido a espiritualidade maior, por tudo.

Eu sabia que a amava, mas, por causa da enfermidade, meu receio de perder-lhe a presença física rasgou o véu que ainda existia entre nós e lhe revelei o meu amor infinito, minha paixão eterna e, por meio de minha mediunidade de audição, conversava com o d.r Soriano, como converso ainda, um médico amigo, que pertence à corrente médica do d.r Bezerra de Menezes, e ele me dizia que ela ficaria curada. Eu logicamente entendia que eles estavam a restaurar-lhe a saúde do corpo físico; entendia, porque era o que eu desejava entender. Entretanto, eles estavam tratando-lhe o espírito, preparando-lhe o desencarne. Alguns amigos, espíritas, mesmo, questionaram-me a fé, alegando que a espiritualidade nada fez, pois não lhe curou o corpo de matéria e ainda haviam traído a minha confiança. Prometeram curá-la e não o fizeram. Entendi, no entanto, a misericórdia de Deus

por meio de corações maravilhosos, que tiveram a caridade para comigo, pois, se me informassem a verdade, eu haveria sofrido muito mais. Eu não lhes havia apresentado as condições vibracionais para o tratamento que estavam realizando, pois, graças a Deus, meu anjo não sofreu quase nada quando a enfermidade se manifestara, já estava em fase avançada, não precisou viver a quimioterapia, não sofreu todas as reações que nós sabemos que a quimioterapia provoca, como vômitos, a queda de cabelos, o definhamento, apenas ficou mais magra. Quando fomos ao hospital para retirar material para a biópsia e, a partir de então, começar o tratamento, ela entrou em coma, ficou mais dois dias, encubada na UTI, e desencarnou. Todo esse processo demorou apenas três meses; será que não houve a intervenção dos amigos da espiritualidade maior?

Quando o telefone tocou – eram seis horas da manhã de uma quinta-feira –, minhas pernas amoleceram-se. De imediato pedi ao meu protetor José de Mococa que me desse forças. Logo que atendi o telefone e o médico me informou o seu desencarne, se não estivesse sustentado por mãos divinas, teria fraquejado, no entanto elas nos amparam, nos dão sustentação. Meu amigo querido da espiritualidade é, em minha vida, o amparo, a força e a coragem nos momentos mais difíceis de minha vida. Acredito que esse foi o momento mais doloroso de minha existência. Este amigo sempre esteve amparando-me, foi para mim um pai espiritual. O mais triste é que temos amigos teóricos que censuram os trabalhos de caridade e de assistência médica praticados em nossa doutrina; provavelmente eles não viveram um momento em que a intervenção dos amigos espirituais funciona em nossas vidas, como um bálsamo que nos alivia, como uma força que nos sustenta. E não podemos nos esquecer de que o Espiritismo é o consolador prometido.

O tratamento espiritual feito por alguns amigos de nossa casa e por mim, exercendo a função de simples instrumentos da espiritualidade, esteve a libertá-la de vibrações doentias que meu divino amor ainda trazia de quando foi a minha linda morena, e então se chamava Isabel Cristina. Nessa época, tanto ela quanto eu transgredimos as leis sagradas do Eterno, tirando a vida de um irmão nosso; absorvêramos as vibrações tenebrosas e tristes. Em consequência desse ato infeliz, equivocadamente acreditamos que, a partir do momento em que nos arrependemos e passamos a trabalhar pelo bem dos nossos semelhantes, essas

vibrações se diluíssem de imediato, e tudo ficaria bem no campo harmônico do Universo – nossas vidas fazem parte desse campo, pois somos vidas que se exteriorizam de Deus –; manifesta-se uma harmonia plena, que, ao adulterá-la, revela-se um ato violento, que gera a desarmonia. Temos a necessidade de funcionar como um retificador energético e restaurar essa energia. Quando da bênção da reencarnação, o corpo de matéria funciona como um filtro, liberando nosso espírito dessas energias. Esta é uma das necessidades do espírito: reencarnar. Temos espíritos superiores que, para passarem para outro mundo mais evoluído, reencarnam e desencarnam ainda pequeninos, vítimas de uma enfermidade qualquer. Aplicam-se aí as palavras de Jesus, quando nos afirma que temos que pagar o último ceitil à Terra, antes de deixá-la. Não entendendo esta realidade, a Lei Divina apresenta-se-nos falha; como interpretar de maneira lógica que um espírito superior sofra uma enfermidade, sendo que este já se demora em atividades divinas, trabalhando plenamente pela harmonia da vida?

Se alguma dúvida eu vivesse quanto à veracidade de sermos almas gêmeas, essas dúvidas se dissiparam, pois, na dor da separação física, eu percebi que não posso viver sem essa mulher maravilhosa que Deus me deu. O amor que eu sentia por ela intensificou-se ao infinito. Conforme o tempo vai passando, meu amor por ela continua a expandir-se. Estamos separados apenas fisicamente, mas espiritualmente nos demoramos enlaçados um ao outro. Graças a Deus eu não posso viver sem ela, sem ela minha eternidade seria vazia.

Quando meu infinito amor partiu para a espiritualidade, eu lhe fiz uma promessa, de fazer-lhe todos os dias de minha vida, enquanto eu estivesse encarnado, uma prece repleta de meu amor, pedindo a Deus que esta prece se transformasse em luz, amor, evolução e felicidade. Meu anjo, a princípio interpretou esta minha atitude, conforme ela própria me informou por meio da mediunidade, como um ato de caridade. Embora seja um ato de caridade, pois não o deixa de ser, é muito mais do que isso, é um ato de amor, pois a minha eterna amada, graças a Deus, evoluiu. Entretanto, eu não parei de fazer-lhe a prece, pois eu entendo que a amando como eu a amo, não devo parar de ofertar-lhe minha prece repleta de amor. Devo continuar no intento de torná-la ainda mais radiante e mais feliz, pois quem ama jamais deixa de ofertar o melhor à pessoa amada.

A misericórdia de Deus infinita como é, no primeiro e segundo ano que sucederam à nossa separação física – pois a separação foi apenas física, jamais estivemos ou estaremos separados, estamos juntos para a eternidade –, pelos laços divinos do amor propiciou-nos a bênção de apreciarmo-nos, de abraçarmo-nos, por meio do desdobramento. Estas bênçãos, entretanto, era apenas um consolo apresentado da parte da espiritualidade maior, pois os meus desdobramentos para ir ao encontro dela foram fazendo-se cada vez mais esparsos, até se extinguirem. O último encontro entre nós realizado, em que desdobrado eu pude estar com ela, aconteceu em nossa casa de caridade. Quando lá cheguei, eu a vi sentada no terceiro banco à direita de quem está chegando. Dizer da emoção é impossível, pois esta é uma questão de foro íntimo. No momento em que eu me apresentei, na entrada do salão, ou ela pressentiu a minha presença vibracional, ou algum amigo espiritual informou-lhe de minha presença, pois havia espíritos ali sustentando nosso encontro, espíritos esses que eu não notava, pois meu pensamento estava fixo nela. Nós apreendemos em André Luiz que, quando somos levados à espiritualidade, ao encontro de um ente querido, não percebemos mais ninguém. Sei, no entanto, que ela se apercebeu de minha chegada, virou para trás, me deu um sorriso lindo, que jamais esquecerei, caminhei a seu encontro. Ela ficou de pé. Dei-lhe um beijo na face e demorei-me segurando-lhe o rostinho, e chorei, derramei algumas lágrimas que lhe orvalharam com certeza a alma. Ela também chorou; lógico que não era um choro convulsivo eram lágrimas de duas almas que se amam e que estavam vivendo a bênção de um reencontro.

Não podemos esquecer a intervenção da Lei Divina, e esta é implacável. Nós transgredimos a lei quando reencarnados como Isabel Cristina e Júlio, pois tiramos a vida de Joaquim, ex-esposo de minha alma gêmea. Nós o expulsamos do seu corpo de matéria, projetando-o em trevas e sofrimentos. Se nos reencontrássemos quando quisermos, viveríamos um privilégio, estaríamos burlando a lei, pois a função desta é corrigir-nos. Não estaríamos sofrendo a dor da separação, da saúde; onde estaria a corrigenda?

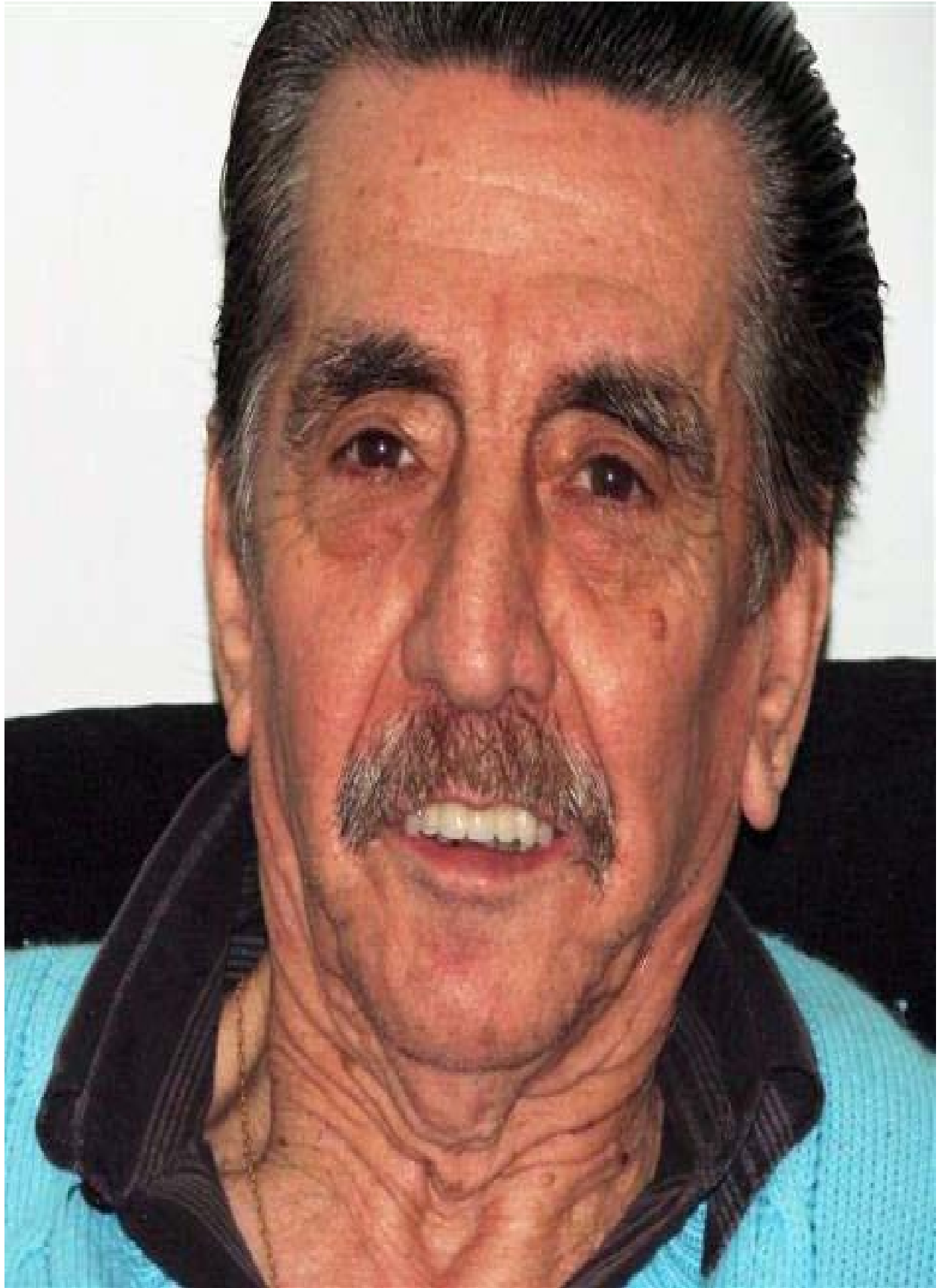
Isto não quer dizer que não nos encontramos mais; é lógico que nos encontramos

por meio do desprendimento do espírito durante o sono. A lembrança, porém, é muitas vezes vaga e imprecisa, resta-nos apenas uma felicidade inexplicável, que nos confirma a realidade do sonho. Acordamo-nos lembrando alguns lances de nosso encontro na espiritualidade; outras vezes não nos relembramos de nada, apenas sentimos uma alegria íntima, que nos felicita. Nós encontramos graças a Deus, um momentinho em todos os dias, aquele momento divino, em que me recolho para trazê-la de encontro ao meu coração. Então, fazemos a prece a seu favor, e a fazemos juntos; depois vibramos a favor de nossos irmãos que sofrem, encarnados e desencarnados. Enquanto meu anjo bem amado evolui cada vez mais, também eu me benefico, pois alivio a dor da saudade, e assim permaneceremos até que eu cumpra minha tarefa. Estou tentando corresponder ao meu protetor, José de Mococa, pois você se recorda que Bernard me dissera, antes de eu reencarnar, que este amigo maravilhoso vem esperando que eu lhe corresponda a confiança, e por duas vezes eu fracassei miseravelmente, embora eu não me desprenda da matéria, com cem por cento do compromisso assumido. Que, pelo menos desta vez, eu haja realizado uns sessenta por cento. Espero não estar sendo muito pretensioso.

Maria Rosa, você é o patrimônio maior que Deus me outorgou na vida, na eternidade. Percíveis são todos os fenômenos na forma e na configuração que o Criador nos oferece na vida, mas eterna é a essência, é a causa, o princípio desses fenômenos. Você, meu eterno amor, é a resultante da evolução dessa essência; é um ser eterno, uma inteligência infinita; é uma razão definida. Em seu livre-arbítrio, você escolheu ser mulher, e é a mulher de minha vida na eternidade. Sem você, eu não posso viver; de que me adiantaria uma eternidade sem você a meu lado? Esta seria vazia, sem significado, pois só você me complementa a existência, me felicita. Você é a minha alma gêmea, razão absoluta de meu viver. Estaremos juntinhos na eternidade, apreciaremos o desintegrar dos infinitos astros que hoje resplendem no Universo, a formação de outros mundos e sois, e assim sucessivamente, pois nós somos eternos, quanto eterno é nosso amor.

Até breve, meu anjo! Aguarde um pouquinho mais de tempo, e estaremos juntos na espiritualidade e, juntos, continuaremos nosso romance de amor, pois este é eterno, assim como nós o somos.

Biografia

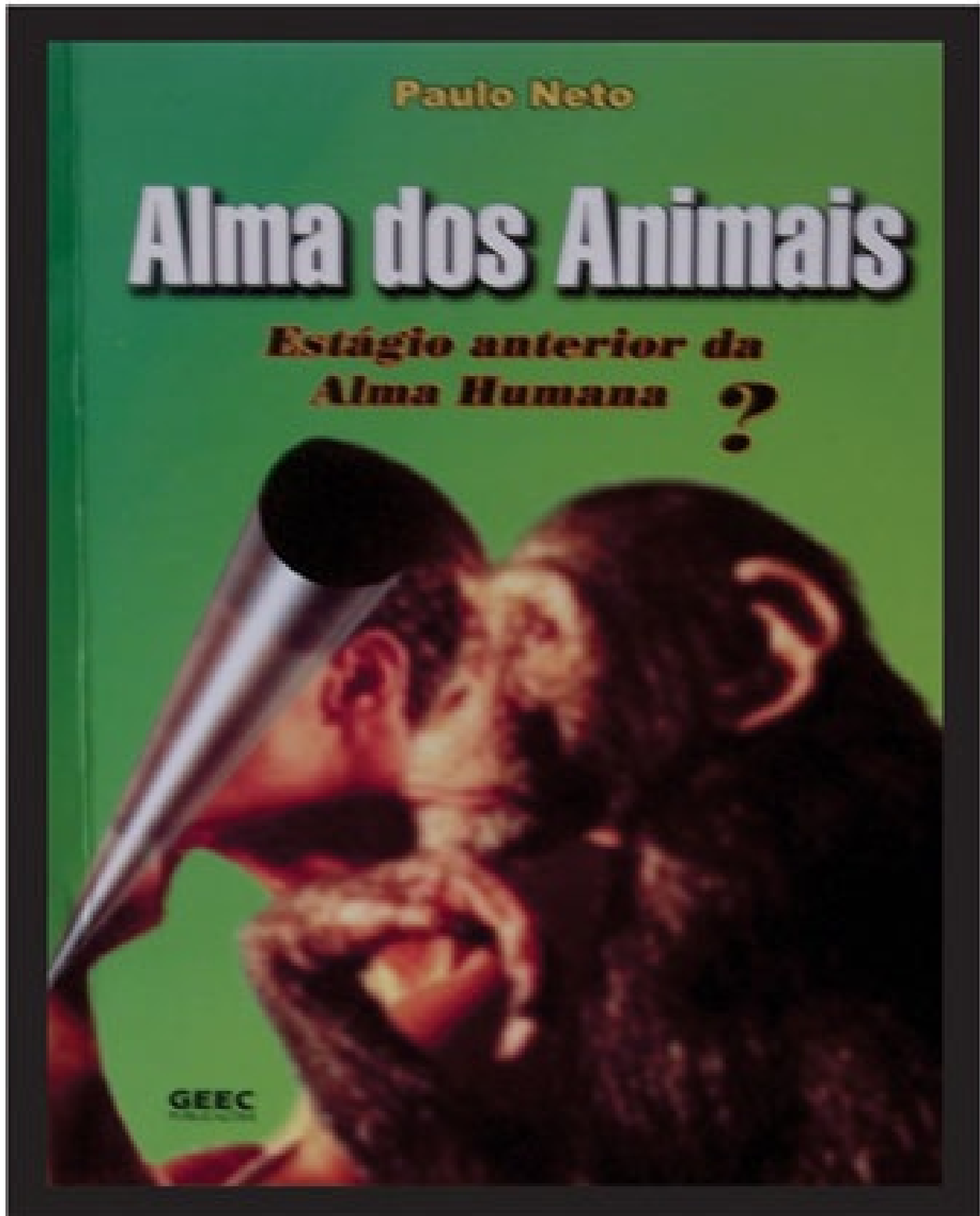


José Antonio Sola Gomes, viúvo, supervisor de projetos elétricos, participou dos projetos das Usinas Hidrelétricas de Jupiaá, Ilha Solteira, Salto Osório, Foz de Areia e outros projetos industriais. Supervisionou ainda as instalações elétricas dos túneis: Jânio Quadros, Tribunal de Justiça, Ayrton Senna e Maria Maluf.

Escreve para a revista Espiritismo & Ciência, edição comum e edição especial; na edição comum, ele edita, numa coluna especial, uma sinopse dos livros de Chico Xavier.

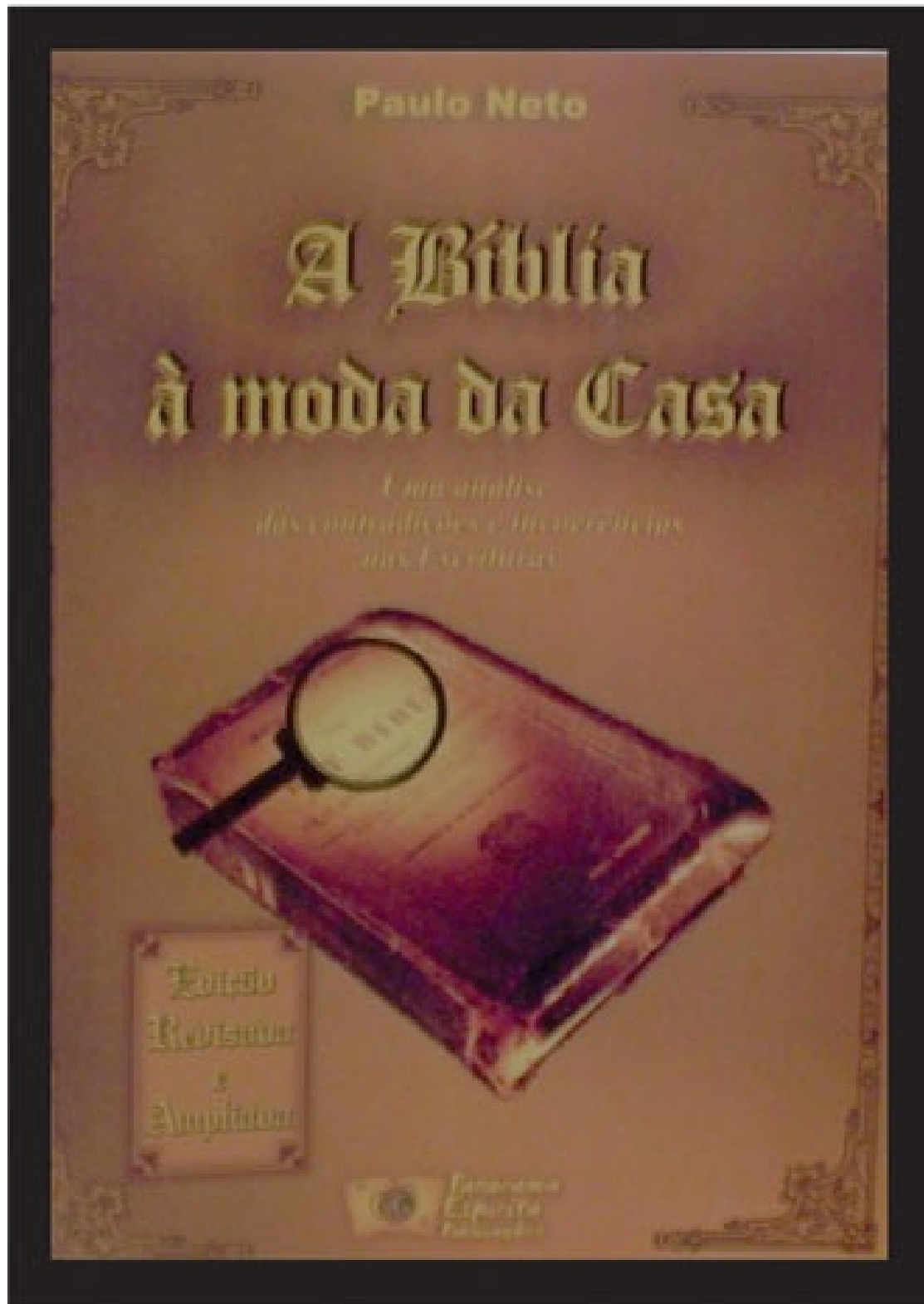
Nascido em berço espírita, foi o fundador da Instituição José de Mococa. Essa instituição, além de desenvolver reuniões espíritas ao público, promove estudos doutrinários do Espiritismo. No que concerne à assistência aos menos favorecidos da sociedade, essa instituição distribui cestas básicas a vinte famílias, famílias estas que passam por uma triagem seletiva, às quais ainda oferecemos acompanhamento. A entidade oferece ainda o Centro de Convivência Infantil Irmã Sheila, que oferece reforço a 160 crianças, com café da manhã, almoço ao meio-dia e lanche reforçado às dezessete horas, isto em todos os dias da semana, e tudo é gratuito. Esse Centro de Convivência Infantil oferece, no momento, um quadro de funcionários aptos a realizarem essa assistência; são três professoras, duas cozinheiras e um senhor, que realiza a limpeza do local. Mas foi construída ainda uma escola, com dez salas de aula, um restaurante para comportar 1.200 crianças, consultório dentário, ambulatório médico e uma quadra poliesportiva, entre outros benefícios. Essa escola será espírita, e tudo será gratuito. Vamos oferecer aos alunos refeições semelhantes às que estamos oferecendo às crianças que fazem o reforço escolar em nossa casa. E com o auxílio da Espiritualidade Maior, pretendemos inaugurar essa escola no ano de 2014, pois não devemos esquecer que as crianças de hoje serão os homens e as mulheres do amanhã.

Paulo Neto



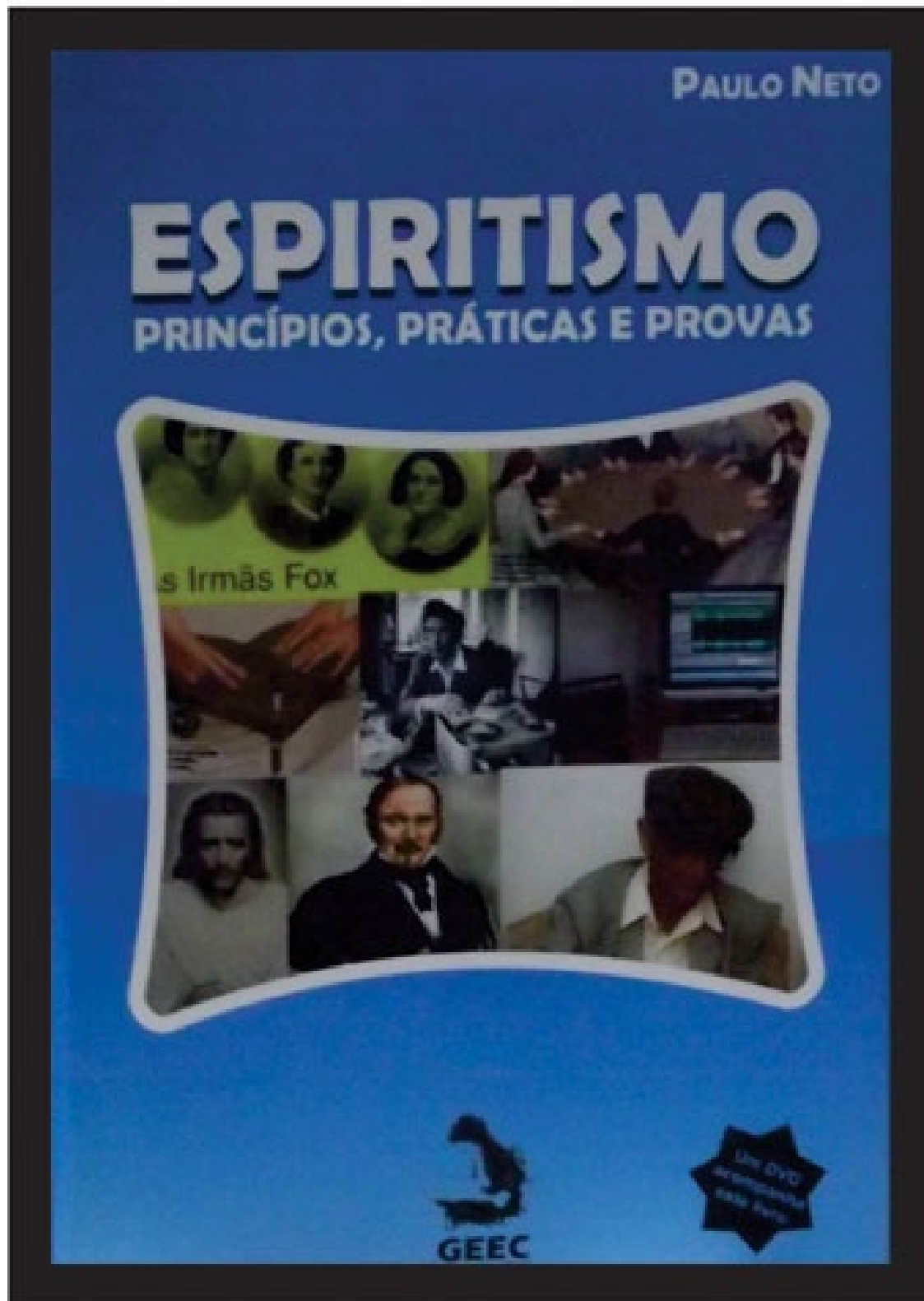
Sendo a escala do progresso sublime e infinita, busquemos reconhecer que existe uma infinidade de laços que nos unem aos valores gradativos da evolução. A descendência animal do homem impõe-se com evidência luminosa a todo pensador imparcial, demonstrando o processo de evolução do homem.

Paulo Neto



Esta obra, a primeira do autor, visa a esclarecer pontos nos textos constantes das várias traduções da Bíblia Sagrada. É uma obra de grande alcance, não tendo o intuito de ser segmentária. Os questionamentos levantados pelo autor poderão chocar os menos esclarecidos, mas para aqueles que buscam o conhecimento e a verdade em todas as coisas, com certeza, esta obra será uma grande luz. Com um vocabulário simples, o livro mostra o quanto precisamos aprender a respeito das passagens bíblicas, que com o passar dos anos foram perdendo a essência e sendo traduzidas de acordo com os interesses políticos, religiosos e raciais de cada época. O autor, autodidata, coloca à disposição dos leitores, dentro de uma ótica puramente racional, todo o seu conhecimento adquirido em longos anos de estudos da Bíblia.

Paulo Neto



Trata-se de um estudo, com ampla pesquisa, que objetiva mostrar o que seja realmente o Espiritismo, evidenciando seus conceitos e práticas, aliados a uma apreciável gama de evidências (ou seria melhor dizer provas, mesmo?) sobre a sobrevivência do Espírito. Dará ao leitor condições de saber se o que falam do Espiritismo é realmente a realidade dos fatos. Acompanha DVD.

Paulo Neto

Os espíritos comunicam-se na Igreja Católica

As almas do purgatório manifestam-se a fiéis

As almas do purgatório manifestam-se a fiéis

Os espíritos se comunicam na Igreja

GRAC

Paulo Neto



Paulo Neto traz à tona, depois de dedicada pesquisa, mais de vinte casos em que a “comunicação com mortos” oficialmente ocorreu dentro da Igreja! Com tudo muito bem documentado, não há como negar, pois os registros vêm dos próprios santos e santas, religiosos, padres e outros. Tais casos são surpreendentes, que tanto todos os católicos como todos os espíritas deveriam conhecer. São relações nascidas da espontaneidade de homens e mulheres, religiosos, que não se tolheram por leis, supostamente presentes num livro, mas relatam, com a pureza de suas vivências, fenômenos de comunicação com os mortos.

Paulo Neto



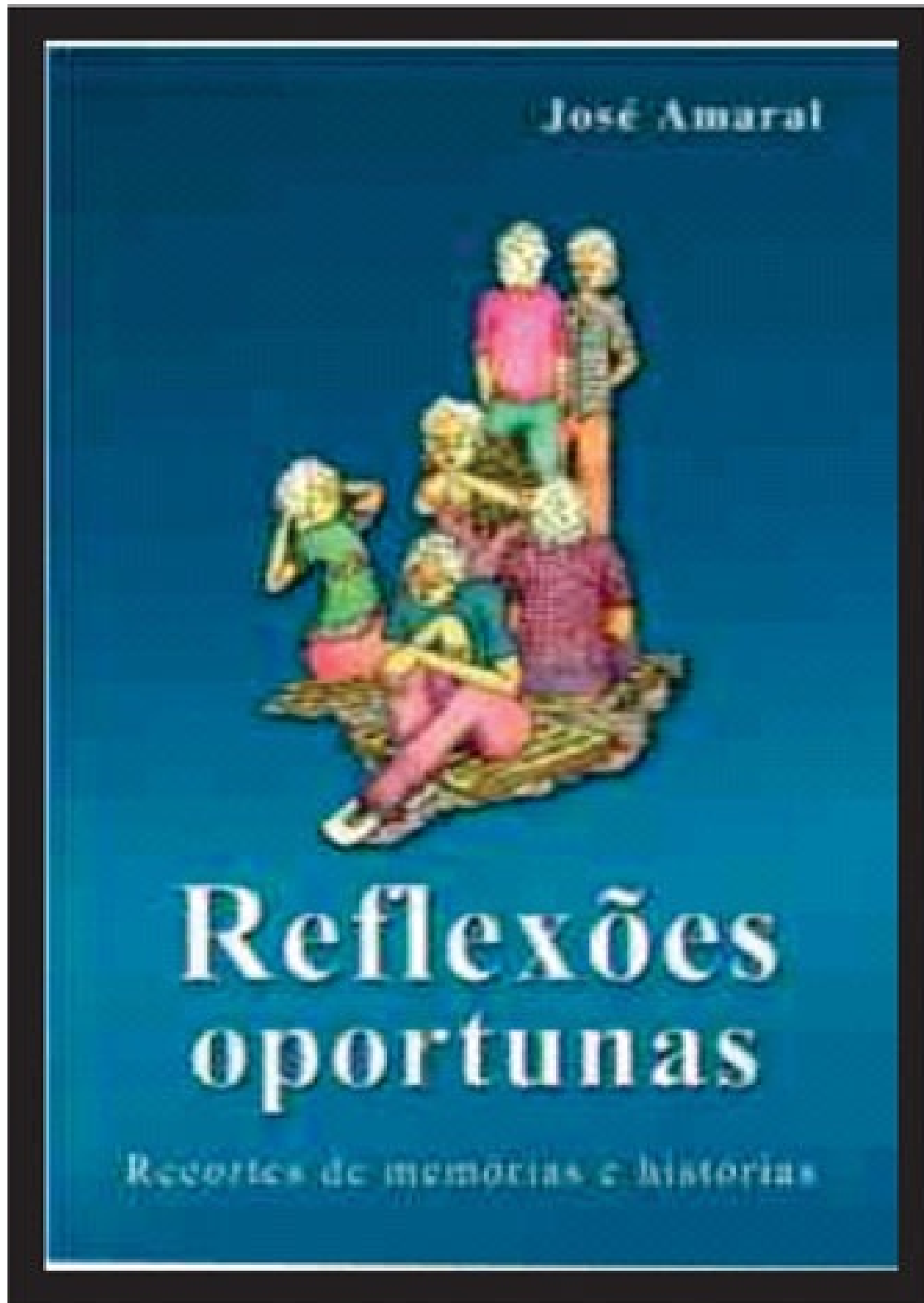
Mesmo que canhões não lancem projéteis mortais e todas as armas do planeta e todos os exércitos sejam desativados, as indústrias bélicas se fechem, os silos atômicos se tornem lendas de um passado, permanecerá no campo ético de cada homem uma aguerrida e interminável batalha, em que cada um deverá decidir como agir, sem ferir a si e o próximo.

Paulo Neto



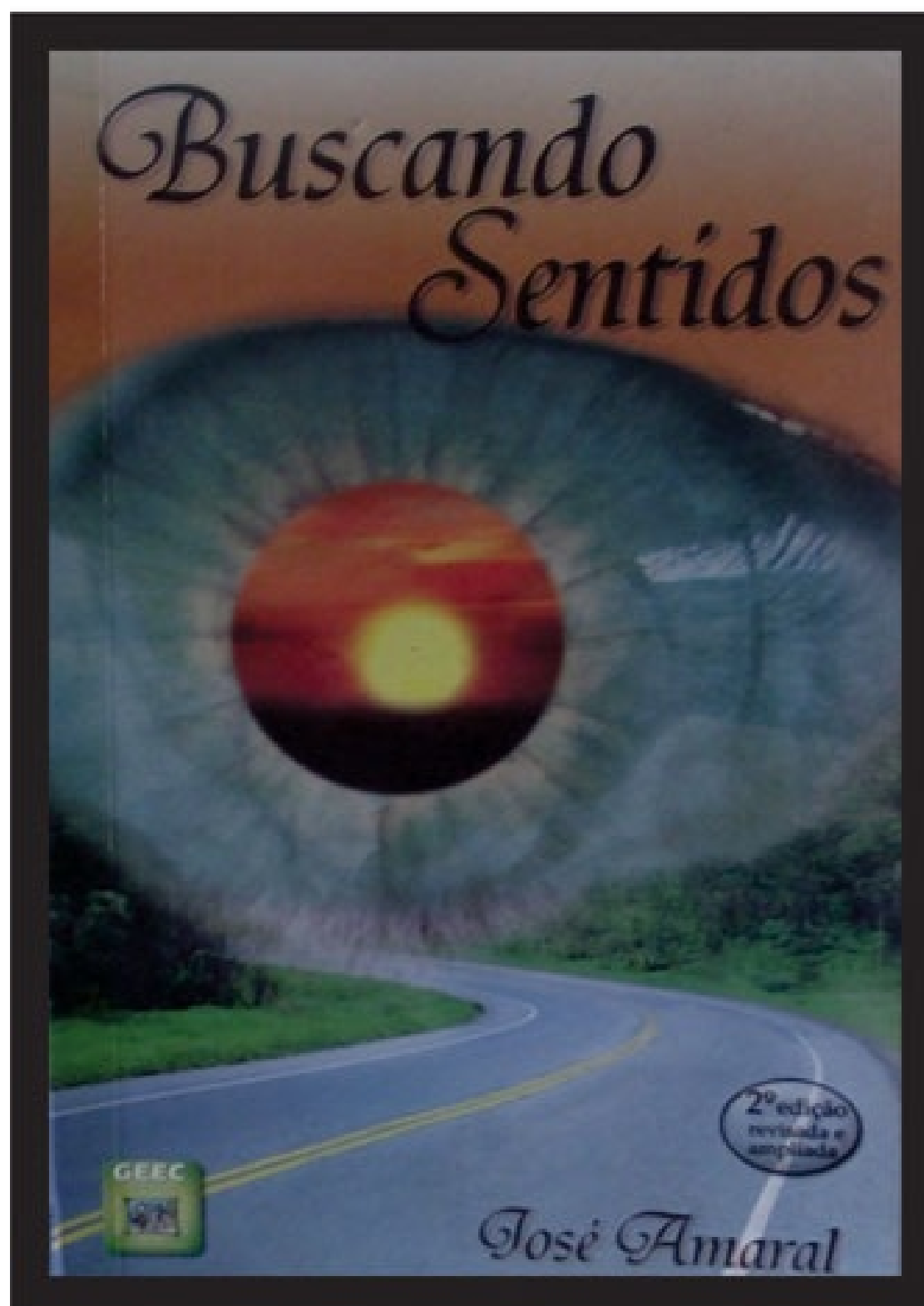
Quantos conflitos! Quantas lutas travadas intimamente! Como poderei psicografar? Se nem sei como escrever esses nomes complicados que eles usam! Todavia conseguimos! Uma grande piedade envolvia meu coração ao constatar sua angústia nos dias de trabalho; muitas vezes temi sua desistência! Mas fui insistente, incentivado por meus mentores. Valeu a pena! Nosso convívio espiritual, durante todo esse tempo decorrido, fez de mim um afeiçoado seu que, agradecido, se despede, rogando a Deus pela sua felicidade.

José Amaral



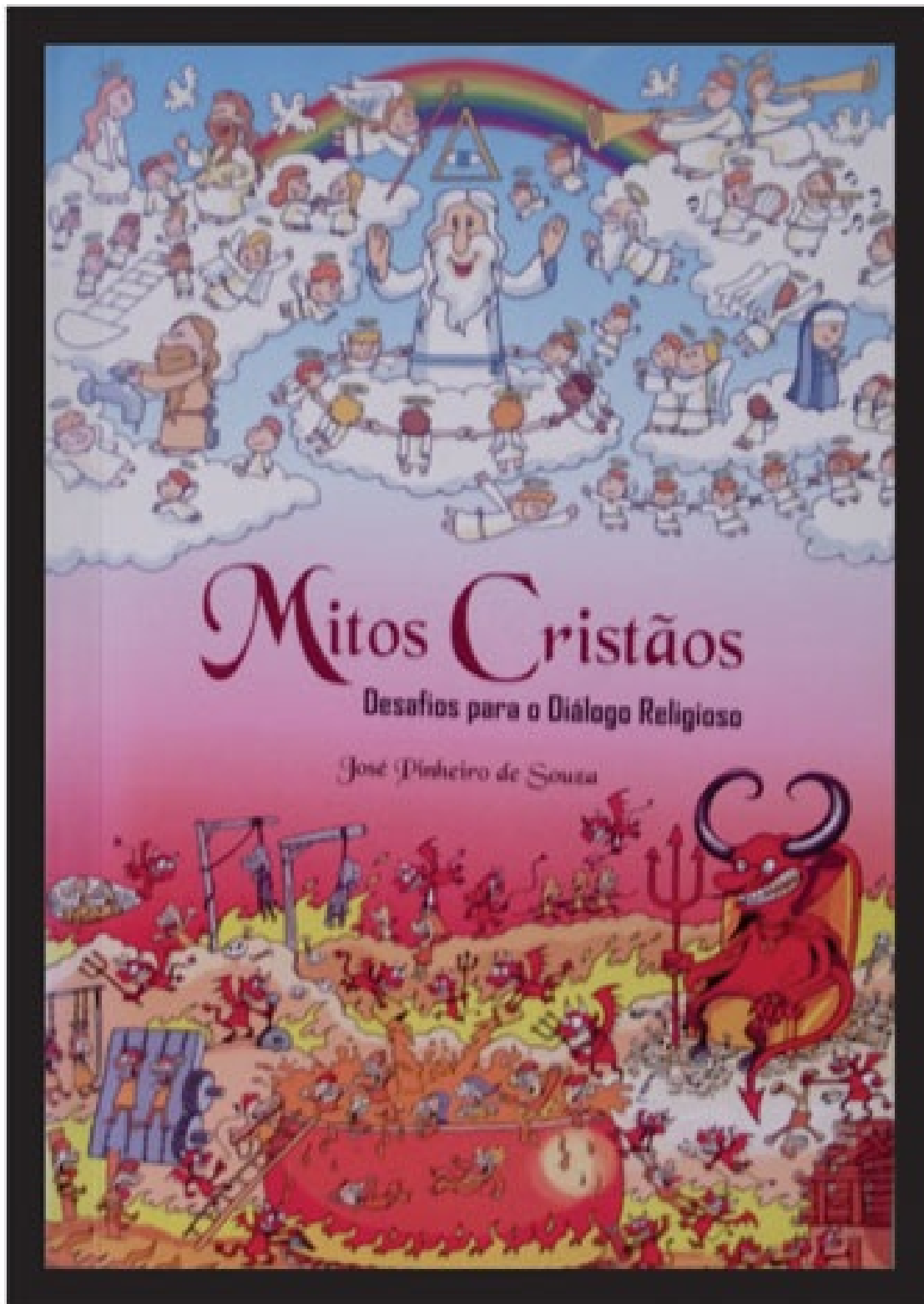
Muita gente passa pela Terra apenas existindo como vegetal, sem vida plena, sem consciência do que significa estar aqui, agora. Outras pessoas pertencem a uma categoria de seres que aprenderam a sair de si, apesar das próprias limitações, dores e dificuldades, e a caminhar em busca de outro mundo possível, esforçando-se em ajudar a construí-lo. Essas pessoas não prometem o céu nem ameaçam com o inferno. Não mercadejam com a fé nem abusam da credulidade e da fragilidade humana.

José Amaral



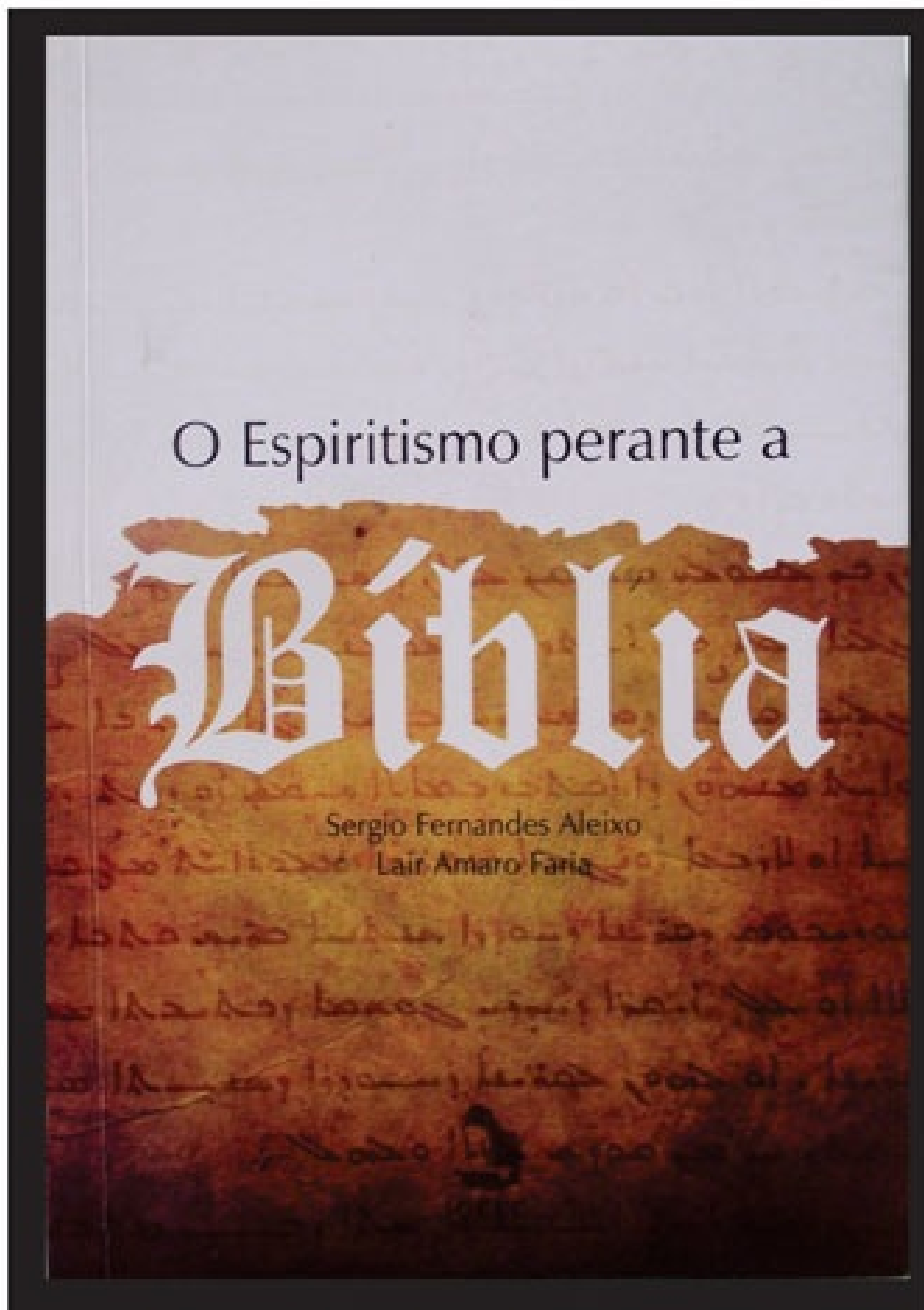
Neste livro, talvez você não encontre tudo o que você já sabe, mas não tenha prestado a necessária atenção: o valor que existe nas coisas simples e cotidianas da vida. Então, por que ler esse livro? Você perguntaria. Não lhe saberia dar a resposta, mas, ao lê-lo, você mesmo poderia descobri-la ao compreender que ele é para ser lido, ouvido e profundamente sentido.

José Pinheiro de Souza



Neste livro, o prof. Pinheiro refletirá sobre “os fundamentos dos dogmas” das diversas Igrejas, complementando o que não foi refletido por Kardec, buscando eliminar o exclusivismo religioso, defendendo a possibilidade do ecumenismo e do macroecumenismo fundamentado no amor. Em nenhum momento defende o Espiritismo, como crença ou religião. Defende, sim, alguns princípios, que não são propriedades do Espiritismo, que são defendidos por diversas doutrinas ou religiões.

Sérgio Fernandes Aleixo
Lair Amaro Faria



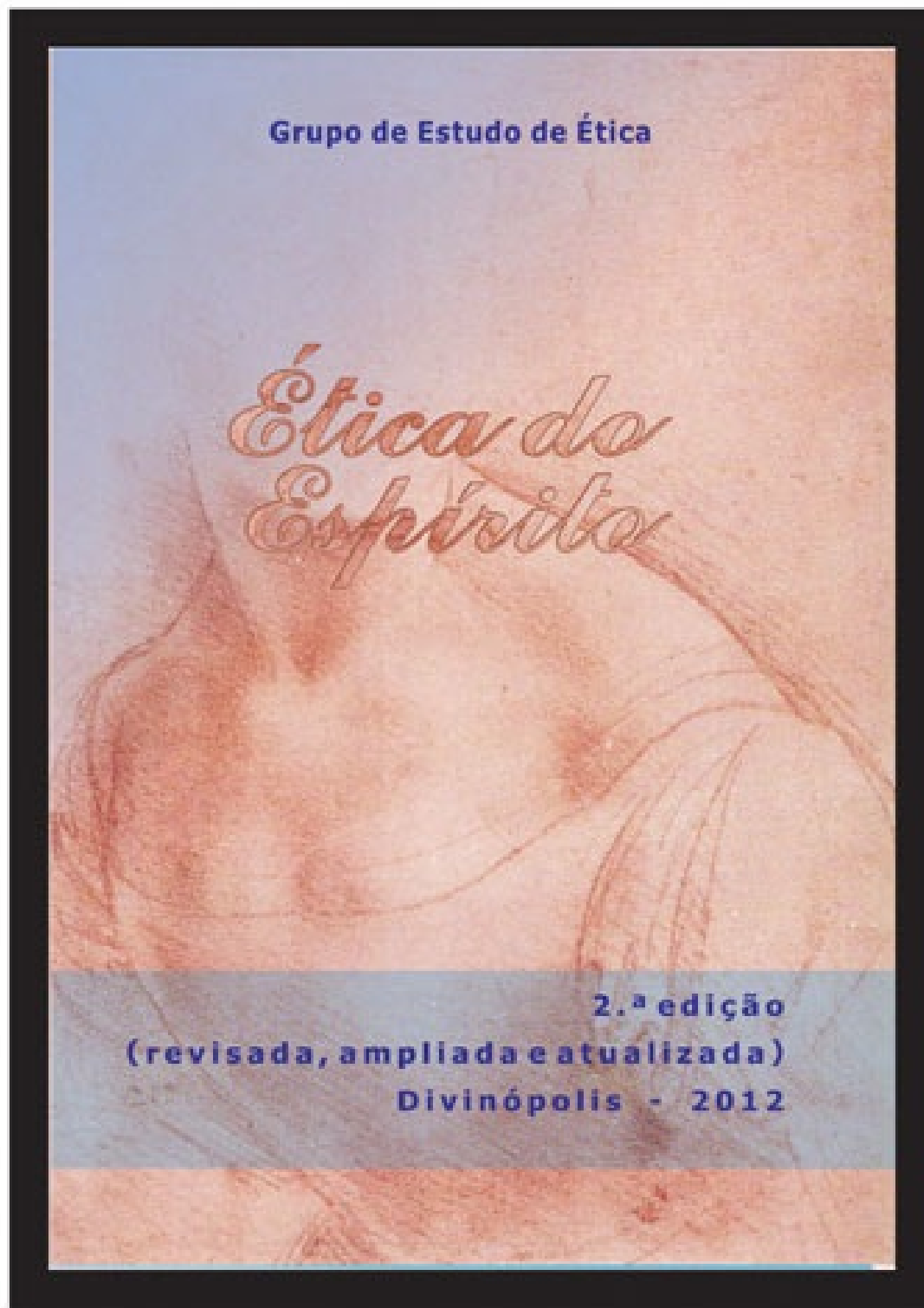
Ao texto doutrinário de Sérgio F. Aleixo, prestigiado na divulgação espírita pelo alinhamento kardeciano rigoroso que o identifica, vieram juntar-se a colaboração e a supervisão do historiador Lair Amaro Faria, espiritista dedicado, na cátedra universitária, o Judaísmo e o Cristianismo antigos. O resultado foi esta obra desafiadora, que reafirma, mediante os critérios do Espiritismo, a blindagem dos conteúdos de espiritualidade reveladoras na tradição bíblica, mesmo em face das atuais constatações dos historiadores aplicados ao universo das Escrituras, constatações avassaladoras para crentes de tipo mais dogmático, que chegam a ter abalada, quando não aniquilada, sua fé ancestral na “Palavra de Deus”.

Grupo de Estudo e Ética



Felicidade – conheça e acerte corresponde à segunda fase do estudo da felicidade, que busca enfatizar a felicidade aparente ou enganosa, aquela que nos confunde, que nos leva a errar. Constitui-se da “porta larga” a que se refere Jesus, “em que muitos entrarão”, mas “que leva à perdição”, ou seja, que a felicidade aparente, ilusória, imediata e momentânea é tentadora. Muitas pessoas que não refletem sobre as consequências de seus atos e sobre suas motivações acabam enveredando-se por ela e, por fim, acabam por perder o sentido de suas vidas, ou seja, a si mesmo.

Grupo de Estudo e Ética



Grupo de Estudo de Ética

Ética do Espírito

2.ª edição
(revisada, ampliada e atualizada)
Divinópolis - 2012

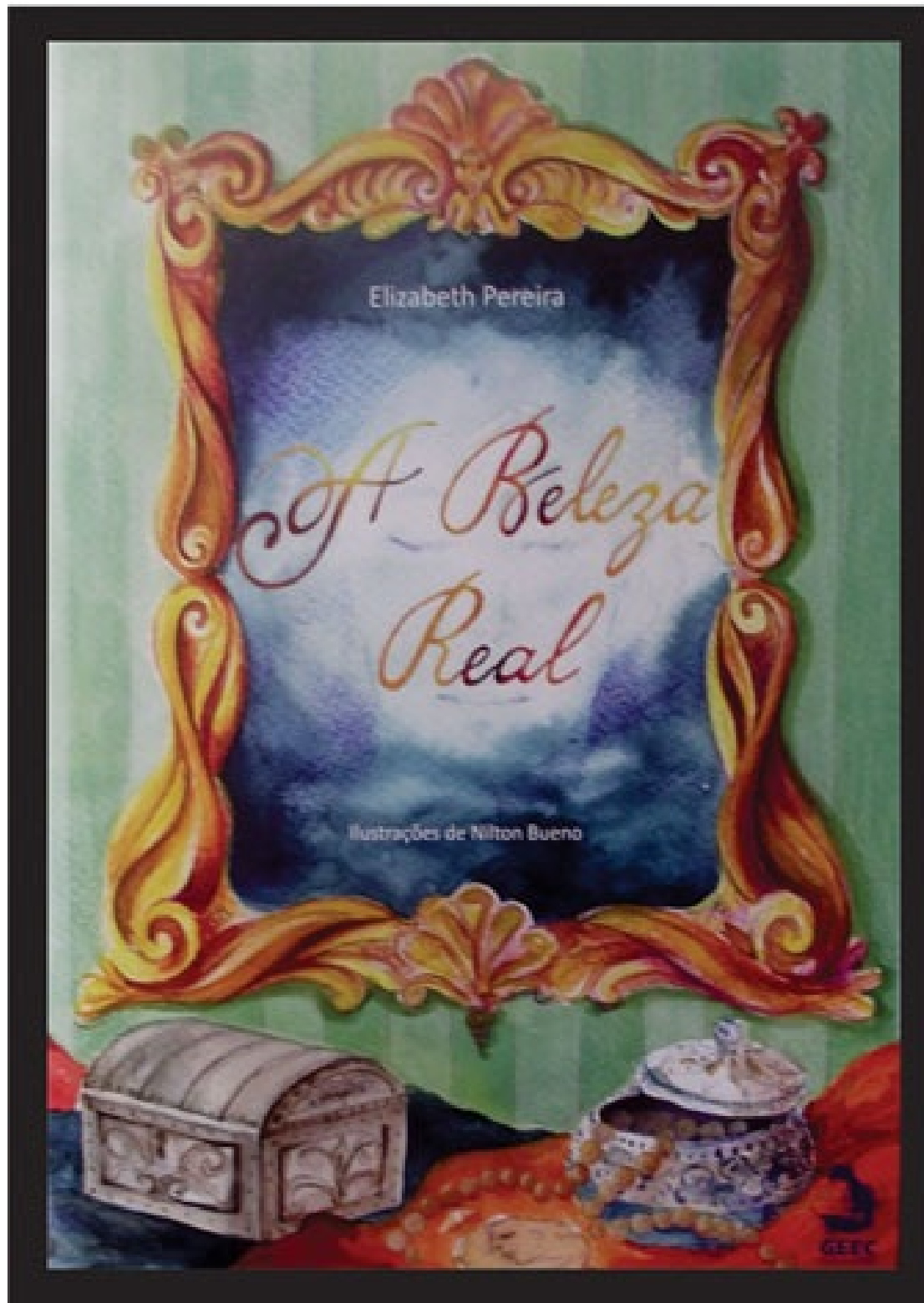
O objetivo deste trabalho é propiciar uma percepção lúcida e integral, isto é, a interação das linhas mestras do pensamento doutrinário com a práxis moral; é a contextualização dos textos básicos da moral espírita como um código voltado para a universalidade... A pesquisa realizada processou-se em torno de O livro dos espíritos. Cabe-nos lembrar que O livro dos espíritos é o edifício da doutrina espírita. É o código básico de um novo ciclo da ascensão humana. (JOSÉ C. PEREIRA.)

Grupo de Estudo e Ética



Este livro é o resultado de anos de reflexão do Grupo de Estudo de Ética. Cada coautor acompanha de perto a dialética da felicidade, em cada texto das lições, proporcionando o conhecimento e a reflexão sobre os momentos de infelicidade da vida, o despertar de sentimentos adormecidos e, ainda, o caminho para a felicidade. Os textos buscam um rumo seguro para o crescimento, bem como dar sugestões para a interpretação dos fatos, proporcionando um contínuo processo de aperfeiçoamento pela prática, visando a superar as próprias deficiências e possibilitar a conquista da felicidade.

Elizabeth Pereira



“Em que consiste a beleza? O que faz as pessoas belas?” – pergunta a autora nas primeiras linhas. Qual será a verdadeira beleza da Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida, Rapunzel e outras princesas famosas das estórias infantis? Com criatividade, sensibilidade e muita intuição, a autora desenvolve os valores éticos universais, tais como a humildade, alteridade, benevolência, solidariedade, desprendimento e outros, tendo como pano de fundo as fábulas das princesas que povoam os sonhos infantis.

Nice Mourão Pontes

NICE MOURÃO PONTES
Psicóloga

Páginas de REFLEXÕES Vida e Luz

Divinópolis
2012

GEEC

Nesta obra pretendemos enfatizar a importância de todos os seres humanos conhecerem o lado espiritual da vida. Uma vez que vivemos numa cultura cética, materialista e impregnada de falsos valores referentes a Deus e a todos os outros seres, nós estamos tentando nas poucas páginas deste volume mostrar que ele realmente existe.

Rossano Sobrinho

Rossano Sobrinho



A Bíblia,



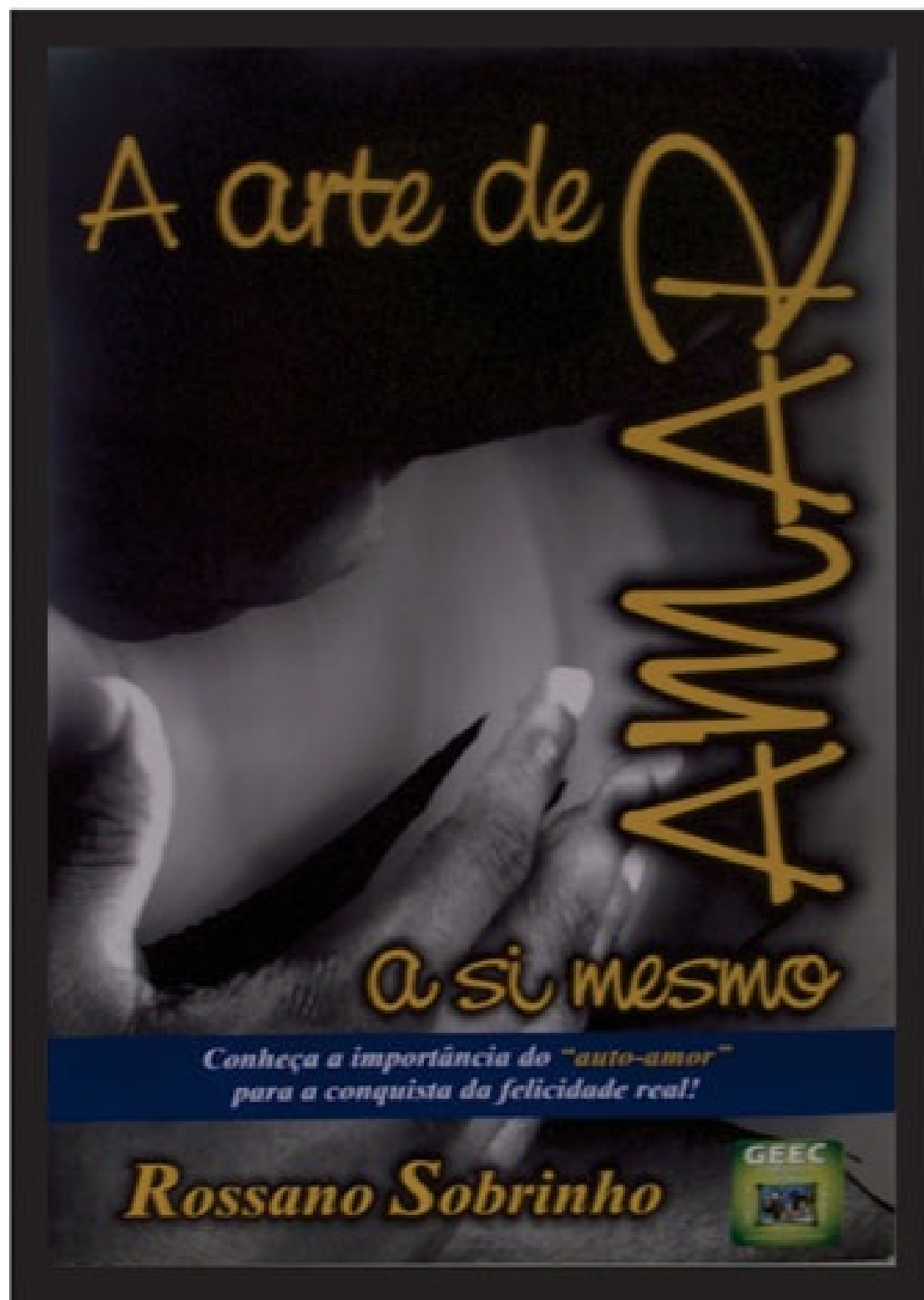
vista com outros olhos.



Publicações

A Bíblia é o livro mais lido no Ocidente e um dos mais respeitados do mundo. Suas páginas apresentam revelações e ensinamentos valiosos. Mas será que podemos considerar todos os seus textos como a Palavra de Deus? Esta e muitas outras questões são respondidas com clareza neste livro, que propõe uma nova visão dos textos sagrados, mais racional e coerente.

Rossano Sobrinho



Conheça a importância do autoamor para a conquista da felicidade real! Qual a importância do “amor a si mesmo” para a conquista da felicidade? Podemos amar-nos sem nos autoconhecermos? Qual a diferença entre autoamor e egoísmo? De que forma a vivência do amor influencia nossa saúde? Quando nos amamos, somos mais amáveis com os nossos semelhantes? Autoamor é uma questão de educação emocional? Estas e tantas outras questões importantes do universo emocional humano são abordadas com rara beleza e profundidade em mais este livro do educador e conferencista Rossano Sobrinho. Leia-o com a mente e o coração abertos para o amor e construa em si mesmo o reino imperecível da Felicidade!

www.livrariapanorama.org.br

Responsabilidade Social



Você Contribui
para as atividades
do GEEC.



O ser em evidência

A editora *Geec Publicações* em prol a Responsabilidade Social, dedica-se especialmente ao conhecimento, a educação, ética e cidadania que são fundamentais para a formação integral do ser.

Ao adquirir uma obra com a marca *Geec Publicações*, você também está auxiliando ações sociais e de interesse coletivo, como acima citado. Além da divulgação você também contribui para um mundo melhor sempre promovendo "o ser em evidência".